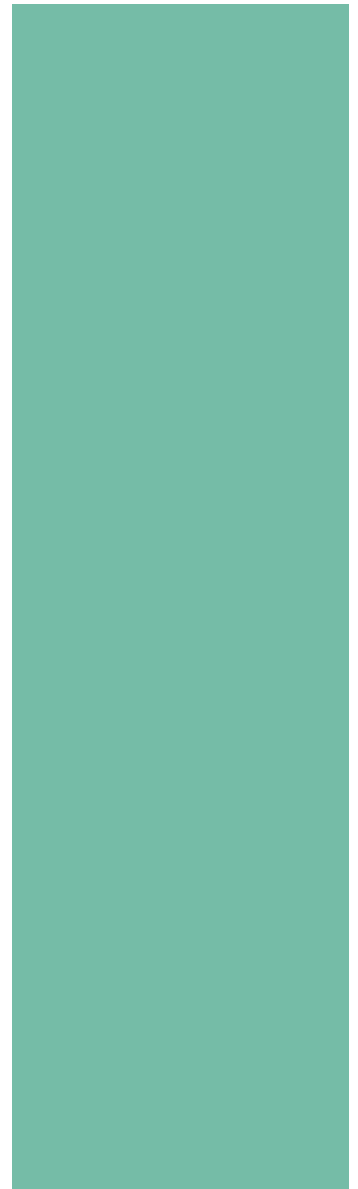
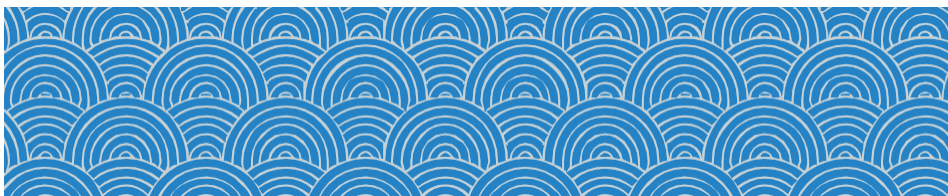
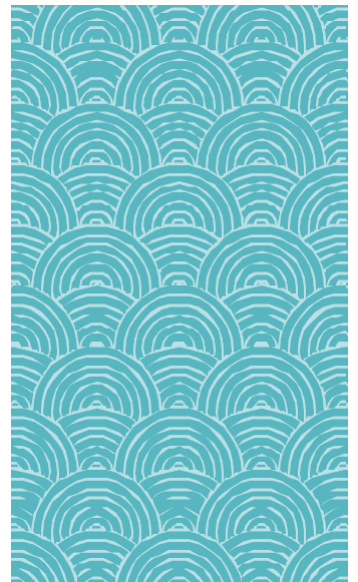


REVISTA CADERNOS DE SION

ANO 2023
VOLUME 4
NÚMERO 2

ISSN 2763-7859 (online)
ISSN 2763-7816 (impresso)

Centro Cristão de Estudos Judaicos



REVISTA CADERNOS DE SION

ÓRGÃO OFICIAL CENTRO CRISTÃO DE ESTUDOS JUDAICOS

VOLUME 4, NÚMERO 2

ORGANIZADORES

Prof. Dr. Sérgio Rogério Azevedo Junqueira e Prof. Dr. Jerry Adriano Villanova Chacon

EDITORES

Dr. Donizete Luiz Ribeiro

Dr. Jarbas Vargas Nascimento

CONSELHO EDITORIAL

Me. Elio Passeto (ISPS Ratisbonne)

Dr. Fernando Gross (CCDEJ)

Me. Joel Marcos Moreira (CCDEJ)

Me. Judson Vieira (PUC-SP/CCDEJ)

Me. Manoel Ferreira de Miranda Neto (CCDEJ)

Me. Marivan Soares Ramos (PUC-SP/CCDEJ)

Me. Paulo Antônio Alves (CCDEJ)

Dr. Ruben Sternschein (CIP)

Dr. Saul Kirschbaum (CCDEJ)

CONSELHO CIENTÍFICO

Dr. Boris A. Nef Ulloa (PUC-SP)

Dr. Donizete Luiz Ribeiro (CCDEJ)

Dr. Jarbas Vargas Nascimento (PUC-SP/CCDEJ)

Dr. Marc Rastoin (Centre Sèvres- Paris)

Dr. Moshe Orfali (Universidade Bar Ilan)

Dr. Olivier Rota (Université Catholique de Lille)

Dr. Rudney Soares de Souza (CCDEJ)

Dr. Thierry Vernet (Faculté Notre-Dame de Paris)

Dr. Waldecir Gonzaga (PUC-RIO)

Dr. Vladimir Lúcio Ramos (UniPaulistana/CCDEJ)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
CATECISMOS: PRIMEIRO LIVRO DIDÁTICO PARA “AULA DE RELIGIÃO” E POSTERIORMENTE ENSINO RELIGIOSO.....	9
Sérgio Rogério Azevedo Junqueira & Sonia de Itoz	
O CAMINHO PARA O BANQUETE DO CORDEIRO: UMA ANÁLISE DOS MATERIAIS DESTINADOS À CATEQUESE COM CRIANÇAS	24
Jerry Adriano Villanova Chacon & Glauber Machado	
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES DE ENSINO RELIGIOSO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS INICIAIS, A PARTIR DE UMA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS. 43	
Magno de Carvalho Xavier	
ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS PARA O ENSINO RELIGIOSO NA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO: UMA EXPERIÊNCIA PARA A PANDEMIA E PARA A VIDA.....	59
Deise Rose Neiba da Cruz Souza	
UM CURRÍCULO EVANGELIZADOR A PARTIR DA COLEÇÃO IDENTIDADE	75
Douglas Silvino de Camargo	
ENSINO RELIGIOSO: CURRÍCULO, TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E AS FACES DE JESUS ⁸⁵	
Jessé Evangelista de Jesus & Osvaldo Gomes de Lima	
O CRISTIANISMO NOS LIVROS DE ENSINO RELIGIOSO DA INGLATERRA	101
Valeska Freman Bezerra de Freitas Silveira	
A SABEDORIA BÍBLICA NAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO: CONSIDERAÇÕES DIDÁTICAS	116
Gisele Canário & Humberto Herrera Contreras	

O ITINERÁRIO DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ COM ADULTOS COMO PARADIGMA EVANGELIZADOR	132
Eduardo Antonio Calandro & Daniel Darley Montini	
O ROSTO DE JESUS DESEJADO PELO VATICANO II.....	147
Fabíola Weber & Estevão Oliveira de Souza	
GRUPOS JUDAICOS NA ORIGEM DO CRISTIANISMO: FARISEUS, SADUCEUS E ESSÊNIOS	161
Manoel F. de Miranda Neto & Silvano Alves dos Santos	
RESENHA - LANCELLOTTI, Júlio. Amor à Maneira de Deus.	178
Luís Henrique Rodrigues de Lima.	

CADERNOS DE SION**VOLUME 4, NÚMERO 2****ORGANIZADORES**

Prof. Dr. Sérgio Rogério Azevedo Junqueira e Prof. Dr. Jerry Adriano Villanova Chacon

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que trazemos a público a **Revista Cadernos de Sion**, publicação semestral do Centro Cristão de Estudos Judaicos - CCDEJ, mantido pelo Instituto Theodoro Ratisbonne. Nesse número, compartilhamos estudos e pesquisas, por meio de diferentes perspectivas, aspectos pedagógicos contemporâneos, de modo particular, aqueles que se referem ao Ensino Religioso. Com base na legislação vigente no Brasil, os pesquisadores visitam e revisitam questões didático-pedagógicas e teológicas, a fim de verificar em que medida o Ensino Religioso difere de Catequese, construindo redes de interlocução entre os autores e todos os que se interessem pela temática que são abordadas aqui, nessa edição.

Esta edição foi organizada pelos professores doutores Sérgio Rogério Azevedo Junqueira e Jerry Adriano Villanova Chacon e está composta por 11 artigos de autoria de pesquisadores de diferentes formações e diferentes universidades brasileiras e uma Resenha produzida por um estudante de Teologia.

O primeiro artigo, intitulado *Catecismos: primeiro livro didático para “aula de religião” e posteriormente ensino religioso* é de autoria de Sérgio Rogério Azevedo Junqueira & Sonia de Itoz. Por esse texto, resultado de uma pesquisa histórico-documental, os autores buscam a compreensão dos livros de catecismos como o primeiro livro didático para as aulas de Ensino Religioso. Para eles, uma nova perspectiva de catequese nasceu na II Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968) pois, a partir dessa reunião se percebeu que a catequese exigia mais do que dar algumas aulas de religião, sendo uma caminhada de fé engajada e comprometida. O segundo artigo, *O caminho para o banquete do cordeiro: uma análise dos materiais destinados à catequese com crianças*, escrito por Jerry Adriano Villanova Chacon & Glauber Machado, trata da imbricação entre catequese e educação, desde os tempos iniciais do cristianismo. Para o desenvolvimento do artigo, os autores analisaram o sumário de diversos materiais de catequese no período entre 1994 e 2015 destinados à preparação de crianças, que estudam para participar do banquete eucarístico. Em vista disso, examinam esse *corpus* à luz do Concílio Vaticano II, de documentos eclesiais sobre catequese e das perspectivas de uma teologia que apresenta as faces de Jesus como o Servo Sofredor, objetivando uma resposta à cultura de morte e violência. O terceiro artigo, *A formação continuada de docentes de ensino religioso para o*

ensino fundamental, anos iniciais, a partir de uma coleção de livros didáticos, produzido por Magno de Carvalho Xavier aborda a Formação Continuada de Professores (as) para o Ensino Religioso. Para isso, Xavier apresenta um projeto, que culminou na formulação de documentos sobre Ensino Religioso e na criação de uma coleção de livros didáticos, que se coloca coerente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para o Ciclo de Formação Continuada, realizado entre os anos 2020 e 2022. *Orientações de estudos para o ensino religioso na rede estadual do Rio de Janeiro: uma experiência para a pandemia e para a vida* é o título do quarto artigo, escrito por Deise Rose Neiba da Cruz Souza que analisa os conteúdos sistematizados e organizados em forma de Orientação de Estudos como recurso (s) didático (s) ao componente curricular Ensino Religioso, adotados no planejamento de continuidade de aulas pela rede estadual de ensino no Estado do Rio de Janeiro, no contexto pós isolamento social da pandemia da Covid-19. O quinto artigo, *Um currículo evangelizador a partir da coleção identidade* é de autoria de Douglas Silvino de Camargo. O artigo contempla o desafiador aspecto de unir currículo e identidade missionária de escolas católicas. Nesse sentido, privilegia a iniciativa pastoral-pedagógica da Rede ESI que, em seu currículo evangelizador, criou um material próprio para trabalhar a espiritualidade, a história, os valores e a identidade missionária. O material recebe personagens de cinco continentes, mostrando o rosto migrante e a capacidade que as crianças têm em fazer comunhão na diversidade, um paradigma para a sociedade atual. O sexto artigo, *Ensino religioso: currículo, tendências pedagógicas e as faces de Jesus* foi escrito por Jessé Evangelista de Jesus & Osvaldo Gomes de Lima. Nele, os autores percorrem as principais tendências pedagógicas da atualidade e suas repercussões no Ensino Religioso. Além disso, visitam a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo Paulista, pontuando a abordagem pedagógica e as faces de Jesus, que podem ser apresentadas nas aulas de Ensino Religioso, observando, contudo que o Brasil é um Estado laico e possui uma legislação específica, que garante o direito a todas as manifestações religiosas. O sétimo artigo, intitulado *O cristianismo nos livros de Ensino Religioso da Inglaterra*, é de autoria de Valeska Freman Bezerra de Freitas Silveira. O texto traz reflexões sobre como o cristianismo tem sido desenvolvido no livro didático de Ensino Religioso voltado para os alunos do Ensino Fundamental II das escolas públicas da Inglaterra, a partir de uma análise sistematizada do volume “Christianity” da coleção “Fé Viva” da Editora Oxford e tendo a Ciência da Religião como referencial teórico e metodológico. Fé Viva trabalha com as seis religiões consideradas mais representativas na Inglaterra pela legislação e, portanto, presente nos currículos básicos em que incluem Ensino Religioso. O oitavo artigo *A sabedoria bíblica nas aulas de Ensino Religioso: considerações didáticas* é de autoria de Gisele Canário & Humberto Herrera Contreras aborda a sabedoria bíblica e suas possibilidades didáticas no componente curricular Ensino Religioso. Os autores reconhecem-na como patrimônio cultural, que pode ser socializado e contribuir na formação para a cidadania. Inicialmente, eles a situam no contexto temático da unidade textos sagrados e destacam seu potencial instrutivo e prático, em termos de valores e ética, empatia e compreensão intercultural e responsabilidade social. Na sequência, os autores discorrem sobre as possibilidades didáticas, que podem ser realizadas com base nos saberes bíblicos e indicam

metodologias que favorecem essa mediação. O nono artigo *O itinerário da iniciação à vida cristã com adultos como paradigma evangelizador* foi produzido por Eduardo Antonio Calandro & Daniel Darley Montini. Nesse texto, os autores abordam a história da catequese no Brasil, que enfrenta muitos desafios e oportunidades na atualidade, e que busca iniciar as pessoas na vida cristã. Os autores defendem a necessidade de retomar o modelo do catecumenato dos primeiros séculos da Igreja, que priorizava a catequese com adultos e envolvia vários agentes de pastoral. A catequese deve ser dinâmica, participativa, dialogal e contextualizada, levando em conta as situações concretas dos catequizandos e as exigências do mundo moderno. Os autores afirmam que é preciso mudar as atitudes pastorais e as metodologias catequéticas para responder aos novos tempos e cenários. A Pastoral da Iniciação à Vida Cristã é apresentada como um novo paradigma para a evangelização. O décimo artigo *O rosto de Jesus desejado pelo Vaticano II* de autoria de Fabíola Weber e Estevão Oliveira de Souza discutem os documentos, que abordam as relações da Igreja com o povo judeu e, com base no número quatro da Declaração *Nostra Aetate*, visita a caminhada da catequese no Vaticano II, a partir dos documentos, propondo uma apresentação de Jesus no interior das raízes judaicas. O décimo primeiro e último artigo de autoria de Manoel F. de Miranda Neto e Silvano Alves dos Santos, tem como título *Grupos judaicos na origem do cristianismo: fariseus, saduceus e essênios* e objetiva fazer uma apresentação bíblica e literária que contempla o papel dos Grupos Judaicos na origem do Cristianismo: Fariseus, Saduceus e Essênios. Nesta abordagem, Neto e Santos mostra o papel e a importância da ação e atuação dos Fariseus e Saduceus com suas crenças, costumes e influência que tiveram tanto na vida do povo, quanto na história de Israel. O percurso destes grupos revela-nos que a conduta cotidiana é um caminho motivacional e perspicaz aos demais povos que, ao longo do tempo, vão se encontrando em seus propósitos, ideais, seu lugar na sociedade e no mundo em sua essência, com seu carisma e estilo próprio de vida.

Na seção resenha, Luís Henrique Rodrigues de Lima apresenta a obra *Amor à maneira de Deus*, um livro singular, pois reúne relatos bíblicos com os testemunhos reais vivenciados por Júlio Lancelloti, sacerdote da Arquidiocese de São Paulo, grande defensor dos direitos humanos. Nossos agradecimentos aos autores, aos colaboradores e às equipes técnica e científica o esforço para a finalização dessa edição da Revista Cadernos de Sion.

Excelente leitura.

Prof. Dr. Pe. Donizete Luiz Ribeiro
Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento
Editores

CATECISMOS: PRIMEIRO LIVRO DIDÁTICO PARA “AULA DE RELIGIÃO” E POSTERIORMENTE ENSINO RELIGIOSO

Sérgio Rogério Azevedo Junqueira, Livre Docente e Pós-Doutor em Ciência da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-Doutor em Geografia Cultural pela Universidade Federal do Paraná, Doutor e Mestre em Ciências da Educação da Universidade Pontifícia Católica Salesiana (Roma, Itália), Licenciado em Pedagogia na Universidade de Uberaba, Diretor do Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER).*

Sonia de Itoz, Mestra em Educação, PUC-SP. Graduação em Filosofia e Teologia. Pesquisadora do Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER). Coordenadora de Ensino Religioso e de Pastoral Escolar Colégio Emilie de Villeneuve/SP. Autora de materiais e artigos de Ensino Religioso e Pastoral Escolar.**

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa histórica documental que visa a compreender os livros de catecismos como primeiro livro didático para “aula de religião” e que posteriormente levará ao ensino religioso. Uma das estratégias para compreender a formação dos componentes curriculares no espaço da escola, sendo uma instituição da modernidade intimamente relacionada ao projeto da sociedade burguesa urbano-industrial, é refletir como seus caracteres são construídos. A escola vem desempenhando a função de formar e conformar os sujeitos individuais e coletivos aos padrões de racionalização e burocratização dessa sociedade. Os componentes curriculares colaboram nessa mediação e, dentre outros materiais e recursos, estão os livros didáticos do Ensino Religioso. Compreende-se que por meio dos livros didáticos é possível verificar o desenvolvimento também desta disciplina, especialmente em sua origem, quando era denominada aula de religião, como instrumento de ensino de inúmeras gerações.

Palavras-Chave: Ensino Religioso. Livro Didático. Catecismo.

ABSTRACT

This article is the result of qualitative historical documentary research that aims to understand catechism books as the first textbook for “religion classes” and which will later lead to religious teaching. One of the strategies to understand the formation of curricular components in the school space, being an institution of modernity closely related to the project of urban-industrial bourgeois society, is to reflect on how its characters are constructed. The school has been performing the function of training and conforming individual and collective subjects to the standards of rationalization and bureaucratization of this society. The curricular components collaborate in this mediation and, among other materials and resources, are Religious Education textbooks. It is understood that through textbooks it is possible to verify the development of this discipline, especially in its origins when it was called religion class, as a teaching instrument for countless generations.

Keywords: Religious Education. Textbook. Catechism.

Considerações Iniciais

Livros didáticos uma produção para a escola

O livro como conhecemos hoje surgiu aproximadamente no Ocidente por volta do

* E-mail: srjunq@gmail.com

** E-mail: soniadeitoz@gmail.com

século II d.C., resultado de alteração do “Vólumen” pelo “Códex”. Este novo formato permitia o suporte da reunião de um maior número de textos, num volume único, absorvendo o conteúdo de diversos rolos, assim como a indexação pela paginação, o que facilitava a leitura. Sem dúvida, em 1450, quando Gutemberg criou a prensa com os tipos móveis, favoreceu a rapidez na produção do livro e este tornou-se um instrumento de divulgação de ideias, crenças, valores, cultura, contribuindo para o desenvolvimento das sociedades.

Em uma gama de objetos escolares, como registros em cadernetas, bloco de anotações, planejamentos, programas, livros, cadernos, legislação educacional, relatórios da direção, relatos de inspetores, ofícios, expressões das múltiplas experiências dos sujeitos no processo educacional, também o mobiliário escolar e o próprio espaço escolar, é possível compreender o processo de ensino-aprendizagem ao longo da história, como expressão da cultura material escolar. Eles se apresentam como amplo campo de pesquisa e investigação, especialmente quanto à peculiar construção dos diferentes componentes curriculares, cujo enfoque neste estudo se dá no Livro Didático. Este tipo de livro, de caráter pedagógico, surgiu como complemento aos livros clássicos, utilizados na escola, que inicialmente buscava colaborar na alfabetização, e que se prestou à divulgação das Ciências, História e Filosofia. Esses textos didáticos assumiram o caráter de instrumentos para o professor, sendo fonte de informações para professores e também para os estudantes, a ponto do conteúdo desenvolvido dessas obras auxiliar a organização do trabalho do profissional da educação.

Entre os livros, surge uma categoria denominada de “didático”, aquele a ser utilizado em cursos e aulas, tendo todas as suas fases de produção voltadas para esse fim. Esses livros, considerados como sendo didáticos, foram concebidos como um livro que precisa ser usado, de forma sistemática, no ensino-aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento humano, geralmente já consolidado como disciplina escolar. Além disso, o livro didático caracteriza-se ainda por ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, do aprendizado coletivo e orientado por um professor.

Portanto, quanto às obras denominadas de “LIVRO DIDÁTICO” como um recurso pedagógico, juntam-se outros instrumentos como o quadro negro, livros literários e projetor que mediam o processo de ensino-aprendizagem. Muitas vezes, funcionam como um guia de ensino, ajudando no espaço escolar o trabalho de formação dos indivíduos.

Segundo o estudioso britânico Christopher Stray, o livro didático representa uma mistura entre cultura, pedagogia, produção editorial e sociedade. Isso garante ao material uma grande força cultural, envolvendo vários setores da vida humana e seu preparo para o exercício cidadão. Formalmente, o livro didático, enquanto material físico, se trata de um material instrutivo educacional próprio para o ensino. Ou seja, é um aparato elaborado para a sala de aula, focado no ensino e exposição de conceitos e conteúdos disciplinares.

Existem registros dos livros didáticos usados no Brasil desde 1820, esta fase do período

imperial representa a fundação das primeiras escolas públicas do país. O livro didático ganhou maior força a partir de 1838, com a criação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Por sua aspiração francesa, importavam-se muitos dos materiais utilizados no Brasil da França, considerando que este período não havia força de imprensa nacional, o que dificultava a produção de material no século XIX. Porém, a história da distribuição do livro didático no Brasil inicia-se no ano de 1929, quando o Instituto Nacional do Livro (INL) começa a funcionar com fins de produção editorial de materiais didáticos. Este Instituto começou a realizar trabalhos educacionais cinco anos depois, em 1934, e, dentre suas funções, estavam a edição de obras literárias e expansão da quantidade de bibliotecas no Brasil.

O livro didático, de fato, só é incluído nas atividades a partir de 1938, quando o INL passa a ser responsável pela produção e controle desses materiais. É importante ressaltar que a distribuição de materiais didáticos que conhecemos hoje começou com a mudança de órgão responsável em 1976. A execução dos processos do livro didático, portanto, ficou nas mãos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FDNE), considerando que em 1985, o PNLD sai do papel, trazendo algumas inovações para a produção e distribuição de materiais. A avaliação pedagógica dos livros e a escolha realizada pelo docente são mudanças promovidas pelo programa. Além disso, a aquisição de livros passou a ser feita integralmente com recursos do governo federal. O programa passou a abranger todo o território nacional a partir do final do século XX, em 1997.

Por ser um material elaborado para o ensino, estes livros didáticos estão integrados à prática escolar diária. Destaca-se que o professor é o responsável por realizar esse uso do livro em sala de aula, cabendo a este profissional elaborar as melhores estratégias para aproveitar ao máximo esse recurso em suas aulas. Para tal, é necessário que o professor esteja familiarizado com o livro didático adotado, realizando um estudo profundo do material, compreendendo sua sequência didática e sua metodologia, é o primeiro passo para uma boa utilização da obra. É significativo ainda que sejam adequado as todas as informações à linguagem de seus alunos, expondo conteúdo por meio dos recursos propostos no livro, compreendendo que as atividades do livro podem muito bem ser utilizadas para avaliar se os alunos estão adquirindo os conhecimentos apresentados.

Livro Didático do Ensino Religioso

O livro didático nasce da necessidade de uma escolarização para todos e de uma didática que pretende ser mais relacional e autônoma. Compreendendo que o livro didático não foi privilégio apenas de protestantes e católicos, por meio da figura dos jesuítas, também desenvolveram seus manuais didáticos ainda no século XVI. Protestantes, católicos e culturas dos mais diferentes lugares do mundo tentaram desenvolver seus manuais didáticos

inspirados em um conceito básico, isto é, criar um material que, de forma simples, clara e compreensível, busque transmitir conhecimento. Entre as características do livro didático podemos mencionar que estes realizam uma transposição do saber acadêmico para o saber escolar no processo de explicitação curricular. Nesse processo, ele cria padrões linguísticos e formas de comunicação específicas, ao elaborar textos com vocabulário próprio, ordenando capítulos e conceitos, selecionando ilustração, fazendo resumos etc. Ainda podemos considerar que estas obras assumem a tarefa com o desenvolvimento do conhecimento, com a transmissão de valores e de determinada ideologia, pois estes são com certeza um depositário de conteúdo, um instrumento pedagógico, um veículo portador de princípios, ideologia e cultura, e, regido pelas leis do mercado editorial, fatores que podem colaborar para uma escolha mais criteriosa por parte do professor e da equipe escolar.

Desta forma o livro didático, ao exercer a função de intermediador entre professores e alunos, no processo de ensino/aprendizagem, precisa desenvolver seus conteúdos a partir de princípios metodológicos, o que define também uma outra característica, que é ser um instrumento pedagógico. Nesse aspecto, elabora as estruturas e as condições do ensino para o professor, sendo inclusive comum também existir o “livro do professor” ou do “mestre”. Ao lado dos textos, o livro didático produz uma série de técnicas de aprendizagem: exercícios, questionários, sugestões de trabalho, enfim as tarefas que os alunos devem desempenhar para a apreensão ou, na maior parte das vezes, para a retenção dos conteúdos. Assim, os manuais escolares apresentam não apenas os conteúdos das disciplinas, mas como esse conteúdo deve ser ensinado.

Catecismos: subsídios pedagógicos para as “aulas de Ensino Religioso”

O primeiro texto didático utilizado nas “aulas de religião”, que legalmente era denominada de Ensino Religioso, foi o catecismo, tipo de livro que tem sua origem em 1529, com Lutero (1483-1546). Ele publicou o seu *Katechismus*, livro para difundir a doutrina (LUTERO, 2000, Vol 7), que, pela primeira vez, recebeu esse nome, destinado aos párocos e mestres. Lutero se manteve fiel às fórmulas antigas, com breves explicações (BRAIDO, 1991, p. 42-43).

Posteriormente, os católicos também se utilizaram deste instrumento para a difusão e a formação das novas gerações, surgindo diferentes tipos de catecismos católicos. Destacaram-se Pedro de Soto (1453-1563) e Johannes Gropper (1503- 1559), entre outros. Um dos mais difundidos foi o Catecismo de Pedro Canísio (1521-1597), que, ao longo de sua vida, procurou aperfeiçoar suas publicações. A estrutura que prevaleceu foi a seguinte: 1. Fé e o Credo; 2. Esperança e Oração; 3. Caridade e Mandamentos; 4. Sacramentos; 5. Justiça (Santidade) Cristã.

Os catecismos católicos tiveram sua origem em pleno Concílio de Trento (1545 - 1563), para fazer frente ao êxito dos catecismos de Lutero. Porém, o Catecismo de Trento foi publicado em 1555 e passou a ser denominado de *Catecismo Romano* ou Catecismo dos *Párcos*, procurando ordenar as fórmulas, ou as estruturas catequéticas mais importantes: o credo, os sacramentos, os mandamentos e a oração. Uma das preocupações dessas publicações era a defesa contra as heresias (BRAIDO, 1991, p. 63-64).

O tema do catecismo voltou a ser debatido pela Igreja Católica durante o Concílio do Vaticano I (1869-1870), quando a mentalidade moderna ameaçava a unidade eclesiástica e destruía sua soberania, ao recusar qualquer tutela sobre a razão e sobre o ordenamento social. Em decorrência disso, intelectuais católicos propuseram a restauração social dos valores cristãos, figuras históricas importantes como Dom Leme, Alceu Amoroso Lima, dentre outros.

Diante dos indivíduos que experimentaram a liberdade, a Igreja se antepunha como um freio e um instrumento disciplinador (BRAIDO, 1991, p. 386- 387). Um dos assuntos de interesse dos padres do Vaticano I era, de fato, o projeto de um formulário comum de catecismo. O assunto foi discutido na aula conciliar, triunfando a opinião da maioria que confiava à Santa Sé a tarefa de redigir um pequeno catecismo para toda a Igreja. No entanto, o esquema de constituição sobre o catecismo não foi votado devido à suspensão do Vaticano I (20/10/1870) e o tema do catecismo único foi retomado só em nível regional. É o que se constata nos decretos com relação à catequese. O Cânone 156 recomenda como livro áureo o *Catechismus Romanus*, prescrevendo que em todas as paróquias haja exemplares traduzidos para a língua vernácula. Desde a publicação da *Encíclica Acerbo Nimis* (1905), a catequese ganhou novo impulso, pois esta encíclica, e a insistência do Papa Pio X (1835-1914) sobre o ensino de catecismo, conclamou catequistas voluntários para os catecismos paroquiais e professores católicos para serem catequistas em suas salas de aula. A prática da catequese no ambiente escolar, como já foi dito, funcionou no Brasil desde os tempos da Colônia. A proliferação de catecismos escolares tornou necessária a intervenção da Igreja, a fim de normatizar a formação que o ensino de catecismo estava oferecendo.

Pedagogicamente, o catecismo para uso nas “aulas de religião” no espaço escolar foi construído a partir de unidades didáticas, tendo, como estrutura, o conteúdo a partir da História da Salvação, cujo centro é Jesus Cristo, com um grande uso da Bíblia, particularmente dos Evangelhos, como também da Liturgia da Igreja.

Devido ao fato de colocar no centro da catequese o núcleo da mensagem cristã, ou querigma, toda a metodologia derivada desta mudança catequética é chamada de método querigmático. Ele é fruto, pois, da convergência na catequese dos avanços dos movimentos bíblico, litúrgico, da renovação da teologia querigmática, da escola ativa, e de toda a

efervescência pastoral que acontecia na Igreja, nas primeiras décadas do século XX. As repercussões no Brasil dessas novidades vão acontecendo aos poucos, mais por um processo de cópia do que propriamente de produção própria, sob a influência direta das produções europeias na área catequética (ALVES; JUNQUEIRA, 2002, p. 26-28).

Essa renovação europeia influenciou a produção dos textos para a escola no Brasil, porém não é possível, ainda, afirmar se estas publicações foram utilizadas em instituições religiosas e ou públicas. O fato é que com a reintrodução do ensino religioso na rede de ensino do recém criado governo republicano, e na modalidade confessional, foram necessários textos de apoio aos professores e aos estudantes. Um exemplo é a obra *Directório do catequista* (1901), do Pe. Antônio Pereira Reimão (1865-19??), assim como publicações traduzidas e utilizadas no país, de origem francesa, como, por exemplo, o *Catecismo segundo o Evangelho* de Abbé Charles-Eugène Roy (1859-1926), que utilizava o método denominado de indutivo integral ou evangélico. Tem-se ainda *As Lições Catequéticas*, e outra, *Para os pequeninos do Jardim da Infância*, de Quinet, e seus *Apontamentos do catequista*; as obras de Boulanger, de Guillois e de Cauly e outros; e ainda a produção alemã, como a coleção *Luz e Vida* da Universidade de Bonn.

Especificamente, destaca-se o trabalho de Monsenhor *Cauly*, vigário geral de Reims, que produziu uma obra que foi traduzida e publicada no Brasil, em 1913, pela Livraria Francisco Alves, na Coleção FTD. O Curso de Instrução Religiosa (Tomo I, II, III) explicita a narrativa do antigo testamento, a vida de Jesus, a história da Igreja e o conceito de religião a partir da visão cristã. Metodologicamente, cada tema é formado por pequenos textos e, ao final de cada capítulo, apresenta-se o que o autor denominou de conclusão prática. A edição mais antiga localizada é de 1913 e a mais recente de 1959. Esta obra foi utilizada em ambiente escolar nos primeiros sessenta anos do século XX.

Nos anos 20, o Papa Pio XI (1922-1939) estimulou a presença dos leigos na Igreja e a organização da Ação Católica, valorizando o catecismo como a primeira de todas as obras da Ação Católica. Começou, então, um período de efervescência na discussão acerca da catequese, com a criação de periódicos (jornais e revistas), emissoras de rádio, institutos, centros de estudos e faculdades de Filosofia e Teologia (ORLANDO, 2008, p. 14).

Oriundos da França e de Portugal, os livros importados, ou ainda os textos de brasileiros, impressos no exterior, caracterizavam a situação do mercado editorial brasileiro no início do século XX, limitando a existência de uma prática de leitura no Brasil, já que o livro, de acesso restrito, era um produto caro tanto para os leitores quanto para os autores, que deveriam ter capital para investir e distribuir a própria obra.

Antes de 1920, a produção editorial no Brasil se caracterizava pela publicação de livros didáticos e de legislação brasileira. Esses impressos eram considerados terrenos seguros,

embora ocupassem o lugar de atividade secundária das grandes editoras. Os autores, como já dito, deveriam negociar diretamente com os impressores, por sua própria conta e, posteriormente, encarregarem-se da distribuição (ORLANDO, 2008, p. 15).

A importância dada ao livro, como impresso pedagógico, refletiu-se nas primeiras décadas do Século XX na preocupação com o conteúdo, mas também com a forma. Paulatinamente, a organização de critérios, que normatizavam as publicações, ampliou-se para além da preocupação com o conteúdo do texto: a organização, atentando para a unidade da obra; a atualidade e a exatidão das noções postas; a adaptação aos interesses básicos das crianças; as qualidades artísticas; a linguagem apropriada, correta, clara e simples; os cuidados com a feição material, como formato, impressão, papel e as gravuras utilizadas.

Buscando-se a renovação pedagógica e psicológica, assim como dos conteúdos teológicos, abre-se caminho também para um repensar catequético, que havia sido absorvido pelos catecismos e as obras do ensino da religião. Conforme Passos (1998), um dos influenciadores desse repensar é o Método de Munique que, inspirado em Herbart (1854-1932) e na escola ativa (*Arbeitschule*), propõe para a catequese um método chamado psicológico e de raiz indutiva, superando o dedutivismo do catecismo doutrinal, que havia estabelecido seus postulados no Congresso de Viena (1912) e de Munique (1928) e sido divulgado por todo o mundo.

Progressivamente, produções locais foram organizadas. Dentre os mais antigos, pode-se citar: o *Pequeno Catecismo* e a *Explicação do pequeno catecismo* (1924) do Pe. Jacob H. Slater, com muita divulgação no Sul do Brasil, juntamente com o *Catecismo Maior* de Frei Boaventura Poll. Este último, e o *Catecismo da Doutrina Cristã* de Porto Alegre, com seu suplemento *Primeira História Bíblica*, são uma espécie de transição entre o antigo catecismo teológico e uma forma renovada de expor a doutrina, com textos e exemplos da Sagrada Escritura e aspectos da vida litúrgica. Entretanto, tanto a série dos três *Catecismos da Doutrina Cristã*, como outros de linha nitidamente doutrinal, continuaram a ser editados e usados. Exemplo típico é o texto da Arquidiocese do Rio de Janeiro *Sou cristão*, que insiste na memorização, na doutrina e disciplina, embora também tenha linguagem adaptada às crianças e métodos ativos. O texto é precedido por uma pedagogia catequética.

Porém, já bastante ligadas ao Método de Munique podem ser consideradas as obras da pedagoga e catequista Waleska Paixão, "pioneira da renovação catequética no Brasil" (PASSOS, 1998), sob o nome genérico de *Cadernos Catequéticos*, e de Carolina Nabuco, que publicou uma *Doutrina cristã para a primeira comunhão*. A autora esteve envolvida com os movimentos catequéticos de sua época. Textos acentuando a dimensão litúrgica são os de Ir. Teresa de Cristo Lézier, ursulina canadense, formada no Instituto *Lumen Vitae* de Bruxelas, e no *Institut Catholique de Paris*. Seus textos seguem o chamado método vital, ou seja:

celebração da Palavra (Evangelho-Doutrina), celebração sacramental (Liturgia) e celebração militante (Ação apostólica e evangélica).

Porém, entre os textos mais representativos desta fecunda safra querigmática estão certamente os do Pe. Álvaro Negromonte (1901-1964). Seu método integral, inspirado no movimento querigmático, é um grande marco na renovação da catequese no Brasil. A respeito desse método haverá maior detalhamento mais adiante. Pode-se ainda citar a tradução das obras de Henrique Stieglitz, no Rio de Janeiro, que já reflete as primeiras inovações catequéticas havidas na Alemanha, no fim do século passado (ORLANDO, 2008, p. 27).

Entretanto, não tardou muito e estes catecismos doutriniais, à base de perguntas e respostas, e privilegiando a memorização das fórmulas concentradas da doutrina cristã, começaram a receber críticas contundentes, em consequência do progresso das ciências pedagógicas e da evolução do movimento catequético europeu das décadas de 1920 e 1930. Mesmo com estes questionamentos, a hierarquia católica compreendia que o catecismo deveria se preocupar quase que exclusivamente com as questões doutriniais.

Essa reflexão, a respeito das mudanças nos métodos de ensino- aprendizagem, ocorre no contexto da luta pela introdução do Ensino Religioso nas escolas públicas no Brasil. Visava a garantir a influência da Igreja sobre as classes populares e urbanas. De fato, a educação religiosa era mais um mecanismo para reforçar a disciplina e a autoridade. Assim, o Ensino Religioso, ao mesmo tempo em que servia de instrumento para o desenvolvimento moral da juventude, tornava-se também um mecanismo de conquista e manutenção de adeptos da ICAR, sendo arma poderosa na luta contra o liberalismo e o comunismo, além de instrumento validado no processo de inculcação dos valores que constituíam a base de justificação ideológica do pensamento político. Nesse contexto, a Igreja Católica manifestou preocupação com diferentes grupos sociais, tentando fazer com que todos assumissem a sua doutrina.

Negromonte (1901-1964) foi um pioneiro ao diferenciar o trabalho da paróquia com o da escola, autor da primeira coleção de manuais usados nos ginásios da época a partir de seus estudos do movimento catequético europeu, especialmente, no período de 1938 a 1964.

Esse autor lançou a série *Meu Catecismo* em 1942, voltada para o curso primário, além disso, ao falar da necessidade de renovação nos textos, apontava algumas iniciativas nessa intenção, que, segundo ele, não foram bem-sucedidas, mas não anunciou o seu projeto de forma específica, dizendo apenas da necessidade e da justificativa para a publicação da série primária. Ao propor um novo texto de catecismo, ele não se referiu à mudança textual, somente ao conteúdo. Preocupado em tornar o livro um recurso eficaz para as aulas, ele vai além: tem sua atenção voltada para os aspectos teórico, metodológico e técnico do objeto em questão (ORLANDO, 2012, p. 9-10).

Importante marco na história da educação religiosa do país foi a Coleção de

Negromonte, composta de 14 volumes, sendo 11 títulos destinados ao corpo discente das escolas, desde a primeira série primária até o curso normal, e três volumes intitulados *Guia do Catequista*. O primeiro desses guias foi publicado em 1961. Refere-se à orientação do ensino de catecismo do primeiro e segundo ano primário. O segundo refere-se ao terceiro ano primário e o terceiro guia orientava o 4º ano primário.

Na análise dos materiais publicados, os volumes dessa coleção, um dos objetos da presente pesquisa, foram publicados por quatro editoras: Vozes, Agir, Rumo e José Olympio, nas décadas de cinquenta e sessenta. Os exemplares publicados pelas editoras Vozes, Agir e Rumo não trazem nenhuma nota em relação ao autor ou à Coleção, sendo que os quatro volumes ilustrados para o ensino primário — os livros de título único *Meu Catecismo* — correspondiam às recomendações do Congresso de Diretores do Ensino Religioso das Dioceses do Sul do Brasil, da Igreja Católica Apostólica Roma, no qual ficaram estabelecidas as características de um bom texto para um Ensino Religioso no curso primário (NEGROMONTE, 1961, contra-capa).

Entretanto, ressalta-se que o conceito de modernização e organização destas obras não significou quebra de paradigma, ou seja, modernizar não constituiu um rompimento com a tradição. A atualização estava mais voltada para a abertura ao novo método, de pedagogia religiosa, e à organização pedagógica do ensino. Claro que o primarismo dos métodos empregados, a tendência de uma catequese que se esgotava e se fechava com a primeira comunhão, a generalização da ideia de um catecismo desligado da vida, não colaboraria para o desenvolvimento religioso dos estudantes. Além do mais, era uma catequese feita predominantemente com um espírito preventivo contra o espiritismo e o protestantismo. (LUSTOSA, 1991, p. 52). Negromonte se referia a mudanças (ORLANDO, 2012), às quais diziam respeito à linguagem do texto, ao conteúdo sob medida, à didática, à aproximação com a realidade, ao caráter prático das lições e, por fim, embora ele diga ser este último de menos importância, à necessária mudança no aspecto tipográfico.

Em cada lição, o autor dos textos toma como base três pontos: história evangélica, doutrina e formação, tendo como objetivo final a formação individual (dever: o mínimo fundamental; conselho: atos de devoção) e a formação social (apostolado: superação do individualismo; liturgia: participação do Corpo Místico de Cristo); assim se atingiria uma formação integral. Negromonte apresentou seu método integral como indutivo expositivo e evangélico, julgando-o único capaz de atingir a finalidade do catecismo. Entretanto, a opinião dos críticos de sua obra é que faltou maior elaboração de sua proposta. Em muitos lugares há a exposição do método integral, porém nem sempre é claro e, sobretudo, falta-lhe uma maior fundamentação teórica, embora se saiba que, do ponto de vista pedagógico, se baseie na Escola Ativa francesa (Adolfo Ferrière, Eduardo Claparède e Ovídio Decroly) e, sob o ponto de vista catequético-conteudístico, no método querigmáticoalemão e francês, pouquíssimo citado.

São abundantíssimas as indicações de ordem prática e imediata, mas falta em todo o conjunto de sua obra um maior embasamento teórico.

Com a criação da CNBB, em 1952, o Pe. Álvaro Negromonte é nomeado assessor do Secretariado Nacional do Ensino de Religião (SNER), cujo Bispo responsável era D. Alberto Gaudêncio Ramos (1915-1991), que ficou à frente do SNER até 1962. Na década de sessenta, a construção de uma nova proposta ainda confessional foi sendo estabelecida em decorrência da influência da Ação Católica. Vale recordar que esse movimento possuía duas linhas: Francesa e Italiana. Esta segunda, nada mais era que uma mera aula de catequese, enquanto a francesa propunha um processo mais audacioso. Foi na proposta francesa que se desenvolveu a metodologia antropológica querigmática, e o Brasil assumiu essa nova proposta e aprimorou os instrumentos de análise da realidade, ainda na década de sessenta. Na Juventude Estudantil Católica e na Juventude Universitária Católica essa reflexão tomou grande significado, alterando o posicionamento subserviente dos envolvidos, a ponto de se tornarem um problema para o regime militar, sendo suas lideranças perseguidas e assassinadas (LIMA, 1995, 176-184).

Entre os trabalhos produzidos, ainda na perspectiva doutrinal para o Ensino Religioso, encontramos a obra *Planos de Aulas*, para o curso primário, elaborado pelo Ofício Catequético Arquidiocesano de Salvador (BA), publicado em 1964, na qual os temas são explicitamente doutrinários: 1º ano: Deus criou o homem; Nós somos pecadores; Vida de Jesus; A paixão de Jesus; A Comunhão entre outros; 2º ano: Mistério da Encarnação; A Comunhão; Jesus confia o seu rebanho a São Pedro; 3º ano: O Sacrifício da Missa; Pentecostes; A confissão; Fé e obediência de Moisés; Epifania entre outros; 4º ano: O livro da palavra de Deus; A providência; Os profetas entre outros; 5º ano: Encarnação e Redenção; A Virgem Maria; A vida religiosa: plenitude do batismo entre outros. A estrutura das aulas se iniciava com uma motivação, seguida por uma palestra (exposição teórica do tema), posteriormente, uma atividade envolvendo gravuras ou objetos, poesias, canções ou um exercício. Em 1967 este material já se encontrava na terceira edição.

Destacaram-se ainda os livros da Irmã Sílvia Villac e da equipe do ISPAC/RJ, *Catequese e Evangelização*, uma série iniciada em 1968; planos para a catequese de adolescentes. Há ainda a *Coleção do Secretariado Regional da CNBB/Sul III* para professores/alunos em formato de fichas; e os *Textos do CEPAC (Centro de Pastoral Catequética)* da Diocese de Nova Iguaçu (RJ).

Uma coleção que marcou a história do Ensino Religioso pela sua mudança de referencial foi a *Crescer e Viver*, de Antonio Cechin, na década de sessenta. Analisando o material é possível aferir que ela trouxe como resultado alguns elementos para a formação da Teologia da Libertação. Sem dúvida, o forte foi mostrar que para pensar em evangelizar ter-se-ia que apresentar com clareza o sujeito como sendo uma pessoa contextualizada, com

características próprias. Daí se chegou à conclusão que catequese deveria ser uma reflexão, que um determinado grupo humano faz, sobre a sua realidade, cuja transparência de seu contexto anuncia um Cristo presente hoje e sempre, que seria manifestada com o engajamento desse mesmo grupo. Esse trabalho e essa perspectiva também foram levados para a escola. A obra, na perspectiva da Catequese Libertadora para a escola, era voltada para ação social e preocupação com os excluídos. É preciso recordar que foi uma fase conturbada, em plena ditadura militar, tanto que, por causa desta perspectiva, o autor foi preso e torturado, pois a polícia política entendia que palavras como “engajamento” eram comunistas. Todo o material foi confiscado. O próprio Ministro da Educação, Jarbas Passarinho (1920-...), foi à Televisão (1969), e apresentou e questionou as fichas catequéticas, como material subversivo. Com receio das reações do governo militar, o material deixou de ser veiculado. Por fim, o autor foi perseguido, a ponto do material ser recolhido em todo o Rio Grande do Sul.

Em 1968 ocorreu um encontro nacional de catequese para preparar a Semana internacional de Catequese, que antecedia a Conferencia de Medellín. No encontro, que ocorreu no Brasil, foi fundamental a presença de Hugo Assmann que questionou a catequese brasileira, reformulando completamente a direção de sua atuação. Um encontro, posterior, no Chile, com a presença de Paulo Freire, deu continuidade à nova formulação (ALVES; JUNQUEIRA, 2002, p. 40-41).

De fato, uma nova perspectiva de catequese nasceu na II Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968), pois a partir dessa reunião se percebeu que a catequese exigia mais do que dar algumas aulas de religião, sendo uma caminhada de fé engajada e comprometida. Depois disso, iniciou-se a compreensão que a Escola não tinha objetivo catequizante. O material impresso, que era utilizado anteriormente na escola, nas aulas de ER, desde a década de quarenta (JUNQUEIRA, 2011), de autoria de Josef Andreas Jungmann, era traduzido do espanhol. O modelo deste autor trata basicamente do Ensino Religioso com o nome de catequese. Entre as obras desse autor destaca-se *Aufgabe und Methode der religiösen unterweisung* (Freiburg: Herder, 1953). Outro registro ocorreu em Minas Gerais, ainda nos anos sessenta, com uma nova leitura do Ensino Religioso pelo sacerdote Wolfgang Gruen (JUNQUEIRA, 2000, p. 111), que assumiu aulas de Ensino Religioso em Colégio, na cidade de São João de Del Rey (MG). A partir de sua experiência como docente e de sua formação, Gruen iniciou um repensar sobre esse componente curricular, chegando ao ponto de, num determinado período, suspender as aulas de Ensino Religioso, porque a reação era tão negativa que não era mais possível prosseguir. Esse período de recesso tinha dois objetivos: desintoxicar os alunos e refletir e repropor a disciplina, quando foram alterados os textos e passou-se a utilizar mais os cadernos.

Nessa ocasião, lendo textos da Alemanha, sobretudo da Revista de Catequese desse

país, encontra-se um forte debate sobre o tema do ER. A partir dos elementos encontrados, confirma-se sua atitude em rediscutir o Ensino Religioso. Mas foi, sobretudo, um livro de *Catequética Fundamental* que marcou muito a obra de Gruen, livro de autoria de Hubertus Halbfas (1932 -...), que abriu suas perspectivas. Após a Conferência de Medellín (1968), Gruen foi responsável pela abertura de novos horizontes para o ER, ao reforçar o princípio de que devemos partir sempre de onde está o outro, como uma concepção fundamental. Esse horizonte, desenvolvido a partir de diferentes experiências, como a catequese libertadora, oriundo das reflexões com Paulo Freire, dentre outros autores, embasado teologicamente pelo princípio de correlação de Paul Tillich (JUNQUEIRA, 2000, p. 109). A preocupação de Gruen era melhorar o Ensino Religioso, então iniciou um movimento que compreendia ser função do Ensino Religioso educar a religiosidade. Este conceito partiu do pensamento de Paul Tillich (1888-1965), como livro “Die verlorene Dimension. Not und Hoffnung unserer Zeit” (Hamburg: Furche-Verlag, 1962 - Trad. na Espanha: La dimension perdida. Indigencia y esperanza de nuestro tiempo. Bilbao: Desclée, 1970) e de alguns artigos da *Revista de Catequética*. Compreendeu, assim, que a religiosidade é a extensão de profundidade de todas as dimensões da vida humana, ou seja, a dimensão mais profunda de todas as dimensões da vida humana. A religiosidade, de acordo com Gruen, seria a raiz de toda a busca da verdade, do bem, do econômico e do social, ideia central que passou a orientar a concepção da sua proposta para este componente curricular.

O Ensino Religioso era obrigatório para a escola, concedendo ao aluno, no entanto, o direito de opção da matrícula. Isso ditava o dispositivo constitucional outorgado em 1967, que garantia o Ensino Religioso no sistema escolar. Na prática, porém, o ER continuava a receber um tratamento que o discriminava e dava origem a muitos desafios de natureza pedagógica e administrativa. Diante disto, inicia-se claramente um processo de busca da identidade do ER, pois não havia clareza quanto ao seu papel específico no ambiente escolar.

Na década de sessenta há um esforço de renovação da prática pedagógica em relação a esse conteúdo do ER na escola. Por volta de 1965, já se vislumbrava uma crise, da qual se tomava conhecimento aos poucos e que podia ser expressa assim: o Ensino Religioso havia perdido sua função catequética, pois a escola descobria-se como instituição autônoma, que era regida por seus próprios princípios e objetivos na área da cultura, do saber e da educação. A hegemonia católica, percebida na sociedade brasileira até a década de sessenta, conforme Mariz e Machado (1994), apresentou a partir de então "a tendência geral para um declínio moderado, mas constante, de adeptos da Igreja Católica", e, conforme Camargo (1973, p. 24), sendo incompatível compreender um componente confessional no currículo que doutrinasse, e que não conduzisse a uma visão ampla do ser humano.

Diante desse novo momento, o catecismo progressivamente é substituído nas escolas por livros com conteúdos religiosos e do cotidiano do estudante, visando a uma nova

identidade para o Ensino Religioso, como elemento integrante do processo educativo. A definição e a construção dessa nova identidade exigiram também anos de prática e estudo; contribuíram para isso os Encontros de Ensino Religioso (ENER), desde 1974, organizados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

Considerações Finais

Inicialmente, o ensino da doutrina católica realizou-se nos moldes da catequese de instrução por meio dos catecismos e práticas devocionais, fossem para os índios e negros, em um processo de conversão, ou para os europeus chegados às novas terras da Metrópole, a fim da manutenção da fé de seus pais.

Enquanto conteúdo e metodologia, basicamente, houve a manutenção do que vinha sendo realizado na fase em que o ensino religioso era de perspectiva confessional ministrado explicitamente aos alunos. Ou seja, o ensino da doutrina católica, por meio de catecismos, era estruturado em geral com perguntas e respostas, tanto que, muitas vezes, a referência a esta disciplina se mantinha como “Aula de religião”.

O Ensino Religioso, ao ser inserido no sistema educacional, foi progressivamente obrigando-se a assumir uma configuração próxima às demais disciplinas, com a definição de objetivos e de metodologia, que favorecesse sua execução, em período com carga horária preestabelecida, assim como um processo de seriação e com avaliação.

Portanto, a disciplina Ensino Religioso se tornou concreta como resultado de ações no campo político e não como fruto de uma compreensão pedagógica. Mas, a expansão e o aprimoramento do sistema educacional nacional provocaram a necessidade da adequação dessa disciplina aos parâmetros que foram, paulatinamente, estabelecidos.

Lentamente, ocorreu o início de escolarização motivada por questões políticas. E, mesmo com características doutrinárias, o Ensino Religioso foi impulsionado a estabelecer uma identidade pedagógica para poder permanecer no ambiente escolar. Nesse cenário, os catecismos e a produção inicial de material didático impresso foram substituídos por textos preocupados em ampliar a lógica entre os conteúdos e a busca de estratégias adequadas às questões do ensino e da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, L; JUNQUEIRA, S. **Educação Religiosa: construção da identidade do Ensino Religioso e da Pastoral Escolar**. Curitiba: Champagnat, 2002.

BERTOLLI FILHO, Claudio. **A República Velha e a Revolução de 30**. São Paulo: Ática, 1999.

BRAIDO, P. **Lineamenti di storia della Catechesi e dei catechimi**. Dal “tempo delle riforme” all’età degli imperialismi (1450-1870). Leumann (Torino): Elle Di Ci, 1991.

BRASIL. **DECRETO Nº 119-A, DE 7 DE JANEIRO DE 1890**. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm>. Acesso em: 29.mar.2014.

BRASIL. Constituição (1891). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1891. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>. Acesso em: 29.mar.2014

BRASIL. Constituição (1934) **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 29.mar.2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 4024/61. Brasília: Senado Federal, 1961.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 5692/71. Brasília: Senado Federal, 1971.

BRASIL. Lei n. 9.394/96, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. p. 27833. Disponível em:<[http:// https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm](http://https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 29. mar. 2014.

CAMARGO, C. P. F. de Católicos, **protestantes, espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973, CARTA PASTORAL COLETIVA DO EPISCOPADO BRASILEIRO (19 mar. 1890). In:RODRIGUES, Anna M. Moog (Sel. Org.). **A Igreja na República**. Brasília: Ed. UnB,1981. p.54.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1994.

CHARTIER, R; Guglielmo Cavallo (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escolhas).

FIGUEIREDO, A. **O Ensino Religioso no Brasil**: tendências, conquistas e perspectivas, Petrópolis, Vozes, 1995.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da História**: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990). Bauru: Edusc; Uberlândia, Edufu, 2004.

GRUEN, W. **O Ensino Religioso na escola**, Petrópolis, Vozes, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. 4. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNGSMANN, J. **Aufgabe und Methode der religiösen unterweisung**. Freiburg:Herder, 1953.

JUNQUEIRA, S. A presença do Ensino Religioso no contexto da Educação. In: JUNQUEIRA, S; WAGNER, R. (Org). **O Ensino Religioso no Brasil**. 2. Ed. Curitiba:Champagnat. 2011.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **O Ensino Religioso no Brasil**: estudo do seu processo de escolarização. 2000. 361f. Tese de Doutorado em Ciências da Educação, Universidade Pontifícia Salesiana, Roma, mai.2000.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; Wagner, Raul (org). **O Ensino Religioso no Brasil**. 2. Ed. Curitiba: Champagnat. 2011.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 69, pp. 3-9, jan./mar. 1996.

LIMA, L. **A face brasileira da catequese**: um estudo histórico-pastoral do movimento catequético brasileiro das origens ao diretório “catequese renovada”. Roma: UPS, 1995.

LUSTOSA, O. **A Igreja Católica no Brasil República**, São Paulo, Paulinas, 1991.

LUTERO, M. Catecismos Maior e Menor. In: LUTERO, M. **Obras Selecionadas**, v.7. São Leopoldo: Sinodal, 2000,

MARINS, J. **Escola em missão**. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

MARIZ, C. e MACHADO, M. D. Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 45, 1994.

MATOS, H. **Caminhando pela História da Igreja**, Vol. III. Belo Horizonte: Lutador, 1996.

MOTTA, E. **Direito Educacional e educação no século XXI**, Brasília: UNESCO, 1997.

NEGROMONTE, A. **Guia do Catequista**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

NEMI, A.; MARTINS, J. **Uma outra história? O tempo vivido**. São Paulo: FTD, 1996.

NERY, José Israel. O ensino religioso escolar no Brasil no contexto da história e das leis. **Revista de Educação da AEC**, Brasília, n. 88, p.11-12, jul., set.1993.

ORLANDO, E. “Meu Catecismo”: cultura católica e modernidade na produção de livros didáticos para a educação da infância brasileira. **Horizontes**, Itatiba, v. 30, n. 1, p. 7-16, 2012.

ORLANDO, E. **Por uma civilização cristã: a coleção do Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do Catecismo (1937-1965)**. 2008. 313f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Cristóvão.

PAPA PIO XI, **Encíclica Divini illius magistri**, 31 de dezembro de 1929. Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri_po.html>. Acesso em: 29.mar.2014.

PASSOS, Mauro. **A Pedagogia catequética e a educação na primeira República (1889-1930)**. Universitá Pontificia Salesiana/U.P. S: Itália, 1998. (Tese de Doutorado).

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. A luta dos católicos pela escola: Minas Gerais, anos 0. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, n. 17, jun. 1993. Disponível em

<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46981993000100007&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 29 jul. 2014.

REIS, Fábio José Garcia dos. A Cruzada pelo bem: Romanização da Igreja e Rebeldia do Cônego Antônio Marques Henriques. **Jornal O Lince, tem o que ler**, Aparecida, São Paulo. n. 33, Mai./ jun. 2010. Disponível em: <<http://www.jornalolince.com.br/2010/jun/pages/historia-cruzada.php>>. Acesso em: 24.set.2014.

RIBEIRO, M. **História da educação brasileira – organização escolar**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 188.

SOUZA, J. **Fé, trabalho e amor à pátria: os livros da série fontes construindo brasileiros no estado novo – 1937-1945**. 2010. 169f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis.

TILLICH, P. **Die verlorene Dimension**. Not und Hoffnung unserer Zeit. Hamburg: Furche-Verlag, 1962.

O CAMINHO PARA O BANQUETE DO CORDEIRO: UMA ANÁLISE DOS MATERIAIS DESTINADOS À CATEQUESE COM CRIANÇAS

Jerry Adriano Villanova Chacon, Doutor em Educação: Currículo - PUC-SP. Mestre em Educação: Currículo - PUC-SP. Licenciado em Filosofia pela UNIFAI, em Pedagogia pela UNINOVE e em Letras pela UNIJALES. Especialista em Ensino Religioso, Psicopedagogia e Direito Educacional. Atuação como professor no Ensino Médio e Ensino Superior. Desenvolve pesquisas acerca dos temas: Currículo, Adolescências e Juventudes, Formação de Professores, Filosofia.*

Glauber Machado, Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Possui bacharelado em Letras - Português/Latim pela Universidade de São Paulo e licenciatura em Letras-Português pela mesma universidade. Atualmente, é professor de Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal de Santo André. Tem experiência na área de Letras e Educação, com ênfase em literatura brasileira, Literatura infanto-juvenil e livros didáticos.**

RESUMO

A imbricação entre catequese e educação se dá desde os tempos iniciais do cristianismo. Assim, urge a pergunta: Quais são as faces de Jesus que os materiais de catequese têm apresentado aos catecúmenos? Para o desenvolvimento desta pesquisa, analisou-se o sumário de diversos materiais de catequese no período entre 1994 e 2015 destinados a preparação das crianças para participar do banquete eucarístico. Esse *corpus* será apresentado e problematizado à luz do Concílio Vaticano II (1962-1965), dos documentos eclesiais próprios da catequese e das perspectivas de uma teologia que apresenta as faces de Jesus como o Servo Sofredor como resposta à cultura de morte e violência.

Palavras-chave: Catequese, educação, Jesus, catecumenato

ABSTRACT

The interconnection between catechesis and education has existed since the early days of Christianity. Thus, the question arises: What are the facets of Jesus that catechetical materials have presented to catechumens? To develop this research, we chose to analyze the summaries of various catechetical materials from the period between 1994 and 2015, designed to prepare children for participation in the Eucharistic banquet. This corpus will be presented and problematized considering the Second Vatican Council (1962-1965), the church documents specific to catechesis, and the perspectives of a theology that presents the faces of Jesus as the Suffering Servant in response to a culture of death and violence.

Keywords: Catechesis, education, Jesus, catechumenate

Considerações Iniciais

A imbricação entre catequese e educação se dá desde os tempos iniciais do cristianismo. As primeiras igrejas “sentem a necessidade de uma preparação mais aprofundada que consistia numa conversão à vida de fé, numa instrução litúrgica, moral e doutrinal, isto é, o *Catecumenato*” (Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblica Catequética, 2014, p. 17, grifo do autor). Essa instrução assumiu diversas formas de transmissão, sendo o catecumenato nos primeiros séculos, os catecismos que tanto vigoraram após o Concílio de Trento, entre outras formas.

* E-mail: jerryadrianochacon@gmail.com

** E-mail: glaubermac@gmail.com

Quais são as faces de Jesus que os materiais de catequese têm apresentado aos catecúmenos e catequizandos? Trata-se de uma provocação que convida à pesquisa e sistematização crítica e reflexiva. Para o desenvolvimento desta pesquisa se adotou analisar o sumário de diversos materiais de catequese no período entre 1994 e 2015 destinados a preparação das crianças para participar do banquete eucarístico. Esse *corpus* será apresentado e problematizado à luz do Concílio Vaticano II (1962-1965), dos documentos eclesiais próprios da catequese e das perspectivas de uma teologia que apresenta as faces de Jesus como o Servo Sofredor como resposta à cultura de morte e violência.

O objetivo deste trabalho é apontar as tendências dos encontros de catequese voltados para as crianças em preparação para o banquete eucarístico, por meio das temáticas consideradas relevantes. Para isso, fez-se um levantamento dos encontros constantes em dez coleções dedicadas a esse escopo, totalizando a análise de 18 obras ao longo de cerca de duas décadas. Para isto, este artigo se estrutura numa discussão inicial do processo histórico da catequese, com sua culminância no Concílio Vaticano II; a apresentação e análise dos dados obtidos pelo levantamento feito e suas implicações no processo catequético, e as considerações finais.

Contexto histórico da catequese: das primeiras comunidades ao Vaticano II

Para dar conta do sentido de uma catequese renovada é preciso fazer uma incursão na história do desenvolvimento do caminho catecumenal em suas grandes fases históricas. Isso abarca a formação das comunidades primitivas e suas práticas de iniciação à vida de fé, num contexto de perseguição, que culminavam no acesso aos sacramentos de iniciação à vida cristã: Batismo, Eucaristia e Confirmação. Tais práticas eram marcadas por experiências querigmáticas e posterior aprofundamento da fé via uma catequese inserida nos contextos litúrgicos e celebrativos da comunidade.

Além disso, é preciso caminhar pela história do cristianismo como religião oficial do Império em que o Batismo e os sacramentos eram destituídos de sua significação mais profunda. Isso leva a uma Igreja poderosa no medievo, fazendo da catequese uma prática secundária, tendo em vista a realidade de uma sociedade em que se dava o catecumenato social. A passagem para a modernidade traz o fortalecimento dos catecismos e da proposta de retomada e organização da catequese feita pelo Concílio de Trento (1545-1563). Uma catequese mais próxima ao que se realizava nas primeiras comunidades cristãs, como uma resposta aos desafios do mundo contemporâneo ganha corpo com o Concílio Vaticano II (1962-1965).

O querigma se constitui como o núcleo da mensagem cristã, sendo o primeiro encontro com a figura de Jesus, apresentada no Segundo Testamento, mas essa mensagem inicial

anunciada, ouvida e acolhida demanda um segundo momento catequético em que “irá ressoar, aprofundar esse primeiro anúncio de Jesus Cristo” (ALVES DE LIMA, 2016, p. 26). Quando se recorre ao começo do cristianismo, o querigma era marcado pela pregação do mistério pascal, sendo Jesus apresentado como o Cristo, o Messias, ou seja, o Filho de Deus. Após esse primeiro contato com a vida de Jesus, a própria comunidade se incumbia de fazer o processo de aprofundamento da fé, como afirma Alves de Lima (2016), os Evangelhos como textos catequéticos serviam ao aprofundamento do Reino e do discipulado.

Nota-se que há uma prática catequética focada na pessoa, que sendo acompanhada pela comunidade, vai ganhando a maturidade a seu tempo e contextos, pois um judeu já tinha conhecimento da tradição do Primeiro Testamento. Já um pagão deveria passar por esse processo de conhecer as tradições. Segue-se que essa catequese primitiva vai chegar ao processo do catecumenato, sobretudo a partir do século II, com o aumento do número de convertidos. Por conta de heresias da época que atingiam os batizados, a comunidade eclesial buscou um meio de garantir a reta catequese. Assim surge o *catecumenato institucionalizado*.

[...] uma das instituições mais eficazes e frutuosas da história da Igreja: tempo extremamente sério de formação, para afirmar bem a fé, para testar a vida no meio do mundo pagão, e no seio de uma comunidade que comunicava sua fé e transmitia seu credo. (ALVES DE LIMA, 2016, p. 27)

A prática formativa visava a consolidar as bases da fé em Jesus Cristo e para isso havia um diálogo entre o querigma como o primeiro anúncio, convite a aceitar a Palavra, os processos de conversão como ações da comunidade. Em um segundo momento, era feita a catequese como ensinamento e instrução sob a responsabilidade do catequista, uma pessoa que possuía a capacidade de instruir, ensinar e educar. Com o passar do tempo, o bispo, como sucessor dos apóstolos assume o papel de ser “o catequista” (ALVES DE LIMA, 2016). Marca significativa desse processo de *catecumenato institucionalizado* é a presença ativa da comunidade que testemunha a fé, sendo a face de Jesus que acolhe, ensina, forma e envia em missão.

Era, de fato, feito um caminho, um processo que envolvia também a vida litúrgica da comunidade. Essa prática foi se consolidando e nos séculos I e II, sendo que a partir do III século, o catecumenato chega ao momento mais estruturado. Havia quatro grandes tempos do caminho ao Batismo: pré-catecumenato (fase querigmática), catecumenato (instrução, catequese e conversão), iluminação-purificação (preparação imediata para receber os sacramentos na Páscoa) e a mistagogia (após o recebimento do sacramento).

Nota-se que esse caminho de preparação era dotado de tempos específicos, que se guiavam pelas celebrações litúrgicas. Nesse sentido, a formação catequética estava associada à vida celebrativa da comunidade, pois deveria haver um sentido no processo de consolidação

da fé que não fosse apenas de cunho individual, mas de mudança de vida dentro do contexto das comunidades cristãs. “Era pela penetração progressiva da Palavra de Deus em sua vida que o catecúmeno caminhava para os sacramentos da noite pascal: Batismo, Confirmação e Eucaristia” (ALVES DE LIMA, 2016, p. 29). A vida sacramental, como se nota, era resultado de uma gradualidade de introdução ao mundo da fé, sendo assim a pessoa introduzida ao mistério do Cristo, era também introduzida à vida da comunidade dos seguidores de Cristo. Há como pano de fundo de tudo isso a perspectiva de uma catequese viva, comunitária, litúrgica e vivencial o que poderia levar de dois a três anos.

O caminho de preparação feito na comunidade e seguindo o ritmo litúrgico inicia seu declínio a partir do Édito de Milão, em 313, quando o Imperador Constantino Magno aceita o cristianismo como religião permitida e autorizada pelo Estado. Depois com o Édito de Tessalônica, em 380, em que Teodósio Magno torna o cristianismo religião oficial do Estado e posteriormente proíbe os cultos considerados pagãos. Assim “entrar na nova comunidade religiosa já não era um risco, mas um meio de ser considerado na sociedade; havia, então, o perigo de conversões aparentes” (ESPEJA, 2002, p. 31, tradução nossa). Muitas pessoas aderem ao cristianismo como algo conveniente para evitar perseguições, mas isso afeta o caminho do catecumenato que perde sua força e o processo de batismo vira apenas uma formalidade.

O século IV d.C. trouxe consigo a obrigatoriedade do cristianismo em todo o império romano. O catecumenato, como forma privilegiada de tornar-se cristão, foi-se diluindo lentamente e, cada vez mais, foi se tornando comum batismo de crianças. As grandes conquistas feitas pelo Império Romano traziam massas de homens e mulheres que deviam ser batizados e as comunidades cristãs não tinham estrutura para preparar bem tanta gente. A chamada “cristandade” começava a se impor (PAIVA, 2008, p. 37)

Tal sociedade dispensava um processo catequético mais aprofundado e alicerçada na pertença a uma comunidade de fé, pois tudo se remetia ao cristianismo. Do nascimento ao túmulo, a pessoa vivia imersa na cultura e identidade cristã. Com isso, não precisavam fazer o catecumenato, e essa instituição vai desaparecendo até o século VIII (ALVES DE LIMA, 2016).

O desaparecimento do catecumenato traz algumas marcas, por exemplo, a adaptação do rito de batismo dos adultos às crianças, passando aos pais e padrinhos a tarefa de dar as respostas que o catecúmeno outrora respondia. O enfraquecimento da constituição catequética é sentido pela desvalorização da dimensão litúrgico-orante, sobrevivendo a dimensão doutrinal da catequese o que chega às portas do Concílio Vaticano II (1962-1965).

Dá-se o catecumenato social que seria algo fruto de uma sociedade cristianizada, sobretudo durante a Idade Média quando se vivia não uma iniciação cristã, mas uma socialização cristã com a exposição dos dados de fé, a vida devocional e as práticas familiares.

Mas isso não significa uma formação sólida com relação ao aprofundamento e sentido da fé. Tendo a compreensão dessa ruptura histórica, a Igreja hoje busca, como salienta Alves de Lima (2016, p. 32) “[...] o retorno a essa íntima união entre catequese, compreendida como ensino e doutrina, e a liturgia, com a riqueza de seus ritos e dimensão celebrativa”.

A catequese no período do medievo tem um caráter de catecumenato social, pois era algo feito no próprio processo de socialização, sendo presente a força do discurso religioso cristão católico na Europa. A catequese era feita no seio das famílias e nas atividades do dia a dia. A educação da fé era feita pelos gestos da liturgia, pelas práticas devocionais, pelas artes sacras, mas não havia um processo de atividade pedagógica próprio da formação catecumenal. Nesse sentido, entende Alves de Lima (2016) haver um movimento de uma sociedade sacral, ou como afirma Paiva (2008, p. 38) “tudo, nesse período, ‘cheirava a sacristia’. Isto é, o grande crivo pelo qual passavam as expressões culturais, econômicas e sociais era o cristianismo”.

Era uma sociedade, então, em que as pessoas naturalmente foram educadas na fé cristã havendo assim uma socialização cristã com a exposição dos dados da fé, com base nas autoridades das Escrituras, grandes mestres e os Santos padres. As expressões culturais estavam permeadas dos elementos religiosos. No entanto, isso não garantiu que as camadas mais populares pudessem dar razão à sua fé, limitando-se tal instrução às camadas mais eruditas.

A catequese na idade Moderna da Europa é marcada pela era dos catecismos, pois já a partir de 1402, o bispo Jean Gerson publicou a *Tríplice obra sobre o decálogo, a confissão e a arte de bem morrer*, e posteriormente a obra *De pueris ad Christum trahendis* (Como conduzir os jovens a Cristo) sendo um manual de instrução religiosa para as pessoas alfabetizadas da época. Em 1429, dá-se o Sínodo Provincial de Tortosa (Espanha) que demanda a elaboração de um compêndio sucinto sobre o que crer, o que pedir, o que observar, o que evitar, o que esperar e o que temer. Em linhas gerais, isso implicava nas bases dos artigos de fé, do Pai-nosso, da concepção de pecado, paraíso e inferno. São os elementos dos primeiros catecismos. Outros modelos de catecismos foram criados, mas não aceitos pela hierarquia da Igreja, como os catecismos humanistas de Erasmo de Roterdam (1466-1536).

A reforma protestante trouxe contribuições para o movimento de catecismos, pois em 1529, Lutero publicou o grande catecismo em latim para o uso dos pastores. A Igreja Católica, a partir do Concílio de Trento (1545-1563) determinou a publicação de um catecismo em latim e em vulgar com base na Bíblia, mas houve uma “precedência do catecismo sobre a Bíblia” (ALVES DE LIMA, 2016, pp. 38-39). São Carlos Borromeu foi o coordenador da redação do catecismo publicado em 1566 intitulado *Catechismus ad parochos* (Catecismo para os párocos) ou Catecismo de Trento ou Romano. Seu conteúdo apresenta um breve tratado de

teologia com destaque ao símbolo dos apóstolos, os sacramentos, o decálogo e a oração dominical.

Alves de Lima (2016) chama a atenção para o fato de haver uma falta de integração entre a liturgia e a catequese por conta do uso da língua Latina como litúrgica. Esse elemento é muito pertinente quando se busca uma compreensão da proposta catequética que há no seio da Igreja contemporânea, bem como na análise dos atuais materiais de catequese que são mais integrados com a liturgia, ao que remete às práticas das primeiras comunidades cristãs.

Nota-se, mesmo com os limites contextuais dos catecismos, o período da Modernidade assegura um cenário em que a Igreja regressava à uma perspectiva educativa da fé, entendendo a necessidade de se estabelecer uma prática pedagógica no processo catequético. Isso vai se potencializar naquilo que é considerado o período contemporâneo e a partir do Concílio Vaticano II, ganha ainda mais relevância: a ideia da catequese como um processo, como um caminho, que envolve a didática, a objetividade e o sentido da formação para o ingresso aos sagrados mistérios e à vida comunitária.

A organização catecumenal vista anteriormente a partir das contribuições de Alves de Lima (2016) é sintetizada em três grandes elementos: conversão, instrução e sacramentos. Mas isso ocorre de modo complexo e integrado num caminho litúrgico, pois as práticas seguem a vida celebrativa da comunidade, sendo um caminho de oração. A vida da comunidade é orante e as pessoas eram convidadas a orar e celebrar num contexto comunitário, assim entendendo que a fé cristã não se vive de modo individualizado, o que não faria nenhum sentido com a concepção de um Deus Uno e Trino, comunidade perfeita do Pai, Filho e Espírito Santo. A catequese não era uma prática exterior à vida da comunidade, mas a própria comunidade era o *locus* catecumenal. Não há catequese fora da comunidade. Esses elementos basilares da formação dos primeiros cristãos buscam serem restaurados pela Igreja Católica hoje.

Faces de Jesus a partir do Concílio Vaticano II e impactos na realidade brasileira – catequese renovada

O fato histórico do Concílio já foi muito discutido e refletido, nesse sentido não há aqui o interesse em pormenorizar esse giro histórico. Há a partir do movimento conciliar e dos documentos produzidos uma tentativa de romper com certo dualismo entre Deus e o mundo e com isso retomar o sentido de uma face de Deus que se encarna na realidade concreta da vida humana. Não deve haver uma rivalidade entre Deus e o mundo, mas uma compreensão de que o mundo é dom de Deus e, por isso, envia o próprio Filho, Jesus de Nazaré, que ao passar pelo mundo, revela a face de Deus que é amor, acolhida, fraternidade, sendo este o grande mistério divino que faz do mundo o seu sacramento de amor. Ao analisar os materiais

de catequese, a pergunta se dá pela face de Jesus, o Cristo, apresentada aos catequizandos.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* procura afirmar essa superação de uma visão dualista entre Deus e o mundo, pois assevera a existência de uma única História da Salvação em que Deus vai revelando gradualmente a sua face. Mas para ver essas faces de Deus é preciso estar atento aos sinais dos tempos:

Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático. Algumas das principais características do mundo atual podem delinear-se do seguinte modo. A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa. (CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*, 1968, n. 4.)

Nota-se que a intenção conciliar é descobrir a face de Deus nos acontecimentos da própria história, pois há a fé de que o Espírito de Deus conduz a história e espalha-se como semente nas diversas realidades. Isso provoca um olhar para a catequese que se volte não para a imposição ou aplicação dogmática, mas como um diálogo com diversas realidades que compõem a vida das pessoas. Os catecúmenos devem ser considerados como sujeitos que devem reconhecer as diversas faces de Jesus na cultura, no trabalho, na educação, na família, na ciência, na política. “Deus destinou a terra com tudo o que ela contém para uso de todos os homens e povos; de modo que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos, segundo a justiça, secundada pela caridade” (CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*, 1968, n. 69.) Ver a face de Jesus no processo de catequese demanda desenvolver a compreensão de que o mundo é bom, mas deve ser para todas as pessoas.

A catequese deve valorizar o testemunho e o protagonismo da existência. Deve conduzir também ao caminho de fé sem se abster do fato de que a fé demanda abraçar a justiça, sendo vigorosa a relação entre fé e justiça. Trata-se de uma dimensão social da fé que é expressão da face de Jesus que se coloca ao lado dos pequenos e excluídos no anúncio e construção do Reino de Deus. Uma formação catequética deve passar pelo testemunho de tantas e tantos que viveram a fé e a justiça e assim expressaram a vontade de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida” (Cf. João 10,10). Isso não é uma novidade, pois ao se contemplar as comunidades primitivas dos cristãos é possível identificar a catequese como fruto da vida em comunidade, da liturgia e da caridade, pautada pelos testemunhos/martírios:

“Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (cf. At 2,42).

Com tudo isso, o Concílio não trata em um documento específico a questão da catequese, sendo a sua grande contribuição para o processo da renovação catequético o próprio espírito conciliar, conhecido como *aggionamento*. Através de fundamentos bíblicos, teológicos e pastorais, vai contribuir com o movimento catequético pós-conciliar. De todo modo, cabe evidenciar que há alguns documentos conciliares precedentes para a constituição de uma catequese renovada. É possível destacar o decreto *Christus Dominus* que ressalta o múnus de ensinar, instruir e educar sob a responsabilidade dos bispos:

Preocupem-se que a instrução catequética, que tem por fim tornar viva, explícita e operosa a fé ilustrada pela doutrina, seja administrada com diligente cuidado quer às crianças e adolescentes, quer aos jovens e mesmo adultos. Ao transmiti-la, observem se a ordem apta e o método conveniente não só à matéria da qual se trata, mas também à índole, capacidade, idade e às condições de vida dos ouvintes. Assim, esta instrução se baseia na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no Magistério e na vida da Igreja. (DECRETO *CHRISTUS DOMINUS*, 1968, n. 14.)

Essa preocupação do decreto está em sintonia com os movimentos catequéticos mundiais à época na promoção de um olhar centrado na dimensão querigmática, mas também a uma virada antropológica, na qual não se dê apenas atenção ao conteúdo doutrinal, mas à pessoa humana enquanto sujeito inserido em condições sócio-históricas específicas. Isso leva a um método catequético que relaciona a fé e a vida inserida numa comunidade.

A Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* cumpre um papel significativo no processo de restauração do catecumenato quando estabelece o seguinte:

Restoure-se e o catecumenato dos adultos dividido em diversas etapas, introduzindo-se o uso de acordo com o parecer do Ordinário do lugar. Desta maneira, o tempo do catecumenato, estabelecido para conveniente instrução, poderá ser santificado com os sagrados ritos a serem celebrados em tempos sucessivos (CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *SACROSANCTUM CONCILIIUM*, 1968, n. 64.)

Essa vontade conciliar continua a se aprofundar pela Constituição *Ad gentes*, ao se referir às intenções e finalidades. O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos em 1972, comumente conhecido como RICA, (Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2014) se relaciona com as intencionalidades conciliares, pois valoriza o processo do catecumenato visando a evangelização dos adultos, bem como a reaproximação com a liturgia. No decreto que consta na abertura do RICA assim se faz exposto:

O Concílio Vaticano II determinou a revisão do Rito de Batismo de Adultos, decretando a restauração do catecumenato dos adultos dividido em várias etapas, de modo que o tempo do catecumenato, destinado à conveniente

formação, pudesse ser santificado pelos sagrados ritos celebrados sucessivamente. O mesmo Concílio decretou ainda que, considerando o catecumenato restaurado, também fosse revisto o rito, tanto solene quanto simples, do Batismo dos adultos (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2014, p. 9).

Em anos posteriores, vai se tornar uma fecunda fonte de inspiração nos processos catequéticos para os contextos de mudança de época, presentes no Documento de Aparecida e nas falas do papa Francisco.

No Brasil, o marco da renovação e mudança na catequese se dá a partir de 1983 com a publicação do Documento *Catequese Renovada*, que promove uma catequese mais cristocêntrica, e voltada ao uso das Escrituras. Em 2005, os bispos do Brasil aprovam um *Diretório Nacional de Catequese*, que reafirma o que já estava assumido pelo *Catequese Renovada*, e avança em outros assuntos como a importância dos processos catequéticos inseridos na comunidade e na liturgia. Essa indicação se mostra efetiva pela publicação do Estudo 97 *Iniciação à Vida Cristã* na qual apresenta um processo voltado tanto aos catecúmenos quanto aos catequizandos inspirados nos tempos e fases do antigo Catecumenato, valorizando as celebrações e ritos contidos no RICA.

Esse estudo, após alguns anos, é publicado posteriormente pela Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética como *Itinerário Catequético: iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Tudo isso impacta na mudança de concepções dos materiais destinados aos catequistas e catequizandos o que se nota no tópico que se segue deste artigo.

As principais temáticas dos materiais de catequese

Inicia-se esta discussão numa breve tentativa de pensar o que são esses materiais voltados para a catequese de crianças. Num primeiro momento, pode-se pensar que se trata de uma nova roupagem dos catecismos que existiram por vários séculos, nos quais pelo conjunto de perguntas e respostas obtinha-se a instrução cristã. Mas percebe-se que tais

materiais são distantes dessa construção, o que nos faz tentar outras abordagens.

Escolheu-se a abordagem inspirada na filosofia da linguagem presente no Círculo de Bakhtin, pela qual se afirma que “o enunciado é de natureza social” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 200). Pode-se dizer, que por esta corrente teórica, os enunciados

[...] são as unidades reais do fluxo da linguagem. Não obstante, justamente para estudar as formas dessa unidade real, não se pode isolá-la do fluxo histórico dos enunciados. O enunciado em sua totalidade se realiza apenas no fluxo da comunicação discursiva. A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extraverbal e

Pode-se tomar a cada material destinado à catequese com crianças como um enunciado, pois se manifesta por sua materialidade numa sociedade, na qual propõe-se a comunicar algo, neste caso, os principais temários que envolvam a fé. Isso se dá, pois, cada material de catequese, como um enunciado, participa de uma ininterrupta cadeia discursiva, nas quais todo enunciado assume uma responsividade, pois “qualquer enunciado real, em um grau maior ou menor e de um modo ou de outro, concorda com algo ou nega algo. Os contextos não se encontram lado a lado, como se não percebessem um ao outro, mas estão em estado de interação e embate tenso e ininterrupto” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 197). Isso pode se manifestar pela acentuação maior de uma temática ou de outra, a maior relevância de uma temática ou o seu silenciamento.

Bakhtin, ao tratar dos enunciados, assevera que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 11). Com isso, é possível entrever a existência de vários campos nos quais circulam os diversos enunciados existentes, sendo o campo religioso um deles. O autor apresenta que os enunciados em cada campo “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, [...] mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2016, pp. 11-12), ou seja, cada enunciado tem uma certa maneira de ser expresso em função de sua construção composicional que abarca um determinado conteúdo numa determinada forma, sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 12).

Pode-se afirmar que os materiais de catequese são um gênero do discurso do campo religioso, que possui intersecções com o campo educacional. Tais materiais constituem-se um gênero diferente dos catecismos, em voga na primeira metade do século XX nas escolas e paróquias brasileiras. Faz-se necessário tal distinção, pois há ainda uma falsa sinonímia entre os termos catequese e catecismo, o que pode ser levado a equiparar esses materiais. Embora os dois estejam no mesmo campo, constituem-se gêneros diferentes, pois sua construção composicional se difere no que tange à organização. Enquanto os catecismos apresentam formatos de pergunta e respostas, bem como textos instrucionais, os materiais de catequese apresentam encontros que abordam uma determinada temática.

Um material que se aproxima dos materiais de catequese, por sua finalidade educativa, é o livro didático. Em certos aspectos da materialidade, ambos apresentam semelhanças como a existência de “livro do catequista” e “livro do catequizando” que se assemelha ao “livro do professor” e “livro do aluno”, bem como a gradação existente como a existência de “fases”

Há prolífica produção sobre os livros didáticos, das mais diversas linhas e autores, contudo, escolhemos uma afirmação de Dionísio (2000, p. 79) sobre o livro didático “como um fiel depositário da versão autorizada do conhecimento socialmente válido”. Isso faz pensar que os encontros constantes dentro de cada uma das obras apresentam de uma maneira generalizada, as temáticas mais relevantes para a catequese de crianças numa determinada época dentro de uma sociedade.

Ao eleger os materiais de catequese como um objeto, percebe-se que, conforme Chartier, é necessário compreender como tais obras adquirem sentido: “Reconstitui-lo exige considerar as relações estabelecidas entre três polos: o texto, o objecto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera” (CHARTIER, 2002, p. 127). Uma das formas de entender seus sentidos é pelas temáticas que seus encontros abordam, o que está na chave de compreender a centralidade da mensagem do texto.

Para a análise dos materiais de catequese, acessou-se a 19 obras de dez diferentes coleções, sendo que tais obras abarcam o período de 1994 a 2015. As obras analisadas são: Livro do Catequista: fé, vida, comunidade (DIOCESE DE OSASCO, 1994); Jesus Cristo: ontem, hoje e sempre 1 e 2 (LEMARCHAND e SERENO, 1995); Sementes de vida (DIOCESE DE PONTA GROSSA, 1999); Sementes de esperança (DIOCESE DE PONTA GROSSA, 1999); Venham cear comigo (DEFILIPPO, 2002); Iniciação à Eucaristia (NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS, 2008); A mesa do pão: iniciação à Eucaristia 1 e 2 (BRUSTOLIN, 2009); Primeiro livro do catequizando (DONZELLINI, 2011); Segundo livro do catequizando (DONZELLINI, 2011); Creio na alegria 1 e 2 (SOUSA e PULIER, 2011); Sementes de vida (DIOCESE DE PONTA GROSSA, 2013); Sementes de esperança (DIOCESE DE PONTA GROSSA, 2013); Nossa vida com Jesus (DIOCESE DE JOINVILLE, 2013); Sementes de comunhão (DIOCESE DE PONTA GROSSA, 2014); Catequese com crianças 1 e 2 (CALANDRO e LEDO, 2015).

Algumas dessas obras se apresentam em volume único, com encontros indicados para dois anos do processo catequético. Somente uma única coleção mostrou-se com mais de dois anos de duração, que foi a de autoria da Diocese de Ponta Grossa. Outro ponto importante se dá pelas obras “Livro do Catequista: fé, vida e comunidade” da Diocese de Osasco e as duas obras creditadas à Donzellini “Primeiro livro do Catequizando” e “Segundo livro do Catequizando”, que se trata da mesma obra, mas em datas de publicação diferentes, e com a opção de tornar perceptível a organizadora dos encontros do livro antigo na autora dos livros mais recentes.

Para este trabalho, elencamos, num banco de dados, o ano de publicação, o título da obra, a autoria, a fase a que se destina (fase 1, fase 2 ou, se for o caso, fase 3), o título do

encontro e a temática abordada. Assim, este *corpus* constitui-se de 594 entradas.

As temáticas utilizadas para a classificação dos encontros foram: vida de Jesus; celebração; Mistério Pascal; eclesiologia; mandamentos; patriarcas; oração; identidade; sacramentos; criação; profetas; Penitência; Eucaristia; pecado; Maria; Trindade; doutrina; missa; acolhida; amizade; outros; Bíblia; reis; bem-aventuranças; credo e juizes. Essas temáticas visam abarcar de maneira generalizada as principais abordagens, para que se possam vislumbrar quais as principais tendências que se apresentam no *corpus*:

- a) Vida de Jesus: apresentam temáticas relacionadas aos fatos históricos de Jesus, bem como de seu ministério, milagres e pregações;
- b) Celebração: são as celebrações litúrgicas que se apresentam no caminho catequético. Aqui estão inclusas as entregas e escrutínios por exemplo;
- c) Mistério Pascal: são encontros que explicitamente abordam o mistério da Paixão do Senhor e sua ressurreição;
- d) Eclesiologia: os encontros que tratam a respeito da constituição e vida da Igreja, bem como de seus elementos principais;
- e) Mandamentos: referem-se aos encontros que abordem aos Dez Mandamentos;
- f) Patriarcas: referem-se a Noé, Abraão, Isaac, Jacó, José e Moisés;
- g) Oração: refere-se à oração do Pai-nosso ou de outras orações do católico;
- h) Identidade: o principal elemento reside na construção da identidade do sujeito;
- i) Sacramentos: aborda os sacramentos do Batismo, Crisma, Matrimônio, Ordem e Unção dos Enfermos;
- j) Criação: abarca a criação do mundo e da humanidade segundo o Gênesis;
- k) Profetas: encontros que abordem a figura dos profetas de Israel;
- l) Penitência: apresenta os elementos do sacramento da Penitência;
- m) Eucaristia: a temática se concentra no sacramento da Eucaristia;
- n) Pecado: refere-se aos encontros que abordam o pecado original;
- o) Maria: encontros que apresentem a devoção e história de Maria, mãe de Jesus;
- p) Trindade: refere-se às pessoas da Santíssima Trindade;
- q) Doutrina: apresentam temáticas que são doutrinárias, como o culto aos santos;
- r) Missa: explica o que é a missa e suas partes constituintes;
- s) Acolhida: encontros que visam acolher aos integrantes do grupo;
- t) Amizade: o relacionamento interpessoal é o foco dessa temática;
- u) Outros: referem-se a encontros que fogem dos demais, como Campanha da Fraternidade;
- v) Bíblia: apresentam o uso e importância das Sagradas Escrituras;
- w) Reis: encontros sobre o tempo dos reis de Israel;

- x) Bem-aventuranças: o discurso sobre as Bem-aventuranças;
- y) Credo: apresentam a oração do Creio;
- z) Juízes: encontro sobre o tempo dos juízes.

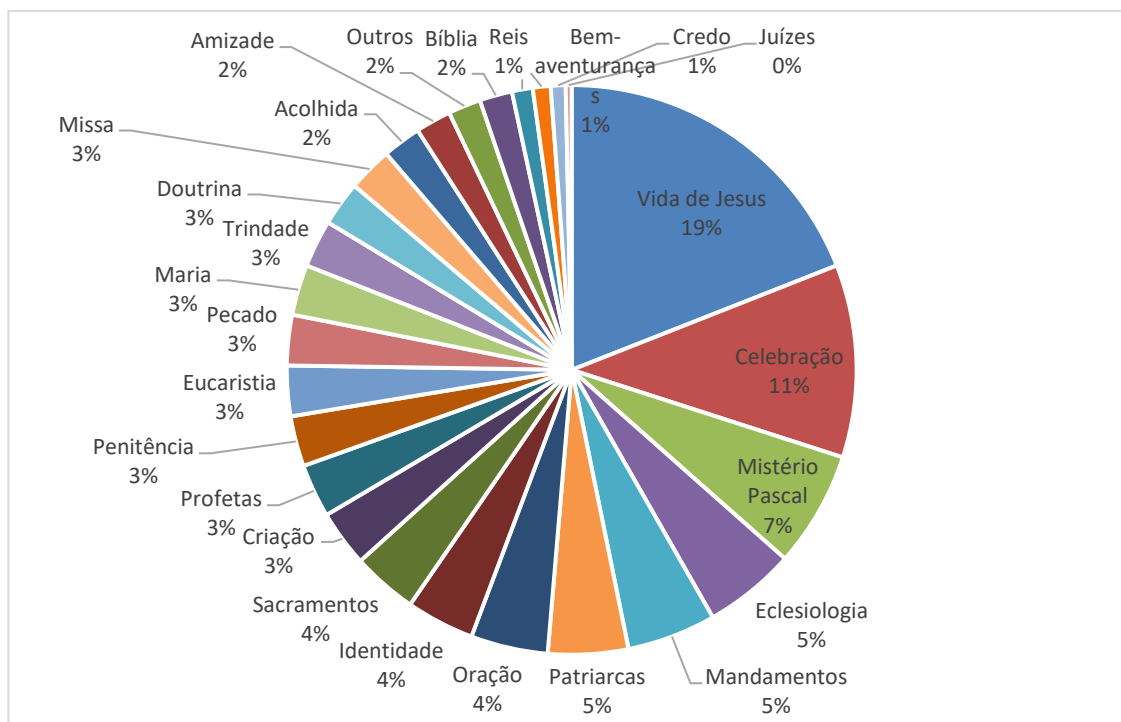
Ao quantificarmos a presença dessas temáticas nos encontros, obtivemos os seguintes dados expressos na Tabela 1:

Tabela 1 – Quantificação das temáticas em relação ao total de encontro (n)

Temática	Quantidade
Vida de Jesus	113
Celebração	65
Mistério Pascal	39
Eclesiologia	31
Mandamentos	30
Patriarcas	27
Oração	26
Identidade	23
Sacramentos	22
Criação	19
Profetas	18
Penitência	17
Eucaristia	17
Pecado	17
Maria	17
Trindade	16
Doutrina	16
Missa	15
Acolhida	13
Amizade	12
Outros	11
Bíblia	11
Reis	7
Bem-aventuranças	6
Credo	4
Juízes	2
Total Geral	594

Fonte: os próprios autores, 2023.

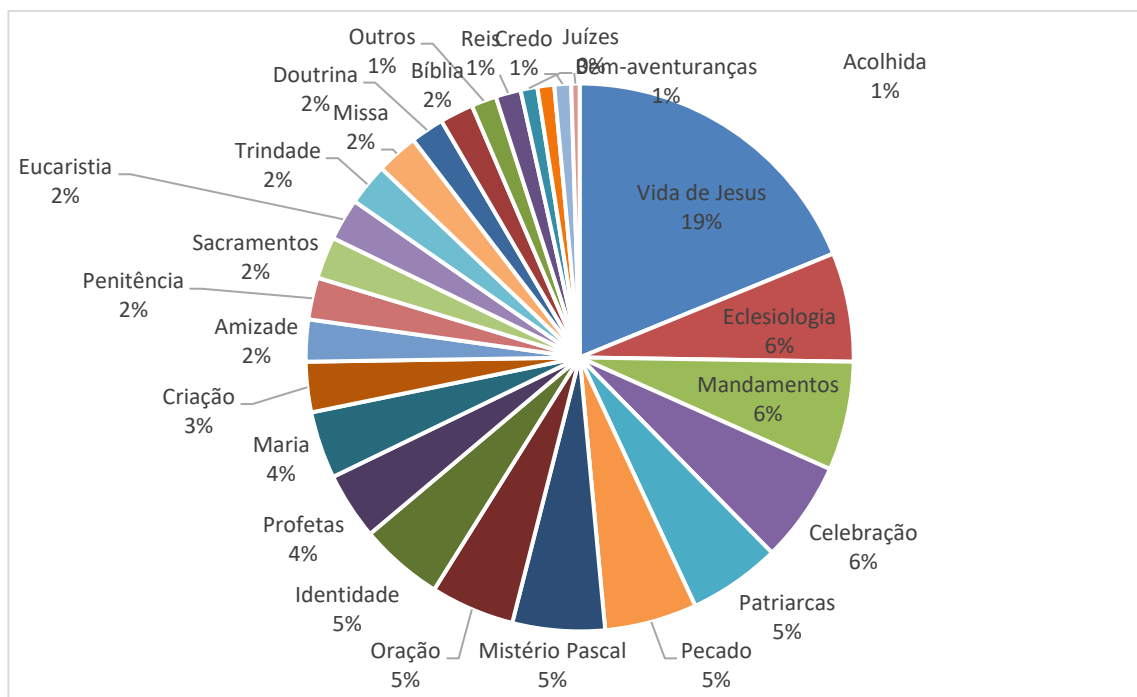
Diante dessa classificação de temáticas, obtivemos o Gráfico 1, que demonstra em porcentagem a quantidade de temáticas em relação ao total de encontros. Com esse gráfico, percebe-se a preponderância de algumas temáticas sobre as demais:

Gráfico 1 – Quantificação das temáticas em relação ao total de encontros (%)

Fonte: os próprios autores, 2023.

Nesse *corpus* é possível atentar-se para o fato de que cerca de metade dos encontros residem nas temáticas “vida de Jesus”, “Celebração”, “Mistério Pascal”, “Eclesiologia”, “Mandamentos” e “Patriarcas”. Isso revela que a preponderância de temáticas que lidam com uma catequese mais ligada aos acontecimentos históricos e lineares, pois a vida de Jesus não pode se desligar do Mistério Pascal, bem como a presença de Patriarcas e Mandamentos remontam à História de Israel. Surpreende que 11% dos encontros sejam celebrações litúrgicas, o que mostra uma deliberada intenção de promover uma maior união entre catequese e liturgia. Também a presença massiva do Mistério Pascal em todas as obras analisadas indica que essa temática é algo essencial na formação do católico.

Ao estratificarmos essa análise das temáticas por décadas, vemos que há uma significativa mudança daquilo que se é valorizado. Como está apresentado no Gráfico 2 – Quantificação das temáticas em relação aos encontros (1994 – 2004), há uma predominância de temáticas ligadas à vida de Jesus e o relacionamento com a Igreja:

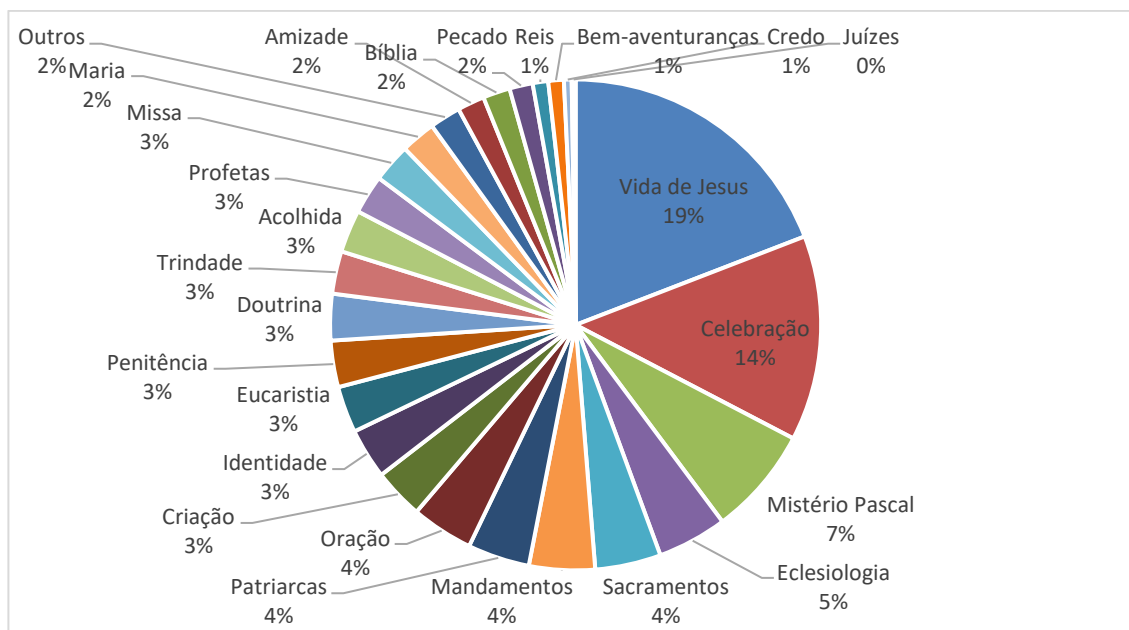
Gráfico 2 – Quantificação das temáticas em relação aos encontros (1994 – 2004)

Fonte: próprios autores, 2023.

A relevância de ser Igreja, de viver os mandamentos, de conhecer a História da Salvação e o Pecado original eram a tônica dessas obras, perfazendo 22% do total desses encontros ao somarmos as temáticas Eclesiologia, Mandamentos, Patriarcas e Pecado. Nesse período, a face que se mostra de Jesus aos catequizandos é muito mais doutrinária e ligada aos aspectos bíblicos, bem como ainda há influência dos antigos catecismos, devido às temáticas acerca do pecado, dos Mandamentos e sobre a Igreja. As celebrações litúrgicas que aparecem preponderantemente estão na coleção “Sementes” da Diocese de Ponta Grossa. O Mistério Pascal se faz presente nas obras, com a mesma relevância que o Pecado Original, os Patriarcas e a vida Oração, com os mesmos 5%. Os diminutos 2% que tratam dos Sacramentos do Batismo, Confirmação, Unção, Matrimônio e Ordem demonstram que este assunto pode ter uma relevância somente na questão de saber quais são, não sendo necessário um maior aprofundamento.

O apelo presente no documento *Catequese Renovada* (1983) por uma catequese bíblica e cristocêntrica se mostra presente nas temáticas, o que demonstra a acolhida de tal direcionamento do episcopado brasileiro, ao notarmos que 19% dos encontros estão relacionados ao ministério de Jesus, sua vida e pregação. Contudo, ainda está em defasagem a acolhida da dimensão celebrativa da catequese. A face de Cristo que se mostra está ligada ao uso da Palavra de Deus, mas também daquele Cristo legislador, que reina por meio de leis e decretos.

Essa tônica não se mantém na década seguinte, como se vê no Gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3 – Quantificação das temáticas em relação aos encontros (2005 – 2015)

Fonte: os próprios autores, 2023.

A preponderância do conhecimento da Vida de Jesus, suas pregações e milagres continua, mas as celebrações litúrgicas assumem inquestionavelmente um lugar nos materiais analisados. Também o Mistério Pascal e o conhecimento dos Sacramentos assumem uma maior relevância. Já as temáticas que envolvem a História da Salvação (Patriarcas, Juizes, Profetas, Mandamentos) diminuem a sua influência.

Isso demonstra-se pelas porcentagens de 19% dos encontros destinados a compreender a vida e ensinamentos de Jesus, bem como seu Mistério Pascal totalizando 7%. As celebrações litúrgicas (14%) ganham maior destaque nos materiais, indicando a necessidade de integrar a catequese com a vida comunitária, conforme as indicações presentes pelo *Itinerário Catequético* (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA, 2014). Os conteúdos que remetem aos antigos catecismos, como Mandamentos, orações, diminuem sua relevância, o que pode indicar uma face de Cristo mais próxima de seu povo.

Assim, as faces de Jesus apresentadas preponderantemente nesse período são marcadas por uma dimensão mistagógica, voltada à celebração de seu Mistério Pascal. É um convite a todas as crianças a participar do banquete do Cordeiro. Essas faces não são descoladas das Escrituras, que ainda continuam o que se iniciou em 1983 com o *Catequese Renovada*.

Considerações finais

A catequese revela diversas faces de Jesus, sendo que em dados momentos se apresenta uma face de Jesus distante da vida das pessoas, burocratizada e dogmatizada em

exagero, em outros momentos mostra-se a face de Jesus próximo e que é expressão do amor de Deus. Essa segunda via, pode ser mais interessante para a formação dos catecúmenos, pois assim podem reconhecer a Jesus e se comprometerem com os ensinamentos da fé.

Papa Bento XVI, na Carta Encíclica *Deus caritas est*, conduz uma reflexão pertinente sobre o amor a Deus e ao próximo a partir de uma questão: “é possível amar a Deus, mesmo sem O ver?” (BENTO XVI, 2006, n. 16). É possível, mas isso exige amar o próximo, pois o outro revela o rosto de Deus, “o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e que fechar os olhos diante do próximo torno-os cegos também diante de Deus”. Deus não nos é totalmente invisível. Jesus é a face de Deus (cf. Jo 14,9). O amor é a máxima expressão da face de Deus-Jesus. Mas que demanda um caminho de catecumenato para gradualmente ter expressão visualizada.

O caminho de Emaús (Cf. Lc 24,13-35) é uma bela analogia do caminho catequético. Nele só se reconhece a face de Jesus após ser por ele acolhido, ter o coração ardendo por conhecer sua Palavra e celebrar com Ele. Ao reconhecer o seu rosto, o sujeito transborda de si para o outro, numa saída em missão. Isso só pode ocorrer num processo catequético que apresente a face amorosa e amiga de Jesus. Segundo Pagola (2014), o relato dos discípulos de Emaús sugere um processo de reavivamento da fé em Jesus Cristo, escutando com Ele o Evangelho (aprofundamento da fé) e celebrando com Ele a Eucaristia (liturgia).

Catequese como cultura da proximidade, do encontro e do diálogo deve ser marcada pela superação de uma sociedade marcada pela globalização da indiferença para a revolução do cuidado como admoesta o papa Francisco. Os bispos do Brasil, pelas diretrizes da ação evangelizadora, oferecem pistas para como se deve estimular a formação dos cristãos:

Iniciação à Vida Cristã e Palavra de Deus estão intimamente ligadas. Uma não pode ocorrer sem a outra”. Os processos de Iniciação e também a formação dos agentes evangelizadores precisam levar em conta as etapas que lhe são próprias: o querigma, o catecumenato, a purificação-iluminação e a mistagogia. Assim, esse itinerário, fundamentado na Sagrada Escritura e na Liturgia, é capaz de educar para a escuta da Palavra, para a oração pessoal e para o compromisso comunitário e social. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS NO BRASIL, 2019, n. 90).

Os materiais de catequese, especialmente aqueles editados após 2005, tendem a apresentar cada vez mais essa ligação entre a Iniciação à Vida Cristã e as Escrituras, como vimos na preponderância dessas duas temáticas. As temáticas ainda ligadas a apresentar leis e até uma burocratização da fé estão cedendo espaço para o anúncio do Mistério Pascal. Cada vez mais, o caminho catequético está se afastando dos normativos, que se constituem portões e travas, para apresentar um caminho Pascal, celebrativo e dentro de uma comunidade de fé que leve ao banquete do Cordeiro.

REFERÊNCIAS

- ALVES DE LIMA, Luiz. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias**: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo: Paulus, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BENTO XVI. **Deus caritas est**. São Paulo: Paulus/ Loyola, 2006.
- BRUSTOLIN, Leomar A. **A mesa do pão**: iniciação à Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CALANDRO, Eduardo; LEDO, Jordélio Siles. **Catequese com crianças**. Volumes 1 e 2. Goiânia, Goiás: Scala, 2015.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2ª Edição. Miraflores: DIFEL, 2002.
- COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. **Itinerário Catequético**. Brasília: CNBB, 2014.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: CNBB, 2006.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Iniciação à Vida Cristã**: um processo de inspiração catecumenal. Brasília: CNBB, 2009.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese Renovada**. 39 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2019-2023. Brasília: CNBB, 2019.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *AD GENTES*. In **Compêndio do vaticano II**: constituições, decretos e declarações. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *SACROSANCTUM CONCILIUM*. In **Compêndio do vaticano II**: constituições, decretos e declarações. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
- CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*. In **Compêndio do vaticano II**: constituições, decretos e declarações. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968.
- DEFILIPPO, Lydia das Dores. **Venham cear comigo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- DIOCESE DE JOINVILLE. **Nossa vida com Jesus**. São Paulo: Paulus, 2013.
- DIOCESE DE OSASCO. **Livro do catequista**: fé, vida, comunidade. São Paulo: Paulus, 1994.
- DIOCESE DE PONTA GROSSA. **Sementes de esperança**. 13 ed. São Paulo: Ave-Maria, 1999.
- DIOCESE DE PONTA GROSSA. **Sementes de vida**. 12 ed. São Paulo: Ave-Maria, 1999.
- DIOCESE DE PONTA GROSSA. **Sementes de esperança** (novo formato). 1 ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.
- DIOCESE DE PONTA GROSSA. **Sementes de vida** (novo formato). 1 ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.
- DIOCESE DE PONTA GROSSA. **Sementes de comunhão** (novo formato). 2 ed. São Paulo: Ave-Maria, 2014.
- DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade. **A construção escolar de comunidades de leitores**: leituras do manual de português. Coimbra: Almedina, 2000.
- DONZELLINI, Mary. **Segundo livro do catequizando**. São Paulo: Paulus, 2011.

DONZELLINI, Mary. **Primeiro livro do catequizando**. São Paulo: Paulus, 2012.

ESPEJA, Jesús. **Para compreender los sacramentos**. 8 ed. Pamplona, Espanha: Verbo Divino, 2002.

LEMARCHAND, Michel; SERENO, Maria Zélia Marques Pereira dos Santos. **Jesus Cristo: ontem, hoje e sempre**. Volumes 1 e 2. São Paulo: Ave-Maria, 1995.

NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. **Iniciação à Eucaristia**. São Paulo: Paulinas, 2008.

PAGOLA, Jose Antonio. **Grupos de Jesús**. Madrid: PPC Editorial, 2014.

PAIVA, Vanildo de. **Catequese e liturgia: duas faces do mesmo mistério**. São Paulo: Paulus, 2008.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual de Iniciação Cristã de Adultos**. São Paulo: Paulus, 2014.

SOUSA, Sandra Regina de; PULIER, Tania Ferreira. **Creio na alegria**. Volumes 1 e 2. São Paulo: Paulus, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES DE ENSINO RELIGIOSO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS INICIAIS, A PARTIR DE UMA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS

Magno de Carvalho Xavier. Mestre em Ciências das Religiões - UFPB, Especialista em Estudos Judaicos e Filosofia da Religião, graduado em Teologia (bacharelado) e Filosofia (licenciatura).*

RESUMO

A pesquisa tem por objeto a Formação Continuada de Professores(as) para o Ensino Religioso. Para isso, apresentaremos o projeto adotado pela Rede Salesiana Brasil de Escolas para o Ensino Religioso, que culminou na formulação de documentos sobre a disciplina, na criação da coleção de livros didáticos, que se coloca como coerente com a BNCC e no Ciclo de Formação Continuada realizado pela Rede, entre os anos 2020 e 2022. O material didático *Nautas*, para os anos iniciais do Fundamental, foi a principal referência utilizada no Ciclo formativo para os docentes da área, por isso, será analisado em nosso trabalho. Utilizamos a pesquisa bibliográfica a fim de analisarmos algumas obras de autores que tratam do tema da Formação Continuada de docentes, dentre eles, Francisco Imbernón e especialistas que pesquisam o tema do Ensino Religioso, segundo a BNCC, dentre eles, Sérgio Junqueira. Ao apresentar a experiência realizada na Rede Confessional Salesiana com o Ensino Religioso, espera-se contribuir para a reflexão sobre a importância da Formação Continuada de Docentes, na perspectiva da BNCC.

Palavras-Chave: Ensino Religioso; Formação Continuada; BNCC; Livros Didáticos *Nautas*.

ABSTRACT

The object of the research is the Continuing Training of Teachers for Religious Education. To this end, we will present the project adopted by the Rede Salesiana Brasil de Escolas para o Ensino Religioso, which culminated in the formulation of documents on the discipline, the creation of the collection of textbooks that is considered coherent with the BNCC and the Continuing Training Cycle carried out by the Network, between the years 2020 and 2022. The *Nautas* teaching material, for the initial years of Elementary School, was the main reference used in the training cycle for teachers in the area, therefore, it will be analyzed in our work. We used bibliographical research in order to analyze some works by authors who deal with the topic of Continuing Training for teachers, including Francisco Imbernón and specialists who research the topic of Religious Education, according to the BNCC, including Sérgio Junqueira. By presenting the experience carried out in the Salesian Confessional Network with Religious Education, it is hoped to contribute to the reflection on the importance of Continuing Teacher Training, from the perspective of the BNCC.

Keywords: Religious Education; Continuing Training; BNCC; *Nautas* Textbooks.

Introdução

O tema da Formação Continuada é amplo e diverso, faz parte do cotidiano de todo profissional, especialmente dos docentes que, frequentemente, precisam avaliar o seu *modus operandi* em sala de aula. Tal exercício “não se constrói em alguns anos de curso, nem mesmo pelo acúmulo de cursos, técnicas e conhecimentos, mas pela reflexão coletiva do trabalho, de sua direção, seus meios e fins, antes e durante a carreira profissional” (SILVA, 2011, p.15).

* E-mail: magnocarvalhosdb@gmail.com

O Ensino Religioso (ER) aparece na BNCC como um currículo de base científica e parte constitutiva das ciências humanas, estando fundamentado nas Ciências da Religião. Como qualquer outra disciplina, para que o ER cumpra o seu papel, faz-se necessário um(a) profissional preparado(a) para assumir tal disciplina escolar, contudo, um desafio presente no cenário brasileiro é a falta de formação dos(as) professores(as) na área das Ciências da Religião.

Ao analisar a formação dos(as) docentes de ER da rede municipal de João Pessoa, PB, os professores Dra. Danielle Ventura e Dr. Marinilson Barbosa (2020) chegaram à conclusão de que,

estudos recentes demonstram que a maioria dos(as) professores(as) do ER não tem graduação em Ciências das Religiões e contam exclusivamente com a formação continuada para ampliar seus horizontes e repensar suas práticas pedagógicas. (PINHEIRO e SILVA, 2020, p. 327).

Dessa forma, nota-se a importância da Formação Continuada para os docentes da área de ER.

Nesta perspectiva, a Rede Salesiana Brasil de Escolas (RSB-Escolas), entre os anos de 2020 e 2022, reuniu centenas de professores(as), de dezenas de escolas do Brasil, para o ciclo de formação, com quatro cursos on-line, sobre o ER. As principais referências para tais momentos, foram a coleção de livros didáticos “Nautas” para o Ensino Fundamental, anos iniciais, a BNCC e a Matriz de Referência para o ER da RSB-Escolas.

Portanto, a presente pesquisa tem por objeto de estudo o tema da Formação Continuada de Professores(as) para o Ensino Religioso. Para alcançar o nosso objetivo:

1. Analisaremos o Ciclo de Formação Continuada de Docentes organizado pela RSB-Escolas entre os anos 2020 e 2022, realizado a partir do estudo da coleção de livros didáticos Nautas.
2. Visto que a coleção didática foi a principal referência utilizada durante o curso, por meio da pesquisa documental, examinaremos o material didático Nautas (para o fundamental, anos iniciais), que se propõe estar alinhado com a perspectiva da BNCC.
3. Uma vez que *locus* onde aconteceu o ciclo de formação foi a RSB-Escolas, faz-se necessário apresentar como a RSB-Escolas compreende o ER e qual o seu projeto para a disciplina.

Por meio deste artigo, espera-se contribuir para a reflexão sobre o valor da formação continuada de docentes de ER e da importância da compreensão desta disciplina, segundo a BNCC. A pesquisa quer ser um estímulo para que as escolas (públicas e confessionais) invistam na formação continuada dos seus/suas professores(as) e ofereçam espaços de discussão sobre a relevância de um ER de viés científico e não proselitista, promotor de diálogo e comunhão entre os diferentes.

A formação continuada de docentes

O pedagogo espanhol, Francisco Imbernón (2010), define formação continuada de professores(as), nos seguintes termos:

toda intervenção que provoca mudanças no comportamento, na informação, nos conhecimentos, na compreensão e nas atitudes dos professores em exercício. Segundo os organismos internacionais, a formação implica a aquisição de conhecimentos, atitudes e habilidades relacionadas ao campo profissional. (IMBERNÓN, 2010, p. 115).

Assim, a formação continuada compreende desde cursos acadêmicos, tais como pós-graduações ou extensões, até momentos formativos de curta duração, tais como encontros pedagógicos, congressos etc. Trata-se da atualização da formação inicial do/a docente que visa aprofundar os saberes e teorias relacionados com a sua prática profissional.

A formação continuada de docentes, enquanto proposta política sistematizada, é uma realidade recente em nosso país. O parágrafo primeiro do artigo 11 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 5.692, de 11 de agosto de 1971, destacou que: “os estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus funcionarão entre os períodos letivos regulares para, além de outras atividades [...] desenvolver programas de aperfeiçoamento de professores e realizar cursos especiais de natureza supletiva” (BRASIL, 1971, art. 11). No entanto, faltava um decreto que regulamentasse o modo de realização desses momentos formativos, o que deixou aberta a condição de variadas interpretações e, conseqüentemente, de ações (MELO; SANTOS, 2020, p. 91).

A partir da década de 80, surgiram outras iniciativas de caráter de formação continuada, mas foi com a LDB n. 9.394 de 1996 que fez avançar uma série de disposições, no intuito de valorizar a formação dos profissionais da educação. A LDB de 1996 destacou a responsabilidade, por parte da União, Distrito Federal, Estados, municípios e instituições de educação básica e superior, na formação inicial, pedagógica e continuada dos docentes (MENEZES, 2001).

Pouco antes da LDB nº 9.394/96, foi criado em 26 de setembro 1995, o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER), sendo uma:

associação civil de direito privado, de âmbito nacional, sem vínculo político-partidário, confessional e sindical, sem fins econômicos, que congrega, conforme seu estatuto, pessoas jurídicas e pessoas naturais identificadas com o Ensino Religioso, sem discriminação de qualquer natureza. (FONAPER).¹

Dentre as valiosas contribuições do FONAPER para o ER no Brasil, podemos citar a

¹ Portal do FONAPER. Disponível em: <https://fonaper.com.br/institucional/#apresentacao>. Acesso em 01.nov.2023.

o Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter:

I - confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável, ministrado por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou

II - interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa (BRASIL, 1996).

O artigo 33 trazia alguns problemas, dentre os quais, “confirmou esse ensino ‘sem ônus para o Estado’. O corpo docente deveria trabalhar de forma voluntária ou financiada pelas tradições religiosas”. (JUNQUEIRA; CORRÊA; HOLANDA, 2007, p. 37), o que provocou protestos no setor educacional em todas as partes do Brasil. A pressão destes grupos, especialmente o FONAPER, resultou na modificação da redação do artigo 33 da LDB de 96, pela redação contida na Lei nº 9.475 de 22 de julho de 1997. Com a alteração, o artigo 33 ficou da seguinte maneira:

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. (BRASIL, 1997).

Assim, com a lei nº 9.475 de 1997, o ER passou a ser responsabilidade do estado e não mais de Igrejas e/ou grupos religiosos. O FONAPER também foi responsável pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PNCER), em 1997, nos quais apresenta a história do ER no Brasil e os critérios de organização e seleção de conteúdos necessários para a disciplina. A partir dos PNCER o FONAPER promoveu cursos de formação para os(as) professores(as) de ER e resultaram em 12 Cadernos do curso de extensão na área de ER à distância.

Outros grupos e associações de docentes foram criados com o objetivo de operacionalizar momentos de formação continuada sobre o ER. Dentre essas iniciativas, podemos destacar a “Rede Nacional de Formação continuada de Professores”, criado em 2004 e a “Rede Nacional de Formação de Profissionais da Educação” (RENAFOR), em 2009. Um acontecimento recente e significativo acerca do tema foi a Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020, que institui a Base Nacional Comum para a Formação continuada de

Professores da Educação Básica (BNC-Formação continuada).² Segundo o artigo 4º da Resolução citada,

a Formação continuada de Professores da Educação Básica é entendida como componente essencial da sua profissionalização, na condição de agentes formativos de conhecimentos e culturas, bem como orientadores de seus educandos nas trilhas da aprendizagem, para a constituição de competências, visando o complexo desempenho da sua prática social e da qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2020).

Ao analisar a situação da formação continuada de professores(as) de ER, na rede municipal de João Pessoa, PB, os professores Pinheiro & Silva destacam que:

estudos recentes demonstram que a maioria dos professores do Ensino Religioso não tem graduação em Ciências das Religiões e contam exclusivamente com a formação continuada para ampliar seus horizontes e repensar suas práticas pedagógicas. Além disso, os professores não têm um livro didático adotado pela rede municipal para dar o mínimo de norteamto adequado para cada turma ao ministrarem seus conteúdos. A falta de formação inicial na área e da adoção de um livro didático nos faz observar que este componente curricular se encontra em desvantagem total aos demais, já que a formação continuada é necessária para todos os professores e não pode ser o único subsídio. (PINHEIRO & SILVA, 2020, p. 327).

O surgimento de grupos e associações, bem como outras iniciativas de formação continuada para professores(as) de ER, reforçaram a necessidade de uma sólida formação para esses profissionais. A falta de compreensão sobre a identidade do ER, pode gerar confusão e adoção de modelos catequéticos e doutrinários. Atualmente, o ER, segundo a BNCC, encontra-se desvencilhado da confessionalidade e baseado na pluralidade cultural. Quando o(a) professor(a) não está alinhado(a) a essa perspectiva, poderá distorcer o real objetivo da disciplina e impactar negativamente na vida dos estudantes.

O Compêndio de Ciência da Religião, no verbete sobre o ER, recorda que “a Ciência da Religião é a área que constituirá os fundamentos para o ensino religioso orientar seu conteúdo e sua forma no processo da educação” (JUNQUEIRA, 2013, p. 609). A escolha da Ciência das Religiões como referência para o ER, deu ao cientista das religiões a incumbência de administrar a disciplina, visto que o mesmo possui as ferramentas conceituais necessárias.

Por isso, a formação continuada é essencial para fortalecer a área do ER. Cada momento formativo deve ser carregado de experiências, onde os(as) professores(as) têm a oportunidade de avaliarem a sua prática profissional e aprofundar o conhecimento da disciplina. Foi nesta intenção que a RSB-Escolas promoveu o ciclo de formação continuada, realizado entre os anos 2020 e 2022.

² Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-27-de-outubro-de-2020-285609724>. Acesso em 02.nov.2022.

O ensino religioso na RSB-Escolas: memória e caminho

Diferente das escolas públicas, mantidas pelo Poder Público, existem escolas “privadas, assim entendidas as mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado” (BRASIL, 1996, art. 19). Tal escola pode “qualificar-se como confessionais, atendidas a orientação confessional e a ideologia específicas” (BRASIL, 1996, art. 19). É nesta perspectiva que a escola Católica se insere. A escola confessional católica possui uma filosofia própria, sendo dirigida por uma autoridade eclesiástica competente ou por alguém delegado por ela. A educação, neste cenário, deve inspirar-se nos princípios da doutrina católica.

Segundo Terezinha & Valéria (2021),

Confessionalidade é a opção institucional a uma crença ou ideologia própria ou de algum grupo que manifesta valores, moral, ritos, crenças. Ser uma instituição confessional significa então, adesão explícita a determinado corpo doutrinário perante a sociedade, buscando ser coerente com o *modus operandi* anunciado. A Escola Católica caracteriza-se por um “projeto educativo em que harmonicamente se fundem a fé, a cultura, a vida”. (ROCHA; LEAL, 2013, p. 76).

O ER na RSB-Escolas, assim como na maioria das escolas católicas, “perpassa toda a escolarização dos alunos, isto é, vai da Educação Infantil até o Ensino Médio. Trata-se de uma distinção da escola pública, que por sua vez, preconiza tal componente curricular apenas no Ensino Fundamental (I e II)” (XAVIER, 2023, p. 67). A seguir, faremos memória do caminho realizado pela RSB-Escolas na reflexão sobre o ER e o projeto assumido pela Rede.

Memória do caminho realizado a partir de 2016

Em 2016, a RSB-Escolas desenvolveu uma pesquisa envolvendo as escolas vinculadas a Rede, com o objetivo de identificar os elementos de pertencimento e compreensão dos conceitos religiosos dos(as) professores(as), alunos, famílias e gestores pertencentes às escolas da RSB-Escolas. Tal empreendimento permitiu uma radiografia de como era compreendido o ER pelas escolas da RSB-Escolas (JUNQUEIRA; PIRES, 2016, p. 3).

Segundo XAVIER (2023),

a partir da análise dos dados coletados (pesquisa qualitativa) e estudo destes perfis, buscou-se compreender melhor a relação que estabeleciam com o pertencimento e o conhecimento religioso. Após esse trabalho inicial, foram definidas estratégias de ação junto às escolas, enfatizando sobretudo a orientação às famílias e o acompanhamento dos docentes acerca das características e objetivos do ER. Tal empreendimento também visou conscientizar os gestores das escolas acerca de como estavam identificando, considerando e tratando das ações religiosas nas instituições pelas quais eram responsáveis (JUNQUEIRA; PIRES, 2016, p. 3). (XAVIER, 2023, p. 67-68).

O período de realização da pesquisa foi de 29 de agosto a 30 de setembro de 2016, por meio do *link* que dava acesso ao formulário do *Google Docs*. O resultado da pesquisa converteu-se num material valioso que serviu de base para a reflexão acerca de como os integrantes da comunidade escolar lidavam com o fenômeno religioso. Na época, a RSB-Brasil contava com 80.663 estudantes desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio, responderam à pesquisa 2.317 estudantes, 1.096 pais ou responsáveis e 327 professores(as) de ER que atuam no Ensino Fundamental e Ensino Médio da RSB-Escolas, o documento contendo as respostas dos(as) professores(as) somam 202 páginas. (LABORATÓRIO DE AVALIAÇÃO E PESQUISA DA RSB, 2016).

O questionário enviado aos professores(as) de ER, foi organizado em cinco núcleos, resumidos abaixo.

- A) PERFIL – Identificação ampla dos pesquisados como: a localização geográfica, faixa etária, sexo e estado civil.
- B) FORMAÇÃO – escolaridade: formação na graduação específica para o ensino religioso, cursos de especialização, distinção dos cursos que realizou e estratégias para a sua formação continuada no campo dos estudos de religião.
- C) ATUAÇÃO – jornada de trabalho: tempo de atuação como professor, tempo na escola salesiana e finalizando as dificuldades para atuar com o ensino religioso.
- D) CONTEÚDO E METODOLOGIA – como o professor trata o tema da religião, sobre sua reação ao ser questionado sobre a questão de religião; como o docente se envolve sobre este tema quando os estudantes solicitam uma orientação pessoal; como são escolhidos os conteúdos para a organização curricular, quais os critérios que são considerados para escolhas de temas – textos e estratégias e também foi solicitada qual a proposta metodológica que os professores assumem em seu cotidiano.
- E) PASTORAL – inicialmente foi solicitado o conceito de evangelização, sobre o que e como é realizado, o Planejamento de Pastoral; finalmente se a escola a que ele está vinculado precisa de algum apoio no campo da Pastoral. (JUNQUEIRA; PIRES, 2016, p. 16).

É importante destacar sobre a formação dos docentes responsáveis pela disciplina de ER, a pesquisa apresentou que 72.5% dos docentes afirmaram que não tiveram em seu curso de graduação nenhuma disciplina específica sobre o ER e 65.4% dos respondentes afirmaram não terem participado de nenhum curso específico sobre o ER (cf. XAVIER, 2023, p. 70). Sobre o curso específico na área de ER, “somente 5 fizeram graduação ou especializações em Ciência das Religiões, e 22 mencionaram algum curso de extensão ou especialização que fez referência direta ao ER” (XAVIER, 2023, p. 70). O restante dos entrevistados,

citaram cursos de teologia ou aprofundamento numa área da teologia, por vezes oferecidos por alguma comunidade/associação católica, sem o devido reconhecimento acadêmico ou sem a presença de formadores(as) capacitados(as) na área à frente, fato que pode evidenciar a falta de clareza da especificidade do componente curricular em questão, bem como dos pressupostos epistemológicos e metodológicos do ER (XAVIER, 2023, p. 70).

Sobre a forma como o/a docente procura tratar o tema Religião em sala de aula, de

as respostas caminham na direção de uma abordagem ampla, científica e respeitosa, contudo nas entrelinhas percebe-se o viés fortemente catequético, como se pode perceber nas seguintes respostas: “Tendo como princípio fundamental a Revelação Cristã e o respeito pela liberdade religiosa de cada aluno”; “Através da minha vivência, naquilo que acredito de positivo, nas minhas convicções e pontos de vista e repasso aos meus alunos”; “De forma tranquila, com enfoque nos ensinamentos do nosso Senhor. Pensando que dentro do ambiente de sala de aula existem crianças de outras religiões” (XAVIER, 2023, p. 72).

Todas “as respostas dos questionários foram analisadas e sintetizadas num relatório de 578 páginas, que serviu para nortear os trabalhos sobre o tema nos anos seguintes” (XAVIER, 2023, p. 73). O relatório intitulado: *Identidade Contextual: Pesquisa sobre o pertencimento e concepção religiosa de: estudantes, famílias e professores da Rede Salesiana de Escolas*, foi organizado e enriquecido com reflexões sobre o ER pelo professor, Dr. Sérgio Rogério Azevedo Junqueira e resultou no “Caderno de Estudos de ER”³, publicado no ano de 2018, enviado para todas as escolas da RSB-Escolas, com o objetivo de ser estudado pelos gestores e professores(as) e disponibilizado às famílias. No mesmo ano, foi publicada a Matriz de Referência para o ER da RSB-Escolas⁴.

Um caminho assumido: o projeto para o Ensino Religioso na RSB-Escolas.

A partir da análise dos questionários percebeu-se “a falta de clareza a respeito dos pressupostos do ER e certa confusão que se fazia entre o componente curricular, a Pastoral Escolar e a catequese” (XAVIER, 2023, p. 74). A pesquisa de identidade religiosa foi o primeiro passo, entre os anos 2016 e 2019 o grupo de trabalho, além de elaborar a Matriz para o ER e o Caderno de Estudos, “organizou mapas dos conteúdos aplicando a Matriz para o ER da RSB-Escolas, acompanhou todo o processo de elaboração do livro didático nautas para o Ensino Fundamental - anos iniciais e sistematizou o ciclo de formação continuada de 2020 até 2022” (XAVIER, 2023, p. 75).

Ao longo deste processo, o grupo de trabalho intensificou o diálogo com as comunidades escolares e a partir da escuta e partilhas, concluiu que seria necessário a elaboração de um “projeto capaz de alcançar não apenas os docentes de ER, mas outros agentes envolvidos, especialmente as coordenações, os envolvidos com a Pastoral Escolar e os gestores/inspetores” (XAVIER, 2023, p. 76).

Para a fundamentação do projeto do ER, levou-se em consideração, dentre outros, os seguintes documentos: a LDB de 1996/97, especialmente o artigo 33, o acordo Brasil-Santa Sé de 2010, a Resolução nº 7 de 14 de dezembro de 2010, as Diretrizes Curriculares

³ REDE SALESIANA BRASIL DE ESCOLAS. Caderno de Estudos – Ensino Religioso. Cisbrasil, Brasília, 2018.

⁴ REDE SALESIANA BRASIL DE ESCOLAS. Matriz de Referência para o Ensino Religioso na Rede Salesiana Brasil de Escolas. Cisbrasil, Brasília, 2018.

Nacionais para o curso de licenciatura em Ciências da Religião de 2018, a Matriz de Referência para o ER da RSB-Escolas e a adoção e estudo da BNCC que compreende o ER como uma rica possibilidade,

do(a) estudante adquirir ferramentas necessárias para uma leitura de mundo mais ampla, por meio da reflexão acerca do conhecimento religioso. Tal ampliação de horizontes permite perceber o fenômeno religioso, não apenas nas cerimônias religiosas, mas na própria estrutura social, nos discursos políticos, no universo simbólico de grupos etc. Dessa forma, o sujeito compreende a si mesmo imerso numa teia de relações simbólicas, sendo despertado para a curiosidade de conhecer o outro (alteridade), instigado a pensar criticamente, respeitar as diferenças e fomentar uma cultura de paz (XAVIER, 2023, p. 60).

A BNCC considera o ER como uma das cinco áreas do conhecimento e esclarece que o “conhecimento religioso, objeto da área de Ensino Religioso, é produzido no âmbito do conhecimento científico na Ciência da Religião” (BRASIL, 2018, p. 436). Segundo o documento, “cabe ao Ensino Religioso tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção” (BRASIL, 2018, p. 436). Dessa forma, “confirma que o profissional capacitado para a área em questão é o cientista da religião, como também, sendo o conhecimento religioso o objeto da área, não há espaço para o proselitismo na sala de aula, mas de questões de conhecimento que envolve a diversidade religiosa” (XAVIER, 2023, p. 63).

O ER na BNCC possui três unidades temáticas, a saber: 1. Identidades e alteridades; 2. Manifestações religiosas e 3. Crenças religiosas e filosofias de vida. Cada unidade possui objetos de conhecimento e habilidades específicas que, ao longo da educação fundamental, vão sendo retomados como numa forma de espiral ascendente, aprofundando os temas relacionando-os com outras áreas do conhecimento (interdisciplinaridade) e ampliando os horizontes do estudante.

A concepção do ER presente na BNCC não é proselitista ou catequética, pois tem o conhecimento religioso por objeto de estudo. Trata-se de reler o mundo, percebendo o fenômeno religioso presente no tecido social e como o mesmo influencia a vida em sociedade. Assim, “trata-se de uma leitura a partir da escola (e de todos os elementos que a compõe) e não de uma determinada religião ou confissão de fé” (XAVIER, 2023, p. 65). Para isso, faz-se uso de uma abordagem didático-pedagógica e do conhecimento fenomenológico.

Após a primeira etapa, deu-se início o processo que culminou na elaboração da Coleção Nautas (Fundamental – anos iniciais), Coleção Rotas (Fundamental – anos finais) e Coleção Passaporte (em construção). Assim, a RSB-Escolas pretende traçar um percurso formativo que contribua na formação integral do estudante.

O material didático: coleção Nautas

O material didático trabalhado no ciclo de formação continuada para os/as professores(as) de ER, realizado entre os anos 2020-2022, foi a coleção Nautas para o ER – anos iniciais do Ensino Fundamental. O intuito foi de apresentar uma proposta de livro didático que estivesse em sintonia com o que preconiza a BNCC, sendo também um subsídio norteador para os docentes e um material didático de qualidade para os/as estudantes da RSB-Escolas.

O material didático para o Ensino Fundamental - anos iniciais é ilustrativo com inúmeras imagens de momentos celebrativos, símbolos religiosos, lugares e outros elementos que expressam o universo religioso dos grupos descritos na coleção. Não se utiliza de linguagem proselitista. Percebe-se na coleção a preocupação em apresentar a diversidade de tradições religiosas. A organização do material didático é funcional e clara. Os conteúdos

contemplam as diversidades cultural e religiosa e estimula o diálogo inter-religioso, numa perspectiva de paz e enriquecimento cultural. O material busca a leitura das diversas culturas e de como elas interferem nas ações do ser humano e na sociedade. Há uma preocupação com a metodologia didático-pedagógica, que leva em consideração a faixa etária e cognitiva dos estudantes e o nível de escolaridade do grupo (XAVIER, 2023, p. 85).

Sendo o ER por natureza um componente que dialoga com outras áreas do conhecimento e disciplinas, percebe-se a preocupação com a interdisciplinaridade, “ligada às trocas entre as diferentes formas de conhecimento e também entre professores, alunos e profissionais da educação” (EDITORIAL EDEBÊ, 2021). Há um cuidado de preservar uma atitude neutra perante a diversidade religiosa, aquilo que pode ser denominado de “agnosticismo metodológico”, ou seja, “o estudo não normativo das religiões, para evitar juízo de valor pessoal, hierarquização entre religiões e/ou opiniões de ‘verdades’ religiosas” (EDITORIAL EDEBÊ, 2021). A equipe editorial apresenta o material didático como:

Um recurso para olhar as tradições religiosas como um conjunto cultural e um universo de ideias, mitos, ritos, artes, visões de mundo e ser humano. É um recurso que permite compreender os elementos essenciais e básicos sobre a diversidade religiosa, de maneira a educar para um mundo sem preconceitos, fundamentado na dinâmica do respeito. (EDEBÊ, Livro do professor, 2020, p. 9).

A organização do livro é lúdica, tendo como proposta a ideia de uma viagem com elementos próprios de uma navegação. A equipe editorial apresenta a estrutura do livro, bem como os recursos didático-pedagógicos da seguinte maneira:

TODOS A BORDO: Esta seção tem o objetivo de conduzir o aluno, de forma contextualizada, ao tema e ao conteúdo a ser estudado no capítulo, com base na leitura das imagens de abertura. Com questões orais referentes ao tema do capítulo, é possível avaliar os conhecimentos prévios do aluno e desenvolver suas competências de conhecimento, de repertório cultural, de comunicação, de cidadania e/ou de argumentação.

SONAR: Promove o protagonismo do aluno por meio de reflexões e atividades interativas e/ou concretas, que podem ser realizadas individualmente, em dupla ou em grupo, auxiliando na ampliação e construção do conhecimento. As atividades propostas envolvem experimentos, investigações, pesquisas, manipulação de materiais, entre outros recursos, desenvolvendo as competências do conhecimento e do pensamento científico, crítico e criativo, contando com os colegas e o professor como interlocutores.

INTERNAUTA: Esta seção utiliza recursos digitais (internet, editor de texto, software, game etc.) como instrumentos de apoio na aprendizagem, com os quais é possível desenvolver as competências do conhecimento, da comunicação e da cultura digital.

FAROL: Apresenta textos de terceiros, músicas, imagens ou obras de arte com questões orais, escritas ou de produção, de maneira a aproximar o conhecimento dos aspectos culturais e religiosos. Por meio dessa seção, é possível desenvolver, principalmente, as competências de conviver e respeitar a diversidade de pensamentos, de convicções, de modos de ser e viver, de crenças e afins.

REGISTO DE VIAGEM: O objetivo desta seção é colaborar na fixação de conteúdo, na análise de progressão da aprendizagem e na autoavaliação do aluno. Por meio de atividades contextualizadas, desenvolvem-se, principalmente, as competências do conhecimento, do autoconhecimento e da autorresponsabilidade, além de diversificar com todas as demais competências.

ÂNCORA: A proposta desta seção é encerrar o capítulo retomando os conceitos estudados, de forma sistematizada. Essa sistematização deve ser preenchida pelo aluno para a sua finalização, com a supervisão do professor, permitindo o desenvolvimento, principalmente, das competências do conhecimento e do autoconhecimento. Ao final desta seção, podem ser encontradas sugestões de livros, revistas, músicas, museus, filmes ou documentários referentes ao tema estudado. Além das seções que trabalham habilidades e competências específicas, as obras da coleção Nautas trazem boxes que ajudam a orientar as sequências didáticas e proporcionam momentos lúdicos aos alunos.

BÚSSOLA: Logo no início de cada capítulo, a Bússola indica o que será estudado. Assim, os alunos desenvolvem competências gerais, como autorresponsabilidade e autogestão, repertório cultural, comunicação e cidadania; além, é claro, de iniciar sua jornada pelos temas e conhecimentos propostos. (EDITORIAL EDEBÊ, Livro do professor, 2020, p. 24-27).

A coleção Nautas é uma tentativa de efetivar a BNCC. O material promove ricas interações entre o/a docente e o/a discente, sendo uma porta de acesso para inúmeras possibilidades de conhecimento acerca do universo religioso. Não se trata apenas de um recurso didático-pedagógico ou de uma fonte de pesquisa que se resume ao aspecto cognitivo do estudante, mas de um material que visa promover interações, debates e construção de conhecimentos afetivos e efetivos na vida do sujeito.

Sabemos que a quantidade de religiões abordadas em sala de aula ou descritas num material didático não garante necessariamente a adoção de uma postura dialógica durante a aula, nem tampouco um esquema de aula presente num livro didático garantirá o alcance do objetivo que se pede o componente curricular. Também não é a mera exposição de como cada disciplina escolar compreende o fenômeno religioso, que garante a interdisciplinaridade. Tudo dependerá da abordagem do(a) professor(a), e por isso, dentre outros fatores, a

O ciclo de formação continuada

Já destacamos que a formação continuada de professores(as) contribui diretamente para uma educação de qualidade e a qualificação do profissional. Num mundo em constante mudança, repleto de transformações sociais que impactam diretamente o modelo de ensino-aprendizagem, “a formação continuada de docentes surge como uma instância necessária, capaz de garantir não apenas a qualificação profissional, mas a reelaboração de saberes e a compreensão mais apurada da realidade”. (XAVIER, 2023, p. 17).

Tendo conhecido e refletido sobre o perfil do professorado da RSB-Escolas, por meio da pesquisa realizada em 2016, formulado o Caderno de Estudos e Matriz de Referência para o ER na Rede, em 2019 coube ao Grupo de Trabalho da Rede articular o Ciclo de Formação Continuada que estivesse concomitante a implantação e recepção da coleção de livros didáticos Nautas, a fim de favorecer diálogos profícuos e acompanhar os docentes em suas aulas.

Assim, aconteceu os 4 cursos que fazem parte do Ciclo de Formação Continuada 2020-2022, proposto pela RSB-Escolas, como parte de um projeto de ER “ancorado na BNCC e na Matriz do Ensino Religioso da RSB-Escolas que visa corroborar para que os estudantes desenvolvam competências e habilidades que favoreçam o respeito pela alteridade e a capacidade de conviver pacificamente com a diversidade” (XAVIER, 2023, p. 101).

Para a organização do Ciclo de Formação Continuada, levou-se em consideração:

1. **Os dados da pesquisa “Identidade Contextual” realizada em 2016.** Como já vimos, a pesquisa evidenciou a necessidade, por parte dos professores e gestores, da Formação Continuada como caminho de esclarecimento pedagógico e epistemológico do ER.
2. **A necessidade apontada pelos professores, de um material didático** que contribuísse para atuação docente e que estivesse coerente com os pressupostos epistemológicos e metodológicos do ER;
3. **Os documentos** que norteiam o ER, em especial a BNCC para o ER e a Matriz de Referência para o ER da RSB-Escolas e a BNCC;
4. **A necessidade do acompanhamento dos(as) professores(as)** na utilização do material didático (coleção Nautas) e da criação de espaços de socialização das experiências docentes para construção de novos saberes. (XAVIER, 2023, p. 101).

Foi disponibilizado um fórum, a partir dos temas trabalhados, onde os participantes puderam compartilhar ideias e esclarecer dúvidas. Muitas das referências citadas nos encontros, dentre elas: artigos acadêmicos, vídeos documentários e ilustrativos, sugestões de músicas e dinâmicas, foram disponibilizadas no ambiente virtual.

XAVIER (2023) sintetiza os cursos da seguinte maneira:

O primeiro curso intitulado: Formação Ensino Religioso (Coleção Nautas) foi realizado às quartas-feiras das 19h30 às 20h30, entre o período de 19/10 a

27/11/2020 (totalizando 6 encontros). Teve como objetivo capacitar os educadores para o trabalho com os novos livros de Ensino Religioso da Coleção Nautas, apresentar a proposta do ER contida na BNCC e ouvir os feedbacks dos professores a respeito do material didático, bem como suas dúvidas, inquietações e considerações.

O segundo curso, intitulado: Fundamentos Conceituais e Propostas Metodológicas para o Ensino Religioso no Ensino Fundamental – anos iniciais, foi realizado nos dias 16/03, 30/03, 13/04, 27/04, 04/05 e 11/05/2021, totalizando 6 encontros, das 19h30 às 20h30. Teve como objetivo sistematizar e aprofundar os objetos de conhecimento dos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua aplicação metodológica.

O terceiro curso, intitulado: Fundamentos Conceituais do Ensino Religioso para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais (Coleção Nautas), foi realizado nos dias 08/03, 15/03, 22/03, 26/04, 28/04, 03/05, 05/05, 10/05 e 12/05/2022, totalizando 9 encontros, das 19h30 às 20h30. Teve como objetivo promover aprofundamentos conceituais dos objetos de conhecimento abordados nos livros de ER da Coleção Nautas (1º a 5º anos).

O quarto curso, intitulado: Propostas Metodológicas para o Ensino Religioso no Ensino Fundamental Anos Iniciais – Coleção Nautas, foi realizado nos dias 09/08, 23/08, 30/08 e 13/09/2022. Teve como objetivo, promover partilhas e ampliar o repertório de propostas metodológicas para o trabalho com os livros de Ensino Religioso da Coleção Nautas (1º a 5º anos), consolidando assim o percurso realizado (XAVIER, 2023, 103).

O primeiro curso do Ciclo Formativo, acontecido em 2020, buscou refletir com os(as) professores(as) sobre a proposta da Coleção de livros didáticos Nautas, como também escutar o feedback sobre o material. No ano seguinte, fez-se a implantação da coleção e o curso serviu para acompanhar os(as) professores(as), esclarecer as dúvidas e rever determinados conceitos. Em 2022 foram realizados dois cursos, um em cada semestre, tendo o primeiro “o objetivo de aprofundar os fundamentos conceituais e o segundo com o objetivo de consolidar a coleção e favorecer a partilha de experiências por parte dos docentes” (XAVIER, 2023, 103).

Abaixo segue o Planejamento geral do Ciclo de Formação Continuada:

Tabela 1: Planejamento geral do Ciclo

NÍVEL 01 PREPARAÇÃO	CURSO 01 (12 horas) 21 de outubro a 25 de novembro – 2020 Fundamentos do Ensino Religioso/ Matiz da RSB Organização dos livros Nautas	História do Ensino Religioso Função Social do Ensino Religioso Estrutura de conteúdos para o Ensino Religioso Ciência de referência Fundamentos pedagógicos para o Ensino Religioso Pressupostos metodológicos do Ensino Religioso Avaliação do Ensino Religioso
NÍVEL 02 APROFUNDAMENTO	CURSO 02 (12 horas) 15 de março a 15 de maio – 2021 Metodologia e Fundamentos CURSO 03 (30 horas) 08 de março a 12 de maio – 2022 Fundamentos Conceituais	Objetivos e Competências do Ensino Religioso Unidades Temáticas Conteúdo e Metodologia do Primeiro ano Conteúdo e Metodologia do Segundo ano Conteúdo e Metodologia do Terceiro ano Conteúdo e Metodologia do Quarto ano Conteúdo e Metodologia do Quinto ano Princípios da Base Nacional Comum Curricular Interdisciplinaridade Tradições Religiosas Fundamentos do Primeiro ano Fundamentos do Segundo ano Fundamentos do Terceiro ano Fundamentos do Quarto ano Fundamentos do Quinto ano
NÍVEL 03 CONSOLIDAÇÃO	CURSO 04 (08 horas) 09 de agosto a 13 de setembro – 2022 Propostas Metodológicas	Fundamentos metodológicos Metodologias Ativas Metodologia aplicada ao Primeiro ano Metodologia aplicada ao Segundo ano Metodologia aplicada ao Terceiro ano Metodologia aplicada ao Quarto ano Metodologia aplicada ao Quinto ano
TOTALIZAÇÃO	04 Cursos + Trabalho final 62 horas + 18 horas = 80 horas	

Fonte: elaborada pelo formador do Ciclo de formação continuada 2020 – 2022, professor Dr. Sérgio Junqueira, encontra-se disponível no ambiente virtual do Curso.

O Ciclo de formação continuada foi uma oportunidade para os docentes reverem a práxis e as ferramentas utilizadas em sala de aula e aprofundarem os temas relacionados ao ER, partilhando saberes e construindo novos paradigmas. O ciclo formativo deixou o apelo de que o diálogo seja adotado como postura de vida, buscou esclarecer, “que o ambiente escolar não é uma trincheira religiosa, mas espaço de construção de conhecimentos que visa ampliar experiências e desenvolver as várias dimensões que compõem o ser humano” (XAVIER, 2023, p. 106).

O Ciclo teve como principal objetivo,

não apenas promover uma atualização para os/as educadores(as) acerca das questões referentes ao ER (sua história, desdobramentos, atual configuração presente na BNCC, metodologia etc.), mas contribuir para uma sociedade mais justa e solidária, onde as diferenças não sejam consideradas uma ameaça, mas expressão da beleza presente na humanidade. Os temas refletidos ao longo dos cursos favoreceram, para muitos(as) professores(as), o confronto com a realidade, a mudança de paradigmas e a revisão de suas concepções e metodologias em torno do ER (XAVIER, 2023, p. 108).

Como vimos, boa parte do professorado vinculado à RSB-Escolas não tinha a formação específica na área do ER e das Ciências da Religião, sendo o ciclo de formação continuada o lugar privilegiado para ressignificar seus conceitos e revisar a *práxis* educativa. É possível perceber os frutos dos cursos, por meio do *feedback* recebido dos(as) professores(as) e demais agentes envolvidos no cotidiano escolar.

Considerações finais

Por meio desta pesquisa, conhecemos o percurso que a RSB-Escolas assumiu ao adotar o ER como preconiza a BNCC. Tal itinerário resultou num rico material de aprofundamento, dentre os quais merece destaque, a coleção de livros didáticos Nautas, subsídio utilizado pelos(as) professores(as) e pelos estudantes e o Ciclo de Formação Continuada para os docentes de ER vinculados à Rede. Tais elementos foram frutos de anos de estudo, partilha e escuta dos agentes envolvidos com a disciplina.

O presente trabalho está inconcluso e aberto, tendo possibilidades de caminhos para a sua continuidade. Além do material didático Nautas, para os anos iniciais do fundamental, podemos analisar em outra pesquisa, o material didático de ER Rotas, para o Ensino Fundamental, anos finais, ou ainda a coleção passaporte, material didático de ER, que está sendo utilizado no Ensino Médio. Tais coleções, de forma semelhante à coleção Nautas, apresentam-se como propostas para um ER científico, dialógico e fomentador de respeito e tolerância, sendo possível sua utilização tanto na esfera confessional quanto na pública.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional no 105/2019**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.

_____, **Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 1996.

_____, **Resolução CNE/CEB 7/2010**. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 34.

_____, **Resolução CNE/CP 5/2018**. Diário Oficial da União, Brasília, 31 de dezembro de 2018, Seção 1, pp. 64 e 65

EDITORIAL, Edebê. **Estrutura do projeto de ensino religioso**. Brasília: Edebê Brasil, 2022.

FONAPER. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1997.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (org); PIRES, Margarete Wollenhaupt Simões (Estatística). **Identidade contextual**. Pesquisa sobre o pertencimento e concepção religiosa de: Estudantes, famílias e professores da Rede Salesiana de Escolas Compreensão sobre o Ensino Religioso e Pastoral Escolar de Gestores e Inspetores/as das Inspeções Salesianas. Versão 01. EDÊBE, Brasília, 2016.

_____, Sergio Rogério Azevedo. **Ciência da religião aplicada ao ensino religioso**. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

MAUX, Suelly (Orgs). **A Religião em suas diversas faces: história, educação e teorias**. João Pessoa: CCTA, 2019.

PINHEIRO, Danielle Ventura de Lima; SILVA, Marinilson Barbosa. **O Papel do professor de Ensino Religioso**.

_____, Danielle Ventura de Lima; SILVA; Marinilson Barbosa da. **A atuação do grupo de estudo e pesquisa “FIDELID/UFPB” na formação continuada do ensino religioso: a**

dimensão do sagrado na BNCC e do respeito à diversidade religiosa na rede municipal de João Pessoa. Religare, 2020,

REDE SALESIANA BRASIL DE ESCOLAS. **Matriz de Referência para o Ensino Religioso na Rede Salesiana Brasil de Escolas.** Brasília: Cisbrasil, 2018.

ROCHA, Terezinha Sueli de Jesus; LEAL, Valéria Andrade. Identidade Confessional. *In: In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; LEAL, Valéria Andrade; RIAL, Gregory. (orgs.). Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação Básica na Escola Católica.* Brasília: CNBB/ Petrópolis: Vozes, 2021.

XAVIER, Magno de Carvalho. **A Formação Continuada de Docentes de Ensino Religioso para o Ensino Fundamental (anos iniciais) a partir da coleção de livros didáticos Nautas.** Dissertação de Mestrado, UFPB, 2023.

Sites

_____, **Documento da Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: anexo_texto_bncc (mec.gov.br).

_____, **Portaria nº 1.328, de 23 de setembro de 2011.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9940-portaira-1328-2011&category_slug=fevereiro-2012-pdf&Itemid=30192.

Portal FONAPER. Disponível em: <https://fonaper.com.br/institucional/#apresentacao>.

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS PARA O ENSINO RELIGIOSO NA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO: UMA EXPERIÊNCIA PARA A PANDEMIA E PARA A VIDA

Deise Rose Neiba da Cruz Souza. Professora de Ensino Religioso da Rede Estadual no estado do Rio, de Janeiro, Especialista em Ensino Religioso pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST), em São Leopoldo, RS. Especialista em Docência do Ensino Superior e Educação Profissional na Escola Superior de Teologia (Faculdades EST) e graduanda de Ciências da Religião na Escola Superior de Teologia (Faculdades EST).*

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar os conteúdos sistematizados e organizados em forma de Orientação de Estudos como recurso (s) didático (s) ao componente curricular Ensino Religioso, adotados no planejamento de continuidade de aulas pela rede estadual de ensino no Estado do Rio de Janeiro (Seeduc/RJ), no contexto pós isolamento social da pandemia da Covid-19. Tais recursos didáticos são de experiência autoral de professores e reúnem uma curadoria de materiais disponíveis no sítio eletrônico da Seeduc, apresentados por apostilas, podcast e vídeos, evidenciando o desafio do uso das tecnologias digitais como ferramentas no processo ensino-aprendizagem. As estratégias pedagógicas por meio do Ensino Remoto Emergencial, visavam a garantir a aprendizagem, diminuindo a distância provocada pelo isolamento e estimulando os discentes para o protagonismo em seus estudos.

Palavras-chave: Educação, Ensino Remoto Emergencial, Experiência.

ABSTRACT

This article aims to analyze the systematized and organized content developed to be used as a didactic resource to the curricular component Religious Education. The material was used – in the context of social isolation due to the COVID-19 pandemic - to ensure the continuity of the Religious Education classes in the public schools that the government (State of Rio de Janeiro) is responsible for. The didactic resources were used after this social distancing period in the form of study guidance. They are a collection of materials that are available on the Internet, which are presented in different formats such as books, podcasts and videos, highlighting the challenge of the use of digital technologies as tools in the teaching-learning process. Due to the fact that schools were closed throughout the pandemic, the pedagogical strategies during the Emergency Remote Education aimed to make students become protagonists of their studies.

Keywords: Education, Emergency distance learning, Experience.

Considerações Iniciais

Os processos de ensino e de aprendizagem, como toda a humanidade, foi profundamente abalado pela pandemia da Covid-19. As consequências ainda serão sentidas por toda uma geração. Educar a distância revelou-se uns dos maiores desafios a todas as instâncias educacionais. Na alfabetização da criança, o foco estava no desenvolvimento das linguagens e das habilidades sociais, cognitivas e motoras. Nos anos finais, o foco estava no desenvolvimento da autonomia do estudante. Portanto, cada série em suas especificidades apresentavam novos e diferentes obstáculos a serem enfrentados, desde a gestão escolar, as orientadores (as) pedagógicas, professores (as), discentes, pais, responsáveis e sociedade. Além disso, os objetivos da aprendizagem a serem alcançados e a melhoria da qualidade do ensino criavam expectativas diversas ao ambiente educacional.

* E-mail: drneiba@gmail.com

Por conta do isolamento social a que fomos submetidos, a estratégia pedagógica só poderia acontecer com o uso das novas tecnologias e das ferramentas digitais. As ações de planejamento, coordenação e monitoramento das atividades foram reorganizadas em reuniões virtuais como continuidade do trabalho docente durante a suspensão das aulas presenciais. Na sequência, as aulas foram adaptadas ao modo remoto por meio de videoaulas gravadas e/ou online. Sem esquecer das escolas que, em razão de inequações de infraestrutura escolar e domiciliares, e que de acordo com pesquisa da Fundação Abrinq¹ são 2,6 mil escolas públicas do Brasil, estavam impossibilitadas de estratégias de ensino não presenciais.

Com as pressões provocadas pelo momento pandêmico, as dúvidas eram inúmeras e as respostas dadas às diversas situações, ao menos na gestão educacional, foram de maneira superficial. Acredita-se que a EaD (Educação à Distância) seria a resposta mais adequada, porém ideal e real provaram ser dimensões bem distintas. E a realidade das famílias e dos estudantes brasileiros revelaram nesta relação um abismo digital e tecnológico, frente à necessidade de sobrevivência destas famílias. Observaram-se, ainda, equívocos em relação à EaD e ao Ensino Remoto Emergencial, quais as competências e especificidades de cada um. Ocorreram de forma online e urgente momentos formativos e esclarecedores entre gestão, docentes e profissionais da área da Tecnologia da Informação. Por isso, considera-se relevante apresentar o conceito de Ensino Remoto Emergencial (ERE) no qual os conteudistas se apoiaram, segue abaixo:

O ERE é uma mudança temporária na forma de ensinar, utilizando uma modalidade alternativa de transmissão de conhecimento devido a circunstâncias críticas. Envolve a utilização de soluções educacionais para um ensino totalmente remoto que seria, em outra situação, transmitido em formato presencial ou híbrido, e que retornará àquele formato assim que a crise for controlada. (MARCON,2020, p.95)²

No artigo intitulado *Ensino remoto não é EAD (Educação a Distância), e nem homeschooling*, em sua plataforma digital, a Associação Nova Escola³, organização sem fins lucrativos, elenca as principais características desta forma de ensino:

- Medida extraordinária e temporária, restrita à pandemia;
- Professores e alunos localizados em espaços distintos;
- Pode ser mediado ou não pela tecnologia;
- Inclui a adaptação do programa presencial à situação remota;

¹ ENTENDA COMO A PANDEMIA IMPACTOU A EDUCAÇÃO NO BRASIL. **Fundação Abrinq**, 2021. Disponível em:< <https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-como-a-pandemia-impactou-a-educacao-no-brasil>>. Acesso em 20-out-2023.

² MARCON, Nathália; REBECHI, Rozane R. A diferença entre ensino remoto emergencial e ensino a distância. Debate Terminológico. ISSN: 1813-1867, n. 18, p. 92-100, 2020.

³ A Associação Nova Escola é uma organização de impacto social sem fins lucrativos que trabalha para o Brasil ter professores da Educação Básica fortalecidos em suas práticas, contribuindo para a melhoria da aprendizagem e do desenvolvimento dos estudantes. Criada em 2015 com o apoio de sua mantenedora, a Fundação Lemann, a Associação é herdeira da revista de mesmo nome, nascida em 1986 na Fundação Victor Civita. Hoje, a Nova Escola é uma plataforma digital que produz reportagens, cursos autoinstrucionais, formações, planos de aula e materiais educacionais para fortalecer os professores brasileiros e é acessada por cerca de 3,1 milhões de pessoas por mês.

- A escola acompanha e apoia o estudante;
- Utilizado por todos os níveis de ensino, durante a pandemia, para viabilizar a continuidade do processo pedagógico.⁴

Rio de Janeiro – uma experiência durante a pandemia

A Rede Estadual do Rio de Janeiro ocupava no ano de 2020, o 3º lugar no ranking nacional de número de alunos, com aproximadamente de 3,2 milhões de alunos e 185 mil educadores e educadoras, que precisaram se adaptar rapidamente às necessidades da educação, diante do afastamento social e da suspensão das aulas presenciais. Ensinar e aprender dentro de um novo modelo educacional intermediado pela tecnologia não foi apenas desafiador, mas sobretudo revelador das realidades educacionais, sociais e econômicas, que enfrentavam (e enfrentam) professores, alunos e famílias. Considera-se ainda, uma das principais desconformidade entre o ERE e o ensino no formato presencial: a limitação da interação entre alunos (as) e professores, pois esses não estão no mesmo espaço físico, que comprovadamente faz toda diferença a aprendizagem.

Apesar de vivermos em contexto da chamada “era digital”, a implantação do ERE encontrou diversos obstáculos, dentre eles, o despreparo das Instituições para prover esta modalidade de ensino, falta de acesso às ferramentas digitais, igualmente ao acesso à internet por parte de professores e alunos, a dificuldade de os professores lidarem com o ambiente virtual, a dispersão dos alunos em casa, a evasão escolar e o aumento das desigualdades.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE 4,3 milhões de estudantes entraram na pandemia sem acesso à internet, destes, 4,1 milhões eram alunos da rede pública. E ainda na pesquisa mencionada anteriormente, a Fundação Abrinq revelou a desigualdade na distribuição do acesso a rede de internet pelos estabelecimentos públicos. A ausência do acesso à internet é a realidade de 38,2% das escolas na região Sudeste, fazendo com que as estratégias e ferramentas para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem utilizassem de materiais impressos para a retirada na escola. Evidencia-se, portanto, a necessidade de reduzir em caráter de urgência tal realidade, pois as desigualdades educacionais contribuem para a exclusão e agravamento das injustiças sociais, bem como a adequação dos modelos de educação, que mediados pela tecnologia (e já o são em grande parte), e renovados constantemente, produzirá novas formas de colaboração ao processo de ensino-aprendizagem.

Apesar dos impactos da pandemia na educação, as crises também geram oportunidades de ressignificação de diversos ambientes, sobretudo, o educacional. É fundamental uma revisão, a partir dos jovens e dos desafios que se impõem a eles na próxima década. Significa, inclusive, apresentar-se por metodologia que estimule a criticidade, a

⁴ <https://novaescola.org.br/conteudo/20374/ensino-remoto-nao-e-ead-e-nem-homeschooling>. Acesso em 11/10/23.

criatividade, a resolução de problemas, a valorização das múltiplas inteligências, a coletividade, a alteridade e o respeito ao diferente. Uma das oportunidades a partir dessa apropriação digital é abertura de novas perspectivas aos estudantes, com relação a profissões do futuro. E mais, sendo 'obrigados' a utilizar os dispositivos móveis como ferramentas de estudo e não como meio de entretenimento, os jovens começaram a realmente desenvolver outras e novas habilidades voltadas à aprendizagem, adquirindo assim maior autonomia, isso claro, aos que perseveraram.

A Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc-RJ) escolheu como recurso didático de apoio à continuidade das aulas no ano de 2021, o uso de um aplicativo que fosse capaz de chegar ao maior número de alunos possível. Tal organização contou com equipes técnicas, a saber, uma especializada em Tecnologia de Informação (TI), e outra equipe em audiovisual, bem como professores de todas as áreas e para todos níveis escolares, ou seja, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio Regular, Educação de Jovens e Adultos EJA, nas etapas do fundamental e nos módulos do médio, inclusive DIESP (Unidades Prisionais Socioeducativas). Os professores agrupados por disciplinas e séries, foram responsáveis pela elaboração de apostilas, podcasts e vídeos dos conteúdos curriculares.

Intitulado com o nome de **Applique-se RJ** o aplicativo é apresentado na seguinte maneira: aplicativo móvel, na modalidade de licenciamento SaaS (Software como Serviço), para transmissão de aulas ao vivo e gravadas, comunicação entre docentes e estudantes e acesso aos conteúdos disponibilizados pela Secretaria de Estado de Educação do Estado do Rio de Janeiro - Seeduc/RJ, com recursos viabilizados para isenção de dados de internet móvel para conteúdos patrocinados:



Logomarca do App da Seeduc - RJ⁵

O Applique-se, **plataforma digital da rede estadual**, permite ao usuário navegar dentro do app **sem o consumo de pacote de dados graças à navegação patrocinada cedida pela Seeduc**. No entanto, para usufruir de tal benefício é necessário um chip ativo de dados móveis. Não é necessário ter crédito, mas o chip precisa estar ativo. **É válido ressaltar que, para baixar o aplicativo e realizar o primeiro acesso, é necessário que o usuário esteja conectado a partir do seu plano de dados ou Wi-Fi**. Dentro do app, o estudante tem acesso a mais de 6,5 mil materiais pedagógicos, entre videoaulas, podcasts e

⁵ <https://yt3.googleusercontent.com-no-rj>

orientações de estudo. **A secretaria ressalta que há uma diferença entre não gastar dados e navegar sem o uso de internet.** O Applique-se é o **aplicativo de ensino remoto** da rede estadual fluminense. Ele oferece a estudantes e professores conteúdos digitais como: videoaulas, podcasts e material de apoio para estudos e atividades. Todas as disciplinas dos Ensinos Fundamental, Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) **estão ali e a navegação é gratuita.** O app também tem funções de videoconferência e chat, **importantes para a troca** entre os educadores e suas turmas.⁶

Pelo exposto, o aplicativo visava a garantir o acesso aos estudantes com um custo bem reduzido, para baixar o aplicativo, com navegação gratuita, ou seja, sem consumo do pacote de dados. E destaca-se o papel importante das funções de videoconferência e chat para a interação (ausentes até então) entre professores e alunos.

Ensino Religioso

Nas orientações de estudos elaboradas para o aplicativo da rede estadual RJ, o componente curricular Ensino Religioso (ER) foi incluído nas etapas do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio Regular, uma vez que, nas escolas estaduais o ER, se faz presente também no Ensino Médio.

Sob a supervisão da professora Maria Beatriz Leal da Silva - Assessora de Ensino Religioso da Secretaria de Estado de Educação - Seeduc/RJ- foram responsáveis pela elaboração dos conteúdos do ER as professoras: Deise Rose Neiba da Cruz, Olinda Martins Messias, Letícia Marques Bessa e Rosiane Paes Silva, todas pertencentes ao quadro de profissionais da Educação estadual do Rio de Janeiro.

Será tratado a seguir como os conteúdos curriculares foram utilizados dentro do Applique-se RJ com relação ao ER.

As orientações de estudos do Ensino Religioso constavam de uma apostila com 5 (cinco) temas, 1(um) podcast para cada tema e 1 (um) vídeo-resumo dos temas, cuja composição foi utilizada para cada bimestre e séries específicas. Assim, cada série, ao longo do ano letivo, contou com 4 (quatro) apostilas, 20 (vinte) podcasts e 5 (cinco) vídeos-resumos.

As orientações detalharam metas e objetivos para cada série em todos os bimestres, conforme modelo abaixo:

⁶ <https://www.seeduc.rj.gov.br/aplique-se>

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

COMPONENTE CURRICULAR: Ensino Religioso
ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS para Ensino Religioso
1º Bimestre de 2020 – 6º ano do Ensino Fundamental

META:

Compreender que a diversidade cultural reflete a diversidade religiosa que percebemos em nossa sociedade, uma vez que por meio da herança cultural, cada pessoa descobre o sagrado e procura nele um significado, levando a uma visão mais inclusiva e menos intolerante.

OBJETIVOS:

Ao final destas Orientações de Estudos, você deverá ser capaz de:

- Reconhecer as diferenças como características próprias de cada indivíduo ou cultura, como real fator de identidade e jamais como fator de exclusão;
- Manifestar atitudes de respeito, de cuidado e de responsabilidade com as diferenças individuais, culturais e religiosas coexistentes em nossa sociedade;
- Refletir sobre a importância de valorizar as diferenças individuais e, conseqüentemente, compreender o enriquecimento trazido por elas para o ambiente e sociedade em que vivemos;
- Constatar a semelhança e a diversidade entre as várias religiões e culturas e perceber-se como agente construtor de um mundo menos intolerante.

Tabela 1

Embora pareça pouco diante dos conteúdos utilizados na forma presencial, foi considerado entre tantos fatores, a necessidade de objetividade as aulas, como forma de contribuir para interação do aluno.

Fazendo um pequeno recorte em relação à essa objetividade, recorda-se que no ano de 2020 (quando começou a pandemia) fora utilizada a plataforma Google Sala de Aula, onde professores diariamente inseriam os conteúdos (por vezes longos), elaborados em vários formatos possíveis: textos diretos ou em pdf, vídeos, questionários online entre outros. Acreditava-se que online os alunos participariam mais 'ativamente', porém o que se constatou foi um distanciamento dos alunos por diversos fatores, um deles foi o consumo de dados, afetando as famílias em suas questões financeiras, além da falta de dispositivos como celulares, computadores e o já mencionado acesso à internet.

Dessa experiência, verifica-se, então, para que as orientações de estudo e o próprio aplicativo cumprissem sua finalidade de ser um recurso didático eficaz, os conteúdos oferecidos necessitavam de objetividade e clareza, visto que um conteúdo curto pode ser melhor absorvido, o que por certo garantiria melhores resultados para o momento.

Outro aspecto considerado e em função do distanciamento social é o de que os professores, a começar pelos do 6º ano de escolaridade, não tinham ciência dos

conhecimentos prévios de seus alunos, portanto como promover uma aprendizagem significativa. Como articular o que os estudantes sabiam com os conteúdos a serem abordados? Basicamente, decidiu-se por um percurso que integrasse os objetivos e as competências que formam o novo Ensino Religioso a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁷, conhecimentos religiosos em geral, a introdução de novos conteúdos de maneira equilibrada e que se distanciasse do caráter confessional a que lhe fora atribuído por diversas vezes.

Importa que na relação entre a BNCC e currículos e na forma de garantir as aprendizagens essenciais para a Educação Básica, está a ação *de selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender*.⁸ Em vista disto, na organização e elaboração dos conteúdos para a aula propriamente dita, buscou-se atender as competências específicas do Ensino Religioso para o Ensino Fundamental conforme abaixo:

- 2-Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
3. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.⁹

Igualmente foram observados os objetivos propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a saber:

- a) Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos;
- b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos Direitos Humanos;
- c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal;
- d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania.¹⁰

Outrossim, as experiências dos alunos e alunas, o conhecimento, a convivência e o mútuo respeito são de muita importância ao novo Ensino Religioso proposto, é o que se verifica nas competências estabelecidas ao mesmo pelo documento da BNCC:

1. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.
2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de

⁷ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em 01.09.23

⁸ BNCC, pág. 17.

⁹ BNCC, pág.433

¹⁰ BNCC pág. 434

- vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
3. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.
 4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.
 5. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.
 6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os Direitos Humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz¹¹

Pode-se perceber que a BNCC constituiu o Ensino Religioso de índole não só reflexiva, mas de construção dialogal com as alteridades, diversidades de crenças e pluralismo de ideias, intencionando a compreensão da cultura e pluralidade religiosas presentes em nossa realidade. Esta realidade exige que a educação seja organizada, planejada e executada com ênfase no e pelo respeito às diferenças.

Portanto, as orientações de estudo para o Ensino Remoto Emergencial, das escolas da Rede Estadual (Seeduc-RJ), foram elaboradas, tendo por fundamentos os objetivos, as competências e os novos paradigmas propostos ao Ensino Religioso em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular.

As informações das atividades, conteúdos, temas, recursos didáticos e metodologias das aulas preparadas para o componente Curricular Ensino Religioso nos Ensinos Fundamental e Médio para as escolas da rede estadual RJ, no contexto remoto, durante a pandemia da Covid-19, encontram-se conforme abaixo:

6º ano do Ensino Fundamental

1º Bimestre	Metas
Eu me identifico Respeito às diferenças A sala de aula Alteridade Religião e cultura	Compreender que a diversidade cultural reflete a diversidade religiosa que percebemos em nossa sociedade, uma vez que por meio da herança cultural, cada pessoa descobre o sagrado e procura nele um significado, levando a uma visão mais inclusiva e menos intolerante
2º Bimestre	Metas
O que é sagrado? Tradição escrita: registro dos ensinamentos. Respeite as crenças religiosas dos outros. Diversidade e inclusão Religiões do mundo: politeístas e monoteístas.	Compreender o significado do Sagrado nas diversas manifestações religiosas e culturais, sejam individuais ou coletivas e observar a semelhança e diversidade na compreensão desse significado, constatando que o respeito e a educação devem ser os agentes construtores de uma sociedade mais justa e ideal para todos.

¹¹ BNCC pág. 435

3º Bimestre	Metas
Transcendência e Transcender O Transcendente nas diferentes tradições religiosas O que é racismo religioso? Matriz Indígena Matriz Ocidental	Compreender que o sagrado não é patrimônio de apenas uma religião, mas herança de toda humanidade.
4º Bimestre	Metas
Matriz Oriental Matriz Africana A mulher nas organizações religiosas Práticas religiosas A força e a beleza do diálogo	Reconhecer a importância do diálogo e o conhecimento da cultura do outro para que haja uma relação de respeito entre as pessoas

7º ano do Ensino Fundamental

1º Bimestre	Metas
Identidade cultural de fé Cultura de paz e laços de solidariedade Cultura de paz e laços de solidariedade II A paz é o caminho Religiões no mundo	Conhecer, valorizar e respeitar as diversas manifestações religiosas, suas experiências e saberes, em diferentes tempos e culturas, de modo a assegurar os direitos humanos na busca constante da cultura de paz e da solidariedade.
2º Bimestre	Metas
Respeito à Diversidade Religiosa Matrizes religiosas no Brasil Religiosidade indígena Lugares Sagrados Símbolos e mito	Compreender as diversas tradições religiosas e culturais, individuais ou coletivas presentes em nossa história, como herança dos principais grupos étnicos que consolidaram nossa identidade cultural, traduzindo-se nas características multiculturais e plurais peculiares do povo brasileiro.
3º Bimestre	Metas
As regras de ouro das religiões A importância da empatia Ecumenismo e diálogo inter-religioso Religião e Ciência 1 Religião e Ciência 2	Compreender o universo plural de nossa identidade através das diferentes matrizes religiosas e culturais presentes em nossa história, apoiando-se em diálogos fraternos (ecumênicos e inter-religiosos) na construção de uma sociedade de respeito à diversidade.
4º Bimestre	Metas
Líderes religiosos que influenciaram a sociedade África de A a Z Religiosidade africana Já falei 10.639 vezes: Não ao preconceito Ubuntu	Compreender a riqueza de nosso universo plural, diverso e único, identificando-se como agente de transformação do meio em que vive, colaborando na construção de caminhos de diálogo, fraternidade e respeito.

8º ano do Ensino Fundamental

1º Bimestre	Metas
<p>O dilema de crescer</p> <p>O erro também é fonte de aprendizado</p> <p>Eu me amo</p> <p>O sagrado</p> <p>O valor da vida humana</p>	<p>Ressaltar a importância da religiosidade com foco no desenvolvimento humano, privilegiando a troca de experiências de diferentes pessoas e religiões inseridas no mundo moderno e, buscando através do autoconhecimento, a transcendência, a natureza, o respeito e, conseqüentemente, a missão humana de cada um no mundo de hoje.</p>
2º Bimestre	Metas
<p>Perdoar é se dar paz</p> <p>A humildade é o primeiro degrau para a sabedoria</p> <p>Empatia</p> <p>Amizade</p> <p>As três peneiras</p>	<p>Ressaltar a expressão de fé e os valores que formam a sua identidade pessoal, valorizando o espaço de diálogo e troca de conhecimentos.</p>
3º Bimestre	Metas
<p>Diversidade religiosa</p> <p>O que é religião</p> <p>Crenças religiosas e filosofias de vida</p> <p>Raízes religiosas: história, fatos, tradição.</p> <p>Ética religiosa</p>	<p>Fazer com que os estudantes reconheçam as relações entre fé e cultura, identificando a presença de elementos de religiosidade nas expressões culturais, tradições e costumes e, que percebam através das reflexões propostas pelas temáticas, que a condição dialógica do homem compreende a espiritualidade entendida como um mundo interior de significações e sentido.</p>
4º Bimestre	Metas
<p>Religiosidade Brasileira</p> <p>Matriz indígena</p> <p>Matriz Africana</p> <p>Consciência Negra</p> <p>Respeito ou tolerância: qual é a sua posição?</p>	<p>Ressaltar a importância da religiosidade com foco no desenvolvimento humano, privilegiando a troca de experiências de diferentes pessoas e religiões inseridas no mundo moderno e, buscando através do autoconhecimento, a transcendência, a natureza, o respeito e, conseqüentemente, a missão humana de cada um no mundo de hoje.</p>

9º ano do Ensino Fundamental

1º Bimestre	Metas
<p>Daqui só se leva o amor</p> <p>Símbolos religiosos</p> <p>Lugares Sagrados</p> <p>A experiência religiosa de cada um</p> <p>Conhecendo os Ritos Sagrados</p>	<p>Refletir sobre o significado dos símbolos religiosos, compreendendo que a humanidade crê em realidades que estão além de nosso mundo físico e constatar a diversidade religiosa por meio deles, reconhecendo-os como expressões de fé, a fim de que a humanidade caminhe no sentido do respeito ao sagrado das diversas manifestações religiosas existentes em nosso meio.</p>
2º Bimestre	Metas
<p>Conhecendo Ritos Sagrados</p> <p>Festas Religiosas</p> <p>Textos Sagrados Oraís</p> <p>Textos Sagrados Escritos</p> <p>Preceitos éticos- Regras de Ouro</p>	<p>Levar a conhecer alguns ritos sagrados, festas religiosas e textos sagrados orais e escritos no intuito de ressignificá-los como riqueza cultural e como importante forma de preservação de valores humanos em meio a toda diversidade religiosa disponível.</p> <p>Perceber ainda a importância da manutenção dos preceitos éticos que devem reger as relações</p>

	com essa diversidade, utilizando a regra de ouro como norte das ações entre elas.
3º Bimestre	Metas
Diversidade Religiosa Família e Solidariedade Humana Tradições religiosas, mídia e tecnologias Tradições religiosas, mídia e tecnologias Ecumenismo e Diálogo Interreligioso	Compreender que a diversidade religiosa é um direito constitucional e um patrimônio cultural, sendo uma importante forma de preservação de valores humanos e apresentar o diálogo inter-religioso como uma prática valorosa na construção da paz e do respeito para com as outras religiões.
4º Bimestre	Metas
Matrizes religiosas Brasileiras Matriz Indígena Matriz Africana O Dia da Consciência Negra no Brasil A possibilidade de um mundo melhor	Levar a conhecer o contexto histórico das matrizes religiosas brasileiras, a fim de que percebendo o valor que cada uma delas possui na constituição da cultura do povo brasileiro, o direito individual do livre exercício das diversas práticas religiosas seja respeitado, coibindo manifestações de intolerância religiosa.

Conferem-se nas orientações de estudo para o Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano de escolaridade, aspectos das relações fundamentais, refletindo as identidades de cada um e a partir desta alcançando a compreensão do necessário respeito a todas as pessoas em suas singularidades. Por isso, o conhecimento das manifestações religiosas torna-se relevante, pois elas expressam e caracterizam o Sagrado nas mais diversas culturas e sociedades. Ao abordar tais temáticas, o ER confirma-se como um componente responsável pela pluralidade religiosa, destacando-se pela capacidade de promover o diálogo entre os diferentes, a valorização das tradições religiosas e filosofias de vida, o reconhecimento e respeito as outras formas de crenças, favorecendo, portanto, a liberdade religiosa.

Vejamos as Orientações de Estudos para o Ensino Médio:

1ª Série Ensino Médio

1º Bimestre	Metas
A cultura da fé na sociedade que vivemos A alegria de ser do bem A responsabilidade da existência Perseverar e Transformar Perseverar e Transformar II	Compreender o significado do Ensino Religioso para a vida na totalidade, pois um ser humano mais consciente de sua religiosidade pode contribuir muito para a melhoria das relações humanas e no combate dos inúmeros tipos de intolerância.
2º Bimestre	Metas
O Todo do meu Ser A árvore De onde viemos Ser e estar Ética e Reciprocidade	Compreender a importância do Ensino Religioso na valorização do diálogo e convivência entre os alunos em suas diferentes crenças ou não crenças, respeitando suas trajetórias pessoais na construção de uma sociedade melhor.
3º Bimestre	Metas

<p>Ética e cidadania: entendendo os conceitos</p> <p>Que país é esse?</p> <p>O bem, um verdadeiro amigo!</p> <p>Nossos direitos e nossos deveres</p> <p>Qual escola temos e qual escola queremos ter?</p>	<p>Dimensionar os conceitos de ética e cidadania nas esferas pública e privada, como aspectos fundamentais para uma vida plena de dignidade, respeito e consciência em uma sociedade democrática.</p>
4º Bimestre	Metas
<p>Laicidade: uma palavra plural</p> <p>Racismo Religioso</p> <p>Manifestação religioso e sua diversidade</p> <p>O que cabem em seu todo? Nossa humanidade</p> <p>Hora de entender: a diferença de preconceito, racismo e discriminação</p>	<p>Compreender a variedade de manifestações religiosas presentes em nossa sociedade e sua diversidade cultural, uma vez que, por meio da herança cultural histórica, cada pessoa descobre o sagrado e procura nele um significado, ou não, levando a uma visão de respeito, amor, fraternidade e empatia.</p>

2ª Série Ensino Médio

1º Bimestre	Metas
<p>A importância de Crescer e Aparecer</p> <p>Sentimentos e Atitudes</p> <p>Solidariedade em ação</p> <p>Não julgar, antes, compreender I</p> <p>Não julgar, antes, compreender II</p>	<p>Reconhecer mudanças e amadurecimentos pessoais assumindo suas responsabilidades em diversos âmbitos.</p> <p>Compreender a importância das atuações pessoais e coletivas em sociedade.</p>
2º Bimestre	Metas
<p>Fé e Razão I</p> <p>Fé e Razão II</p> <p>Fé e Questões Contemporâneas I</p> <p>Fé e Questões Contemporâneas II</p> <p>Esperança</p>	<p>Compreender a importância do Ensino Religioso na valorização do diálogo e convivência entre os alunos em suas diferentes crenças ou não crenças, respeitando suas trajetórias pessoais na construção de uma sociedade melhor.</p>
3º Bimestre	Metas
<p>Direito e diversidade</p> <p>Bem viver</p> <p>Solidariedade</p> <p>Gratidão</p> <p>Poeme-se</p>	<p>Contribuir para a promoção de uma consciência crítica e amorosa como algo complexo e plural para a nossa humanização, entendendo que a educação precisa ser fonte de oportunidade de direitos e valorização da nossa</p> <p>diversidade singular, individual, múltipla, coletiva e histórica.</p>
4º Bimestre	Metas
<p>Juventude: transformações, conflitos e questionamentos.</p> <p>Discernimento e tradições religiosas</p> <p>Religiões de matriz africana</p>	<p>Apresentar aspectos, sobre alguns temas universais, vivenciados na juventude, tais como, transformações e questionamentos próprios da idade, sabendo que, grande parte dessas questões deveriam ser transformadas</p>

Hoje: um presente do tempo Vida- um caminho que se projeta	em discussões, mas com frequência, são silenciadas ou pouco abordadas socialmente, embora sejam assuntos de suma importância para a compreensão consciente de todos.
---	--

3ª Série Ensino Médio

1º Bimestre	Metas
Convivência humana Há um por que para existirmos Comportamento e Ética Autoestima e o bem Autoestima e o bem (cont.)	Refletir sobre o processo inicial de construção de sua identidade, dos outros e da vida, contribuindo para sua formação.
2º Bimestre	Metas
Diversidade é riqueza A Diversidade Religiosa no Brasil Laicidade Ensino Religioso nas Escolas Liberdade Religiosa	Reconhecer e valorizar as diferenças garantindo as relações fraternas entre as pessoas. Reconhecer o direito de Liberdade e escolhas individuais.
3º Bimestre	Metas
O que é ética e moral? Cidadania e sociedade A ética nas tradições religiosas Os valores religiosos nas culturas Compromisso social nas tradições religiosas	Compreender a ética sob a perspectiva religiosa.
4º Bimestre	Metas
Construir o sonho de felicidade: O que é ser feliz? Construindo um projeto de vida A tradição religiosa no projeto de vida Fé e projeto de vida Responsabilidade e persistência	Compreender, analisar e construir um projeto de vida, tendo como base as orientações das tradições religiosas.

Analisando os temas para o Ensino Médio e, diante de uma sociedade plural como a nossa, sobressaem como princípios norteadores do componente: a laicidade, a diversidade, o preconceito e a intolerância religiosa, a ética, os conhecimentos religiosos, as tradições e valores como o bem, a gratidão, a autoestima, o respeito e a solidariedade.

Esses princípios, que foram contemplados nas orientações elaboradas pelos docentes da Seeduc/RJ, permitiram abertura a diferentes possibilidades e reflexões e, por isso, tendiam à construção de uma realidade nova, de valorização da vida, pelo respeito à liberdade de crer e não crer, pleno dos Direitos Humanos pelo reconhecimento da alteridade e das múltiplas

expressões das tradições religiosas, propondo em sintonia com a BNCC, uma cultura de diálogo e paz.

Considerações Finais

A crise instaurada pela pandemia da Covid-19, que impactou a todos indistintamente, fez surgir a necessidade de ressignificação das práticas educacionais pela adoção de novas modalidades de ensino, como o Ensino Remoto Emergencial, contribuiu para o fortalecimento do Ensino a Distância. Ambos foram compreendidos por novas perspectivas e impulsionaram os sistemas educacionais a tornarem-se mais abertos e inovadores, adotando mais recursos tecnológicos e fornecendo subsídios suficientes para o engajamento dos discentes em seus processos de ensino-aprendizagem. Professores e professoras também foram compelidos ao aperfeiçoamento do manejo das tecnologias de informação e comunicação, a fim de aprenderem o suficiente para utilização das ferramentas digitais voltadas para o aprendizado. A discussão sobre as metodologias remotas e da Educação a Distância ratifica a importância e o uso delas para além da situação emergencial, ou seja, contempladas em novos planejamentos e modelos educacionais, objetivando a aprendizagem significativa dos estudantes. Tornou-se indispensável repensar a formação dos novos docentes, bem como a atualização dos que atuam na práxis docente.

A elaboração deste material, conteúdos, apostilas, podcast e vídeos representou grandes desafios, mas também demonstrou um avanço e inovação junto as propostas metodológicas, qualificando-os como um valioso recurso didático. Sabe-se que as aulas de Ensino Religioso são de matrícula facultativa ao aluno, e de oferta obrigatória para as instituições de ensino público (Art. 33, da Lei n.º 9475/9)¹². Entretanto, tratando-se de um aplicativo, o componente poderia ser acessado (e foi) por muitos, inclusive os não optantes do Ensino Religioso, pois esta capacidade de alcance supera em muito o modelo de aulas presenciais. E para aquele momento pandêmico foi crucial para a continuidade das aulas. E ainda mais, não há professores de Ensino Religioso em boa parte das escolas estaduais, portanto, o componente também chegou àqueles que nunca tiveram aulas do ER. Outro fator foi o preconceito com o componente; muitos o desconheciam e, mesmo assim, acreditavam ser de conteúdos confessionais e que contribuía diretamente para o crescimento da intolerância religiosa. Portanto, o acesso irrestrito às orientações de estudo permitiu dissolver em parte a imagem confessional mencionada.

É fundamental destacar que o Fonaper – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso, (*associação civil sem vínculo político-partidário que atuou e atua na perspectiva de*

¹² BRASIL. Lei Nº 9.475, de 22 de julho de 1997. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9475.htm> Acesso em: 01/09/2023

acompanhar, organizar e subsidiar o esforço de professores, pesquisadores, sistemas de ensino e associações na efetivação do Ensino Religioso como componente curricular)¹³ configurou a concepção do ER com objetivos, encaminhamentos didáticos em eixos de conteúdos próprios, buscando sustentação epistemológica e pedagógica para o componente, e distanciando-o das Instituições Religiosas que, por muito tempo, conceberam o Ensino Religioso no Brasil. Compreende-se, assim, que o Ensino Religioso encontra-se diante de uma mudança de paradigma pois, de acordo com a legislação atual, o ER será construído com e pelo 'olhar' da escola. Ou seja, os critérios considerados, entre outros, serão os interesses dos educadores, as experiências dos educandos e a realidade da comunidade escolar, daqueles e daquelas que estão diretamente envolvidos na aprendizagem. As orientações de estudos organizadas refletem esta intenção.

Os conteúdos distribuídos nas Orientações de Estudos não se tornaram importantes, porque foram elaborados dentro do período da pandemia, quando muitos se encontravam sensíveis e daí as temáticas fossem apelativas. Considera-se que eles demonstraram a natureza do Componente Ensino Religioso, ocupando-se das questões de vida, identidade e religiosidades próprias de cada um, da diversidade religiosa, buscando por meio do diálogo, das práticas e histórias pessoais, da interação dos e das estudantes, a ressignificação de conhecimentos e amadurecimento das relações interpessoais.

Tal natureza é singular em termos acadêmicos, porque não há outro componente que se ocupe das relações fundamentais (Eu, o Outro e Nós), ou que tenha como competência específica assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz, sendo alicerçado principalmente nas experiências dos e das estudantes.

Ratifica-se a importância do recurso didático empregado como uma metodologia alternativa à continuidade das aulas no formato de Ensino Remoto Emergencial, para a estruturação e divulgação das Orientações de Estudo. Estas asseguraram, de maneira eficaz, ampla e irrestrita, a integração entre escola e discentes, auxiliaram no desenvolvimento das atividades, agregando valor ao campo educativo. Os estudantes puderam organizar os horários de estudo para o momento mais adequado, uma vez que as aulas se encontravam à disposição, inclusive podendo ser revisitadas quantas vezes fossem necessárias. Essa organização também deslocou os alunos para o centro da aprendizagem, fortalecendo-os enquanto protagonista desse processo.

Cabe-nos, ainda, mencionar que para nós professoras, enquanto responsáveis pela elaboração das orientações, era evidente a preocupação de como estes materiais seriam acolhidos pelos estudantes. Nosso objetivo era alcançá-los não apenas em conteúdos, mas em significância, para que eles pudessem perceber que tal empenho representava tão

¹³ <https://fonaper.com.br/institucional>

somente uma forma de dizer, que eles não estavam sozinhos naquele momento tão difícil a todos, embora as realidades distintas se mostrassem tão duras e injustiças em certa medida. Também que a educação não poderia (como não foi) ser negligenciada e assumindo seu lugar e protagonismo, que encontrassem sentido no fazer, no estar vivo e lutando pelo que realmente importa.

Portanto as Orientações de Estudos elaboradas, enquanto recurso didático, foram fundamentais para a continuidade das aulas; embora tenham sido planejadas em caráter de urgência, as orientações em sua abrangência ultrapassaram as expectativas.

Pelo exposto verifica-se o relevante papel da educação, pois que educar é um ato de corresponsabilidade com e para o futuro, não é ação isolada e individual. Em tempos de pluralidade e diversidade, educar é também ato coletivo, que necessita da abertura ao saber, para romper a rotina, promover autonomia e o reconhecimento de si perante a construção das identidades e alteridades, da cidadania e da dignidade humana.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2018.
- MARCON, Nathália; REBECHI, Rozane R. A diferença entre ensino remoto emergencial e ensino a distância. **Debate Terminológico**. ISSN: 1813-1867, n. 18, p. 92-100, 2020.

UM CURRÍCULO EVANGELIZADOR A PARTIR DA COLEÇÃO IDENTIDADE

Douglas Silvino de Camargo, Mestre em Filosofia- UNIOESTE/PR, Especialista em Intervenção Social, Psicológica e Pedagógica nas Políticas de Assistência Social, Educação e Saúde – FAG/PR. Graduado em Teologia (bacharelado) e Filosofia (licenciatura). Pós-graduando em psicopedagogia e gestão escolar, na EducaVales.*

RESUMO

O presente artigo contempla o desafiador aspecto de unir currículo e identidade missionária das escolas católicas. Nesse sentido, traz a feliz iniciativa pastoral-pedagógica da Rede ESI – Educação Scalabriniana Integrada que, em seu currículo evangelizador, criou um material próprio para trabalhar a espiritualidade, a história, os valores e a missão da Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas. O material, “batizado” de Coleção Identidade, inicia-se na Educação infantil e acompanha as crianças até os anos iniciais do Ensino Fundamental. Cada faixa-etária recebe um conteúdo com temáticas pastorais-pedagógicas numa linguagem lúdica e que possibilita, além da aprendizagem científica a introdução de valores éticos que culminam numa escola em pastoral, capaz de solidariedade e comprometida com a casa comum. O material recebe personagens de cinco continentes, mostrando o rosto migrante e a capacidade que as crianças têm em fazer comunhão na diversidade, um paradigma para a sociedade atual.

Palavras-Chave: Currículo evangelizador. Coleção Identidade. Escola em Pastoral.

ABSTRACT

This article addresses the challenging aspect of combining curriculum and missionary identity in Catholic schools. In this sense, it brings the happy pastoral-pedagogical initiative of the ESI Network – Integrated Scalabrinian Education, which in its evangelizing curriculum created its own material to work on the spirituality, history, values and mission of the Congregation of the Scalabrinian Missionary Sisters. The material “named” the Identity Collection begins in early childhood education and accompanies children until the early years. Each age group receives content with pastoral-pedagogical themes in a playful language that allows, in addition to scientific learning, the introduction of ethical values that culminate in a pastoral school, capable of solidarity and committed to the common home. The material features characters from five continents, showing the migrant face and the ability that children have to form communion in diversity, a paradigm for today's society.

Keywords: Evangelizing curriculum. Identity Collection. School in Pastoral.

INTRODUÇÃO

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja foi convidada a voltar as suas fontes. Isso significou reavivar sua identidade e consolidar processos evangelizadores a partir da sua identidade. Esse ressoar evangelizador chegou também às instituições confessionais, pois as escolas católicas no Brasil, nos séculos XIX e XX, procuraram articular a qualidade pedagógica e uma educação religiosa.

Diante dos desafios de cada tempo, os currículos foram sendo repensados para responder as necessidades pedagógicas e pastorais das escolas confessionais.

As escolas católicas se veem desafiadas a repensar os currículos, fazendo cruzar as indicações legais e seus valores humano-cristãos. Para a Educação Católica, o currículo também é um instrumento de evangelização que focaliza a formação integral da pessoa humana em todas as suas dimensões e facetas. Há também que se considerar a dimensão social do currículo, pois como dizia

* E-mail: profdouglasscamargo@gmail.com

Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (Revista Pastoral ANEC, Ano VII N° 13, agosto/2022).

Nesse sentido, cabe à pastoral escolar propor caminhos de evangelização que acontece de muitas formas e por diversos meios, mas sempre atenta ao espaço específico da escola e de suas limitações. Logo, a evangelização promovida pela pastoral escolar não é igual à que compete a paróquia ou a movimentos eclesiais, pois existe algo que lhe é específico e que lhe compete dentro da educação básica.

Um currículo evangelizador pode ser entendido na seguinte redação:

o parágrafo 329 do Documento de Aparecida, é aquele que “humaniza e personaliza o ser humano quando consegue que este desenvolva plenamente seu pensamento e sua liberdade”. Isto significa que, mantendo sua identidade, a instituição católica de ensino abre-se ao diálogo intercultural, comprometida com os “valores éticos e a dimensão de serviço às pessoas e à sociedade”, sendo testemunha autêntica de Jesus Cristo, visto que valoriza e enobrece a pessoa e sua cultura mundo (Revista Pastoral ANEC, Ano VII N° 13, agosto/2022).

Nessa perspectiva, a REDE ESI – Educação Scalabriniana Integrada pensou e sistematizou um material pedagógico-pastoral para enriquecer o currículo evangelizador das suas unidades. Este material chama-se Coleção Identidade e é parte integrante no processo de aprendizagem de crianças da educação infantil até os anos iniciais.

Currículo evangelizador e a coleção identidade

O Papa Francisco, ao ser referir à educação na apresentação do Pacto Educativo Global, diz: “pensamos que a educação seja um dos caminhos mais eficazes para a humanizar o mundo e a história. A educação é, sobretudo, uma questão de amor e responsabilidade que se transmite, ao longo do tempo, de geração em geração”.

É missão das escolas confessionais, além de ministrar conteúdos de ensino com excelência, um compromisso na formação integral de cada pessoa humana, olhando para cada indivíduo em todas as suas dimensões, em três linguagens como ensina o Papa Francisco: “a linguagem da cabeça, a linguagem do coração e a linguagem das mãos”.

Assim, no horizonte de um currículo evangelizador e com a máxima de educar evangelizando e evangelizar educando, a REDE ESI trabalha em seus valores a escola como:

laboratório de convivência fraterna, de construção do conhecimento e de elaboração de pensamento. O grande desafio dos educadores das escolas scalabrinianas é dinamizar na comunidade educativa a verdadeira acolhida, que promove a convivência no encontro com o outro; respeita suas diferenças e manifestações étnicas, culturais, religiosas e sociais. Na ótica scalabriniana, pressupõe-se dar espaço a todas as pessoas, empenhando-se na promoção da dignidade humana por meio de uma cultura de paz (Identidade da Educação Scalabriniana: memória, ação e inovação. 2022, p.79).

Juntamente com esse compromisso de uma educação integral, a pastoral escolar articula dentro das suas unidades, projetos que promovem o protagonismo de crianças e dos adolescentes, motivando-os a experiências de fé e de conhecimento da espiritualidade, história e missão da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas

No ano de 2016, a Rede de Escolas das Irmãs Scalabrinianas, composta por treze escolas entre Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, publicou a coleção de sete livros para os estudantes denominada “Coleção Identidade”. O projeto alcançou da Educação Infantil (04 e 05 anos) e os cinco anos do Ensino Fundamental.

Além dos cadernos de atividades, foram publicadas orientações para o corpo docente para cada ano/ série, assim como uma publicação para as famílias compreenderem a proposta. Para esta produção foi contratada uma equipe de consultoria que, a partir do diálogo com as religiosas, elaboraram roteiros e atividades, a partir do carisma, considerando os seguintes princípios: Acolhida, Itinerância, Respeito às diferenças e Solidariedade.

Entre os anos de 2017 a 2018, foram aplicados alguns instrumentos de verificação junto ao corpo docente para compreender a qualificação dos conteúdos e a metodologia de trabalho e, a partir destas informações, foi organizada uma nova equipe de revisão e ampliação deste material. Entre as novidades pode-se indicar uma maior adequação aos segmentos escolares e a maior aproximação da identidade da pastoral escolar, assim, como diálogo maior com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular, visando à integração entre o Ensino Religioso e a Pastoral.

Na prática, foram revisados e ampliados os Roteiros para os Professores/as, explicitando os conteúdos no campo da cristologia e eclesiologia. Esta nova versão foi implantada em 2020. Por compreender que este trabalho deve, ainda, ser aprimorado, em 2023, foram realizadas reuniões pedagógicas com as equipes pedagógicas, pastoral e docente para consolidar o projeto.

Todo esse processo, responde aquilo que está no DNA da educação scalabriniana:

a Rede ESI possibilita a integração das escolas e a solidificação das experiências vividas na educação scalabrinianas, que se abre para a conscientização das realidades mundiais e aflora a sensibilidade aos valores humanos de forma crítica e solidária. Ela está fundamentada no sonho de Scalabrini, Padre José e Assunta Marchetti, que vislumbraram na educação uma das maiores possibilidades de promoção humana e desenvolvimento da cultura, compreensão do outro e de si mesmo, de Deus e da obra da criação. Esse currículo escolar é rico de elementos que orientam o educando ao amor em relação a Deus, a si mesmo, aos irmãos e à natureza (Identidade da Educação Scalabriniana: memória, ação e inovação. 2022, p. 81).

A Coleção Identidade em sua base pastoral-pedagógica aborda os valores scalabrinianos, atualizados no Plano Estratégico 2022-2025, a saber: a acolhida, a itinerância, a comunhão da diversidade, a solidariedade, a universalidade, a esperança e a consciência

A coleção identidade e seus personagens

Toda a proposta pastoral-pedagógica da Coleção Identidade está consolidada na “História da Turma do Bem”.



“Turma do Bem”

Para entender a dinâmica do material será apresentada em linhas gerais o jeito de ser de cada personagem e a intencionalidade pastoral-pedagógica. O enredo que caracteriza a “Turma do Bem” se dá na seguinte história:

“Luca acaba de chegar ao Brasil, vindo da Itália, sua terra natal, e foi matriculado no Colégio da Rede ESI, no estado de São Paulo. Ele está acostumado a mudar de colégio, pois o pai é especialista em comércio internacional e está sempre mudando de país. Mas Luca “tira isso de letra”. Ele gosta de conhecer novos lugares e fazer novos amigos.



LUCA

Desta vez, aconteceu algo incrível: ao entrar no Colégio, ele reconheceu Kito, um garoto de quem ficou amigo quando morou em Moçambique, na África. O pai de Kito é cientista pesquisador. Ele veio ao Brasil trabalhar nas pesquisas, para conseguir uma vacina contra doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes Aegypti*.



KITO

Kito é tímido e demora a se adaptar a novos ambientes e a fazer amizades. Mas ele não teve problema de comunicação, porque em Moçambique o português é a língua oficial, como no Brasil. Quando Luca correu para abraçá-lo, Kito retribuiu com um sorriso e ficou muito alegre. Eles se assentaram a uma mesa para montar um quebra-cabeça e continuaram a conversar. Na mesma mesa, estava Yani, desenhando e partilhando os lápis de cor com Ajala.

Kito e Luca convidaram Ajala e Yani para brincar e, conversando, descobrem, que cada um nasceu em um continente diferente. Eles se entendem muito bem e resolveram fundar a “Turma do Bem”, pois estavam muito alegres de se conhecerem e queriam continuar juntos.



YANI

Yani é curiosa e registra suas descobertas, em fotos e desenhos. Gosta de passear ao ar livre, a pé ou de bicicleta, com os pais, observando plantas e animais. Ela carrega sua mochila, com lupa, binóculo e máquina fotográfica. Seus pais são biólogos e vieram da Austrália para fazer um estágio no Brasil, nas plantações de soja.

**AJALA**

Ajala é uma menina indiana, pele morena, olhos meigos e cabelos negros, penteados em trança. Seus pais são comerciantes e vieram para o Brasil, quando ela ainda era bebê. A loja da família vende produtos importados da Índia.

Na escola, as crianças jogam e brincam, enquanto a educadora recebe os educandos na porta da sala. Então, surge na porta da sala um menino falante, que entra cumprimentando todos. É Cauã, que estuda na escola desde os dois anos – um menino alegre, que gosta de contar e ouvir histórias.

**CAUÃ**

Ele é brasileiro, nascido em São Paulo, onde vive com sua família. Seus pais são educadores e lecionam nesse Colégio, onde sempre estudaram. Eles ajudam nas obras sociais mantidas pela congregação. Assim que todos chegam, a educadora convida para assentar “em roda” e pede que cada um se apresente, dizendo o nome e onde nasceu. Depois que todos se apresentam, ela sugere a Cauã que conte, resumidamente, a história da congregação. Ele então contou:

- meu pai conta que seus bisavós (os avós de seus pais) vieram da Itália para o Brasil, quando ainda eram crianças. A viagem, de navio, foi muito longa e difícil. Naquele tempo ainda não havia avião.

Durante a viagem, as famílias conheceram um padre italiano, chamado José Marchetti, que veio para o Brasil ajudar os migrantes da Itália, a pedido do bispo italiano, Dom João Batista Scalabrini.



Pe. José Marchetti



Dom Scalabrini

Padre José, com muito trabalho e ajuda de pessoas bondosas, construiu o Orfanato Cristóvão Colombo, em São Paulo, para abrigar os órfãos, que lá recebiam carinho, alimentação e educação. Para ajudá-lo nesse trabalho, vieram da Itália quatro companheiras, entre elas sua irmã Maria Assunta Caterina Marchetti.



Madre Assunta

Quando padre José ficou muito doente e morreu, Madre Assunta e as outras Irmãs continuaram a cuidar do Orfanato e fundaram, aos poucos, escolas, hospitais e casas de repouso para pessoas anciãs em várias cidades do Brasil, onde trabalham, até hoje, com migrantes.

Hoje, a Congregação da Irmãs Missionárias Scalabrinianas estão presentes em vários países das Américas, da Ásia, da Europa e da África, sempre trabalhando com migrantes.

Todos acharam a história interessante e combinaram preparar uma apresentação de

teatro. Com a ajuda da educadora e das Irmãs, eles farão uma encenação, contando a história do fundador, D. Scalabrini e dos cofundadores, Pe. Marchetti e Madre Assunta. Neste momento, os quatro novos amigos aproximaram-se para agradecer Cauã pela história e convidaram-no a fazer parte da “Turma do Bem”.

A Congregação da Irmãs Missionárias Scalabrinianas nasceu de um coração missionário e sensível à realidade do povo migrante. São João Batista Scalabrini ao deparar-se com a realidade de migrantes italianos tomou por decisão criar meios para atendê-los pastoral e espiritualmente.



Quadro do pintor italiano Angelo Tommasi, de 1896, retratando a partida dos imigrantes da Itália. O original "Gli emigranti" faz parte da coleção da Galeria Nazionale di Arte Moderna, em Roma.

Todo esse caminho pastoral-pedagógico é materializado nos livros que formam a Coleção Identidade, cada faixa-etária com temáticas e valores conforme o *DNA* scalabriniano. No horizonte de um currículo evangelizador esse material é um luzeiro para novas iniciativas, que possam contribuir para a Identidade da Escola Confessional, conforme o carisma de cada congregação religiosa. É uma metodologia capaz de alinhar conhecimentos científicos, valores humanos e cristãos e experiências de fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intencionalidade pastoral-pedagógica é um princípio que rege o fazer da escola confessional e a BNCC traz esse termo como intencionalidade educativa. A BNCC afirma a necessidade de construir currículos e planejamentos assertivos, que busquem atingir a realidade dos alunos e das escolas, trazendo-lhes sentido e finalidade para as práticas pedagógicas. Isso, de acordo com ela, proporciona aos estudantes experiências capazes de fazê-los conhecer a si mesmo, o outro e a realidade que o circunda, a natureza, a cultura e a

produção científica.

Para a elaboração e a execução de um currículo pensado na formação integral do ser humano, sobretudo, numa escola confessional, é preciso, então, ter a intencionalidade pastoral-pedagógica como estratégia. Assim, as práticas pedagógicas precisam ser pensadas e colocadas em prática com a intenção de alcançar algo, nesse caso, o desenvolvimento das múltiplas dimensões do ser humano, numa perspectiva evangelizadora.

Foi com essa intencionalidade que Projeto Político Pedagógico da Rede ESI (Educação Scalabriniana Integrada) junto às Diretrizes da Pastoral Escolar (DPE) e em consonância com o carisma da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, tem oportunizado o conhecimento do carisma pela Coleção Identidade, que conta o testemunho de São Scalabrini, Madre Assunta e Padre José Marchetti.

A proposta da Identidade busca promover a evangelização e a vivência da espiritualidade scalabrinianas por meio de uma linguagem própria da infância, resultando em construções significativas para o desenvolvimento e o crescimento de uma vida alicerçada em valores. A Coleção Identidade não é a única maneira de enriquecer o currículo evangelizador da Rede ESI, há outras iniciativas e matérias; no entanto, é o material sistematizado que apresenta propostas e carga horária definidas. É sem dúvida, um material a ser estudado e serve de inspiração.

REFERÊNCIAS

- DITLEF, D.; CALAES, R. Coleção Identidade – Educação
- DITLEF, D.; CALAES, R. Coleção Identidade – Educação Infantil – 04 anos. Belo Horizonte: Dandelionn, 2016.
- DITLEF, D.; CALAES, R. Coleção Identidade – Vol. 01. Belo Horizonte: Dandelionn, 2016.
- EDUCAÇÃO SCLABRINIANA INTEGRADA: diretrizes de pastoral escolar scalabriniana 2018.
- IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO SCLABRINIANA: memória, ação e inovação. 2022.
- REFERENCIAL PEDAGÓGICO PASTORAL: educação infantil (Rede ESI). 2022.
- FIRMINO, K.; EUGÊNIA, V. Coleção Identidade – Vol. 02. Belo Horizonte: Dandelionn, 2016.
- FIRMINO, K.; EUGÊNIA, V. Coleção Identidade – Vol. 02. Belo Horizonte: Dandelionn, 2016.
- FIRMINO, K.; EUGÊNIA, V. Coleção Identidade – Vol. 03. Belo Horizonte: Dandelionn, 2016.
- FIRMINO, K.; EUGÊNIA, V. Coleção Identidade – Vol. 03. Belo Horizonte: Dandelionn, 2016.
- FIRMINO, K.; EUGÊNIA, V. Coleção Identidade – Vol. 04. Belo Horizonte: Dandelionn, 2016.
- FIRMINO, K.; EUGÊNIA, V. Coleção Identidade – Vol. 04. Belo Horizonte: Dandelionn, 2016.
- FIRMINO, K.; EUGÊNIA, V. Coleção Identidade – Vol. 05. Belo Horizonte: Dandelionn, 2016.
- FIRMINO, K.; EUGÊNIA, V. Coleção Identidade – Vol. 05. Belo Horizonte: Dandelionn, 2016.
- JUNQUEIRA, S.; BRANDENBURG, L.; KLEIN, R. Compêndio do Ensino Religioso. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.
- JUNQUEIRA, S.; LEAL, A.; RIAL, G. (Orgs.) Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação

Básica na Escola Católica. Brasília: Edições CNBB; Petrópolis: Vozes, 2021.

KLUCK, C. Coleção Identidade – Educação Infantil – 04 anos. Curitiba: Mimeo, 2019.

KLUCK, C. Coleção Identidade – Educação Infantil – 05 anos. Curitiba: Mimeo, 2019.

REVISTA DE PASTORAL DA ANEC: ano VII nº13. Agosto/2022.

ENSINO RELIGIOSO: CURRÍCULO, TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E AS FACES DE JESUS

Jessé Evangelista Guimarães, Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Pós-graduado em Ensino de Filosofia no Ensino Médio pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Ensino Religioso, Práticas Pedagógicas em Ensino das Religiões pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI).*

Oswaldo Gomes de Lima, Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Pós-graduado em Ensino Religioso, Práticas Pedagógicas em Ensino das Religiões pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI).**

RESUMO

Neste trabalho, percorremos as principais tendências pedagógicas do século XX e suas repercussões no Ensino Religioso. Analisamos a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo Paulista, pontuando além da abordagem pedagógica, as faces de Jesus que podem ser apresentadas nas aulas de Ensino Religioso, tendo em vista que o Brasil é um Estado laico e possui uma legislação específica, que garante o direito a todas as manifestações religiosas. Assim, a Rede Pública de Educação deve garantir um Ensino Religioso que fomente o diálogo e o respeito à diversidade, formando os discentes para o exercício pleno da cidadania. Analisamos, também, o Currículo de Ensino Religioso para a Escola Católica, que mantém sua tradição de educação, garantindo a disciplina de Ensino Religioso.

Palavras-chave: Ensino Religioso. BNCC. Currículo Paulista. Ensino Confessional Católico. Tendências pedagógicas.

RESUMEN

En este trabajo, exploramos las principales tendencias pedagógicas del siglo XX y sus repercusiones en la Enseñanza Religiosa. Analizamos la Base Nacional Común Curricular y el Currículo Paulista, destacando, además de la aproximación pedagógica, las facetas de Jesús que pueden ser presentadas en las clases de Enseñanza Religiosa, teniendo en cuenta que Brasil es un Estado laico y cuenta con una legislación específica que garantiza el derecho a todas las manifestaciones religiosas. Por lo tanto, la Red Pública de Educación debe asegurar una Enseñanza Religiosa que fomente el diálogo y el respeto a la diversidad, formando a los estudiantes para el ejercicio pleno de la ciudadanía. También analizamos el Currículo de Enseñanza Religiosa para la Escuela Católica, que mantiene su tradición educativa asegurando la disciplina de Enseñanza Religiosa.

Palabras clave: Enseñanza Religiosa. Base Nacional Común Curricular (BNCC). Currículo Paulista. Enseñanza Confesional Católica. Tendencias pedagógicas.

Introdução

O Ensino Religioso (ER) causa polêmica na sua própria conceituação, muitos quando leem o tema pensam que esse estudo se remete a um ensino de uma religião ou doutrina. No senso comum e numa sociedade diversificada como o Brasil, temos uma confusão ainda maior, pois não há apenas uma identidade cultural única no cenário brasileiro, justamente pelo nosso processo de colonização tivemos um efeito de formação nacional em que o

* E-mail: j.maraes@hotmail.com

** E-mail: osvaldosion@bol.com.br

sincretismo entre culturas, etnias e religiões diferentes formaram uma sociedade com diversos modos de ser, agir, pensar e sobretudo de crer.

Apresentar Jesus em suas diversas facetas transcende ao processo de catequização que os jesuítas praticaram no Brasil. Jesus visto do ponto de vista ético interpreta o mundo de maneira inter-religiosa e sobretudo com um olhar à dignidade humana. É justamente neste contexto que as facetas de Jesus não farão oposição à BNCC, pois o documento nacional apresenta o ER em sua matriz de maneira inter-religiosa e interdisciplinar, não visando a uma doutrinação, mas um diálogo e, sobretudo, um olhar sobre o ser humano no seu processo civilizatório.

Apresentamos, neste artigo, o processo educacional brasileiro e as diversas tendências pedagógicas no decorrer da história e sua relação com o ER e sua relação com a atual reforma na legislação nacional, a BNCC. Esse documento, em suas discussões, vislumbrou garantir o direito a todo cidadão brasileiro em todo território nacional de um ensino basilar, ou seja um ensino que garanta o desenvolvimento crítico e o acesso a um futuro promissor, tanto para os estudantes das escolas públicas quanto privadas, obviamente respeitando suas regionalidades, especificidades e o pacto federativo de União, estados e municípios.

O Ensino Religioso e as principais tendências pedagógicas

Com um ER marcado historicamente pela tradição Católica, podemos acompanhar e situar sua trajetória com as principais tendências pedagógicas do século XX. De acordo com LEMOS (2008), que analisou o ER por esta perspectiva, situando-o tanto no conjunto das propostas educacionais mais amplas, como na conjuntura sócio-político-econômica, esta análise é fundamental pois:

A forma como o Ensino Religioso, tanto em seus conteúdos quanto em suas propostas pedagógicas, é entendido e proposto à sociedade se insere, de modo muito estreito, ao conjunto das concepções de educação de modo mais geral. As leis que regem o Ensino Religioso refletem, ora com mais, ora com menos intensidade, as ideologias que estão orientando a educação em seus outros aspectos também. (LEMOS, 2008, p. 120)

Na primeira metade do século XX, duas formas de pensamentos marcaram o debate das políticas educacionais no Brasil: o *entusiasmo pela educação* e o *otimismo pedagógico*. A primeira concepção foi articulada entre um ideário humanitário-voluntarista e um ideário de matiz político mais forte. A ética era o seu principal discurso, uma vez que pontuava que o analfabetismo e o baixo nível cultural da população eram a fonte de todos os males do país. O elemento sociopolítico que estava subjacente ao entusiasmo pela educação, era na verdade, a necessidade de hegemonia política, pois a própria burguesia se encontrava dividida em dois setores: o agrário-comercial e o urbano-industrial. Neste contexto de polarização, a busca pelo voto era de extrema importância, para que a hegemonia fosse estabelecida, e a expansão da

escolarização consistia na ampliação da base eleitoral.

A segunda forma de pensamento, o otimismo pedagógico, tinha como característica básica o desprendimento da política para defender a ideia da *especificidade* da área da educação e da necessidade de levantar a discussão sobre os conteúdos e métodos. O escolanovismo - movimento renovador, que introduz no Brasil as teorias da sociologia da educação produzidas no exterior, principalmente nos Estados Unidos - é o movimento que expressa esta tendência. O aporte das ciências sociais preparou o terreno para a substituição do discurso ético pelo discurso do *realismo educacional*, que orientou o debate teórico e as iniciativas políticas dos governos desenvolvimentistas, na segunda metade do século XX. Estas ideias de educação geraram diferentes práticas que foram usadas tanto pelos setores da direita como da esquerda:

[...] as concepções de educação a partir do “entusiasmo pela educação” e do “otimismo pedagógico” por setores da esquerda e da direita deram origem a diferentes práticas: à direita reforçam as teses de que o monopólio estatal da educação, em nome da universalização do ensino e da igualdade nas oportunidades educacionais, pode levar a regimes totalitários. À esquerda sedimentam a expectativa de que somente a escola única extingue as desigualdades reproduzidas por um sistema diferenciado de ensino e que só centralmente orientado pelo Estado é o sistema escolar capaz de ser agência de transformação da sociedade e da construção de novos valores. (LEMOS, 2008, p. 117-118)

Nos anos 50 e 60, início da segunda metade do século XX, o Brasil sofreu uma ingerência na economia, através do capital estrangeiro. Com isso recebeu, também, a influência das ideologias que acompanhavam os acordos das agências de cooperação internacionais. Esses novos fatores reforçaram as bases técnicas e economicistas, colocando em discussão as políticas governamentais e o processo educacional. Os grupos advindos dessa ideologia, prepararam o discurso sobre a educação a partir de três bases: economicista, culturalista e política. O discurso técnico-economicista via os educadores como técnicos em educação e entendiam-na: “em termos de rentabilidade dos recursos humanos e financeiros” (LEMOS, 2008, p. 118). Os valores desse discurso estavam ligados à qualificação para o trabalho, seguindo as demandas mercadológicas, bem como, a socialização era entendida como aquisição de habilidades para viver no meio social, tanto urbano como rural.

Nesse contexto, os meios cristãos não se abstiveram do debate sobre a educação e deram destaque à proposta liberal-culturalista:

Enquanto a proposta dos grupos ligados ao Estado apresenta as características enunciadas anteriormente, nos meios cristãos o debate sobre a educação também se fazia, com destaque a uma proposta liberal-culturalista de educação. A principal característica dessa proposta é uma espécie da máscara em relação à política, uma vez que não prescinde dela, mas por outro lado nega-se a aceitar a luta de classes tal como é proposta na chave marxista. Afirma Crespo que o discurso presente nessa proposta prega um humanismo integral deve ser objeto de todo processo educativo, projetando assim uma

Simultaneamente ao discurso técnico-economicista, nas décadas de 50 e 60, surge no debate educacional a terceira base ideológica, de cunho marxista. Esta corrente entende que a educação é a via privilegiada para semear a transformação social, entretanto, não é a única, mas representa a possibilidade de garantir a revolução cultural, que é parte da revolução política.

Nos anos 60, o Brasil também recebeu a influência da pedagogia de Paulo Freire, influência tal, que ultrapassou as fronteiras nacionais. A concepção pedagógica de Freire tem como base ideológica e filosófica a emancipação. Ela compreende que a educação desempenha funções ideológicas conservadoras, por isso, deve-se fortalecer pedagogicamente a base popular, visando à libertação em detrimento do conformismo.

Essas influências políticas e ideológicas marcaram, de alguma forma, a disciplina ER e, até mesmo, as legislações estabelecidas para a educação passam pelo crivo dessas concepções. Nesse período histórico da educação brasileira, destacamos quatro tendências pedagógicas e suas relações com o ER, são elas: *pedagogia tradicional, pedagogia renovada ou abordagem humanista, pedagogia libertadora ou abordagem sociocultural e pedagogia construtivista ou abordagem cognitivista.*

A pedagogia tradicional entende que o professor (transmissor) é o detentor do saber, sua missão é transmitir o conhecimento para os alunos (receptores), que devem decorar, aprender, aquilo que o professor - autoridade externa - lhes ensinou. Essa concepção visa colocar o aluno em contato com as grandes produções científicas, literárias e artísticas produzidas pelas grandes mentes no decorrer da história. Tem a ideia de que a educação é um produto e os modelos a serem alcançados já estão preestabelecidos, por isso, não se preocupa com o processo. Nessa concepção, os alunos que não atingem o mínimo esperado para sua faixa etária é reprovado, as provas e os exames são as formas de medir o nível dos discentes.

Seguindo a linha da pedagogia tradicional, o ER veiculava uma concepção de religião enquanto *reeligere*, isto é, o aluno era convidado a fazer uma nova escolha acerca da religião, era convidado a *reescolher*, de acordo com a orientação do professor. Com uma educação confessional, as aulas se caracterizavam pela evangelização, catequese, ensino bíblico, privilegiando uma verdade.

A característica das aulas era de evangelização, aula de religião, catequese, ensino bíblico. O conteúdo a ser ensinado na escola era o mesmo veiculado no interior da igreja a que pertencesse o professor. O conhecimento veiculado era o de informações sobre a religião, com enfoque centrado em uma verdade, aquela professada pela confissão religiosa do professor. A metodologia aplicada era a de memorização, ou seja, o aluno deveria memorizar tanto as respostas às perguntas do livro de catequese, se fosse católico, como memorizar o maior número possível de versículos bíblicos, se fosse de alguma confissão religiosa

evangélica. (LEMOS, 2008, p. 122)

Na pedagogia renovada ou abordagem humanista, o centro da educação é deslocado do professor para o discente. O aprendiz é visto como um ser livre, ativo, social e dotado de curiosidade. A experiência pessoal e subjetiva é a base para a construção do conhecimento abstrato. Nesta abordagem, a educação tem como finalidade a criação das condições facilitadoras da aprendizagem e seu objetivo é: “[...] liberar a capacidade do aluno para a autoaprendizagem de forma que seja possível seu crescimento intelectual e emocional.” (LEMOS, 2008, p. 123-124), e o professor é um facilitador nessa jornada.

Esta abordagem pedagógica prevaleceu em um tempo em que o ER estava sofrendo várias mudanças. Deixava de ser uma disciplina obrigatória, o contexto sociocultural estava cada vez mais plural e diverso e, como o discente era o centro do processo de ensino-aprendizagem, a religião dele deveria ser considerada, não a do professor. Com a Constituição de 1934, a matrícula na disciplina tornou-se facultativa para o estudante e o ensino da religião deveria ser ministrado em concordância com os princípios da confissão religiosa do educando; assim, o ER passou a ser ministrado também nas escolas públicas.

Já a pedagogia libertadora ou abordagem sociocultural tem como eixo central a discussão de temas políticos e sociais direcionados a ações sobre a realidade social na qual o educando está inserido. Somente em um momento posterior, quando esta abordagem se encontrava em um nível mais avançado, chegou-se à compreensão de que, além das questões sociais, o educando precisava adquirir domínio de conhecimentos, habilidades e capacidades mais amplas para interpretar suas experiências e agir. Seu principal representante foi Paulo Freire.

Nesta concepção pedagógica, o sujeito é entendido como elaborador e criador do conhecimento, pois esse processo ocorre a partir da sua interação com o mundo, com o objeto, e essa interação é o que permite o desenvolvimento do ser humano, tornando-o sujeito de sua práxis. A pedagogia libertadora tem como meta desenvolver a consciência crítica da realidade, considerando que não há receitas prontas para se chegar ao conhecimento, uma vez que a elaboração deste, está relacionada ao processo de conscientização do sujeito, que ocorre durante toda a vida.

A pedagogia libertadora trouxe para o ER a concepção de *religare*, ou seja, religar as pessoas a si mesmas, aos outros, ao mundo e ao transcendente. O ER era entendido como pastoral e as aulas estavam baseadas na ética e nos valores, pautando-se no conhecimento antropológico da religiosidade. O currículo visava a promover no educando a ação reflexiva a partir do conhecimento acumulado. O método utilizado era o dialético que, partindo da análise da realidade histórica, pretendia transformá-la. Avaliava-se o discente pela sua inserção nas diversas ações planejadas.

A abordagem construtivista compreende a aprendizagem como algo a mais que um produto do ambiente, das pessoas ou dos fatores externos. Ela é um processo que encontra significado profundo na forma como as pessoas lidam com a realidade externa. É composta por abordagens psicológicas e sociais, e seu principal promotor foi Jean Piaget. Por compreender o conhecimento como a interação do homem com o mundo, a aprendizagem se dá de forma processual, partindo de perguntas como: Quem sou eu? De onde vim? Qual é o sentido da vida? O ser humano é visto como um sistema aberto, sempre em busca de um estágio final que nunca será alcançado. A inteligência e a afetividade são interdependentes uma da outra, portanto, em toda atividade humana o crescimento de uma, implica o crescimento da outra.

Nesta concepção, a escola tem a responsabilidade de criar o ambiente para a pesquisa, e a sala de aula deve se transformar em um laboratório onde os educandos possam observar e aprender por si. O papel do professor é de criar situações desafiadoras e problemas úteis às crianças, bem como estimular a pesquisa, em detrimento da transmissão de problemas já solucionados.

Em relação à concepção do papel da escola e da metodologia de ensino, na perspectiva da abordagem cognitivista, a sala de aula deve se apresentar como um laboratório, como um espaço de encontro entre professor e aluno e entre alunos e alunos. O primeiro passo que a escola deve dar é criar condição para que o aluno possa observar e aprender por si próprio. Deve criar oportunidades de investigação individual, possibilitando ao aluno todas as tentativas, todos os ensaios que a ação motora, verbal e mental requer, criando um clima de cooperação entre alunos e alunos e entre alunos e professor. (LEMOS, 2008, p. 131)

Na concepção construtivista, o ER é concebido a partir do fenômeno religioso: *relegere*, isto é, reler. Neste momento, o ER passa a ser compreendido como uma área do conhecimento da Base Nacional Comum e tem como objeto de estudo o fenômeno religioso, cujo conhecimento se assenta nos fundamentos desse fenômeno, que o estudante constata a partir do seu convívio social. O conhecimento nesta proposta não busca acúmulo de informação, mas pretende desencadear uma atitude de diálogo e reverência: diálogo entre as culturas e as religiões e reverência ao transcendente, de acordo com a cultura e o transcendente dos educandos, promovendo ações solidárias e autônomas, valores imprescindíveis à cidadania. O ER, nesta abordagem, deve veicular apenas o conhecimento religioso, não podendo ser entendido como conhecimento revelado, o que implicaria em assumir um ato de fé. Este conhecimento deve estar baseado nas ciências humanas, sociais e religiosas, promovendo uma verdadeira construção do saber.

O Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular

No ano de 2017, o Brasil percebe-se depois de um longo período democrático numa

crise político-econômica. Esse fenômeno gerou também novos acontecimentos nas políticas educacionais, logo após o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. O seu vice, Michel Temer, assume a presidência da república e um dos seus atos referentes à educação é enviar ao congresso nacional uma medida provisória para acelerar a reforma educacional, que já vinha sendo discutida há alguns anos. Deu-se neste movimento a aprovação da BNCC e do Novo Ensino Médio, com a Medida Provisória número 746, de 22 de setembro de 2016.

A discussão central da BNCC está em garantir a todo território nacional os mesmos conhecimentos aos estudantes, respeitando as suas peculiaridades regionais, mas tendo um eixo norteador que garanta o acesso aos conteúdos básicos propostos por Lei. Entre eles, vemos o ER garantido no ensino fundamental como área de conhecimento, distinguindo-se até mesmo das ciências humanas.

O ER torna-se parte essencial da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo de fundamental importância considerar a criança no processo de desenvolvimento de leitura e escrita. Esse instrumento dará habilidades para inseri-la nos diversos componentes curriculares que terá em sua caminhada educacional. Vale destacar que a criança necessita nos dois primeiros anos do ensino fundamental a garantia da aprendizagem leitora e escrita como citado na BNCC.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. Como aponta o Parecer CNE/CEB nº 11/201029, “os conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (BRASIL, 2010, p.59).

Diante deste percurso curricular, o ER entra na Base Comum como área de conhecimento, fazendo-nos refletir sobre sua importância e relevância para a educação neste século XXI, que está cercado de novidades e com a presença fortíssima do secularismo. Poderemos observar que os temas norteadores indicados na BNCC possuem características universais, independentes de religiões e identificados em diversos credos e filosofias de vida. A religião, neste contexto escolar, tem a legitimidade de ser dialogada na escola, justamente por ser parte do ser humano e não uma mera criação, pois nasce das experiências manifestadas por coletivos e indivíduos.

A BNCC vem também com a preocupação de desenvolver nos estudantes as competências e habilidades, vinculadas aos conteúdos, que continuam sendo importantes, mas precisam ter efeitos do saber-fazer dos estudantes e não apenas um armazenamento de informações, conforme a tendência pedagógica tradicional aplicada. Percebemos que a BNCC

não foca apenas uma tendência pedagógica, ora citadas nos tópicos antecessores. Ela tenta buscar uma síntese das experiências pedagógicas desenvolvidas no contexto brasileiro, ficando evidente o construtivismo como o mais próximo das escolas públicas no Brasil, justamente por ter um olhar da aprendizagem como processo e não como algo imposto e engessado.

Especificando melhor o que se trabalha no ER, a base nos apresenta 60 habilidades a serem trabalhadas com as unidades temáticas e seus objetos de conhecimentos. Os conteúdos de ER não seguem uma preocupação confessional até porque o estado brasileiro é laico e possui uma variedade de manifestações e credos religiosos.

São três as unidades temáticas para o ER no ensino Fundamental 2: Identidades e alteridades; Manifestações religiosas e crenças religiosas e filosofias de vida. Os três temas possuem conectividade. Um depende do outro para a concretização do que chamamos religião.

Os temas da identidade e alteridade busca apresentar às nossas crianças a variedade e singularidade dos seres humanos, pois somos seres da mesma espécie, porém podemos produzir manifestações culturais, religiosas, morais e éticas diferentes. Todos temos nossas subjetividades que necessitam ser reconhecidas e nascemos em coletividades que também possuem suas crenças em comum.

Cada indivíduo possui sua percepção de finitude, e esse encontro de realidade faz buscar respostas nas dimensões da imanência e transcendência. A vida concreta, biológica junto com a subjetiva e simbólica formam respostas significativas sobre a vida e a morte. Outros elementos importantes no estudo do ER são os símbolos, os mitos e os ritos. Também de maneira geral integram o arcabouço das manifestações religiosas de todo e qualquer coletivo. O símbolo é o próprio religare, na medida em que conecta o ser humano ao seu transcendente a partir de elementos sensíveis: imagens, fotos, objetos, danças, incenso, vestes etc.

Os ritos também compõem esse acesso transcendental; eles narram e rememoram a história dos acontecimentos religiosos, tornando-os presentes novamente revivendo a experiência primeira. Junto aos ritos temos os ambientes nos quais eles são praticados, que chamamos de espaços ou territórios sagrados. Aqui, também, percebemos que religiões de diversas matrizes têm a preocupação de ter seu espaço religioso adequado e equipado com seus símbolos e ritos.

A religião também necessita de seus líderes religiosos que vão orientar, administrar os locais de cultos e acompanhar as pessoas na prática da fé. Eles são interlocutores das mensagens de fé e, muitas vezes, se valem das leituras de literaturas sagradas que narram as experiências religiosas de seu coletivo. O mito, neste sentido, compõe essencialmente a

origem desta caminhada de fé comunitária, porque ele, por sua vez, tenta conectar o ser humano, a partir da narração da criação da natureza ou cosmo e até mesmo mensagens de cunho moral. Visa, sobretudo, a explicar o porquê de todas as coisas: vida, natureza e cosmos.

o fenômeno que propriamente aqui deve ser entendido não é o conteúdo da representação mítica como tal, mas a significação que esse conteúdo possui para a consciência humana e o poder espiritual que exerce sobre ela. não constitui problema o conteúdo material da mitologia, mas a intensidade com a qual ele é vivido, com a qual se crê nele (tal como se crê apenas em algo objetivamente existente e afetivo). (CASSIRER, 2004, p. 20)

A sociedade contemporânea é marcada por novos conhecimentos, a ciência nos deu novos olhares sobre diversas realidades; entretanto, o fenômeno religioso não desapareceu, pelo contrário, tornou-se elemento indispensável para muitas pessoas darem respostas às suas existências. O texto religioso e o teológico trazem experiências atemporais, as narrativas, as tradições orais e escritas dão às pessoas segurança de experiências para além da realidade material; assim, compreender esse fenômeno é preponderante independentemente da profissão de fé de cada indivíduo. Tais fenômenos têm surgido dentro de contextos diversos, e este ensino contribui para conhecer, respeitar e dialogar com a pluralidade existente em nosso planeta. Conhecer a si e ao outro é indispensável para uma vivência saudável em sociedade.

O Ensino Religioso no Currículo Paulista

O Currículo Paulista, fruto do trabalho dos profissionais da educação das Redes Municipais, da Rede Estadual e da Rede Privada de Ensino, tem a pretensão de: “[...] traduzir as especificidades sociais, econômicas, regionais, culturais e históricas de cada um dos 645 municípios que compõem o Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2019, p. 11). Sua composição assenta-se na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos currículos e orientações curriculares das redes públicas e privadas.

O Currículo Paulista busca definir e explicitar a todos os profissionais da educação do Estado de São Paulo, as competências e habilidades, que são essenciais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos jovens estudantes. Este currículo foi elaborado para representar uma melhoria na qualidade da educação do Estado, no que se refere às aprendizagens dos estudantes, à formação inicial e continuada dos professores, à produção de materiais didáticos, matrizes de avaliações e estabelecer critérios para a oferta de infraestrutura, garantindo o desenvolvimento da educação em sua plenitude.

O Currículo Paulista encontra na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica Nacional (LDBEN), os princípios e os fundamentos que regem a

epistemologia e as pedagogias para o ER, cujo papel na educação básica é garantir o respeito à diversidade, tanto cultural como religiosa, livre de preconceitos e sem qualquer tipo de proselitismo. Em 2010, o ER foi reconhecido como uma área de conhecimento do Ensino Fundamental em âmbito nacional, esse conhecimento manteve-se também na BNCC.

A Constituição Federal de 1988 (artigo 210) e a LDB nº 9.394/1996 (artigo 33, alterado pela Lei nº 9.475/1997) estabeleceram os princípios e os fundamentos que devem alicerçar epistemologias e pedagogias do Ensino Religioso, cuja função educacional, enquanto parte integrante da formação básica do cidadão, é assegurar o respeito à diversidade cultural e religiosa sem proselitismos. Mais tarde, a Resolução nº 04/2010 e a Resolução CNE/CEB nº 07/2010 reconheceram o Ensino Religioso como uma das cinco áreas de conhecimento do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, de oferta obrigatória nas escolas públicas do Ensino Fundamental e de matrícula facultativa ao estudante. (SÃO PAULO, 2019, p. 373)

Ao ser redigido, o Currículo Paulista entendeu a área de ER como uma base estrutural de leitura e interpretação da realidade, ou seja, o ER é fundamental para o desenvolvimento da autonomia do cidadão. Tendo considerado essa finalidade, são ressaltados alguns princípios norteadores para as políticas educativas e ações pedagógicas, tais como: a liberdade, a solidariedade humana, a justiça, o respeito à dignidade humana, a empatia e a promoção do bem de todos. Estes princípios visam a combater e a eliminar todas as formas e manifestações de preconceitos e discriminações.

Além dos princípios supracitados, o Currículo Paulista enfatiza como sendo de fundamental importância para o ER outros três princípios. São eles: princípios *Éticos*, que busca a diversidade de tratamento para garantir a igualdade de direitos entre os discentes, que apresentam diferentes necessidades; *Políticos*, que respeitam o bem comum e preservam o regime democrático, bem como os recursos ambientais; e *Estéticos*, que diz respeito ao cultivo da sensibilidade, da racionalidade, a valorização das diferentes manifestações culturais e a construção de identidades plurais e solidárias.

De acordo com o Currículo Paulista estes três princípios são os pilares fundamentais para o desenvolvimento pleno do educando em sua formação para o exercício da cidadania, tudo isto em consonância com as referências legais citadas anteriormente. Desta forma, o Currículo Paulista, pretende que o ER, não só como disciplina, mas como Área de Conhecimento, permita aos jovens realizarem uma análise da religião como um *fenômeno religioso*. Assim, deve ser compreendido como uma dimensão do ser humano.

Nesse sentido, a concepção de Ensino Religioso aqui proposta estabelece a área como via para o conhecimento e entendimento de si (identidade), pela reconstrução de significados que ocorre por meio da releitura dos elementos do fenômeno religioso, para a afirmação de um convívio social e empático e pela relação harmoniosa entre as culturas e tradições religiosas. Desta forma, o Ensino Religioso deve tornar possível aos estudantes reler e estabelecer novos significados para o objeto de seu estudo: o fenômeno religioso. Deve ainda possibilitar a transdisciplinaridade no trabalho pedagógico, uma vez que as

Ciências da Religião, base para o Ensino Religioso, dialogam com as outras ciências. (SÃO PAULO, 2019, p. 374)

Um potencializador do ER, no Currículo Paulista, é a abordagem transdisciplinar e/ou interdisciplinar que o coloca como um mediador entre as diversas culturas e tradições religiosas, possibilitando ao educando um conhecimento desprovido de preconceitos, o que contribui para a construção de um ambiente escolar de paz e respeito. Neste sentido, a proposta do Currículo Paulista para o ER, se efetivado, é de “um exercício importante de humanização (considerados os princípios do humanismo secular), pois nos coloca em contato com o outro (alteridade), por meio do conhecimento de diferentes experiências religiosas.” (SÃO PAULO, 2019, p. 374).

O Currículo Paulista considera a laicidade do Estado e de suas instituições, portanto, o ER, pautado por essa legislação, deve contribuir para a socialização das diversas tradições, culturas religiosas e filosofias de vida, visando a promover o diálogo inter-religioso em todas as relações humanas. Como orientação do trabalho docente, aponta para a necessidade de o professor refletir sobre *o que, como e para quem* ensinar.

No primeiro elemento, o que ensinar, o Currículo Paulista aponta que, no ER, os estudantes tenham garantidos os direitos de aprendizagens previstos no texto da BNCC e cita alguns objetivos específicos da Base Nacional; No segundo elemento, como ensinar, está presente o aspecto metodológico, as práticas pedagógicas que correspondem e devem beneficiar a autonomia do professor, tornando possível ao educando vivenciar o ER por meio da pesquisa, observação, identificação, reflexão e análise, bem como a apropriação e ressignificação de saberes, a partir do diálogo. Em relação ao terceiro elemento, para quem ensinar, o Currículo Paulista nos faz refletir sobre o respeito aos diferentes povos, que consolidaram a etnia plural do país, em especial, do Estado de São Paulo, fruto do processo de colonização, escravização e das imigrações.

O Currículo Paulista entende que nos Anos Iniciais, as crianças enfrentam uma ampliação das práticas de linguagem, da experiência estética, intercultural, da autonomia intelectual, da compreensão de normas e do interesse pela vida social. Os processos educacionais vividos na Educação Infantil podem ter uma continuidade nos Anos Iniciais, por meio de situações que envolvam as relações das crianças com elas mesmas, com a natureza, sua própria cultura e as tecnologias do mundo contemporâneo.

A curiosidade da criança demanda uma ação pedagógica que parta dos interesses dela, frutos de suas vivências mais imediatas. Isto requer do professor uma intervenção que considere o repertório já construído por ela, e amplie a compreensão acerca dos diversos objetos de conhecimento abordados nesse componente. (SÃO PAULO, 2019, p. 380)

O currículo do ER para os Anos Iniciais está organizado em três unidades temáticas:

Identities and alterities, visa a possibilitar a percepção e distinção entre o eu, o outro e o nós, e o reconhecimento, a valorização e o acolhimento do singular e do diverso são trabalhados do 1º ao 3º ano. *Manifestações Religiosas* tem como foco conhecer, valorizar e respeitar as experiências e manifestações religiosas e são trabalhadas do 1º ao 4º ano. *Crenças Religiosas e Filosofias de Vida* busca compreender as narrativas religiosas transmitidas pela oralidade, enfatizando os aspectos que estruturam as tradições e/ou culturas religiosas e filosofias de vida, são trabalhadas, enfim, no 4º e 5º ano.

Já nos Anos Finais, a proposta do Currículo Paulista é de assegurar aos educandos um percurso que articule e dê continuidade às aprendizagens. Para tal, retoma-se os conteúdos consolidados com o intuito de aprofundá-los e ampliá-los, garantindo os avanços na aprendizagem dos estudantes. Nesse ciclo, as aprendizagens estão organizadas em quatro unidades temáticas: *Crenças Religiosas e Filosofias de Vida*, que tem como objetivo o trabalho com os ensinamentos da tradição escrita e simbólica, os ritos e mitos religiosos, princípios éticos e valores religiosos, tradições religiosas, mídias e tecnologias. Essa unidade temática está presente em todos os anos dessa fase. *Manifestações Religiosas* abordam as místicas e espiritualidades e as lideranças religiosas, está voltada para o reconhecimento e a valorização das manifestações religiosas, é trabalhada no 7º ano. *Filosofia e religião* busca estimular a reflexão, o questionamento sobre o fenômeno religioso, contempladas no 6º e 8º anos; *Meio ambiente e religião*, contemplada no 8º ano e visa a estimular a conscientização sobre a natureza para as tradições ou culturas religiosas.

Pela reflexão exposta até o presente momento, é válido afirmar que, dentre as abordagens pedagógicas analisadas, a abordagem construtivista está entre as mais adequadas à BNCC e ao Currículo Paulista. É importante lembrar que o ER no construtivismo é entendido na perspectiva de que o estudante aprenda a reler sua fé, o conteúdo estudado é o fenômeno religioso a partir do contexto social, os textos religiosos não são entendidos como revelados e este conhecimento deve estar baseado nas ciências humanas, sociais e religiosas.

Neste sentido, várias facetas de Jesus podem ser apresentadas nas escolas da Rede Pública de Educação, embora essas facetas devam estar contextualizadas e não haver nenhum tipo de proselitismo, como podemos observar em algumas habilidades da própria BNCC: “(EF02ER05) Identificar, distinguir e respeitar símbolos religiosos de distintas manifestações, tradições e instituições religiosas. (2017, p. 445)” ou ainda: “(EF04ER07) Reconhecer e respeitar as ideias de divindades de diferentes manifestações e tradições religiosas. (2017, p.449)” bem como: “(EF05ER04) Reconhecer a importância da tradição oral para preservar memórias e acontecimentos religiosos. (2017, p. 451)”

Tendo em vista a laicidade do Estado, na mesma medida em que as faces de Jesus

podem ser apresentadas, todas as outras religiões e suas personalidades, divindades ou filosofias, possuem direito ao mesmo espaço, pois o ER tem por finalidade a educação para o diálogo e exercício pleno da cidadania.

Currículo de Ensino Religioso para a Escola Católica

Quando lemos no Currículo Paulista que: “A ideia de introduzir o Ensino Religioso no currículo tem alguma tradição nas escolas brasileiras.” (SÃO PAULO, 2019, p. 373), percebemos que houve uma certa luta, para que a disciplina conquistasse sua cátedra na rede pública de educação. Embora, mesmo que a disciplina ER tenha sido introduzida na Base Nacional, parece que o Estado de São Paulo não vislumbra sua contribuição para uma educação integral, tendo em vista que não existe material didático, como nas outras disciplinas, e são quase inexistente as escolas estaduais, onde a disciplina é, de fato, lecionada.

Na rede privada, em especial nos colégios confessionais, o ER tem seu lugar garantido ao longo da história da educação do país: “A compreensão da disciplina Ensino Religioso (ER) encontra-se no contexto da história das disciplinas escolares.” (JUNQUEIRA, 2011, p. 169) ou ainda: “O Ensino Religioso na escola faz parte da história do Brasil.” (SILVA, 2008, p. 5). Se o ER faz parte da história da educação brasileira, isso se deve pela longa relação da Igreja Católica com a educação.

Por conta dessa relação tradicional da Igreja Católica com a educação e atendendo à proposta dos dirigentes de escolas católicas da Arquidiocese de São Paulo, que expressaram durante a Assembleia do Sínodo Arquidiocesano, em outubro de 2019, o anseio por um currículo de ER, nasceu o *Currículo de Ensino Religioso para a Escola Católica*. O currículo orienta-se pela Congregação para a Educação Católica, pelo Código de Direito Canônico, pelas orientações pastorais da Arquidiocese de São Paulo e leva em consideração a Comissão Episcopal para o Ensino Religioso da CNBB, bem como as normas vigentes da BNCC e o Currículo Paulista.

O presente currículo de Ensino Religioso Confessional para a escola católica tem seu fundamento nas seguintes normativas vigentes: a proposta da Base Nacional Comum Curricular do MEC e o respectivo Currículo Paulista elaborado pela Secretaria Estadual de São Paulo; o acórdão do Supremo Tribunal Federal de 27/09/2017 acerca do julgamento da ADI 4439, além da LDB, Leis de Diretrizes e Bases da Educação. No caso específico das escolas católicas confessionais, este currículo foi elaborado para atender uma proposta dos dirigentes de escolas católicas da Arquidiocese de São Paulo durante a Assembleia do Sínodo Arquidiocesano promovido pelo Vicariato para a Educação e a Universidade em outubro de 2019. Em relação às escolas católicas, como é natural, este material se orienta pelas diretrizes da Congregação para a Educação Católica, do Código de Direito Canônico e orientações pastorais da Arquidiocese de São Paulo, em sintonia com a Comissão Episcopal para o Ensino Religioso da CNBB. (VICARIATO EPISCOPAL, 2023, p. 4)

O Currículo de Ensino Religioso para a Escola Católica, fundamentando-se na BNCC, busca oferecer uma base de habilidades e competências para as aulas de ER, levando em consideração o carisma fundacional e a missão específica de cada colégio confessional, de acordo com sua respectiva congregação religiosa. Os documentos da Igreja afirmam que as instituições de ensino católicas são espaços propícios para fornecerem uma educação integral e de evangelização para os educandos. Desta forma, não podemos pensar somente no modo de ensinar, mas é de suma importância pensar também no conteúdo a ser ensinado entrelaçado ao fim último da educação que é a formação da pessoa humana.

Com a declaração *Gravissimum educationis*, o Concílio ofereceu alguns “princípios fundamentais” sobre a educação cristã, em particular nas escolas. Em primeiro lugar, a educação, como formação da pessoa humana, é um *direito universal*: “Todos os homens, de qualquer estirpe, condição e idade, visto gozarem da dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias, e, ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra. A verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte” (A IDENTIDADE DA ESCOLA CATÓLICA PARA UMA CULTURA DO DIÁLOGO, 2022)

O Currículo de Ensino Religioso para a Escola Católica, da Arquidiocese de SP, evidencia a imagem de Jesus na educação dos colégios confessionais católicos, trazendo para além da apresentação de outras religiões e visões de mundo a mensagem bíblica, a continuidade da vida cristã a partir da comunidade apostólica e também personalidades (Santos) como exemplos vivos da fé em Cristo e suas experiências norteadoras para uma vida que não expresse meramente a fé, mas a vida prática do ser em Cristo. Esse Cristo ou Messias que é esperado na tradição judaica e concretizado na perspectiva Cristã, como cita Desroche (1985, p.30): “Jesus Cristo transforma a esperança judaica na esperança de uma salvação universal. Sua prisão e sua execução demonstram que o seu reino não é desse mundo.”

Portanto, a educação em colégios católicos, que seguem as orientações da Arquidiocese de São Paulo, obedecem à BNCC, ao Currículo Paulista e vão além, pois apresentam outras tradições religiosas não cristãs e dialogam com as manifestações fundacionais, que refletem as experiências de outros grupos religiosos, respeitando-as e dialogando com elas para uma educação integral e humana dos estudantes.

Conclusão

Diante do exposto, é incontestável que a abordagem do Ensino Religioso, quando

associada à figura de Jesus reflita predominantemente as perspectivas dos colégios confessionais, sejam eles católicos ou não. A tradição cristã, notadamente presente na trajetória educacional católica no Brasil, moldou diversas personalidades, algumas das quais adotam filosofias distintas da fé confessional. Esta realidade evidencia que o Ensino Religioso transcende a mera transmissão de doutrinas religiosas, promovendo valores universais que incentivam a alteridade e a valorização das diferenças entre os indivíduos. Seu conteúdo intrínseco destaca-se pela ênfase na valorização do ser humano, da natureza e da vida como um todo.

A evolução da educação no Brasil, sobretudo após o período de redemocratização, tem se refletido na adequação das legislações à realidade sociopolítica do país, especialmente no que concerne ao acesso a uma educação de qualidade. Contudo, no âmbito do Ensino Religioso, há ainda muito a progredir na elaboração de materiais didáticos que abordem de maneira plural as diversas manifestações religiosas demandadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Este é um processo incipiente, marcado por debates e construções, mas que enfrenta o preconceito social devido à incompreensão conjuntural do papel desse ensino e à resistência de instituições religiosas, que almejam a exclusividade na transmissão da fé.

É crucial avançar no diálogo e na conscientização de que o propósito do Ensino Religioso não reside na imposição de uma crença específica, mas em ser um passo essencial para a compreensão das diversidades religiosas. Este campo educacional visa a proporcionar um entendimento mútuo e promover a coexistência pacífica na sociedade, transcendendo as barreiras de preconceitos e contribuindo para a construção de uma convivência harmoniosa.

Referências

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas: o pensamento mítico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Instrução "A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo"**. 25 de janeiro de 2022.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_d oc_20220125_istruzione-identita-scuola-cattolica_po.html. Acesso em 11 de novembro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, dezembro de 2018. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 02 de novembro de 2023.

DESROCHE, Henri. **O homem e suas religiões: ciências humanas e experiências religiosas**. São Paulo: Paulinas, 1985.

LEMOIS, Carolina Teles. **Ensino Religioso nas principais tendências pedagógicas**. In: NOVAIS, Luís Eduardo Duarte. *A Base Nacional Comum Curricular e os projetos pedagógicos das Escolas Católicas: aproximações possíveis*. Educação em Revista, Marília, V.21, N. 02, p. 105-118, 2020.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; MORI, Geraldo De. **Religião e Educação para a cidadania**.

Paulinas, 2011.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Coordenadoria Pedagógica Currículo Paulista/organização**, Secretaria da Educação, Coordenadoria Pedagógica: União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo - UNDIME. São Paulo : SEDUC, 2019. 400 p. ; PDF ; 13MB

SILVA, Valmor da. (Org.) **Ensino Religioso: educação centrada na vida: subsídio para a formação de professores**. São Paulo: Paulus, 2008.

VICARIATO EPISCOPAL. **Currículo de Ensino Religioso para a Escola Católica**, São Paulo, 2023

O CRISTIANISMO NOS LIVROS DE ENSINO RELIGIOSO DA INGLATERRA

Valeska Freman Bezerra de Freitas Silveira Doutora em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP . Professora no curso de especialização do programa COGEAE da PUC-SP.*

RESUMO

O artigo apresenta como o cristianismo tem sido desenvolvido no livro didático de Ensino Religioso voltado para os alunos do Ensino Fundamental II das escolas públicas da Inglaterra, a partir de uma análise sistematizada do volume “**Christianity**” da coleção “Fé Viva” da Editora Oxford e tendo a Ciência da Religião como referencial teórico e metodológico. A partir da análise, concluímos que o material apresenta temáticas contemporâneas relacionadas à realidade dos alunos, trazendo uma diversidade de linguagens que exploram fatos, padrões que vem sendo reconfigurados na sociedade a partir na virada do século XX para o XXI, os alunos são convidados a conhecerem as religiões na sua diversidade em diálogo com famílias que representam diferentes vertentes religiosas. No entanto, religiões e crenças consideradas menos presentes na sociedade inglesa acabam por serem marginalizadas e excluídas desse processo de conhecimento, contribuindo, dessa forma, para o obscurantismo com relação ao modo das minorias se relacionarem com o sagrado.

Palavras-chave: Cristianismo, Ensino Religioso, Inglaterra, CiênciaDa Religião, Livro Didático

ABSTRACT

The article presents how Christianity has been developed in the Religious Education textbook aimed at Elementary School II students in public schools in England, based on a systematized analysis of the volume “Christianity” from the “Fé Viva” collection from Editora Oxford and having the Science of Religion as a theoretical and methodological reference. From the analysis we concluded that the material presents contemporary themes related to the students' reality, bringing a diversity of languages that explore facts, patterns that have been reconfigured in society from the turn of the 20th century to the 21st, students are invited to learn about religions in their diversity in dialogue with families that represent different religious aspects. However religions and beliefs considered less present in English society end up being marginalized and excluded from this knowledge process, thus contributing to obscurantism in relation to the way minorities interact with the sacred.

Keywords: Christianity, Religious Education, England, Science of Religion, Textbook

O Ensino Religioso no contexto Europeu

Abordar o Ensino Religioso na Inglaterra, significa compreender a estreita relação entre esse componente curricular, a igreja Anglicana, ou igreja nacional e outras comunidades religiosas. Desde meados do século XX, o Ensino Religioso na Inglaterra tem sido resultado de programas acordados entre as comunidades locais e algumas instituições políticas, na busca de atender os desafios da multicultural e multirreligiosa sociedade inglesa.

A fim de alcançar esse propósito, as participações de instituições comprometidas com os Direitos Humanos, com o respeito à diversidade cultural e religiosa, foram fundamentais para desenhar o perfil do Ensino Religioso na Inglaterra. Desta forma, instituições como a

* E-mail: vfbf.silveira@puc.sp.com.br

União Europeia (UE), o Conselho da Europa (COE) e a Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) tiveram ação de destaque nos rumos dos programas deste componente curricular.

O fim do século XX foi marcado por uma série de transformações políticas, econômicas e sociais, tendo muitas vezes a Europa como protagonista do processo. Um século marcado por duas Guerras Mundiais, muitos conflitos étnicos, novas conformidades geopolíticas resultados de conflitos separatistas, desemprego e a miséria da população forçando um processo migratório tanto para fora quanto para dentro da própria Europa. De acordo com o historiador britânico Eric Hobsbawm (1994) esse cenário catastrófico do fim do século XX, acaba por justificar um início de século XXI caracterizado pela “obscuridade e pelo autoritarismo” (HOBBSAWN, 2002,p.11).

Mediante a essa crise, a maioria dos Estados e Igrejas na Europa, no século XXI, procura, de acordo com a realidade de cada país, “estabelecer acordos visando responder a situações como conflitos políticos, econômicos e religiosos; aumento de processos migratórios; e, conseqüentemente, ampliação da diversidade étnica e religiosa” (SILVEIRA, 2021, p.8). Somados a essa realidade de conflitos, o clima de adversidade étnica e religiosa trouxe um cenário marcado por crimes de ódio e violência.

Neste contexto, que Instituições civis e religiosas vão buscar no Ensino Religioso um aliado para “desenvolver uma educação de prevenção capaz de combater o ódio religioso; o incitamento à violência; e crimes relacionados à perseguição étnica e religiosa” (SILVEIRA, 2021, p.8).

Neste sentido, ao partimos para a análise dos livros didáticos de Ensino Religioso ingleses voltados para os alunos do Ensino Fundamental II e para os livros voltados para os alunos do Ensino Secundário, procuramos identificar se as temáticas geradoras dos conflitos da virada do século XX para o XXI eram presentes nos materiais; se presente, qual o nível de diálogo com esta realidade; quais as propostas de reflexão e /ou ação com relação à diversidade étnica, cultural e religiosa. Buscamos, também, procurar identificar o nível de influência ou intervenção da EU, COE e da OSCE no material didático de Ensino Religioso inglês.

De acordo com as pesquisas elaboradas, em 2018, pela European Union Agency for Fundamental Rights, mesmo a Europa, como afirmou Pajer, um “continente da diversidade” (2010, p.450-451), o Cristianismo continua sendo a maior religião na União Europeia.

A pesquisa demonstrou que o Cristianismo na União Europeia divide-se nas seguintes proporções : 44,5% católicos, 10,2% ortodoxos bizantinos, 9,9% protestantes, 5% outros cristãos. Em segundo lugar com 26,3% estão os sem religião, seguidos com 4,1% outra religião – como Judaísmo, Islamismo, Hinduísmo ou Budismo, de acordo com o

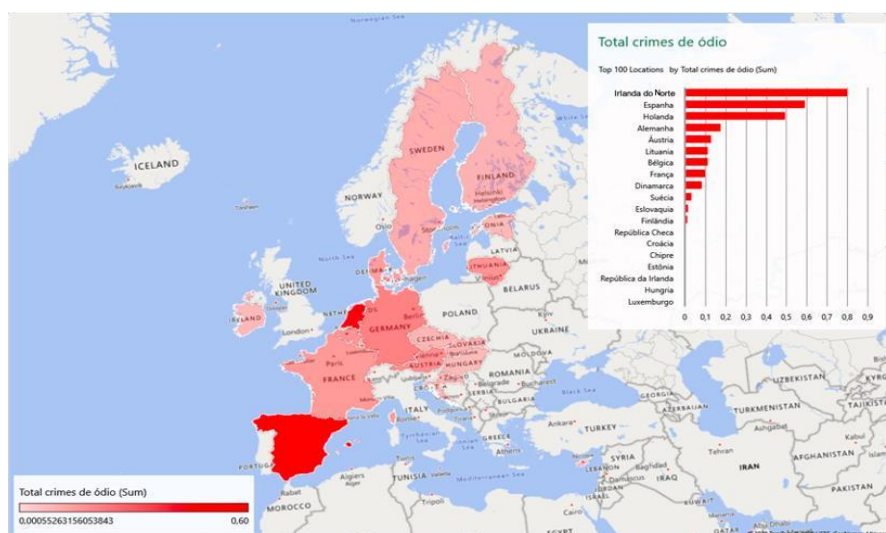
Eurobarômetro¹ 90.4, de dezembro de 2018 (GESIS, 2018). Ou seja, o Cristianismo continua sendo a maior religião da Europa e o secularismo vem crescendo no continente de modo geral.

Para Pajer (2010), é graças ao secularismo europeu que é garantida a liberdade religiosa para todos os cidadãos europeus, o que inclui professar ou não uma crença religiosa. De acordo com a interpretação de Pajer (2010) da Carta dos Direitos Fundamentais da União, posteriormente incluída na Constituição europeia:

[...] todos têm direito à liberdade de pensamento, de consciência e religião. Esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença, bem como a liberdade de manifestar a religião ou crença individual ou coletivamente, em público ou em privado, através do culto, ensino, práticas e observância de ritos (art.10). (PAJER, 2010, p. 459, tradução nossa)

O artigo, ao deixar evidente o direito à liberdade de manifestação da religião ou crença, individual ou coletiva, em público ou privado, se por um lado, assegura o campo do secularismo europeu, capaz, segundo Pajer, de fazer a sociedade reconhecer a “distinção entre o poder político e religioso”(PAJER, 2010,p.459), associado ao crescimento dos crimes de ódio e violência, como podemos ver no gráfico abaixo, relacionados a conteúdo de cunho religioso e étnico, fez com que a UE visse no componente de Ensino Religioso a possibilidade de estabelecer diálogos entre essa diversidade religiosa e cultural de modo a promover uma educação voltada para o respeito à diversidade étnica, religiosa e cultural.

Figura 1– Mapa dos crimes de ódio cometidos em 2016 nos países pertencentes à União Europeia



Fonte: Mapa elaborado pela autora a partir das informações contidas em European Union Agency for Fundamental Rights (2018). (SILVEIRA, 2021, p.14)

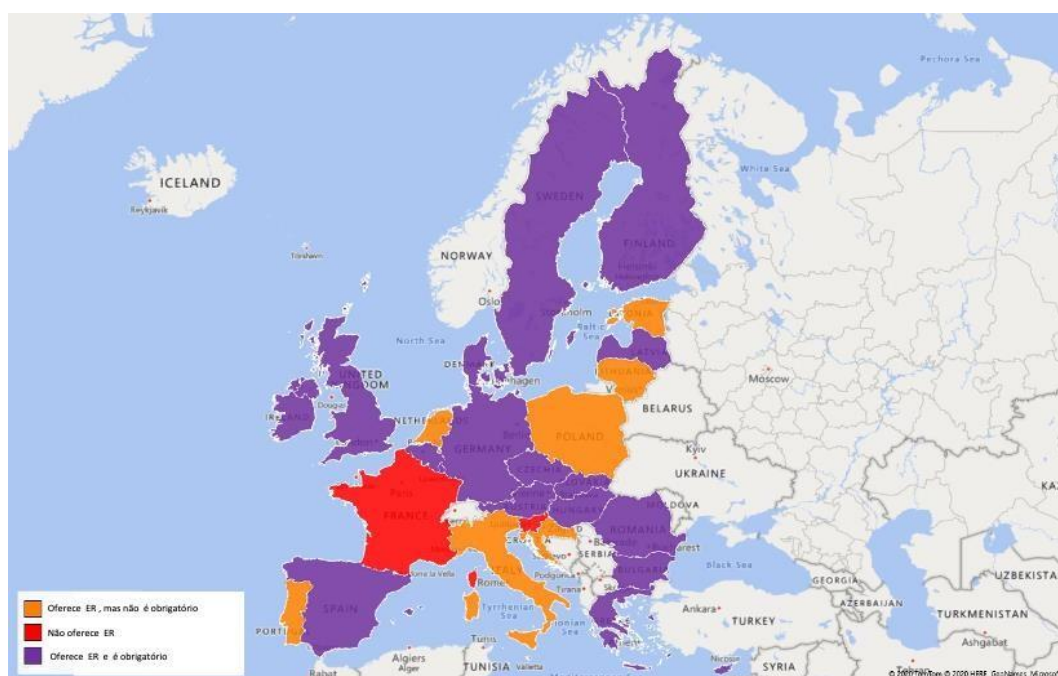
Podemos observar no mapa que os crimes de ódio não aparecem na Inglaterra, no

¹ Eurobarômetro é uma série de pesquisas de não pública realizada regularmente em nome da Comissão Europeia desde 1973. Esses inquéritos abordam uma grande variedade de questões atuais relacionadas à UE em todos os seus Estados-membros.

entanto é importante ressaltar que isto se dá não pela ausência de crimes desta natureza, mas sim pela escala adotada, ao desenvolver o gráfico, em que devido ao alto índice de crimes de ódio a marcação não aparece. De acordo com a Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (European Union Agency for Fundamental Rights), somente em 2016, os crimes de ódio na Inglaterra somaram 18.3891 por habitante, um número que supera os demais países.

O quadro apresentado até aqui visa ressaltar a importância em buscar identificar como se deu a parceria instituições públicas escolares, de modo especialmente voltadas para o Ensino Religioso, a Igreja Anglicana e as instituições das áreas financeiras e políticas que se apresentam como promotoras de políticas voltadas para a questão da defesa e promoção dos Direitos Humanos.

Figura 2– A oferta de Ensino Religioso nos países da União Europeia



Fonte: Mapa elaborado pela autora a partir das informações trazidas por European Union Agency for Fundamental Rights (2018) (SILVEIRA, 2021, p.12)

Como podemos observar no mapa acima, de acordo com European Union Agency for Fundamental Rights, o Ensino Religioso é um componente curricular oferecido na maioria dos países que fazem parte da União Europeia, ratificando a abordagem de Pajer ao considerar a especificidade do “secularismo europeu”. O mapa demonstra, também, a como o ER, ao estar presente na maioria das escolas da UE, pode ser uma porta de entrada para o desenvolvimento de uma educação que visa a construção de uma sociedade que respeita, primeiramente, as diversidades religiosas, devido a natureza e identidade do componente, mas capaz também de propiciar o conhecimento e reflexão, a partir da Declaração dos Direitos Humanos, sobre o multiculturalismo e seus desdobramentos, a partir de um diálogo

com a realidade local de cada país que compõe a UE.

A fim de concretizar essa proposta, em dezembro de 2000, o Parlamento Europeu, o Conselho e a Comissão da União Europeia lançaram a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, visando integrar os direitos fundamentais, expressos na Declaração dos Direitos Humanos, a nova legislação da UE. A relação da religião e da educação consta de maneira mais específica em três artigos. O artigo 10º, que garante a liberdade de “pensamento, consciência e religião”, (EUROPEAN UNION, 2000, artigo 10) tantona dimensão pessoal quanto na pública, evidencia que essa liberdade se aplica tanto em termos da prática religiosa em si quanto ao que se refere ao ensino:

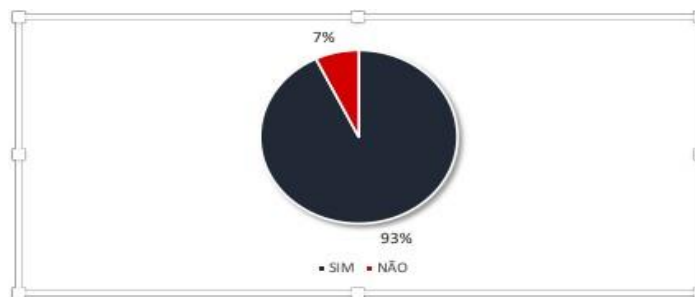
Todo mundo tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião. Esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e liberdade, sozinha ou em comunidade com outras pessoas e em público ou em particular, de manifestar religião ou crença, em adoração, ensino, prática e observância. (EUROPEAN UNION, 2000, artigo 10, tradução nossa)

O segundo artigo dedicado à religião e educação é o 14º, que afirma que todos têm o direito à educação, devendo esta ser obrigatória e gratuita. Importante que o artigo garante a liberdade de fundar estabelecimentos de ensino, desde que seja respeitado o direito dos pais de garantirem a educação e o ensino de seus filhos de acordo com suas convicções religiosas, filosóficas e pedagógicas (EUROPEAN UNION, 2000, artigo 14). O terceiro artigo dedicado à religião é o artigo 22º, que orienta para que os membros da UE sejam comprometidos em respeitar a diversidade cultural, religiosa e linguística.

Estabelecidos os artigos e lançada essa carta, a Comissão Europeia comprometeu-se a elaborar relatórios anuais e a se preocupar em informar os cidadãos sobre sua aplicação.

O documento explicita que, embora as liberdades em relação à religião sejam garantidas, a UE continua sendo um órgão secular e não possui nenhum documento político oficial que defenda alguma religião específica (EUROPEAN UNION, 2000, artigo 22).

A fim de garantir o cumprimento dos artigos citados, podemos observar, no primeiro gráfico abaixo, que a maioria dos países da UE oferece Ensino Religioso, porém, como consta no segundo gráfico, a fim de garantir, essencialmente, o 2º artigo da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, apresenta que as escolas que ofertem ER em seus currículos respeitem” o direito dos pais de garantirem a educação e o ensino de seus filhos de acordo com suas convicções religiosas, filosóficas e pedagógicas” (EUROPEAN UNION, 2000, artigo 2), é neste sentido que observamos, no segundo gráfico, que a maioria das escolas públicas o ER ao mesmo tempo que é obrigatório, também permite a dispensa do aluno, feita oficialmente pelos pais ou responsáveis na escola, podendo o aluno inscrever-se em disciplinas opcionais ao ER.

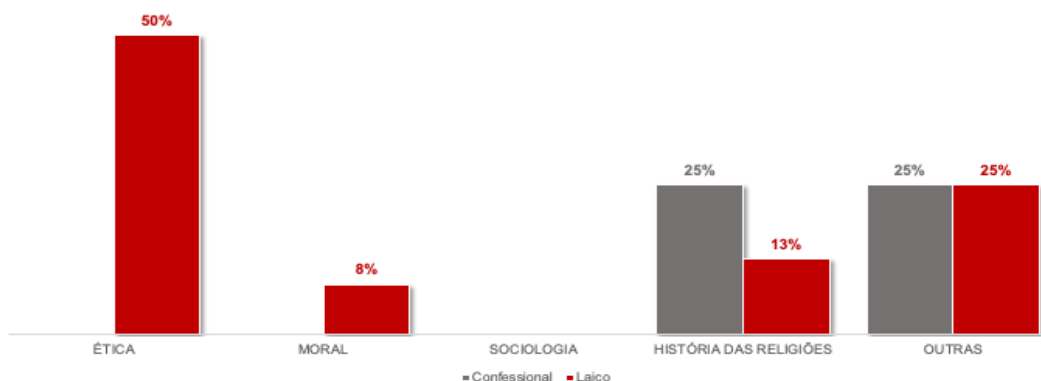
Gráfico 1 – Porcentagem de países que oferecem ER nas escolas públicas

Fonte: Gráfico elaborado pela autora. (SILVEIRA, 2021,p.34)

Gráfico 2 – Características curriculares nos países da União Europeia

Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base nos dados de The European Forum for Teachers of Religious Education ([2018]) e . (SILVEIRA, 2021,p.34)

As disciplinas ofertadas como alternativa ao ER depende muito do currículo e do modelo de ER desenvolvido pela escola. Segue abaixo o gráfico com as disciplinas oferecidas em alternativa ao ER, segundo o Instituto de Pesquisa The European Forum for Teachers of Religious Education.

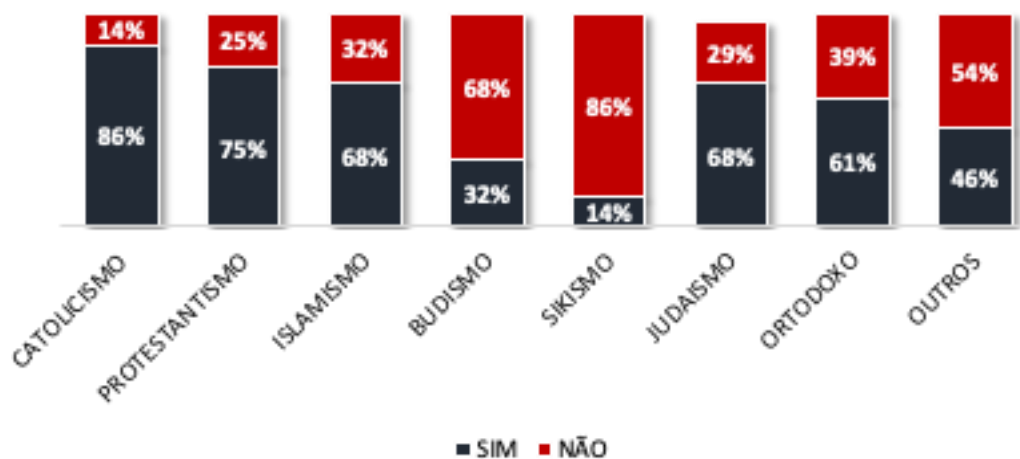
Gráfico 3 – Disciplinas oferecidas em alternativa ao ER

Fonte: Gráfico elaborado pela autora nos dados de The European Forum for Teachers of Religious Education ([2018]). (SILVEIRA, 2021,p.36)

Com relação as denominações religiosas oferecidas no curso de ER, na UE, não há

muita diversidade entre eles. Em vias de regra, de acordo com as leis locais e estaduais, devem fazer parte do currículo de ER, no caso dos países confessionais a denominação referente ao estado, e com relação aos países laicos as denominações religiosas que possuem maior representatividade no país.

Gráfico 4 – Número de denominações religiosas oferecidas no curso de Ensino Religioso na União Europeia



Sim – oferece estudo da denominação religiosa. Não – não oferece estudo da denominação religiosa.

Fonte: Gráfico elaborado pela autora com base nos dados de The European Forum for Teachers of Religious Education ([2018]) (SILVEIRA, 2021, p.38)

Podemos observar no gráfico acima que as denominações de origem Abraâmicas são majoritariamente ensinadas na UE. Observamos que entre as denominações de origem Abraâmicas a ênfase disparadamente está nas tradições cristãs em que 86% dos países da UE tem aula de Catolicismo e 75% de Protestantismo.

A partir destes contextos e dados, passaremos neste segundo momento para a apresentação da análise do livro didático de Ensino Religioso da Inglaterra.

O Cristianismo no livro didático de ensino religioso da Inglaterra

O livro didático escolhido para a análise foi o volume Cristianismo (Christianity), que faz parte da Coleção Fé Viva (Living Faiths), elaborada pela editora Oxford (LIVING FAITH, 2013). A coleção é composta por seis volumes, sendo que cada um referente a uma denominação religiosa específica. Além do cristianismo, estão presentes os volumes do judaísmo, islamismo, hinduísmo, budismo e sikhismo.

A coleção tem como editora, Janet Dyson, professora e consultora de ER, e Robert Bowie, também consultor, professor e autor de livros voltados às temáticas relacionadas ao ER. Juntos, lideram uma equipe de autores/professores: Mark Constance, Julie Haigh, Stella

Neal, Sue Schraer e Neera Vyas.

Os critérios para a escolha da Coleção foi a representatividade do material no mercado editorial inglês, sendo trabalhado com os alunos das escolas estaduais e as mantidas pelo governo que desenvolvem o curso de ER; e da escolha do volume Cristianismo por fazer parte do foco de análise deste artigo específico.

Para análise desse volume, foi feito um recorte histórico e espacial, com foco nas abordagens históricas, religiosas e legislativas que delinearão o perfil do ER a partir da virada do século XX para o XXI. Trata-se de uma pesquisa pautada por um método qualitativo. O universo de produção didática da Coleção de ER Fé Viva é o equivalente ao Ensino Fundamental II no Brasil.

No entanto, ressalta-se que o exercício de analisar o volume Cristianismo a partir da metodologia da Ciência da Religião de forma sistemática, problematizadora e com análises e proposições críticas ao material como realizada na minha dissertação no Doutorado.

A análise do volume Cristianismo tem como objetivo central identificar a epistemologia teológica anglicana ou católica e assim buscar identificar as relações

entre a religião, no caso o cristianismo, e a Defesa dos Direitos Humanos, como, indicam as instituições, têm uma ação bastante atuante no programa de ER dos países da União Europeia (UE); entre eles o Conselho da Europa (COE), a Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE).

Partindo das categorias de análise da coleção fundamentada nos princípios da Ciência da Religião, iniciamos o mapeamento sistematizado do volume em evidência. De acordo com Usarski (2018), “essa etapa da pesquisa exige uma postura de vigilância constante, para que sejamos fiéis aos dois fundamentos epistemológicos cruciais à Ciência da Religião” (SILVEIRA, 2021, p.131):

a) o compromisso com a descrição dos nossos objetos sem interferência das posições extra-acadêmicas do pesquisador; e (b) a análise dos dados levantados em uma atitude norteada pelo princípio de indiferença ideológica. (USARKI, 2018, p. 73)

As seções da coleção Fé Viva

Cada volume da coleção é composto pelas seguintes seções: **Iniciar**, que tem por objetivo iniciar o diálogo com os alunos sobre a temática em destaque que abre o capítulo; **Palavras úteis**, é a seção que define os termos-chave que aparecem em negrito no texto. Os significados das palavras também são definidos no glossário; **Estudo de Caso** é a seção que traz o ponto de vista de jovens e suas famílias, de diferentes vertentes, sobre como a fé deles afetam o modo como vivem e as decisões morais e éticas que tomam; a **Reflexão**, essa seção convida os alunos a refletirem sobre o que aprenderam no capítulo; **Atividades** é uma seção presente no fim de cada subitem, em que são propostas perguntas e atividades a partir

dos pressupostos de três disciplinas pertencentes à Ciências Humanas

– Teologia, Filosofia e Ciências Sociais – que norteiam as atividades de ER e, por fim, a seção **Avaliação**, presente no fim de cada capítulo, em que há uma tarefa de avaliação final, cujos objetivos são ajudar o aluno a perceber e avaliar seu próprio aprendizado e os pontos que ainda precisa estudar mais. (LIVING FAITHS, Oxford, 2013, p. 4).

Conhecer a dinâmica das seções da coleção é fundamental para entender a epistemologia da obra, pois cada seção propõe, num dado, um fato, um conceito, uma informação que foi escolhida pelos autores e equipe editorial para ser refletida, debatida, desenvolvida em vários níveis pelos alunos.

O desenvolvimento do conhecimento de determinada denominação perpassando pelas seções visa, também, buscar garantir que todas as denominações sejam vistas e trabalhadas sobre os mesmos pilares, de forma a não privilegiar nenhuma denominação, o mesmo se dá com relação aos títulos dos capítulos comuns a todos os volumes

Exemplo do volume Cristianismo:

Capítulo 1	No que os cristãos acreditam?
Capítulo 2	De onde vêm as crenças cristãs?
Capítulo 3	Pertencendo à fé cristã
Capítulo 4	Fazendo perguntas, explorando respostas
Capítulo 5	Crenças cristãs em ação

O mesmo ocorre com relação ao número de páginas de cada volume. Na coleção em questão, os seis volumes possuem 80 páginas, distribuídas nas seções citadas. Outra característica de grande relevância na coleção é o fato de que cada denominação é apresentada a partir do parecer de três famílias ou pessoas diferentes, sendo cada uma delas correspondente a uma corrente distinta.

No caso do Cristianismo, as correntes que fazem parte desta denominação são a família Arens, anglicanos e residentes em Leicester; a família Feller, católicos residentes em Oxford e a família White, também residentes em Oxford, porém pertencentes a denominação Quakers. (CHRISTIANITY, 2013, p. 5).

É a partir da seção “estudos de caso” que essas famílias vão se posicionando frente aos desafios da vida, sendo convidadas a refletirem sobre como agiriam diante das adversidades apresentadas na sociedade inglesa multiétnica, multicultural, plurirreligiosa, confessional anglicana, apontada pelos institutos de pesquisa como uma sociedade em que a presença de crimes de ódio e violência se fazem mais presentes. No decorrer dos posicionamentos, podemos observar as permanências e rupturas entre as diferentes correntes, no caso, do

Cristianismo.

Meet the Families!

In this book, you will meet several young Christian families from across the UK. You can read about their thoughts and views on various topics covered in the book, and also watch their full interviews on the *Christianity Oxbow Online*.



Lilian and Richard live with their parents in Leicester. They go to Sunday services at Leicester Cathedral regularly and are very involved with the Anglican community. Mr Arens is a priest at the Cathedral, and both Lilian and Richard sing in cathedral choirs.

The Arens family



The Feller family lives in Oxford, and the children, Katie, Molly, Mikey and James, all go to a local Roman Catholic school. The family enjoys cycling and playing their instruments together.

The Feller family



Isaac White and his parents live in Oxford too. They are Quakers and attend Oxford's Friends' Meeting House, in the life of which they are very involved. When Isaac can drag his parents away from Quaker actions on social justice, the family enjoys listening to punk music and going to the cinema.

The White family

(CHRISTIANITY, 2013, p. 5)

A Coleção e, por sua vez, os volumes ao trabalharem a diversidade dentro e fora da mesma tradição religiosa, propõem aos alunos um olhar plural, em que as diferentes tomadas de posicionamentos frente às mesmas situações ou temáticas, são apenas diferentes, nem certas ou erradas, e que portanto merecem ser respeitadas.

Tomemos como exemplo a temática proposta aos alunos para reflexão no capítulo 5

O que constitui uma família? Convidados a refletirem sobre “as diferenças nas famílias modernas e indique o que você acredita ser importante para uma família.(CHRISTIANITY, 2013, pp.68-69).

O texto, que segue a proposta de trabalho, afirma.

Durante as últimas décadas, ocorreram muitas mudanças na percepção do que se pensa ser uma família – desde a tradicional mãe, pai e dois filhos, até pais solteiros, meio-irmão e irmãs, padrastos e irmãos iguais. (...) Não existe uma maneira única de definir uma família atualmente. Muitas pessoas até olham além de seus parentes para outras pessoas que classificam como família. Jesus não se casou, mas criou sua própria família a partir dos discípulos e daqueles ao seu redor. Por causa dos exemplos de Jesus, muitos cristãos acreditam que embora os seus familiares sejam um benção a ser valorizada, a família de Deus é a família mais importante.”.(CHRISTIANITY, 2013, p.68).

As imagens que acompanham o texto apresentam exemplos das família citadas. O casamento homossexual, tema tabu, muito delicado para as Igrejas abraâmicas de modo geral, se faz presente de maneira extremamente particular neste volume, tanto em texto

narrativo, quanto em imagens, podendo chocar os fiéis mais tradicionais, pois há segmentos da Igreja Anglicana que aceitam essa formação familiar.

Os textos autoriais são acompanhados por citações a textos sagrados. Nesta temática, o texto escolhido para estabelecer um paralelo entre a realidade atual e a realidade no tempo de Jesus foi Mateus 12,47-50 que apresenta a passagem em que os discípulos tentam evitar que as crianças se aproximem de Jesus.

Os alunos também são convidados a pensar na própria família e na família que pretende formar.

5.3 Special Feature

What Makes a Family?

Learning Objectives

In this unit you will:

- consider some of the key Christian teachings about family
- evaluate the ways in which members of a family can support one another
- reflect on similarities and differences in modern families and identify what you believe is important for a family.

Start!

- Think about the TV programmes and films you watch. How many different families can you think of? Which are your favourite families and why?

During the last few decades, there have been many changes to the perception of what a family is thought to be – from the traditional mum, dad and two children, to single parents, half brothers and sisters, step-parents and siblings, same-gender parents and large community upbringing. There is no single way to define a family these days. Many people even look beyond their relatives to others who they class as family.

Jesus didn't get married, but he created his own extended family from the disciples and those around him. Because of Jesus' example, many Christians believe that whilst their relatives are a blessing to be treasured, the family of God is the most important.



"Then people brought little children to Jesus for him to place his hands on them and pray for them. But the disciples rebuked them. Jesus said, 'Let the little children come to me, and do not hinder them, for the kingdom of heaven belongs to such as these.'" Matthew 19:13–14

"Someone told him, 'Your mother and brothers are standing outside, wanting to speak to you.' He replied, 'Who is my mother, and who are my brothers?' Pointing to his disciples, he said, 'Here are my mother and my brothers. For whoever does the will of my Father in heaven is my brother and sister and mother.'" Matthew 12:47–50.

? Why do you think the disciples tried to stop people bringing children to Jesus? What was Jesus' response?

Many Christians believe that their immediate family should reflect the love that Jesus has for his people. There are teachings in the Bible that encourage husbands and wives to love one another, as well as passages telling parents to love their children and vice versa.


? Using the information in this unit, create a mind map entitled 'The Christian family'. Try to refer to the Church, as well as immediate relatives and relevant Bible passages.

Case Study

The Arens family believes that 'living in stable, loving relationships is important for everybody, especially for children growing up.' Mrs Arens says that it's important for adult relationships to be 'respectful and loving' too.

While family life is very important in many churches, Mr Arens says 'Christians traditionally have affirmed that single life can be a very blessed thing for some people, and married life can be a very blessed thing for other people.'

The parents try to pass on their values to their children. Mrs Arens says 'I hope that the way the children grow up with us has given them enough self-value, enough respect for others, that they will find loving relationships – whether with one partner for a lifetime, or with a circle of friends, or independent in themselves.'



Reflection

'A family can be created by any group of people prepared to show you love and respect.' How often do you receive love and respect, and give it to others?

Activities

- In just one sentence, explain why the family is so significant for Christians.
- In pairs or threes, create a series of short drama sketches that demonstrate what you think a family can give and encourage in one another.
- Using the information in this unit, design a website homepage for a local church that encourages people to go and be part of the family of Jesus. Make it appealing for all ages and needs.
- Mr and Mrs Arens hope that their children will grow up with self-value and respect for others. How might being part of a family help with this? In what situations might it not?
- 'For sale: the perfect parents and siblings.' What would they be like? Would you want them? Discuss why or why not with a partner.

(CHRISTIANITY, 2013, p. 68 e 69)

5.6 Multifaith, Multiculture, Multi...?

Learning Objectives

In this unit you will:

- learn what is meant by multifaith and multiculture
- develop an understanding of how Christians see their role in a multifaith, multicultural society
- explore your own views and experiences of the society around you.

Starter

- Create a mind-map that includes all the faiths and cultures that you can think in your local area.

Britain today is a multifaith, multicultural society where people from many religions and backgrounds live alongside each other. Sometimes there are clashes between groups, which hit news headlines, but most people want to get on with each other.

It is possible for people who have different beliefs to work together, 'side by side', on shared projects, such as charity work, or campaigns for justice. It is also important for people to speak 'face to face' to learn more about each other.

A charity called Coexist works to promote unity and understanding between Christians, Jews and Muslims, but there has been a range of reactions from Christians to this type of **interfaith** organization. Some would argue that working too closely with other faiths might require Christians to compromise on the central importance of Jesus. They might argue that it's not possible for different faiths to have the same unified purpose.

Other Christians would argue that if they want to share the love of Jesus with someone, they must first be open to hearing and understanding what others believe.

Do you think that it's fair to expect different religions to be open and accepting of each other? Discuss this with a partner.

There is neither Jew nor Gentile, neither slave nor free, nor is there male and female, for you are all one in Christ Jesus.
Galatians 3:28

Heads of many Christian denominations attend a meeting of prayer and reflection.

Think back to your mind-map of faiths and cultures that you made at the start of this unit. Do you think you could see all of these groups working together with a common aim? Why or why not? What might the barriers be?

Useful Words

Ecumenical Promoting and working towards unity between Christian denominations
Interfaith Between faiths

Activities

- What kind of society do you think we would have if everyone believed in the same thing? Write the first page of a novel that describes what this would be like.
- Do some research to find out about your local faith or interfaith group. Who is in it? What are their aims? What do they do?
 - Prepare a list of questions to ask someone who belongs to that group.
- What does 'coexist' mean? Design your own logo for the word. How many different symbols can you include?
- Prepare a brief for an architect who is designing a new multifaith worship space for your school, or for the local hospital. What would you include in this space?

Christian Beliefs in Action 95

(CHRISTIANITY, 2013, pp. 74-75)

A partir de passagens retiradas de textos sagrados, de obras de arte, de símbolos, ritos, estudos de casos e outras abordagens, os alunos são convidados a refletirem como diferentes pontos de vista éticos, morais e/ou religiosos são possíveis de coexistirem numa sociedade que considera o diferente com respeito e não como afronta ou conflito.

No capítulo 5, a partir do tema "Multireligiosa, multicultural, multi?", os alunos são convidados a visitarem esses termos e a refletirem como os cristãos se posicionam mediante essas realidades.

O texto trata da realidade multireligiosa e multicultural da Grã – Bretanha para pensar sobre a importância da Coexistência entre as religiões:

A Grã- Bretanha é hoje uma sociedade multireligiosa e multicultural onde pessoas de muitas religiões e origens vivem lado a lado. Às vezes há confrontos entre grupos, que chegam às manchetes, mas a maioria das pessoas quer se dar bem.

É possível que pessoas com crenças diferentes trabalhem juntas, "lado a lado", em projetos partilhados, como trabalhos de caridade ou campanhas pela justiça. Também é importante que as pessoas falem "cara a cara" para aprenderem mais umas sobre as outras.

Uma instituição de caridade chamada Coexist trabalha para promover a unidade e a compreensão entre cristãos, judeus e muçulmanos, mas tem

havido uma série de reações dos cristãos a este tipo de organização inter-religiosa. Alguns argumentariam que trabalhar em estreita colaboração com outras religiões pode exigir que os cristãos comprometam a importância central de Jesus. Eles poderiam argumentar que não é possível que diferentes religiões tenham o mesmo propósito unificado. Outros cristãos argumentariam que se quiserem compartilhar o amor de Jesus com alguém, você deve primeiro estar aberto para ouvir e compreender o que os outros acreditam. (Tradução da autora. CHRISTIANITY, 2013, p. 74)

O texto evidencia a importância da convivência pacífica e solidária entre as diferentes tradições religiosas, para a promoção de projetos comuns, unificados em prol da efetivação da justiça, do bem comum. O texto finaliza chamando a atenção dos cristãos para seguir Jesus, o que implica em “estar aberto para ouvir e compreender o que os outros acreditam”.

As imagens deste capítulo trazem a diversidade étnica, etária, religiosa, em união por um bem comum, assim como o desenvolvimento de conceitos estruturantes multireligioso, multicultural e ecumênico. Esse capítulo aponta para a prevalência de um compromisso da Coleção Fé Viva com os propósitos das instituições associadas à defesa dos Direitos Humanos, como a COE, tendo Jesus como modelo de Coexistência entre a diversidade.

Conclusão

Um dos pontos focais desse trabalho foi investigar, a partir de uma amostra de material didático, no caso a Coleção “Fé Viva”, qual a epistemologia que rege o material, partindo do pressuposto de que por ser uma coleção adotada na quase totalidade das escolas estatais, ela contribuiria para nos aproximarmos do perfil e lugar do Ensino Religioso na Inglaterra.

A análise foi feita do volume Cristianismo da Coleção “Fé Viva”, que trabalha com as seis religiões consideradas mais representativas na Inglaterra pela legislação, e, portanto, presente nos currículos básicos em que incluem Ensino Religioso. Iniciar a coleção com três famílias representativas da mesma religião, porém cada uma delas de vertentes diferentes, colabora para a compreensão de que a realidade não é de “ismo”, mas de “ismos”, ou seja, não temos cristianismo, mas cristianismos, e isto implica em compreender que as vertentes religiosas têm princípios comuns, mas muitas diferenças entre si, o que gera comportamentos e modo de ver a vida de formas, muitas vezes, bem diferentes.

A proposta da coleção de apresentar as religiões a partir de um diálogo entre os textos históricos e sagrados e os depoimentos reais de três famílias de vertentes diferenciadas e promove um maior interesse dos alunos, pois os exemplos práticos apresentam de maneira clara as implicações da aplicabilidade da doutrina no cotidiano das pessoas.

O material apresenta temáticas atuais relacionadas às religiões, a partir de trechos de textos jornalísticos, porém nem sempre contextualizado, e acompanhados de propostas de trabalho. A coleção valoriza a precisão conceitual das religiões, através do glossário,

localizado no final do livro, da seção “palavras úteis”, presente, praticamente, em todos os subcapítulos, que tem a mesma função do glossário, porém próximo ao texto em que a palavra foi citada; e, em menos vezes, através de depoimentos das famílias e nas propostas de atividades. Observamos que os conceitos são, na maioria das vezes, “dados” numa proposta de memorização, tendo pouca oferta de atividades em que o conceito seja elaborado numa proposta mais construtivista.

A pesquisa considerou que, embora a coleção seja composta por 6 volumes, cada um representando uma tradição religiosa, podendo representar uma diversidade religiosa, observamos que o estudo fundamentado no estudo de algumas religiões não pode ser confundido com pluralidade, uma vez que não é quantidade de religiões que garante a diversidade, mas a metodologia utilizada no estudo das mesmas partir de uma abordagem temática capaz de incluir outras crenças, religiões, filosofias. No que tange ao lugar de Jesus, no volume Cristianismo, ele é sempre apresentado como exemplo de comportamento comprometido com o amor intercultural, interreligioso, inter....

REFERÊNCIAS

BRITISH RELIGION IN NUMBERS. **The 2005 English Church Census**. Bristol: British Academy, [2005]. Disponível em: <http://www.brin.ac.uk/figures/findingsfromtheenglishchurchcensus2005>. Acesso em: 13 out. 2023.

COUNCIL OF EUROPE. Teaching religious and convictional facts: a tool for acquiring knowledge about religions and beliefs in education; a contribution to education for democratic citizenship, human rights and intercultural dialogue. *In*: Conference Proceedings, 6 a 8 jun. 2004, Oslo. **Anais** [...]. Strasbourg: Council of Europe, 2004. Disponível em: <https://rm.coe.int/16805d37d8>. Acesso em: 12 set. 2023.

COUNCIL OF EUROPE. **White Paper on Intercultural Dialogue**: “Living Together as Equals in Dignity”. Strasbourg, 7 maio 2008. Disponível em: https://www.coe.int/t/dg4/intercultural/source/white%20paper_final_revised_en.pdf Acesso em: 12 set. 2023.

EUROPE UNION. Charter of Fundamental Rights of the European Union. **Official Journal of the European Communities**, [S. l.], 18 dez. 2000. Disponível em: https://www.europarl.europa.eu/charter/pdf/text_en.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.

USARSKI, Frank. O pesquisador como benfeitor? Reflexões sobre os equívocos da Ciência da Prática da Religião e sua alternativa. In: STERN, F. L.; COSTA, M. O. (orgs.). **Ciência da Religião Aplicada**: ensaios pela autonomia e aplicação profissional. Porto Alegre, Ed. Fi, 2018.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos fraturados**: cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIVING FAITHS. **Fé Viva**, Oxford: Oxford, 2013.

O MAPA da fé no Reino Unido. **Opinião e Notícia**, 14 dez. 2012. Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br/internacional/o-mapa-da-fe-no-reino-unido/>. Acesso: 17 out. 2023.

Observatório da Imigração. **Centro de Investigação e Estudos de Sociologia**. Instituto Universitário de Lisboa, 2018.

PAJER, Flávio. L'istruzione religiosa nelle scuole dell'unione europea: un' identità plurale e in evoluzione. **Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 449-478, jul./dez. 2010.

PARLIAMENTARY ASSEMBLY. **Education and religion**. Recommendation 1720. Strasbourg, 4 out. 2005. Disponível em: <https://assembly.coe.int/nw/xml/XRef/Xref-XML2HTML-en.asp?fileid=17373&lang=en>. Acesso em: 12 set. 2023

PARLIAMENTARY ASSEMBLY. **Recommendation 1720 (2005)**: education and religion. Strasbourg: Council of Europe, 2005b. Disponível em: <https://assembly.coe.int/nw/xml/XRef/Xref-XML2HTML-en.asp?fileid=17373&lang=en> Acesso em: 14 out. 2023.

SILVEIRA, V. F. B. F. **Entre a teoria e a prática**: limites da aplicação da Ciência da Religião na produção dos livros didáticos de Ensino Religioso no Fundamental. 2016. Dissertação – (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVEIRA, V. F. B. F. **O Ensino Religioso na Inglaterra entre 1988 – 2011: desafios e perspectivas em uma sociedade confessional e multicultural**. 2021. Dissertação – (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

THE EUROPEAN FORUM FOR TEACHERS OF RELIGIOUS EDUCATION. **Member**

Countries of EFTRE. [S. l.], [2018]. Disponível em: <https://eftre.weebly.com/re-in-europe.html>. Acesso em: 26 jul. 2023.

A SABEDORIA BÍBLICA NAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO: CONSIDERAÇÕES DIDÁTICAS

Gisele Canário, Mestra em Teologia com especialização em Exegese Bíblica pela PUC-SP. Graduada em Geografia, Teologia e Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. É assessora do Centro Bíblico Verbo. Integrante de grupos de reflexão bíblica para site e redes sociais: Ministério da Palavra na Voz das mulheres (Instituto Humanitas Unisinos) e Grupo São Jerônimo. É professora de Ensino Religioso, Projeto de Vida e Geografia na Educação Básica.*

Humberto Herrera Contreras, Doutor em Educação. Graduado em Filosofia, Pedagogia e Teologia. Participa na Comissão para a Cultura e Educação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). É membro da Rede Internacional de Filosofia Ecológica Integral e da Sociedade Brasileira de Cientistas Católicos (SBCC).**

RESUMO

O artigo aborda a sabedoria bíblica e suas possibilidades didáticas no componente curricular Ensino Religioso. Reconhece-a como patrimônio cultural que pode ser socializado e contribuir na formação para a cidadania. Inicialmente, situa-a no contexto temático da unidade textos sagrados e destaca seu potencial instrutivo e prático, em termos de valores e ética, empatia e compreensão intercultural e responsabilidade social. Na sequência, discorre sobre as possibilidades didáticas que podem ser realizadas com base nos saberes bíblicos e indica metodologias que favorecem essa mediação. A pesquisa é bibliográfica e apoia-se na experiência docente dos autores. Conclui que a sabedoria bíblica pode ajudar os estudantes a desenvolverem uma consciência crítica sobre as desigualdades sociais e a se engajarem na promoção da paz e da justiça, desde que seja lida e compreendida à luz dos valores marcados pela cultura humana e dos múltiplos contextos em que a literatura bíblica foi escrita, vivida e compreendida.

Palavras-chave: Sabedoria bíblica. Ensino Religioso. Cidadania. Interculturalidade. Cultura de paz.

RESUMEN

El artículo aborda la sabiduría bíblica y sus posibilidades didácticas en el componente curricular Enseñanza Religiosa. Reconócela como patrimonio cultural que puede ser socializado y contribuir en la formación para la ciudadanía. Inicialmente, sitúala en el contexto temático de la unidad textos sagrados y destaca su potencial instructivo e práctico, en términos de valores y ética, empatía y comprensión intercultural y responsabilidad social. Seguidamente, diserta sobre las posibilidades didácticas que pueden ser realizadas con base en los saberes bíblicos e indica metodologías que favorecen esa mediación. La investigación es bibliográfica y apoyase en la experiencia docente de los autores. Concluye que la sabiduría bíblica puede ayudar los estudiantes a desarrollar una conciencia crítica sobre las desigualdades sociales y a comprometerse en la promoción de la paz y de la justicia, desde que sea leída y comprendida a la luz de los valores marcados por la cultura humana y de los múltiples contextos en que a literatura bíblica fue escrita, vivida y comprendida.

Palabras-clave: Sabiduría bíblica. Enseñanza Religiosa. Ciudadanía. Interculturalidad. Cultura de paz.

Considerações Iniciais

Os textos sagrados integram sentidos e significados para as diferentes culturas.

* E-mail: giselecanario@gmail.com

** E-mail: htoherrerac@gmail.com

Constituem conhecimento religioso que pode ser compreendido, em diversas perspectivas, dependendo dos contextos e modelos educativos. Por exemplo, na educação familiar, eclesial, escolar, acadêmica, entre outros, esse estudo assumirá características específicas, marcadas por orientações pedagógicas diferentes.

Os textos sagrados orais e escritos integram o universo do fenômeno religioso e constituem um bem simbólico da busca de sentidos e significados de diferentes culturas e sociedades. Contém um sagrado “expresso e comunicável” (BIACA, *et al.*, 2006, p. 41) de diversos jeitos de organização que buscaram preservar suas memórias, cosmovisões, cosmossensações, ideia(s) de divindade(s), narrativas, histórias, mitos, experiências, valores e transmiti-las de geração em geração, como saberes que podem apoiar um comportamento pessoal e social virtuoso e solidário (BRASIL, 2017; HOLANDA, 2015). Enquanto patrimônio religioso, são um alicerce da fé e da busca de sentido para a vida, para a existência.

O artigo centra a sua atenção na sabedoria bíblica e comenta considerações didáticas que podem pautar sua integração nas aulas de Ensino Religioso, como parte da proposta da formação básica do cidadão (BRASIL, 1996). A abordagem não se limita a práticas de Ensino Religioso confessional, já que se entende a sabedoria bíblica enquanto patrimônio cultural que pode ser socializada conforme os fundamentos teóricos e pedagógicos que o componente curricular dispõe. Dessa maneira, a discussão visa favorecer o intercâmbio e diálogo entre os estudantes, na perspectiva da interculturalidade e cultura de paz.

A pesquisa está organizada em duas partes. Na primeira parte aborda a sabedoria bíblica e sua contribuição na formação para a cidadania, dando ênfase a seu potencial instrutivo e prático em termos de valores e ética, empatia e compreensão intercultural e responsabilidade social. Na segunda parte discorre sobre as possibilidades didáticas que podem ser realizadas com base nos saberes bíblicos e indica metodologias que favorecem a mediação desses saberes nas aulas de Ensino Religioso.

A sistematização das ideias que se apresentam são resultado de pesquisas bibliográficas e da experiência docente dos autores.

A sabedoria bíblica e a formação para a cidadania

A referência à Bíblia remete ao compêndio dos textos sagrados tanto do Antigo quanto do Novo Testamento (CUNHA, 2007, p. 108). Dentro da tradição católica, a Sagrada Escritura é concebida como a palavra de Deus, redigida sob a inspiração do Espírito Santo. É reconhecida como obra divina, tendo Deus como o autor supremo, que selecionou escritores inspirados (hagiógrafos) para registrar somente aquilo que Ele desejou (DV, 11). Nesse contexto, a crença central é que os Livros da Escritura contêm verdades fundamentais relacionadas à salvação e são instrumentos valiosos para o ensino, a refutação, a correção e a

formação na justiça (DV, 11). Esses escritos são considerados essenciais para que aqueles que os estudam possam aprimorar-se e realizar ações virtuosas.

Contudo, é recomendado um estudo minucioso para compreender o real significado pretendido pelos hagiógrafos, levando em consideração os diversos gêneros literários presentes nos textos (históricos, proféticos, poéticos, entre outros). Tal interpretação deve buscar entender a mensagem conforme expressa nas circunstâncias particulares, levando em conta as condições culturais e temporais dos autores (DV, 12). Em outras palavras, é fundamental atentar-se aos modos específicos de pensamento, expressão e narrativa presentes na época em que os hagiógrafos viveram, bem como às formas linguísticas usuais na comunicação humana daquele período (DV, 12).

Dessa maneira, acredita-se que os exegetas, tradutores, ministros religiosos, catequistas e educadores têm a capacidade de compreender e transmitir o significado dos textos bíblicos, oferecendo explicações pertinentes (DV, 25) que auxiliem na experiência espiritual daqueles que os leem ou ouvem. Essas explanações são consideradas cruciais para um entendimento mais profundo da Escritura, enriquecendo a compreensão e a vivência religiosa dos indivíduos envolvidos.

Leal (2015, p. 31-32) enfatiza a importância da leitura e compreensão para evitar abordagens interpretativas extremas, como o racionalismo estrito (que se concentra apenas nos dados objetivos, sem considerar a dimensão da fé) ou o fundamentalismo (que desconsidera a racionalidade das interpretações e ensinamentos, focando em ideologias e necessidades pessoais), ambas propensas a gerar desinteresse pelo tema (LEAL, 2021, p. 260). A autora apresenta diretrizes ou orientações interpretativas que favorecem uma abordagem mais enriquecedora do estudo bíblico na escola. Dentre elas, destacam-se três princípios: (1) *A Escritura é resultado de um esforço coletivo*: diversos livros, distintos gêneros literários, múltiplas narrativas sobre os mesmos eventos, diversas teologias - ou seja, várias perspectivas na conceituação e compreensão da ação divina na história, todas construídas por diferentes grupos em contextos e períodos singulares (p. 50-51). Ao adaptar este ponto à realidade de uma escola católica confessional, Leal argumenta:

Nesse ambiente, o “pensar bíblico” chama a atenção e julga pela ótica da diferença, o que poderia suscitar novas leituras da própria fé e da realidade em que se vive, bem como da ação educativa e pastoral realizada. [...]. Uma escola *animada* bíblicamente busca oferecer esses espaços de abertura ao diferente, ao novo, pois ao perceber que na Escritura há diversidade de ideias, de classes de pessoas e de formas distintas de relacionamento com Deus, a escola católica poderia olhar com nova luz a realidade escolar, que se mostra diversificada (LEAL, 2015, pp. 51-52).

Dando sequência: (2) *a Bíblia é Palavra de Deus para os cristãos, mas foi escrita em épocas diferentes e distantes da contemporaneidade*: “[...] na leitura de uma perícopa, há que se considerar as expressões linguísticas próprias do tempo e do lugar, os usos e costumes, o

fato de termos em mãos traduções e não o texto original, as diferenças do pensar semítico e de nossa sociedade ocidental” (LEAL, 2015, p. 54-55); e (3) a *Escritura é um tesouro* de informações sobre a busca humana de Deus, e pode-se ser estudada como livro de antiguidade ou como livro de fé:

Como livro de antiguidade, muita coisa já foi descoberta, lida, relida, explicada, traduzida, comparada. Ainda surgem novidades, mas elas não geram grandes mudanças na vida do cientista. Por outro lado, como livro de fé, cada vez que se lê uma perícopes da Escritura encontra-se um novo sentido, uma nova mensagem, abrem-se novos caminhos de experiência humana e cristã (LEAL, 2015, p.64).

Essas abordagens podem promover uma mentalidade bíblica (LEAL, 2015) que se caracterize por um diálogo aberto, receptivo à "convivência com a diversidade de crenças, ideias, convicções, modos de ser e viver" (BRASIL, 2017, p. 437). Essa mentalidade também busca ser uma resposta diante das diversas formas de violência, racismo e individualismo, favorecendo, assim, a cultura de paz. No contexto educacional, a leitura dos textos bíblicos requer uma abordagem crítica, alinhada aos estudos científicos, e conectada à realidade dos estudantes (LEAL, 2021), enquanto se mantém aberta à busca pelo transcendente (ADÃO, 2021).

É consensual que o estudo dos textos bíblicos transcende uma visão puramente religiosa e se torna um campo relevante para a construção de valores fundamentais para a estruturação da sociedade. A Bíblia oferece mais do que uma simples compreensão histórica das culturas antigas e suas tradições; ela também apresenta um conjunto de princípios éticos universais que são indispensáveis para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes.

Ao longo do tempo os estudos da Modernidade e a exploração da sabedoria bíblica revelam-se como perspectivas complementares que oferecem passos importantes sobre a evolução e os desafios enfrentados pelas sociedades ao longo do tempo. Os estudos modernos refletem mudanças na visão de mundo, estruturas sociais e valores éticos, enfatizando a racionalidade, avanços científicos e tecnológicos como pilares centrais desse paradigma. Entretanto, confrontar esses valores e ideais com a sabedoria bíblica oferece um contraponto significativo. Os ensinamentos da Bíblia apresentam um conjunto de princípios éticos e morais que vão muito além do tempo, influenciando valores culturais, a ética e a compreensão do mundo desde tempos antigos até os dias atuais.

A dicotomia entre os valores modernos, como individualismo, progresso material e a ênfase na racionalidade científica, e os princípios da sabedoria bíblica, que promovem a compaixão, solidariedade, justiça e cuidado com o próximo, proporciona uma base para reflexões sobre o equilíbrio entre o avanço técnico-científico e a sabedoria moral na construção de uma sociedade mais equitativa e ética. A comparação entre esses conjuntos de

valores possibilita análises críticas sobre a busca por uma ética que promova o desenvolvimento humano e coletivo, considerando não apenas o progresso material, mas também o bem-estar social, a igualdade e a sustentabilidade ambiental.

O encontro e o enfrentamento entre as mentalidades modernas que desvinculam a natureza da relação entre seres humanos e o ambiente natural, ressalta a responsabilidade mútua e o cuidado com a criação, inspirando reflexões sobre modelos de desenvolvimento sustentável e relações harmoniosas entre seres humanos e natureza. A abordagem que integra os estudos da Modernidade e a sabedoria bíblica promove uma compreensão abrangente das dinâmicas sociais e culturais, e acaba por fornecer ferramentas importantes e valiosas para o enfrentamento dos desafios contemporâneos e a busca por uma sociedade mais justa, equilibrada.

Valores e ética

Ao lermos a Bíblia perceberemos que a ética se faz presente o tempo todo e que está intrinsicamente ligada na cultura desses povos antigos para além das realidades estritamente religiosas. Seus ensinamentos oferecem uma base importante para a formação moral e ética dos indivíduos. Questões como amor ao próximo, justiça, compaixão, respeito pela dignidade humana e solidariedade estão sempre presentes nos relatos e ensinamentos bíblicos. Esses valores são fundamentais para o cultivo de relações saudáveis e para o entendimento do indivíduo como agente de transformação social.

- **Aplicação prática dos valores:**

O estudo desses valores não se restringe à compreensão teórica, mas visa à aplicação prática no cotidiano. Ao explorar histórias e parábolas bíblicas que ilustram esses princípios éticos, os alunos são incentivados a refletir sobre como incorporar tais valores em suas ações diárias. Por exemplo, a parábola do Bom Samaritano ressalta a importância da compaixão e a prática do cuidado para com o próximo, independentemente de diferenças culturais, étnicas ou sociais.

- **Formação do caráter e tomada de decisões éticas:**

Através do estudo da sabedoria bíblica, os estudantes têm a oportunidade de desenvolver um caráter ético sólido. O contato com dilemas morais e éticos presentes nos textos sagrados os desafia a refletir sobre as consequências de suas ações e a tomar decisões éticas embasadas em valores sólidos. Isso contribui não apenas para o desenvolvimento pessoal, mas também para a construção de uma sociedade onde a ética e a responsabilidade são valores primordiais.

- Construção de uma sociedade mais justa e inclusiva:

Ao internalizarem esses valores, os estudantes são motivados a se tornarem sujeitos de mudança em suas comunidades. A compreensão da importância da justiça, equidade e respeito mútuo os impulsiona a serem promotores de um ambiente mais inclusivo e igualitário, combatendo ativamente a discriminação e o preconceito em todas as suas formas.

Empatia e compreensão intercultural

Quando os estudantes adentram na dimensão cultural das narrativas e parábolas bíblicas, são imersos em um mundo que transcende fronteiras geográficas e temporais. A Bíblia pode ser compreendida pelos estudantes para além da dimensão religiosa, e isso se dá por conta das inúmeras experiências e da diversidade da condição humana ao longo do tempo. Por meio dessas histórias, os estudantes têm a oportunidade de contemplar a diversidade cultural, as tradições, os valores e desafios que atravessam diferentes épocas e civilizações.

Essa imersão em contextos variados permite uma compreensão mais profunda da pluralidade existente na sociedade. Ao se depararem com relatos que retratam a vida de povos e culturas distintas, os alunos são confrontados com perspectivas diferentes das suas próprias realidades. Isso não apenas amplia seus horizontes, mas também os desafia a reconhecer e valorizar a riqueza presente na diversidade cultural.

Quando o estudante aprecia a diversidade cultural é instigado a desenvolver a empatia, colocando-se no lugar do outro e compreendendo melhor suas visões de mundo no mundo. Essa capacidade de se colocar no lugar do próximo é crucial para a construção de sua identidade, e garantir que esse estudante mantenha relações saudáveis e harmoniosas em uma sociedade plural. A empatia cultivada por meio da exposição à diversidade cultural promove um ambiente de respeito mútuo, onde as diferenças são não apenas aceitas, mas valorizadas como parte essencial da grandeza da humanidade.

Sem dúvidas, essa compreensão mais ampla sobre a diversidade cultural contribui diretamente para a construção de uma sociedade intercultural e inclusiva. Quando se reconhece e se celebra as múltiplas formas de ser e viver, os estudantes são capacitados a se tornarem agentes de mudança em direção a um mundo mais justo e igualitário, onde a diversidade não seja apenas tolerada, mas verdadeiramente apreciada como um elemento enriquecedor da sociedade.

Dessa forma, a busca por compreender melhor as narrativas bíblicas não se restringem a um estudo religioso, mas oferece uma espécie de oportunidade acadêmica ao estudante para que ele possa exercer de forma mais significativa a empatia, o respeito à diversidade e a

valorização das diferenças culturais, ou seja, contribuindo para o projeto de vida e formação integral desse estudante.

Responsabilidade social

O estudo dos textos bíblicos no Ensino Religioso representa uma oportunidade significativa para abordar não apenas questões espirituais, mas também aspectos relacionados à responsabilidade social. A Bíblia, além de ser considerada um texto sagrado, oferece uma pluralidade de narrativas que transparecem dilemas sociais, princípios de justiça e chamados à ação em prol do coletivo.

Os estudantes, ao conhecerem essas narrativas são expostos a dilemas morais, injustiças e desafios sociais que não apenas foram relevantes em épocas antigas, mas que continuam a ressoar na sociedade contemporânea. A mensagem de amor ao próximo, a defesa dos direitos dos marginalizados e a busca pela justiça social são elementos recorrentes que inspiram novas reflexões e instigam os estudantes a considerarem suas responsabilidades individuais e coletivas na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Estudar a Bíblia não significa ser passivo; ao contrário, instiga a ação. Essa análise encoraja os estudantes a se tornarem agentes de mudança, a se engajarem ativamente em questões cívicas e sociais e a desenvolverem uma consciência mais ampla sobre o impacto das suas ações na comunidade.

A solidariedade e o serviço ao próximo, valores fundamentais presentes nos textos bíblicos, são fomentados como princípios ativos de responsabilidade social. Isso inspira os estudantes a considerarem não apenas a preocupação com o próprio bem-estar, mas também a buscar maneiras tangíveis de contribuir para o benefício daqueles que enfrentam desafios ou adversidades.

Nessa perspectiva, o estudo dos textos bíblicos no Ensino Religioso transcende o aprendizado teológico, e oferece uma ferramenta acadêmica importante para o desenvolvimento de uma consciência cidadã ativa, responsável e comprometida com a busca por uma sociedade mais justa, igualitária e compassiva. Essa abordagem deve suscitar nos estudantes o espírito da mudança e da transformação, capazes de desempenhar um papel significativo na construção de um mundo melhor.

Os saberes bíblicos nas aulas de Ensino Religioso

O reconhecimento da Bíblia como um texto sagrado e um patrimônio cultural vai além do ambiente das religiões. A Bíblia é amplamente reconhecida por estudiosos e pesquisadores de diversas áreas acadêmicas. Atualmente diversos autores têm explorado

essa dimensão cultural da Bíblia, destacando seu impacto significativo na história da humanidade.

Karen Armstrong, autora e estudiosa de religião comparada, discute em suas obras, como *Uma História de Deus* e *O Grande Desafio* a evolução e influência da Bíblia, enfatizando seu papel na formação cultural e ética das sociedades ao longo da história. Ela ressalta como os ensinamentos bíblicos foram importantes não apenas à religião, mas também no campo da ética, influenciando as noções de moralidade e justiça em diversas culturas.

Robert Alter, professor de literatura hebraica e comparada na Universidade da Califórnia, destaca em suas obras, como *A Arte da Bíblia* e *A Narrativa Hebraica*, a importância literária da Bíblia. Ele analisa minuciosamente a estrutura narrativa, a linguagem poética e a profundidade literária dos textos bíblicos, ressaltando sua contribuição para a literatura mundial e seu impacto na forma como as histórias são contadas.

Também a influência da Bíblia na arte e na cultura é explorada por autores como Erich Auerbach em *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*, em que ele destaca como as narrativas bíblicas moldaram a literatura ocidental e influenciaram a construção de personagens e enredos.

Dentro do campo da antropologia cultural, Clifford Geertz, em suas obras como *A Interpretação das Culturas* e *Religião como Sistema Cultural*, explora o papel da religião, incluindo os textos sagrados, na construção e manutenção das culturas. Ele ressalta como os símbolos e significados presentes nos textos religiosos, incluindo a Bíblia, desempenham um papel fundamental na formação da identidade cultural de uma sociedade.

Esses autores e suas pesquisas oferecem uma perspectiva interdisciplinar sobre a Bíblia como um texto sagrado e patrimônio cultural. Eles destacam a sua relevância religiosa e também sua influência na literatura, na ética, na arte e na cultura, solidificando seu status como uma obra que vai além da perspectiva sagrada e se torna um legado cultural da humanidade.

A seguir algumas sugestões práticas que podem exercer influência positiva no aprofundamento bíblico em contexto de sala de aula na educação básica.

Tabela 1: Sugestões práticas para aplicação na sala de aula sobre o estudo interdisciplinar da Bíblia como texto sagrado e patrimônio cultural.

Tema	Sugestões Práticas para a Sala de Aula
Abordagem Literária e Histórica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise crítica da estrutura narrativa dos textos bíblicos. ▪ Contextualização histórica dos relatos.
Enfoque Cultural e Antropológico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estudo dos símbolos e significados presentes na Bíblia. ▪ Comparação entre narrativas bíblicas e mitos/folclore de outras culturas.
Análise Ética e Filosófica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Debates éticos baseados nos ensinamentos bíblicos. ▪ Reflexões sobre os princípios éticos presentes na Bíblia e

	sua aplicação na vida cotidiana.
Exploração Artística	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Análise de obras de arte influenciadas pela Bíblia. ▪ Estímulo à criação artística inspirada em passagens bíblicas.
Atividades Práticas e Interativas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Visitas a museus/exposições sobre a influência da Bíblia na arte e cultura. ▪ Dramatizações e <i>role-plays</i> de passagens bíblicas ou contextos históricos.

Fonte: Autoria própria, 2023.

A tabela 1 serve como um guia metodológico para os educadores interessados em explorar de forma interdisciplinar o estudo da Bíblia, oferecendo sugestões práticas e diversificadas para envolver os alunos e promover uma compreensão mais ampla da influência cultural desse texto sagrado.

No modelo do Ensino Religioso Confessional, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em sua publicação *Ensino Religioso no Brasil – Novos desafios, novas perspectivas* elenca dois objetivos que fazem referência direta aos textos sagrados: “Oferecer o contato com os textos religiosos, históricos e narrativos que fundamentam a Tradição em questão”; e “Respeitar a abordagem desses textos com a interpretação corrente naquela religião, e reconhecer que tais textos fundamentam o modo de ser e viver das pessoas e das sociedades que os seguem” (CNBB, 2023, p.58-59). Esses objetivos situam-se numa proposta pedagógica, que pautada nos conhecimentos da teologia específica de cada Tradição religiosa, visa ajudar o aluno a utilizar os conteúdos de sua fé (entre eles, seu texto sagrado) em sua vida cotidiana e no diálogo com as demais ciências que integram o currículo escolar, bem como lhe apoiem no respeito e diálogo com aqueles que pensam e creem diferente dele. Por exemplo, no caso do Ensino Religioso Confessional Católico o texto sagrado de referência é a Bíblia. A teologia da educação considera a Bíblia capaz de ensinar a avaliar eticamente as situações, favorecendo o discernimento crítico evangélico (AHUMADA, 2003).

Soriano (2015, p.205) ao referir-se ao Ensino Religioso Escolar na Escola católica¹ indica que o componente curricular precisa proporcionar “conhecimento da experiência religiosa cristã, no contexto do fenômeno religioso como fenômeno humano e das demais tradições religiosas”. A intenção das fontes, livros sagrados (no caso da Bíblia), é que os alunos identifiquem “através da roupagem cultural e literária dos textos sagrados a experiência religiosa original neles expressada e vivida historicamente e na atualidade pelos grupos e indivíduos religiosos que a têm como referência” (MARTÍN, 2010, p. 21).

Em semelhante perspectiva, Sosa (2007) considera a Bíblia uma ferramenta de trabalho que precisa ser utilizada de forma didática, incluindo comentários sobre seus livros,

¹ As contribuições de Soriano (2015), Martín (2010), Sosa (2007), Campos (2009), Garcés e Chaparro (2010) e Sierra (2013; 2015; 2011) constituem ideias da experiência pedagógica espanhola no campo do Ensino Religioso Escolar Católico e possuem alcance em alguns países de América Latina. São apresentadas a modo de reflexão sobre o estudo da sabedoria bíblica no campo do Ensino religioso confessional católico, já que no Brasil, temos experiências semelhantes na perspectiva desse modelo.

vocabulário, mapas... e conduzida de forma participativa e lúdica (por atividades investigativas, estudo das personagens e nomes, da geografia bíblica, jogos, música, teatro, artes plásticas...), com o objetivo de que os estudantes possam “conhecer melhor os fundamentos de sua fé, e reconhecer e interpretar a influência bíblica nas múltiplas manifestações religiosas e culturais de seu próprio entorno e cultura” (SOSA, 2007, p. 11). Campos (2009) acrescenta o valor educativo das perguntas na Bíblia², como experiência que explora o buscar respostas, sentidos para a vida. Na percepção do autor “a pergunta bíblica é um modo de fé, de espera e de esperança razoáveis” (CAMPOS, 2009, p.127). Também, Garcés e Chaparro (2010) descrevem exemplos de inovação metodológica para serem aplicados, como: *Ser um jornalista das primeiras comunidades cristãs* e *Ser um copista da Bíblia na Idade Média*.

Sierra (2013) em sua investigação sobre a didática de Ensino Religioso para as crianças, explica que a narração bíblica não pode ser direcionada como um conto, pelo significador religioso que a Bíblia implica para a tradição cristã. Sugere que se escolham as narrativas bíblicas tendo como um dos critérios as que respondem aos interesses e capacidade das crianças, como os relatos bíblicos próximos ao mundo celebrativo. Segundo ela, quanto mais plástica for a narração, mais próxima e significativa será a mensagem que se deseja transmitir. E, recomenda, que o professor que narra a passagem bíblica conheça de forma global as personagens que descreve, de modo que consiga ressaltar elementos da personalidade e atitudes desses personagens. No que se refere aos adolescentes, a autora comenta que é possível apresentar modelos de identificação na Bíblia, particularmente, na pessoa de Jesus e na comunidade cristã, e promover práticas investigativas de busca de informação, manuseio e interpretação das fontes bíblicas (SIERRA, 2015). Sierra (2011, 92) enfatiza na didática aplicada à linguagem bíblica que:

Didaticamente é necessário que ao menos o professor e dependendo da idade também os alunos conheçam a existência de distintos tipos de textos, reflexo da variedade de épocas, estilos e formas literárias que se recolhem no que conhecemos como gêneros literários. [...].

Em primeiro lugar é oportuno que os alunos aprendam que a forma de agrupação dos livros não coincide com os gêneros literários; ou seja, os livros históricos, por exemplo, não possuem somente história, senão que neles é possível distinguir narrativas, textos legais, relatos míticos, epopeias etc., ou que nos livros proféticos não só existem profecias, senão que podemos encontrar gênero apocalíptico e outros.

A autora considera que essa aproximação didática é fundamental, já que se necessita do pensamento lógico abstrato para entender essas explicações. E, também, evitar decepções ou opiniões dos estudantes que se sintam enganados pela forma e conteúdo que aprenderam.

No caso do Ensino Religioso Não Confessional tem-se “como abordagem o conhecimento da cultura religiosa brasileira” (CNBB, 2023, p. 67), a fim de contribuir para que

² No seu livro lista 505 perguntas que aparecem nos Evangelhos (CAMPOS, 2009, p. 129-149).

o estudante possa “compreender e respeitar a diversidade de crenças religiosas, bem como a sua incidência performativa nas pessoas e na sociedade” (CNBB, 2023, p. 67). Apoia-se nas Ciências Humanas e Sociais, notadamente, na(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) (BRASIL, 2017), com a intenção de “ajudar o educando a entender o fenômeno religioso que o cerca” (CARON, 2016, p.155).

O Ensino Religioso precisa tratar os conhecimentos religiosos (textos sagrados) a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença e convicção. Para isso, deve adotar “a pesquisa e o diálogo, como princípios mediadores e articuladores dos processos de observação, identificação, análise, apropriação e ressignificação de saberes” (BRASIL, 2017, p. 436). Dessa maneira, problematiza representações preconceituosas, intolerantes, discriminatórias, racistas e excludentes sobre o outro, buscando promover atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades, necessárias para a convivência democrática e cidadã (BRASIL, 2017). Sobre esse ponto, Benevides (2015, p. 229) escreve:

Um ensino pluralista concebe-se na percepção de que há textos sagrados de matrizes religiosas em diversas sociedades e em tempos históricos variados. O acesso a esses textos pauta-se na compreensão de que não há verdades únicas, característica diversa daquela adotada por um ensino dogmático.

Nos Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Religioso as Escrituras Sagradas e/ou Tradições Orais contém uma sabedoria que orienta a vida concreta daqueles que os reconhecem como experiência de fé. Cabe destacar que essa sabedoria foi elaborada “num processo de tempo-história, num determinado contexto cultural, como fruto próprio da caminhada religiosa de um povo, observando e respeitando a experiência religiosa de seus ancestrais, exigindo a posteriori uma interpretação e uma exegese” (FONAPER, 2009). É por isso, que valorizar a sabedoria dos textos sagrados não prescinde a experiência de fé, é possível fazê-la também como uma experiência de conhecimento geral.

Os ensinamentos contidos na Bíblia oferecem sabedoria e valores universais pois abordam temas como compaixão, justiça, amor ao próximo e responsabilidade social. Esses princípios não se restringem a um contexto religioso específico, mas possuem um alcance social amplo, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e ética. A ética e os valores universais presentes nos ensinamentos bíblicos, tema explorado por Leonardo Boff em *Ética e Sabedoria*, reforça a universalidade dos princípios éticos. Frei Betto, em suas obras como *A Arte de Semear Estrelas e Fidel e a Religião*, destaca a aplicabilidade prática desses ensinamentos para a transformação social e a busca por justiça, ressaltando a importância dos valores cristãos presentes na Bíblia. Darcy Ribeiro, em sua abordagem antropológica em *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*, reconhece a influência da religiosidade e dos valores bíblicos na formação da identidade cultural brasileira, enriquecendo a compreensão da complexidade social. Esses autores convergem ao evidenciar como os

valores éticos e a sabedoria presentes na Bíblia ultrapassam a esfera religiosa, contribuindo para reflexões sobre a ética, justiça e solidariedade na construção de uma sociedade mais ética e humanizada.

A Bíblia é um conjunto de textos sagrados que tem sido utilizado para fins educativos ao longo da história. No contexto da educação de crianças e adolescentes, os ensinamentos bíblicos podem contribuir para o desenvolvimento de valores morais, éticos e espirituais. No entanto, para que os textos bíblicos sejam realmente relevantes para a formação de crianças e adolescentes, é necessário que eles sejam interpretados de forma contextualizada e adaptada aos desafios e realidades atuais. A ressignificação da mensagem bíblica busca destacar sua relevância na vida cotidiana, possibilitando uma compreensão mais profunda e uma internalização efetiva dos valores propostos pela Bíblia.

Na contemporaneidade, crianças podem ser envolvidas por meio de narrativas como a parábola do Bom Samaritano. Essa história, que aborda a compaixão e o auxílio ao próximo, pode ser explorada com exemplos práticos, incentivando a empatia e a solidariedade no ambiente escolar e familiar.

Outras narrativas bíblicas que podem ser utilizadas com crianças incluem: A história de José e seus irmãos, que aborda a importância do perdão e da reconciliação; A história de Davi e Goliath, que aborda a coragem e a confiança em Deus; A história de Ester, que aborda a força e a perseverança diante da opressão, entre outras.

Ao abordar essas narrativas de forma lúdica e significativa, é possível despertar o interesse das crianças pelos ensinamentos bíblicos e contribuir para o seu desenvolvimento moral e ético. Para os adolescentes, a reflexão sobre conceitos como justiça, igualdade e responsabilidade social presentes nos textos bíblicos pode ser uma abordagem instigante. Ao confrontar esses valores com questões contemporâneas, como desigualdade socioeconômica e diversidade cultural, os adolescentes são desafiados a analisar criticamente e debater as relações entre a mensagem bíblica e os desafios éticos enfrentados atualmente.

Por exemplo, a parábola do rico e do pobre Lázaro pode ser utilizada para discutir a questão da desigualdade social. A história de Ruth e Noemi pode ser utilizada para discutir a importância da solidariedade e da inclusão. A história de Moisés pode ser utilizada para discutir a luta pela justiça e a liberdade.

Ao abordar esses temas de forma crítica e reflexiva, é possível ajudar os adolescentes a desenvolver um senso de justiça e responsabilidade social, essenciais para sua formação integral. A ressignificação dos ensinamentos bíblicos visa promover discussões reflexivas e interativas em sala de aula, incentivando a compreensão teórica e a aplicação prática desses valores no cotidiano dos estudantes. Ao adaptar os ensinamentos bíblicos à realidade dos estudantes, busca-se não apenas transmitir conhecimento, mas também estimular o

Vejam algumas sugestões metodológicas:

Tabela 2: Sugestões metodológicas para aplicação prática

Tema	Sugestões Metodológicas para Aplicação Prática
Adaptando Ensinos Bíblicos para Crianças na Atualidade	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Utilização de narrativas simples e ilustradas para transmitir valores como compaixão, solidariedade e respeito ao próximo. ▪ Atividades lúdicas e interativas baseadas em parábolas, como dramatizações ou desenhos, para facilitar a compreensão e internalização dos ensinamentos.
Reflexão Ética e Social para Adolescentes em Contexto Contemporâneo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Debates em sala de aula sobre conceitos éticos presentes na Bíblia e sua aplicação nos desafios atuais, como desigualdade social, diversidade cultural e justiça. ▪ Estudos de casos para analisar dilemas éticos, confrontando situações reais com os valores bíblicos, promovendo discussões e reflexões críticas.

Fonte: Autoria própria, 2023.

A tabela 2 oferece sugestões práticas para a aplicação dos ensinamentos bíblicos na educação de crianças e adolescentes, proporcionando atividades adaptadas aos diferentes contextos de aprendizagem e promovendo a reflexão ética e social de forma dinâmica e interativa em sala de aula.

Considerações finais

Ao longo desse artigo, pudemos perceber que a sabedoria bíblica pode contribuir significativamente para a formação integral dos estudantes e para a promoção da cidadania, pois oferece uma base de valores e princípios éticos que são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, desde que seja lida e compreendida à luz dos valores marcados pela cultura humana e dos múltiplos contextos em que a literatura bíblica foi escrita, vivida e compreendida.

Isso significa que, ao lermos os textos bíblicos, precisamos estar atentos ao contexto histórico e cultural em que eles foram produzidos. É importante compreender as perspectivas das pessoas que os escreveram e os interpretaram, para que possamos aplicá-los de forma significativa ao nosso próprio contexto.

No contexto do Ensino Religioso, a unidade "textos sagrados" deve ser abordada de forma a promover a compreensão dos valores e da ética presentes nas diferentes tradições religiosas. Isso pode ser feito por meio de atividades que incentivem o diálogo, a reflexão crítica e a construção de um conhecimento inter-religioso.

Os relatórios da UNESCO, por exemplo, destacam a importância da sabedoria religiosa para a promoção da paz, da interculturalidade e do reconhecimento das alteridades. No último relatório, *Reimaginar nossos futuros juntos – Um novo contrato social para a educação*,

afirmou a importância de valorizar e apoiar a diversidade e o pluralismo, aprender a desaprender a segregar e enraizar a solidariedade, a compaixão, a ética e a empatia na forma como aprendemos (UNESCO, 2022, p. 59). A sabedoria bíblica pode contribuir para esses objetivos de diversas maneiras.

A Bíblia enfatiza a importância da paz e da justiça social. Ela ensina que todos os seres humanos são criados à imagem de Deus e que, portanto, merecem respeito e dignidade. A sabedoria bíblica pode ajudar os estudantes a desenvolverem uma consciência crítica sobre as desigualdades sociais e a se engajarem na promoção da paz e da justiça.

Devemos ter em mente que a Bíblia é um documento multicultural, que reflete as diferentes culturas e perspectivas das pessoas que a escreveram. Ela pode ajudar os estudantes a compreenderem a diversidade religiosa e cultural e a desenvolverem o respeito pelas diferenças.

A Bíblia lida como literatura, considerando as ciências das linguagens como ferramentas de leitura, ensina que todos os seres humanos são iguais, independentemente de sua religião, cultura ou etnia. Ela pode ajudar os estudantes a desenvolverem a capacidade de se colocar no lugar do outro e a compreenderem as perspectivas de pessoas diferentes, algo tão emergente nessa sociedade da alta tecnologia.

Ao abordar a sabedoria bíblica nas aulas de Ensino Religioso de forma adequada, os professores e estudantes podem contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis, que estejam comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que esteja em busca da sua essência.

Como escreveu Freire (2000, p. 20) “Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; [...] é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação”.

REFERÊNCIAS

ADÃO, F. Busca do transcendente. In: CONTRERAS, H. *et al.* (orgs.). **Dicionário do pacto educativo global**. Brasília: ANEC, 2021. P. 38-39.

AHUMADA, E. **Teología de la educación**. Santiago – Chile: LOM Ediciones, 2003.

ALTER, R. **A narrativa hebraica**: uma leitura literária da Bíblia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARMSTRONG, K. **Uma história de Deus**: de Abraão a hoje. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

_____. **O grande desafio**: a religião e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

AUERBACH, E. **Mimesis**: A representação da realidade na literatura ocidental. Tradução de Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BENEVIDES, A. Ensino religioso de agora: algumas reflexões para um currículo

contemporâneo. In: POZZER, A. et al. (orgs.). **Ensino religioso na educação básica: fundamentos epistemológicos e curriculares**. Florianópolis: Saberes em Diálogo, 2015. P.221-236.

BETTO, F. **A arte de semear estrelas**. São Paulo: Ática, 1998.

BIACA, V. et al. **O sagrado no Ensino religioso**. Curitiba: Seed-PR, 2006.

BOFF, L. **Ética e sabedoria: para um novo paradigma moral**. São Paulo: Vozes, 2000.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CARON, L. Ensino Religioso nos espaços escolares. In: JUNQUEIRA, S. et al. (orgs.). **Pastoral e educação: estudo e reflexão sobre pastoral escolar**. Curitiba: Piá, 2016. P.144-158.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Ensino Religioso no Brasil: novos desafios, novas perspectivas**. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CUNHA, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Digital, 2007.

FONAPER. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Parâmetros curriculares nacionais do Ensino religioso**. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

GARCÉS, C.; CHAPARRO, R. **Competentes en religión**. Propuestas y actividades para mejorar las clases de religión. Madrid: PPC, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Tradução de Rosane Lima e Renato Ortiz. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **Religião como sistema cultural**. Tradução de Edson Nery da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2012.

HOLANDA, Â. Ensino religioso e os direitos de aprendizagem e desenvolvimento nos anos iniciais do ensino fundamental. In: POZZER, A. et al. (orgs.). **Ensino religioso na educação básica: fundamentos epistemológicos e curriculares**. Florianópolis: Saberes em Diálogo, 2015. P. 287-299.

LEAL, V. **Animação bíblica da escola**. Um “pensar bíblico” para reler a educação e a vida. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. Sagrada Escritura e Pastoral Escolar. In: JUNQUEIRA, S. et al. (orgs.). **Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação Básica na Escola Católica**. Brasília: Edições CNBB; Petrópolis: Vozes, 2021. P. 259-268.

MARTÍN, J. **Las competencias básicas en la enseñanza religiosa escolar**. Madrid: PPC, 2010.

PAULO VI, Papa. **Constituição dogmática *Dei Verbum***, sobre a revelação divina. Publicada em 18 de novembro de 1965. Disponível em: <[130](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-</p></div><div data-bbox=)

ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 15 de nov. 2023.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SIERRA, M. **Religión para pequeños**. Didáctica de infantil. Madrid: PPC, 2013.

_____. **Adolescencia**: espacio para la fe. La enseñanza religiosa en secundaria. Madrid: 2015.

_____. **Didáctica de la religión**. Tesoro escondido de la escuela. Madrid: PPC, 2011.

SORIANO, J. **La escuela católica**: de la autocomprensión a la significatividad. Madrid: PPC, 2015.

SOSA, F. **Aprender y jugar con la Biblia**. 3 ed. Madrid: PPC, 2007.

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos**: um novo contrato social para a educação. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, UNESCO; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022.

O ITINERÁRIO DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ COM ADULTOS COMO PARADIGMA EVANGELIZADOR

Eduardo Antonio Calandro. Sacerdote, Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, membro da Sociedade Brasileira de Catequetas (SBCAt), membro do Centro de Formação Permanente (CEFOPE-ISFE). Atualmente é pároco da paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Santo André. Tem diversos livros publicados pelas editoras Paulus e Vozes.*

Daniel Darley Montini, Bacharel em teologia pela UNFIL e pela UCDB. Pós-graduado em Teologia Contemporânea pela UCDB, Doutrina Social da Igreja pela FAJOPA, Catequese e Pedagogia Catecumenal pela FAVI e Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia pela PUC-RS. Membro do Centro de Formação Permanente (CEFOPE-ISFE). Atualmente membro da Comissão Diocesana de Catequese e Aluno da Escola Diaconal Santo Efrem, Diácono da Diocese de Santo André.**

RESUMO

O presente artigo aborda a história da catequese no Brasil, que enfrenta muitos desafios e oportunidades na atualidade e que busca iniciar as pessoas na vida cristã. Os autores defendem a necessidade de retomar o modelo do catecumenato dos primeiros séculos da Igreja, que priorizavam a catequese com adultos e envolvia vários agentes de pastoral. Essa catequese deve ser dinâmica, participativa, dialogal e contextualizada, levando em conta as situações concretas dos catequizandos e as exigências do mundo moderno. Os autores afirmam que é preciso mudar as atitudes pastorais e as metodologias catequéticas para responder aos novos tempos e cenários. A Pastoral da Iniciação à Vida Cristã é apresentada como um novo paradigma para a evangelização.

Palavras-chave: Iniciação cristã. Catequese com adultos. Evangelização.

ABSTRACT

This article addresses the history of catechesis in Brazil, which faces many challenges and opportunities in the present and seeks to initiate the people in the Christian life. The authors argue for the need to resume the model of the catechumenate of the first centuries of the Church, which prioritized catechesis with adults and involved various pastoral agents. This catechesis should be dynamic, participatory, dialogical and contextualized, taking into account the concrete situations of the catechumens and the demands of the current world. The authors affirm that it is necessary to change the pastoral attitudes and the catechetical methodologies to respond to the new times and scenarios. The Pastoral of the Initiation to the Christian Life is presented as a new paradigm for evangelization.

Keywords: Christian initiation. Catechesis with adults. Evangelization.

Considerações Iniciais

É claro o esforço que o magistério da Igreja vem nos apontando como novo paradigma para a evangelização; não se pode negar que a Igreja está em busca de um novo modelo de iniciação cristã¹, um paradigma que, mais do que nutrir a fé, se responsabilize também por propô-la². Os primeiros seguidores de Jesus foram adultos, seus ensinamentos dirigiam-se

* E-mail: dr.eduardocalandro@gmail.com

** E-mail: ddmontini@gmail.com

¹ Cf. LIMA, L. A., Iniciação à vida cristã, Revista de Catequese, p. 23.

² BIEMMI, E., La dimensione missionaria della catechesi, Catechesi, p. 2-8.

especificamente aos adultos. Nos primórdios do cristianismo, na organização das primeiras comunidades, sabemos que a catequese com adultos existiu bem antes da catequese infantil, pelos catecúmenos, que desejavam abraçar a fé, fazer parte do grupo dos cristãos.

Jesus abençoava as crianças. Mas chamava e instruía os adultos. O chamado não era só para ouvi-lo ou “ficar sabendo” do Reino. Era para segui-lo e fazer o que ele fazia: cuidar dos doentes, dar esperança aos aflitos, repartir o pão com os famintos, perdoar, expulsar todas as formas de mal, acolher os excluídos, acolher Deus como pai, viver a fraternidade. “*Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor entrará no Reino dos céus*” – diz Jesus (Mt 7,21). O importante é suscitar nas pessoas o compromisso com a justiça do Reino, a vontade de Deus³.

As comunidades primitivas privilegiaram a instrução dos adultos com a primeira evangelização, a proclamação do querigma cristão. “Nos primeiros séculos, a missão evangelizadora e catequética da Igreja foi muito ampla e eficaz. A evangelização estava centrada no anúncio da Pessoa de Jesus Cristo e no anúncio do Reino de Deus”⁴. O modelo da iniciação era igual ao de Jesus e os seus três anos de ministério constituem o modelo de iniciação cristã: evangeliza e chama os primeiros discípulos, forma-os com grupo e instrui-os, reúne-os assiduamente à mesa e ceia com eles pela última vez, confirma-os no ministério após a ressurreição e envia-os a evangelizar, instruir e iniciar⁵.

Com a cristandade, acreditava-se que todos já eram cristãos, então iniciou-se a catequese infantil; esse jeito de evangelizar manteve-se praticamente em toda a Igreja até a metade do século XX. Com o diagnóstico da ignorância religiosa, percebido durante o Concílio de Trento, se fez urgente pensar em uma catequese que tivesse o aspecto doutrinal fortificado. Nesse período, tínhamos uma catequese muito direcionada às crianças mas, como extensão, chegou aos adultos. A fé estava ligada aos deveres cristãos, a vivência cristã era individualista e pouco comunitária, a catequese deixou de ser voltada para a Palavra de Deus e perdeu sua força missionária, a vida cotidiana se misturava com a fé, porém sem muito compromisso transformador. O Batismo de crianças se generalizou e a catequese com adultos deixou de existir; a família, a pregação, a oração tornaram-se responsáveis pela catequese.

Nesse contexto social, não havia separação entre a Igreja e a sociedade, pois tudo girava em torno da Igreja. A catequese, nesse período, não era sistemática, acontecia dentro de uma perspectiva espontânea, nas celebrações litúrgicas, na arte dos vitrais das Igrejas, e as devoções eram consideradas algo forte para a educação da fé das pessoas. De certa maneira, a catequese na Idade Média aconteceu de forma variada, não mais como inserção na vida de comunidade.

Os últimos séculos da história da Igreja foram dominados pela preocupação de

³ CNBB, Estudo 80, 57.

⁴ MIRANDA, M. V. O., A igreja no período antigo, Reveleto.

⁵ FLORISTÁN, C., Para compreender o catecumenato, p. 56,69.

promover a instrução religiosa do povo cristão, pois era notória a ignorância religiosa⁶. A encíclica do papa Pio X trouxe a preocupação da instrução religiosa também para o universo dos adultos.

Como é fato que hoje em dia os adultos precisam de instrução tanto quanto os jovens, todos os pastores e aqueles que cuidam das almas explicarão o Catecismo ao povo em um estilo simples e adaptado à inteligência de seus ouvintes. Isto deve ser realizado em todos os dias santos de obrigação, no tempo que for mais conveniente para o povo, mas não durante a mesma hora em que as crianças são instruídas, e esta instrução deve ser adicionada à homilia usual do Evangelho que é entregue na missa paroquial aos domingos e dias santos. A instrução catequética será baseada no Catecismo do Concílio de Trento; e a questão deve ser dividida de tal maneira que no espaço de quatro ou cinco anos, o tratamento será dado ao Credo dos Apóstolos, os Sacramentos, os Dez Mandamentos, o Senhor⁷.

Atualmente, percebemos certa crise de linguagem dentro da própria conjuntura da ação evangelizadora da catequese na Igreja do Brasil⁸, pois ainda se ouve falar e pensar em catequese como instrução apenas voltada para as crianças, centrada nos sacramentos.

Mas é preciso reconhecer que, na sua forma mais global e tradicional, a catequese eclesial mostra sinais evidentes de uma grave crise. Na situação atual pode-se constatar a presença de não poucos sintomas de um mal-estar e de uma insatisfação que sugerem uma crise generalizada. Pode-se dizer, em termos gerais, que o “sistema” tradicional da catequese já não funciona, não produz os frutos esperados, pelo menos se estiverem presentes alguns fatos e problemas bem evidentes⁹.

O adulto como interlocutor e protagonista da Evangelização

Contudo, precisamos estar atentos às orientações da Igreja que, desde o Concílio Vaticano II, fez uma opção clara pelos adultos. As recentes orientações da Igreja, bem como as orientações da catequese, voltam-se para o adulto.

[...] a época pós-conciliar, rica e agitada, foi para a catequese, bem como para muitos outros aspectos da vida eclesial, fecunda problemática. Fecunda pela riqueza de realizações, pela busca de novos caminhos, pelo elã e pela criatividade: elaboram-se novos catecismos, textos e subsídios, são criados novos institutos e centros de catequese. Tanto no terreno da práxis como no da reflexão catequética emergem novos aspectos e dimensões: a instância antropológica, a centralidade bíblica, a dimensão sociopolítica, a prioridade dos adultos, a influência da comunicação e dos audiovisuais, a ênfase sobre a comunidade etc. São estímulos de grande alcance, capazes de dar uma face verdadeiramente nova, e em parte inédita, à atividade catequética¹⁰.

⁶ Cf. BRAIDO, P., *Lineamenti di storia della catechesi e dei catechismi*, p.14-16.

⁷ AN 24.

⁸ Para uma visão da realidade catequética brasileira, pode-se consultar: LIMA, L. A. *Análise da realidade catequética*. *Revista de Catequese*, ano 20, n. 80, p. 24-30, 1997; publicado também em CNBB. *O hoje de Deus em nosso chão*. São Paulo, Paulus, 1998. (Estudo 78), p. 7-23. Para análise mais ampla, pode-se ver as lúcidas considerações de VELASCO, J. M., *El malestar religioso de nuestra cultura*. Madri: Paulinas, 1993; Id., *La transmission de la fe en la sociedad contemporanea*. Santander: Sal Terrae, 2002.

⁹ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 3.

¹⁰ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 85.

Depois do Concílio Vaticano II, assistimos a um clamor geral que surgiu a partir da base eclesial e conclamou, com urgência, a primazia da catequese com adultos no conjunto da ação catequética e pastoral. Teve lugar uma profunda mudança de perspectiva em todo o sistema global da catequese, tradicionalmente concentrado no universo infantil e caracterizada por um estilo infantilizado de atuação¹¹. No panorama pastoral e catequético de nossos dias há, decerto, luzes, no sentido de que não faltam experiências positivas, promissoras, plenas de futuro¹². O *Directorio geral para a catequese* destaca os seguintes aspectos positivos na situação atual: o grande número de pessoas que se dedicam à catequese, o caráter missionário catecumenal da ação catequética, o incremento da catequese para adultos, a maior densidade e profundidade do pensamento catequético¹³.

No entanto, percebemos certa precariedade da catequese com adultos. Ainda hoje, a catequese, na maioria das nossas comunidades, é, sobretudo, catequese infantil. Há muitos anos se insiste na urgência e no primado da catequese para adultos e na necessidade de a catequese favorecer o crescimento de uma fé adulta em uma Igreja adulta¹⁴. São muitos os sintomas que nos permitem afirmar que, no seu conjunto, o sistema catequético atual não funciona, não alcança seus objetivos, pedindo reajustes radicais¹⁵.

Além disso, o itinerário da iniciação à vida cristã deve levar em conta o processo ou caminho que a pessoa percorre; por isso, a catequese deve ser compreendida como um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da fé. Sua finalidade é a maturidade da fé, em um compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar no Reino definitivo¹⁶. As características principais da catequese com adultos como novo paradigma evangelizador devem levar em consideração a pessoa e a comunidade; a Bíblia é o livro-fonte; o adulto é o principal destinatário; centraliza-se no seguimento de Jesus Cristo; privilegia a opção pelos pobres.

O aspecto educativo da catequese foi focalizado na declaração sobre a educação cristã na perspectiva da formação catequética, que ilumina e fortifica a fé, com a nova visão de Igreja como povo de Deus e com a nova visão do homem e da mulher como agentes, protagonistas e não apenas destinatários. Com a redescoberta da Sagrada Escritura, o Concílio enriqueceu a tipologia da catequese, trazendo uma atenção especial à figura do agente da catequese.

Chegamos em novos tempos para a ação evangelizadora da catequese, a partir deste novo paradigma chamado iniciação à vida cristã. A Igreja vem insistindo na urgência da

¹¹ Cf. ALBERICH, E.; BINZ, A., *Catequese com adultos*, p. 24.

¹² ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 37.

¹³ DGC 29.

¹⁴ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 39.

¹⁵ Cf. ALBERICH, E.; BINZ, A., *Catequese com adultos*, p. 15.

¹⁶ CNBB, 1983, n. 318 (Documentos da CNBB, n. 26).

catequese com adultos há um bom tempo e, com a *2ª Semana Brasileira de Catequese*, em 2001, cujo foco foi a catequese com adultos, confirmou e revigorou esta árdua missão de evangelizar os adultos, tendo como tema “Com adultos, catequese adulta. Crescer rumo à maturidade em Cristo”¹⁷.

A *Segunda Semana Brasileira de Catequese* veio reforçar a tendência de todo o movimento catequético do século XX de voltar a atenção para a evangelização com os adultos¹⁸. Foram apresentados estudos e reflexões que ajudaram na iluminação e motivação para o trabalho catequético com adultos. Seu texto diz que esta catequese deve ser pautada no encontro de Jesus com diferentes grupos de pessoas: a acolhida, o olhar misericordioso, que convida à conversão, à escuta atenta do sofrimento das pessoas, não impõe e dá total liberdade de escolha, fala das escrituras, explica e mostra como chegar ao Pai, cura os doentes, supera preconceitos, convida ao seguimento e à missão. Portanto, nesse momento, a catequese foi considerada como um processo de iniciação aos mistérios de Cristo e um processo de formação permanente.

O adulto busca a Iniciação Cristã por decisão pessoal, procurando o sentido da vida, do mundo, da morte, que não encontra em si e nas propostas do mundo. A iniciação de adultos à vida cristã requer o envolvimento e a responsabilidade de toda a comunidade de fé. Sobre eles exerce grande influência positiva o testemunho da participação da comunidade nos ritos e nas celebrações que realizam a experiência de Deus, iniciada na escuta da Palavra¹⁹.

Com a redescoberta do catecumenato e a promulgação do RICA, reafirmou--se o caminho de iniciação sacramental dos adultos, e, sobretudo, redescobriu-se o valor do catecumenato. Nesse período, a Igreja aprofundou-se sobre a necessidade e a importância da evangelização como sua missão essencial e como opção pastoral prioritária. Um dos momentos culminantes desta tomada de consciência foi o Sínodo de 1974 sobre a evangelização no mundo moderno, podemos afirmar que a catequese com adultos foi tema de reflexão a partir do contexto pastoral e evangelizador com processo catecumenal²⁰. No Sínodo de 1977, a catequese com adultos recebeu uma atenção especial e, posteriormente, a publicação da exortação apostólica *Catechesi Tradendae* de João Paulo II.

E prosseguindo a série dos destinatários da catequese, não posso deixar de realçar aqui um dos cuidados dos Padres do Sínodo, requerido com vigor e urgência pelas experiências que se estão a fazer no mundo inteiro: trata-se do

¹⁷ CNBB, Estudo 80. Prefere-se a expressão catequese com adultos e não catequese de adultos, chamando assim a atenção para o protagonismo do catequizando no processo da iniciação. O Diretório Geral da Catequese, no número 176, ao citar o *Directorium Catechisticum Generale ad normam decreti*, assim se expressa: “No processo de catequese, o destinatário deve poder manifestar-se sujeito ativo, consciente e corresponsável, e não puro receptor silencioso e passivo” (DGC).

¹⁸ Ao preferirmos a expressão catequese com adultos em vez de ‘para adultos’, ou ‘de adultos’, estamos optando por um tipo de trabalho que necessita do conhecimento das características e potencialidades desses catequizandos. Todos os assim chamados destinatários da catequese devem poder manifestar-se sujeitos ativos, conscientes e corresponsáveis, e não puros receptores silenciosos e passivos, com muito mais razão se são adultos. Por isso, não são considerados simples destinatários, mas interlocutores da nossa proposta de fé. É uma catequese feita de partilha de saberes, experiências e iniciativas, em que ambos os lados criam laços, buscam, ensinam, aprendem e vivenciam a vida cristã (CNBB, Estudo 84, 150).

¹⁹ CNBB, Doc. 107, 188.

²⁰ Cf. ALBERICH, E.; BINZ, A., *Catequese com adultos*, p. 27.

problema crucial da catequese dos adultos. É a principal forma de catequese, porque se dirige a pessoas que têm as maiores responsabilidades e capacidade para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida²¹.

Portanto, a Igreja fez a opção pela inspiração catecumenal como modelo pedagógico para toda a catequese pois, diante da realidade que nos desafia, acreditava que este itinerário era o que melhor responderia aos desafios do mundo contemporâneo.

O modelo de toda catequese é o catecumenato batismal, que é formação específica, mediante a qual o adulto convertido à fé é levado à confissão da fé batismal, durante a Vigília Pascal. Esta formação catecumenal deve inspirar as outras formas de catequese, nos seus objetivos e no seu dinamismo²².

O *Diretório Nacional de Catequese*²³ afirmou que, diante dos desafios da ação evangelizadora, a Igreja hoje haveria de tornar efetiva a prioridade da catequese com adultos como resposta às novas exigências da evangelização bem como pedem os documentos da *Catequese Renovada* (1983) e a *2ª Semana Brasileira de Catequese* (2001).

É na direção dos adultos que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e dos jovens, na família, na escola, nos Meios de Comunicação e na própria comunidade eclesial²⁴.

Hoje em dia há adultos que não foram batizados ou, sendo batizados, não receberam os outros sacramentos de iniciação. Não têm muita vivência de fé. Há uma grande variedade entre aqueles que procuram maior formação religiosa. É bom conhecer os motivos que os levam a procurar maior formação cristã, porque cada grupo exige uma abordagem específica. Muitos são os adultos, que se afastaram da comunidade de fé por diversas razões. São os que se tornaram indiferentes à questão religiosa, ou aqueles que passam de uma religião para outra sem se encontrar realmente. Querem experimentar de tudo um pouco.

A catequese com adultos, a formação cristã com adultos é hoje objeto de particular atenção em muitos países e regiões, por parte das comunidades cristãs. Se apresenta como uma importante prioridade pastoral, em relação com a tarefa evangelizadora da Igreja atual²⁵.

A conferência de Aparecida reconheceu a necessidade de fortalecer e aprofundar a iniciação à vida cristã. “Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um

²¹ CT 43.

²² Cf. CNBB, Doc. 84, 35-50.

²³ CNBB, Doc. 84, 14k.

²⁴ CNBB, Doc. 26, 130.

²⁵ ALBERICH, E.; BINZ, A., *Catequese com adultos*, p. 16.

processo de Iniciação na Vida Cristã que comece pelo querigma e que, guiado pela palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez mais, com Jesus Cristo²⁶.

No atual contexto da catequese do Brasil, diversas comunidades ainda não estão acostumadas com o adulto que necessita de iniciação, ou reiniciação, entendida no seu sentido pleno. É preciso ter claro que o tema da iniciação cristã com adultos é relativamente novo na reflexão eclesial brasileira. Por isso, exige-se uma mudança de paradigmas na qual é preciso ver o adulto como interlocutor do processo catequético.

Percebe-se que as comunidades não sabem o que fazer com o adulto que se aproxima sem nenhuma iniciação ou com quase nenhuma. A dificuldade é mútua. O adulto vem em busca dos sacramentos, sem ter em conta a necessária adesão a Jesus Cristo e à Igreja, a conversão e o engajamento que isso implica. A comunidade, por seu turno, tem a tendência de aplicar um processo de catequese e de iniciação sacramental que é na realidade uma adaptação do processo que se aplica a crianças e jovens, geralmente feito de maneira apressada de modo a conferir os sacramentos²⁷.

Mas a catequese com adultos deve estar preparada para acolher este homem e esta mulher que, como a samaritana do Evangelho (Jo 4, 4-16), têm sede de Deus. Jesus ajuda a samaritana, responde às suas indagações, Jesus a considera interlocutora da sua mensagem, estabelece diálogo. Por isso, a catequese com estes adultos, nestes novos tempos, deve ser uma catequese que parta do encontro, da experiência e do diálogo. Dessa forma, produzirá muitos frutos, contando com adultos convictos de sua fé.

A necessidade do primeiro anúncio com os adultos

A fé não pode ser desligada do cotidiano da vida, por isso, na Igreja, quando se refere à catequese, fala-se da interação fé e vida. Nos últimos tempos, há a preocupação com a evangelização e a eficácia da catequese com adultos, pois muitos foram batizados por tradição, muitos por superstição, outros, ainda, por desencargo de consciência. Nessa perspectiva, os sacramentos são vistos como Ritos, simplesmente. O Documento da Conferência de Aparecida (2007) afirma que temos muitas pessoas batizados, mas não evangelizadas. Temos aí uma multidão de pessoas que não têm uma prática cristã em suas vidas, assumiram uma identidade católica, mas não são praticantes. Nossa opção como Igreja do Brasil é de evangelizar os adultos, ir à busca desses que estão afastados da vida eclesial.

Lembrem-se também [os pastores] de que a catequese dos adultos, pelo fato de ser dirigida a pessoas capazes de uma adesão e de uma atuação verdadeiramente responsável, deve ser considerada como a forma principal de catequese, à qual todas as demais, nem por isso menos necessárias, se subordinam²⁸.

²⁶ DAp 289.

²⁷ MASUERO, L., Discipulado Católico Adulto, Revista de Catequese, p. 58.

²⁸ DGC 20.

Portanto, a partir da realidade que nos desafia, os adultos necessitam do primeiro anúncio (querigma), que seja o despertar e encantar que os ajude em um processo de conversão e, depois de discipulados, a abraçar a missão na comunidade de fé. Por isso, com os adultos devemos insistir para propiciar uma formação integral e processual do discípulo, que responda ao tempo em que se vive a partir de uma expressão de fé adulta e comprometida²⁹.

Os séculos XX e XXI são marcados na ação evangelizadora pela opção de processos de iniciação cristã com adultos. Depois do Concílio Vaticano II, o tema do protagonismo dos adultos passou a ser recorrente nas reflexões e documentos do magistério. Entretanto, isso não se estabeleceu no âmbito de participação e tomada de consciência dos leigos e leigas. Estes se defrontam com “[...] a falta de tempo, recursos financeiros e a falta de instituições compatíveis com a condição específica de leigos(as), uma vez que em geral o que a eles se oferece é ainda fortemente marcado pelo jeito clerical de formação teológica, pastoral e espiritual”³⁰. Por isso, temos um grande desafio no século XXI: superar os condicionamentos que a história foi impondo e garantir instâncias de diálogo, de comunhão e serviço, bem como propor processos para uma efetiva iniciação e reiniciação à vida cristã.

Aqueles que atuam na evangelização com os adultos são chamados a:

[...] ajudar os adultos a assumirem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as atitudes e decisões que favoreçam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade; motivar os adultos a fazerem uma opção mais coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada; incentivar a comunidade a criar condições para a educação da fé das crianças, jovens, famílias e da própria comunidade eclesial³¹.

Assim, o centro da nossa evangelização tem que ser a pessoa humana, com suas angústias, suas inquietações, suas indagações, o novo paradigma evangelizador está em saber apresentar uma mensagem que seja autêntica e que convença o homem e a mulher do tempo atual. Definitivamente, o mundo dos adultos está chamado a ser um dos pontos focais da tarefa pastoral da atualidade³². Com isso, para responder às instâncias mais profundas dos nossos tempos, a catequese com adultos deve propor a fé cristã na sua integridade, autenticidade e organização sistemática, segundo a compreensão que dela possui a Igreja, colocando em primeiro plano o anúncio da salvação, iluminando as muitas dificuldades, pontos obscuros, mal-entendidos, preconceitos e objeções atualmente em circulação, mostrando a incidência espiritual e moral da mensagem, introduzindo à leitura crente da Sagrada Escritura e à prática da oração. Um fundamental serviço para a catequese dos adultos é fornecido pelo

²⁹ CELAM, A caminho de um novo paradigma para a Catequese, n. 29, p. 21.

³⁰ NERY, I. J., Catequese com adultos e catecumenato, p. 82.

³¹ CNBB, Estudo 59, 36.

³² ALBERICH, E.; BINZ, A., Catequese com adultos, p. 13.

Catecismo da Igreja Católica e, com referência a este, pelos Catecismos dos adultos das Igrejas singulares³³.

A Igreja tem afirmado que existem muitos batizados e poucos evangelizados, percebemos, cada vez mais acentuado, o “afastamento” da prática cultual (eucaristia dominical) que conduz progressivamente ao abandono de toda a vida religiosa. Muitos se “fazem de cristãos” por ocasião das missas dos seus defuntos, nos batizados, nos casamentos. Um elevado número de adultos parece não encontrar já sentido algum na celebração das nossas comunidades, com isso, é urgente repensar nossa ação pastoral e eclesial na direção dos adultos. “Trata-se de verdadeiros apelos de quem percebeu que, sem formação de adultos na fé, o cristianismo corre sérios riscos de desagregação, dado o ambiente adverso das sociedades modernas”³⁴.

Precisamos, urgentemente, pensar em uma catequese que ajude o adulto a fazer experiência de fé; necessitamos de uma catequese que eduque para a vida e a vivência da fé, pois temos visto a redução de certas práticas catequéticas a uma mera sensibilidade religiosa, a um vago anúncio de Jesus Cristo ou a uma apresentação da mensagem da fé e da vida cristã com lacunas, sem aspectos importantes da fé e da moral cristã.

Também precisamos favorecer os aspectos metodológicos que a iniciação à vida cristã fundamenta e sintonizar com a situação pessoal e cultural do destinatário como interlocutor que, muitas vezes, renuncia ao anúncio e contato vivo com os “documentos da fé”, objeto próprio da catequese. Urge resgatar para os adultos a implantação nas nossas comunidades cristãs de uma catequese de inspiração catecumenal como processo de iniciação à vida cristã.

Iniciação à Vida Cristã com Adultos

Ao afirmarmos a iniciação à vida cristã com adultos como paradigma evangelizador é preciso considerar algumas tarefas, que são irrenunciáveis para uma evangelização eficaz nestes novos tempos. A primeira é promover a formação e o amadurecimento da vida no Espírito de Cristo ressuscitado através de meios adequados: pedagogia sacramental, retiros, direção espiritual que ajude o adulto a viver mergulhado na mistagogia que dá sentido à vida.

A segunda tarefa é educar à justa avaliação das transformações socioculturais na nossa sociedade à luz da fé. Dessa maneira, o adulto é ajudado a discernir os verdadeiros valores e também os perigos da nossa civilização, e a assumir as atitudes convenientes.

A terceira tarefa é esclarecer as atuais questões religiosas e morais, ou seja, aquelas questões que se apresentam aos homens e mulheres do nosso tempo, como, por exemplo, as relativas à moral pública e individual, às questões sociais, à educação das novas gerações. A quarta é esclarecer as relações existentes entre a ação temporal e a ação eclesial, mostrando

³³ Cf. DGC 175.

³⁴ PEREIRA, E. N., A formação cristã de adultos, p. 84.

as mútuas distinções, implicações e, portanto, a medida da devida interação. Com esse objetivo, a doutrina social da Igreja torna-se parte integrante da formação dos adultos.

A quinta é desenvolver os fundamentos racionais da fé. As retas compreensões da fé e das verdades a se crer estão em conformidade com as exigências da razão humana e o Evangelho é sempre atual e pertinente. É necessário, por isso, promover eficazmente uma pastoral do pensamento e da cultura cristã. O que permitirá superar certas formas de integrismo e de fundamentalismo, assim como uma interpretação arbitrária e subjetiva. A sexta é formar à assunção de responsabilidades na missão da Igreja e a saber dar um testemunho cristão na sociedade.

O adulto é ajudado a descobrir, valorizar e atuar aquilo que recebeu por natureza e por graça, seja na comunidade eclesial ou vivendo no âmbito de uma comunidade humana. Dessa forma, poderá também superar as insídias da massificação e do anonimato, particularmente frequentes em algumas sociedades atuais, que levam à perda da identidade e ao descrédito das qualidades e recursos que uma pessoa possui³⁵.

Notamos a urgência que vivemos, hoje, como novo paradigma evangelizador, a catequese com adultos; uma catequese preocupada em oferecer processos de iniciação com os adultos como prioridade efetiva a ser levada com firmeza na comunidade e, também, despertar para importância da formação permanente, de forma mais organizada, planejada, sistemática a partir da inspiração catecumenal.

É interessante o que constatou uma pesquisa realizada em função da 2ª SBC, pois ainda nos ajuda a traçar luzes para a nossa realidade:

Constatamos que é preciso olhar constantemente para a realidade das comunidades. Elas estão em contínuas mudanças por influências culturais múltiplas, migração e não limitação aos limites paroquias. Há situações que exigem particular atenção, como o crescente número de adultos não batizados, de adultos batizados que não fizeram a Primeira Comunhão nem Crisma e de adultos que passaram pelos Sacramentos da iniciação, e sentem que precisam ser reiniciados na fé. Outros receberam uma boa iniciação, mas desejam conhecer mais com profundidade os fundamentos da fé cristã. E, há também, aqueles que retornaram de outras igrejas³⁶.

Essas e tantas outras situações acerca da realidade dos adultos nos mostram que necessitamos dar respostas diferenciadas diante de um contexto eclesial, que é urgente uma catequese com adultos que proponha processos iniciáticos para uma adesão consciente e coerente ao Senhor, à sua Igreja e à missão na sociedade.

Por isso, o objetivo da catequese com adultos não envolve apenas os sacramentos, mas a vivência de toda vida cristã, dentro da qual os sacramentos têm sentido a partir de um itinerário percorrido. O *Diretório Geral da Catequese* quando apresentou os destinatários como interlocutores, em primeiro lugar nomeou os adultos. E, ao longo do documento, todas as

³⁵ DGC 175.

³⁶ CNBB, Estudo 84, p. 57-58.

vezes em que mencionou a catequese conforme as idades, sempre seguiu a ordem começando pelos adultos. Essa dimensão da catequese defronta-se continuamente com o problema metodológico que, ao fim e ao cabo, se torna também um problema de conteúdo. Com adultos é necessário fazer uma catequese adulta, que leve em conta sua adulez, maioridade, autonomia, independência e, sobretudo sua situação de leigos e leigas. No século XXI, uma catequese com adultos terá frutos somente se ela também for adulta, a partir de um caminho de iniciação à vida cristã pela vida catecumenal.

A catequese com adultos continua sendo tarefa fundamental da Igreja, tanto para iniciar a pessoa na vida da comunidade quanto para ajudá-la a crescer e tornar-se cada vez mais autêntica rumo à maturidade humana e em Cristo.

A catequese com adultos supõe a existência de comunidades que acolham os adultos, alimentem sua fé e os acompanhem na caminhada, rumo à maturidade humana e cristã. Daí a importância de apontar para um horizonte ou projeto eclesiológico, que proporcione ao adulto uma experiência de Igreja, que o ajude a fazer seu itinerário de fé, num processo de comunhão e participação³⁷.

Para que aconteça de forma efetiva um itinerário de iniciação à vida cristã com adultos, como paradigma evangelizador, precisamos levar em consideração alguns objetivos próprios de toda a atividade catequética: favorecer e despertar a conversão, estimular o amadurecimento das atitudes próprias da vida cristã (fé, esperança, amor), aprofundar-se no conhecimento do mistério e da mensagem de Cristo, educar para um agir cristão na Igreja e na sociedade. Temos, ainda, que a catequese com adultos deverá atender às necessidades e características de fé madura, adulta. A perspectiva da maturidade é importante marco de referência e critério de discernimento da práxis catequética com os adultos. Muitas vezes a catequese se contentou em satisfazer a ansiedade de segurança de muitos adultos e favoreceu formas de religiosidade funcional, compensatória, comprometendo a autenticidade da tarefa catequética realizada. Todavia, a perspectiva global das finalidades e objetivos ideais de uma catequese adulta, deve ser, em seus três níveis: individual (que tipo de fiel deve ser promovido), comunitário (que modelo de comunidade é necessário criar) e eclesial (que projeto de Igreja deverá ser realizado). A catequese com adultos deve descortinar horizontes teológico-pastorais convincentes, abertos e estimulantes³⁸.

Conforme o *Diretório Geral para a Catequese*³⁹, a catequese dos adultos exige uma cuidadosa identificação das características típicas do cristão adulto na fé, a fim de traduzi-las em objetivos e conteúdos, determinar certas constantes na exposição, fixar as indicações metodológicas mais eficazes e escolher as formas e os modelos. Uma especial atenção merece a figura e a identidade dos catequistas dos adultos e a sua formação, pois são os

³⁷ CNBB, Estudo 84, p. 58.

³⁸ ALBERICH, E., *Catequese evangelizadora*, p. 12.

³⁹ Cf. DGC 172-176.

responsáveis pela catequese dos adultos na comunidade.

Segundo o *Conselho Episcopal Latino-Americano*⁴⁰, a centralidade da catequese de adultos deve-se às razões seguintes: a idade adulta é a época das opções fundamentais; os adultos são os que têm as maiores responsabilidades na Igreja e na sociedade; os adultos são as pessoas mais capazes para aderir à cristandade de forma plena e madura; e a infância e a juventude precisam de modelos adultos de identificação, bem como de comunidades eclesiais adultas, que sejam pontos motivadores de referência para a vivência da fé cristã.

O *Diretório Geral para a Catequese*⁴¹ descreve as tarefas fundamentais para a catequese de adultos: promover a formação e o amadurecimento da vida espiritual; educar para julgar, à luz da fé, as mudanças culturais da sociedade; capacidade para responder às questões religiosas e morais de hoje; esclarecer, com a ajuda da doutrina social da Igreja, as relações existentes entre a ação temporal e a ação eclesial; desenvolver os fundamentos racionais da fé; e formar para assumir responsabilidades na missão da Igreja e para saber dar testemunho cristão na sociedade.

Para educar os adultos na fé, o Celam⁴², orienta: considerar o adulto como tal, ou seja, conhecer suas características psicológicas, distinguir o adulto jovem (25 a 40 anos) do adulto maduro (40 a 65 anos), e conhecer como aprendem os adultos; propor a catequese como processo de educação na fé que eduque em todas as dimensões da vida cristã; seguir um itinerário de fé com inspiração catecumenal, no qual estejam presentes o primeiro anúncio, a conversão, o aprofundamento da fé, a integração à comunidade e o compromisso apostólico; oferecer uma fundamentação básica da fé cristã, ajudando-os a dar razão de sua fé e de sua esperança; acentuar o papel da comunidade cristã, integrando-os na comunidade e, sobretudo, educando-os na corresponsabilidade eclesial; favorecer a identidade laical, ajudando-os a viver como crentes comprometidos em todas e em cada uma das realidades temporais; além disso, considerar a importância e as contribuições da educação de adultos⁴³.

A catequese com adultos, a partir de um itinerário de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, é e deve ser importância prioritária para uma comunidade eclesial, tendo como meta alcançar aqueles que vivem em situação de indiferença religiosa, que vivem a crise de credibilidade da Igreja, sobretudo em seu aspecto institucional que aos olhos de muitos é considerada mais como um obstáculo do que como um instrumento de evangelização⁴⁴, por isso, é missão destes novos tempos promover uma maior compreensão e vivência das extraordinárias riquezas da vida em comunidade do seguimento a Jesus Cristo.

⁴⁰ CELAM, Manual de Catequética, p. 164-165.

⁴¹ DGC 175-176.

⁴² CELAM, Manual de Catequética, p. 165.

⁴³ CELAM, Manual de Catequética, p. 164-165.

⁴⁴ Para um maior aprofundamento do assunto pesquisar, ALBERICH, E.; BINZ, A., Catequese com adultos, p. 21-38.

Conclusão

A catequese no Brasil é fruto de uma longa e complexa história permeada de sombras e luzes. Sem dúvida, vivemos, nesta época, muitos desafios pastorais, por isso, é preciso abrir novos caminhos e apresentar novas possibilidades frente ao cenário brasileiro. Vivemos um tempo de transição na ação evangelizadora na perspectiva catequética, não é o conteúdo que estamos questionando, mas sim como a mensagem está sendo anunciada, precisamos rever nossa pedagogia e metodologia e para isso é necessário investir em uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã. Aparecida insiste na necessidade urgente de *assumir o processo iniciático* na evangelização afirmando que se não “educamos na fé”, “não cumprimos nossa missão”⁴⁵.

Nesses tempos modernos vemos cada vez mais crescente o individualismo e o relativismo, por isso a "mudança de época" como nos aponta o *Documento de Aparecida*, é uma oportunidade para revermos nosso jeito de evangelizar. O *Projeto Nacional de Evangelização*, em sua introdução, fala em "aproveitar intensamente esta hora de graça". Devemos perceber estes sinais dos tempos como momentos de crescimento para a Igreja em sua ação evangelizadora: "O mesmo Espírito despertará em nós a criatividade para encontrar formas diversas para nos aproximarmos inclusive dos ambientes mais difíceis, desenvolvendo, no ministério, a capacidade de nos convertermos em pescadores de homens"⁴⁶.

Nesse contexto os sinais dos tempos nos interpelam a repensar a evangelização no hoje da nossa história. Constatamos o surgimento de um novo paradigma para iniciar na fé, com novos pressupostos, renovadas metodologias, novos acenos, já temos clareza da identidade teológica da iniciação cristã. O *Documento de Aparecida* (DAp 294) nos alerta que se trata, pois, de retomar a grande prática da iniciação cristã como *processo* profundo de mergulho na vida cristã, processo que implica muitos agentes de pastoral; dentro desse processo a catequese não realiza apenas mudanças metodológicas, mas reveste-se de um verdadeiro novo paradigma.

Sabemos que desde os primeiros séculos da Igreja a catequese era voltada preferencialmente para os adultos de modo especial na instituição do Catecumenato. A Igreja continua no contexto da evangelização fazendo a opção pelos adultos; em 1971, no *Diretório para a Catequese da Santa Sé* acenava a prioridade pelos adultos e em 2001 na *Segunda Semana Brasileira de Catequese*⁴⁷ com o tema “com Adultos, Catequese Adulta” e o lema “rumo à Maturidade com Cristo”, este momento constituiu uma parte muito especial de um longo processo de mobilização nacional pela prioridade da catequese com adultos.

Por isso, precisamos ter a coragem da transformação e mudança em nossa ação

⁴⁵ DAp 287.

⁴⁶ CNBB, Doc. 88, p. 24.

⁴⁷ CNBB, Estudo 84.

catequética, investindo forças em uma catequese com adultos, tendo consciência de que tudo é um processo, um caminho se que percorre; o caminho percorrido do movimento catequético nos ensina que nenhuma mudança ocorreu tão rapidamente na ação evangelizadora, mas foi fazendo percursos e adaptações, “uma comunidade que *assume a iniciação cristã* renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes pastorais por parte dos bispos, presbíteros, pessoas consagradas e agentes de pastoral”⁴⁸.

Cabe, ainda, investirmos nas comunidades eclesiais e darmos continuidade ao movimento catequético no Brasil em suas luzes e sombras a partir da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal com um novo jeito de evangelizar que seja envolvente, acolhedor e eficiente em sua mensagem.

Não é possível apresentar, hoje, qualquer solução de retoque. A realidade e o cenário religioso e cultural, como vimos, exigem ainda mais, exigem solução nova. É uma difícil, mas gratificante e prazerosa ação que nos custa aprender, porque necessita ser recriada. É tempo novo e, para isso, não resolvem os remendos. É necessário trocar os “odres”. Para tempos novos, odres novos (cf. Lc 5,37-38). A Pastoral da Iniciação à Vida Cristã constitui-se, hoje, em um pilar fundamental no processo da missão evangelizadora da Igreja, a fim de que a Palavra continue a ecoar, fazendo do povo de Deus um povo de discípulos missionários de Jesus Cristo.

Portanto, acreditamos que a iniciação à vida cristã no Brasil nos últimos decênios vem se articulando em formas peculiares que a distinguem também dos outros países latino-americanos, com um dinamismo operativo que nos é próprio. Os sinais dos tempos nos apontam que é preciso passar do modo tradicional de iniciar na fé para o surgimento de um novo paradigma de iniciação, muito mais experiencial e vivencial.

REFERÊNCIAS

ALBERICH, E.; BINZ, A. **Catequese com adultos**: Elementos de metodologia. 2. ed. São Paulo: Salesiana, 2001.

ALBERICH, E.; BINZ, A. **Formas e modelos de catequese com adultos**: Panorama internacional. São Paulo: Salesiana, 2001.

BIEMMI, E. La dimensione missionaria della catechesi: il convegno ECC nel cuore della problematica del primo annuncio. **Catechesi**, v. 78, n. 3, p. 2-8, 2008-2009.

CNBB. **Catequese renovada**: orientações e conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1983. (Doc. 26).

_____. **Iniciação à vida cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc. 107).

FLORISTÁN, C. **Catecumenato**: história e pastoral da iniciação. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Para compreender a paróquia**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1988.

⁴⁸ DAp 291.

LIMA, L. A. Iniciação à vida cristã: paradigma de transmissão da fé. **Revista de Catequese**, v. 30, n. 117, jan./mar. 2009.

MIRANDA, M. V. O. A igreja no período antigo: o catecumenato na evangelização. **Reveleto**, São Paulo, v. 6, n. 10, 2012

NERY, I. **Catequese com adultos e catecumenato**: História e proposta. São Paulo: Paulus, 2001.

Pontifício conselho para a promoção da Nova Evangelização, **Diretório para a Catequese**, São Paulo: P

O ROSTO DE JESUS DESEJADO PELO VATICANO II

Fabíola Weber, Mestre em Teologia Bíblica, pela PUC-SP, Especialista em Cultura Judaica-Cristã História e Teologia (Unifai), graduada em Teologia (Umesp), e em Comunicação Social - Relações Públicas (Umesp). Membro do grupo de Pesquisa Arqueologia do Antigo Oriente Próximo, Universidade Metodista de São Paulo (CNPQ) e do grupo Tradução e Interpretação do Antigo Testamento, PUC - São Paulo. Concentra seus estudos na área do Antigo Testamento.*

Estevão Oliveira de Souza, Religioso da Congregação de Nossa Senhora de Sion. Especialização em Cultura Judaico-Cristã, História e Teologia pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos – SP. Possui graduação em Filosofia pela Faerpe e graduação em Teologia pelo ITESP.**

RESUMO

Dentro do grande acontecimento eclesial que foi o Vaticano II, a Igreja pode olhar para si mesma e fazer as reformas necessárias para responder e dar razões de sua fé ao mundo atual. Nessa perspectiva, apresentou uma nova forma de olhar para as relações com o judaísmo e trouxe à superfície a questão da identidade de Jesus. Essa questão, uma vez posta, exigiu respostas práticas, que podem ser dadas pela catequese, pois a Igreja deseja que as origens de Jesus, as mesmas da Igreja, não passem mais despercebida pelo povo de Deus. Com isso, nosso estudo discute os documentos, que abordam as relações da Igreja com o povo judeu e, com base no número quatro da Declaração *Nostra Ætate*, visita a caminhada da catequese com o Vaticano II, a partir dos documentos, propondo uma apresentação de Jesus no interior das raízes judaicas.

Palavras-Chave: Vaticano II, *Nostra Ætate*, Diálogo judeu-cristão, renovação da catequese.

ABSTRACT

Within the great ecclesial event that was Vatican II, the Church can look at itself and make the necessary reforms to respond and give reasons for its faith to the world today. From this perspective she presented a new way of looking at relations with Judaism and brought to the surface the question of Jesus' identity. This question once posed required practical answers, and can be given through catechesis, as the Church wants the origins of Jesus, which are the origins of the Church, to no longer go unnoticed by the people of God. With this, our study will look at the documents that talk about the Church's Relations with the Jewish people from number four of the Declaration *Nostra Ætate*, it will visit the path of catechesis with Vatican II from the documents, thus placing proposals for a presentation of Jesus within his Jewish roots.

Keywords: Vatican II, *Nostra Ætate*, Jewish-Christian dialogue, renewal of catechesis.

Considerações Iniciais

Um dos tesouros mais ricos na Igreja é a catequese, ou seja, o modo como durante esses mais de vinte séculos o mandato de Jesus Cristo, a Torah Encarnada, vem sendo transmitida. A rica tradição da Igreja bebeu primeiramente das fontes judaicas, berço que acolheu o Verbo Encarnado no seio da humanidade. No decorrer dos primeiros séculos, a tradição da Comunidade cristã se encontrou também com a cultura helênica e enriqueceu-se com outras fontes, expandindo-se e constituindo suas estruturas. Infelizmente parte do rosto

* E-mail: fwfabiolaweber@gmail.com

** E-mail: oliveiraestevaosion@gmail.com

original de Jesus, encarnado na tradição judaica se perdeu.

Olhando para o referido período, podemos constatar que:

Foi um tempo decisivo para a organização e fortalecimento da Igreja. A cultura grega ou helenística dominava o Oriente Médio (Israel, Egito e Síria de hoje) e grande parte da Europa. As duas primeiras gerações de cristãos realizaram um hercúleo trabalho de evangelização, conforme o Novo Testamento. Além de Pedro e demais apóstolos, dominam o cenário o apóstolo Paulo e seus companheiros, que, sob o ponto de vista humano e da historiografia, são considerados os fundadores ou pelo menos os consolidadores do cristianismo. (LIMA,2016, p.21).

Após a queda do Império Romano, outras culturas enriqueceram a tradição da Igreja ocidental, e a Igreja oriental continuou seguindo seu caminho. Séculos mais tarde, a Igreja impulsionada pelo Espírito Santo começou a olhar para as suas fontes e vários movimentos de renovação surgem no seio da Comunidade Eclesial. Estamos, a essa época, nos fins do século XIX e início do XX. Liturgia, Catequese, Bíblia começam a receber um influxo de renovação. A partir da grande reforma proposta pelo Papa João XXIII, no Vaticano II, a Igreja buscará mais do que um olhar extra, mas uma reflexão, olhando para dentro. Olhando para si mesma buscará encontrar as razões de sua existência que, mais do que pensar em todos os seus movimentos, a sua busca foi olhar para um nome, um personagem, que não é senão a pedra angular de toda fé (KASPER,1978, p.14). Esse personagem Jesus, foco da Cristologia, reflete acerca de sua pessoa e obra, sua natureza (O'COLLINS, 1997, p. 09-10). Só que, ao decorrer dos séculos, foi se esquecendo as origens desse grande mestre e dissociando-o da Igreja que, primeiramente, dele advém e das riquezas que suas origens trouxeram e incrustaram na comunidade primitiva e que ligou a tradição cristã à eleição prometida ao referido povo.

O Concílio impôs a tarefa de olhar Jesus dentro de sua tradição e recuperá-la para dentro da Igreja. Recuperar Jesus significa debruçar-se com a rica tradição no qual viveu, e na qual a Escritura foi escrita. A tradição viva da Igreja e seu magistério se enriqueceram, mergulhando nessa rica tradição na qual nasceu e viveu Jesus e poder-se-á partir em busca de um diálogo que os séculos de ódio quitaram. Tal virada precisava de um lugar para começar, e se se quer mudar uma estrutura para melhor, é na base que se deve mexer e, no caso da Igreja, a base de transmissão da fé é a catequese.

A catequese, ao olhar para si, percebeu que precisava receber um influxo de renovação, revisitando o berço, onde nasceu a Comunidade Cristã. Ao mirar suas estruturas iniciais, a Igreja percebeu, ainda, a necessidade de que a catequese voltasse a ser uma questão vivida no interior da comunidade, e que se acabasse de vez com o divórcio que se sedimentou entre a apresentação oral metódica e a vivência litúrgico-ritual (LIMA, 2016, p.33). O movimento catequético foi, no interior da Igreja, um dos que mais caminharam, embora seja pouco conhecido a não ser em âmbitos especializados (LIMA, 2016, p.54). Todavia, apesar de

esse novo influxo de renovação, o olhar necessário para o berço da Igreja ainda não tinha sido contemplado e foi preciso outro terrível fato, que abalou para sempre a humanidade. Esse fator não é outro senão a perseguição aos judeus durante a segunda Guerra mundial, cujo clímax se materializou na Shoah¹. Com o advento da perseguição e extermínio em massa do povo judeu, a Igreja obrigou-se a um olhar para suas relações com o povo da Aliança. A efusão que se seguiu à segunda guerra mundial, continuação dos grandes movimentos do século XIX, exigia da Igreja novas respostas. Uma das primeiras respostas acerca das relações com os judeus foi dado, em 1947, quando “65 judeus e cristãos de 19 países reuniram-se em Seelisberg, na Suíça, para expressar sua profunda consternação pelo Holocausto (Shoah) (FONSECA,2011, p.11). Na referida localidade, os participantes propuseram uma série de 10 pontos², um importante marco na promoção do diálogo entre judeus e cristãos e, também, em relação ao diálogo inter-religioso. Mesmo sendo sempre prudente nos passos que deveria dar, chegara a hora de dar uma resposta relevante para o momento e que, ao mesmo tempo, não a fizesse traidora de seus princípios. No decorrer do Concílio, alguns padres conciliares colocaram a questão acerca dos judeus, para que naquele momento único para a Igreja do século XX, ela pudesse olhar e dizer algo. O papa João XXIII foi um dos grandes nomes que impulsionou uma discussão sobre os judeus. E à medida que as discussões transcorriam apareceu a teologia de São Paulo acerca dos judeus (cf. Rm. 9 – 11). Apesar de grandes esforços, muitos na Igreja, ainda, olhavam com certo preconceito para a tradição judaica. A declaração *Nostra Ætate*, que fora impulsionada pelo papa e estava sob os auspícios do cardeal Bea³ sofreu muitas críticas e “inicialmente fora pensado como uma

¹ A Shoah foi o massacre planejado dos judeus chamado de solução final pelos Nazistas, e que começou a ser executado a partir da década de 1940, mais precisamente no ano de 1941.

² Para uma melhor visualização e entendimento eis resumidamente os dez pontos propostos em Seelisberg: 1. A dignidade humana é inviolável e deve ser respeitada por todas as pessoas, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade. 2. O antissemitismo é uma forma de intolerância que deve ser condenada e combatida em todas as suas manifestações. 3. Todas as pessoas têm o direito à liberdade de pensamento, consciência, religião e crença. 4. O direito à liberdade religiosa inclui o direito de praticar sua religião em particular e em público, desde que isso não prejudique a ordem pública ou os direitos e liberdades dos outros. 5. A liberdade religiosa também inclui o direito de mudar de religião ou de crença, bem como o direito de não ter religião ou crença. 6. Os governos devem garantir a igualdade de direitos e oportunidades para todas as pessoas, independentemente da sua religião ou origem étnica. 7. A educação deve promover a compreensão mútua, o respeito pelas diferenças religiosas e a tolerância em relação às crenças dos outros. 8. Os meios de comunicação devem ser utilizados para promover a paz, a compreensão e a cooperação entre as diferentes religiões e culturas. 9. Os líderes religiosos têm a responsabilidade de promover a paz, condenar a violência e trabalhar em prol do bem-estar de toda a humanidade. 10. A cooperação entre as diferentes religiões é essencial para a construção de uma sociedade justa, compatível e harmoniosa.

³ Cardeal Agostinho Bea, S.J. (1881 – 1968) nasceu em **Riedböhringen, Alemanha**, em 28 de maio de 1881. Ele entrou para a **Companhia de Jesus** em 1902, aos 21 anos de idade. Tinha formação em exegese bíblica do Primeiro Testamento. No período de 1924 a 1949 foi professor de Bíblia na Universidade Gregoriana e no Pontifício Instituto Bíblico, sendo reitor do segundo entre 1930 a 1949. Ajudou na elaboração de encíclicas como *Mediator Dei* e *Divino Aflante Spiritu*. Motivou traduções da Bíblia a partir do original em vez do uso da Vulgata de São Jerônimo. Foi criado cardeal em 1959 por João XXIII e se tornou próximo a este venerável pontífice. Quando se começou a preparar para o Concílio Vaticano II, o papa encomendou ao cardeal um documento sobre os judeus. O referido documento elaborado pelo cardeal e sua comissão se tornou a famosa declaração *Nostra Ætate*. **Bea** foi uma figura importante no Concílio. Ele contribuiu de forma significativa para a Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, *Dei Verbum*, de cuja comissão responsável pela sua elaboração ele foi

declaração à parte; depois se queria que junto com o texto sobre a liberdade religiosa fosse aprovado como um anexo do esquema sobre o ecumenismo; na prática, que a questão judaica fosse relegada.”(GRÜME, 2012, p.32) Os grandes bloqueadores do andamento do documento foram os árabes, face ao movimento político que ocorria na época (GRÜME, 2012, p). Apesar de todos os problemas enfrentados a Declaração *Nostra Ætate* foi aprovada, em 25 de outubro de 1965, não como havia sido pensado, inicialmente, mas como uma declaração que engloba outras religiões não cristãs. Se se olha o Concílio com cuidado, percebe-se que não é apenas na Declaração *Nostra Ætate* que se situa um novo olhar sobre as relações com o judaísmo. No nº 16 da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* tais relações são tratadas com os judeus logo na abertura desse número, significando, assim, que a questão da existência judaica concerne à interioridade da própria Igreja (REMAUD, 2000). Apesar de ser um tema importantíssimo, as declarações foram mínimas, mas a Igreja não parou e seguiu trabalhando, para que o diálogo e a fraternidade estivessem sempre em pauta.

Os documentos e o magistério papal após *Nostra Ætate*

Afora o que até aqui foi dito, não há por que se entregar ao desânimo. As pequenas declarações acerca do judaísmo caíram como uma pequena semente no meio do Concílio e de lá para cá desenvolveram-se como uma árvore. Ainda não se tornou uma frondosa árvore, contudo já se podem ver os primeiros frutos. Já no ano de 1974, o arcabouço colocado, em 1965, seja no número 16 da Constituição *Lumen Gentium* e na Declaração *Nostra Ætate* começa a tomar corpo. No referido ano, isto é, 1974 publica-se um documento denominado “Orientações e sugestões para a aplicação da Declaração *Nostra Ætate*”, no dia primeiro de dezembro. A referida orientação apresenta diretrizes em diversos âmbitos, para que se possa ter um sadio diálogo. Em primeiro lugar, ressalta-se a busca por um diálogo, que se for analisado foi praticamente inexistente e “as relações entre judeus e cristãos quando porventura houve, quase não passaram, em geral, de um monólogo” (CEDRA, 2000, p.15). Tal diálogo, que buscará ser embasado no respeito, na busca de um encontro comum, para que se encontre o que une e deixar de lado as particularidades. Também em relação à liturgia, o documento traz algumas indicações, salientando a ligação entre a oração de Israel e da Igreja. As nossas raízes estão, em parte, na tradição litúrgica de Israel, já que “na oliveira boa foi a Igreja enxertada e daí emana-se a seiva para todos o corpo eclesial.” tal como encontramos em Rom 11, 16-19. Encontra-se no referido apontes para a vida social entre judeus e cristãos que deve ser embasada na riquíssima herança do desejo que Deus tem no homem e na capacidade do homem para Deus. (CATECISMO, 1992, p. 21-22)” Ao presente artigo,

copresidente. O papa o nomeou em 1960 como primeiro presidente para o secretariado para a promoção da Unidade entre os Cristãos. Faleceu em 1968, aos 87 anos de idade. Foi um grande impulsionador do diálogo com os judeus tendo sido no interior do Concílio o maior defensor de tal tese.

interessa principalmente a reflexão e diretrizes para o ensino e a educação. Diante do ensino e educação ressalta o documento que há muito trabalho a ser feito, mas grandes avanços se têm dado. Alguns aspectos como a realidade complexa do judaísmo no tempo de Jesus com multiformes valores não devem ser esquecidos. As tradições do Primeiro e Segundo Testamentos, também, não são opostas, mas há uma completude entre ambas. O fato também de Jesus e os primeiros membros eram judeus e Ele [Jesus] se revelou aos judeus, veio para eles e, a partir deles, a salvação se abriu, “e não se pode imputar seu processo e morte a todos os judeus que, então, viviam e nem aos judeus de nosso tempo” (CEDRA, 2000, p.18).

Na mesma linha da orientação de 1974, mas com um viés exegético-teológico publicou-se um documento em 1985 “Para uma correta apresentação dos judeus e do judaísmo na pregação e na catequese da Igreja Católica”. No referido documento, há um maior e mais forte foco no campo da Teologia e da Exegese, na medida em que reflete sobre a relação entre o Antigo e o Novo Testamentos, revelam as raízes judaicas da fé cristã, observam as semelhanças na liturgia, especialmente nas grandes festas do ano litúrgico. Este trabalho enfoca o judaísmo tratado como assunto da pregação e da catequese na Igreja Católica. De particular interesse é o fato de que este documento faz referência ao estado de Israel, e suas opções políticas; eles devem ser considerados em uma perspectiva não religiosa em si, mas se referindo aos princípios do Direito Internacional.

O terceiro documento e final da Comissão para as Relações Religiosas com os Judeus foi apresentado ao público em 16 de março de 1998. Ele traz importantes questões acerca da *Shoah*, sob o título: “Nós recordamos: uma reflexão sobre o Shoah”. O impulso principal para este texto veio do lado judaico. Ele realiza um julgamento duro, considerando o saldo de 2000 anos de relações entre judeus e cristãos como bastante negativo, recorda a atitude dos cristãos frente ao antissemitismo do nacional-socialismo alemão e concentra-se no dever da responsabilidade dos cristãos, para lembrar a catástrofe humana, sem precedentes na História, com a Shoah (literalmente Extermínio, Catástrofe). Em uma carta, no início desta declaração, o Papa João Paulo II expressou a esperança de que este documento “realmente ajude a curar as feridas causadas por equívocos e injustiças do passado. Ele pôde permitir que a memória desempenhe o seu papel legítimo na construção de um futuro em que nunca mais a injustiça inominável do Holocausto possa ser possível novamente”.

Na série de documentos do Vaticano, publicado pela Pontifícia Comissão Bíblica, 24 de maio de 2001, um texto volumoso trata explicitamente do diálogo católico-judaico: “O povo judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã”. Este documento procura mostrar o rico tesouro de temas comuns no diálogo entre judeus e cristãos, que têm o seu fundamento nas Escrituras Sagradas do Judaísmo e do Cristianismo. No prefácio, o prefeito da Congregação

para a Doutrina da Fé, o então cardeal Josef Ratzinger, defende “um novo respeito para a interpretação judaica do Antigo Testamento”. O documento afirma duas coisas: Em primeiro lugar, que “a leitura judaica da Bíblia é possível, e que está em continuidade com as Escrituras Sagradas dos judeus do período do Segundo Templo, uma leitura análoga à leitura cristã, que foi desenvolvida em paralelo” (Cf. N° 22). Em segundo lugar, acrescenta que os cristãos podem aprender muito com exegese judaica praticada por mais de 2000 anos e, em troca, os cristãos podem esperar que os judeus também se beneficiem da investigação cristã da exegese

Um impulso grande que se deu à amizade judaico-cristã repousa no magistério papal. Antes mesmo do concílio iniciar, já era desejo de João XXIII que houvesse um grande documento sobre o Judaísmo. Já Paulo VI impulsionou a comissão para as relações com o Judaísmo, dando ao diálogo novos rumos. Sua visita a Israel em 1964 foi um marco nas relações. Seu discurso ao povo da aliança, em 5 de janeiro de 1964, ressalta em um dos parágrafos uma importante mensagem para a reconciliação e a paz:

Como peregrinos da paz, imploramos, sobretudo o bem da reconciliação do homem com Deus e da harmonia profunda e sincera entre todos os homens e todos os povos. Que Deus ouça a nossa oração, aquele Deus que tem para nós, como proclamam os Profetas, pensamentos de paz e de não aflição (Jr 29, 11) (PAULO VI, 1964)⁴

Os passos para a aproximação e reconciliação continuaram e foram sendo enriquecidos a cada pontificado. João Paulo II, no primeiro ano de seu ministério visita o campo de concentração e vai à sinagoga de Roma, em 1986. Em 1993, expressa o direito dos judeus de voltar à sua terra natal e, em 1993, promoveu o reatamento das relações diplomáticas entre Israel e a Santa Sé. Quando da sua visita a Israel, no último dia de sua peregrinação, foi ao Kotel (Muro das Lamentações), colocando, entre suas pedras milenares, a seguinte mensagem: "Deus de nossos pais, escolheste Abraão e seus descendentes para levar Teu nome às nações. Estamos profundamente tristes com o comportamento daqueles que, ao longo da História, fizeram sofrer esses Teus filhos..." De forma semelhante, na visita ao memorial Yad Yashem, rezou pelas vítimas da Shoah, encontrou sobreviventes e o rabino chefe de Jerusalém.

Na mesma esteira, o papa Bento XVI caminhou, já antes de ser eleito papa e buscou mostrar a relação que o primeiro Testamento tem com o Segundo na sua grande obra sobre Jesus de Nazaré. Na sua visita à Sinagoga de Roma faz uma brilhante síntese dos reais motivos de toda espécie de discriminação contra os judeus e contra a humanidade:

⁴ Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640105_people-alliance.html>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

A doutrina do Concílio Vaticano II representou para os católicos um ponto decisivo de referência constante na atitude e nas relações com o povo judeu, abrindo uma nova e significativa etapa. O evento conciliar deu um impulso decisivo ao compromisso de percorrer um caminho irrevogável de diálogo, de fraternidade e de amizade, caminho que se aprofundou e desenvolveu nestes quarenta anos com passos e gestos importantes e significativos. . . a Igreja não deixou de condenar as faltas de seus filhos e filhas, pedindo perdão por tudo que pode favorecer de algum modo as chagas do antissemitismo e do antijudaísmo. Possam essas chagas sararem definitivamente! (RIBEIRO, 2019, p. 52-23)

Com o Papa Francisco, o diálogo já vinha sendo mantido, desde que ele era arcebispo de Buenos Aires, em especial com o Rabino Abraham Skorka. Os dois, inclusive, publicaram um livro juntos, em 2010, cuja tradução aqui apresentada é de 2013⁵.

A catequese fundamentada no Concílio Vaticano II

Na esteira da declaração conciliar e dos documentos, muitas reflexões importantes foram feitas, mas o que diz o concílio acerca da catequese? É preciso revisitar alguns movimentos pré-conciliares e decisões conciliares, para entender um pouco do que se diz da catequese para e verificar que, nesse campo, muitas mudanças também foram feitas.

Durante cerca de quatro séculos, o método de transmissão da fé foi com base em manuais. As dissonâncias entre a fé e a ciência que avançava a passos largos, os diversos movimentos pela emancipação do homem causaram uma grave ruptura entre a Igreja e a sociedade moderna e somente com o impulso vindo do concílio tal diálogo foi retomado. As referidas rupturas assinalaram também vários movimentos no interior de algumas tradições na Igreja, que corriam o risco de se estagnarem em atitudes, que impediam a ação evangelizadora da própria instituição e a própria tradição eclesial, viva de se atualizar correndo risco de ficar engessada em conceitos ultrapassados.

O movimento catequético no início do século XX buscou pensar uma catequese, que respondesse às perguntas e aos anseios à Igreja. Pensou-se, ainda, qual era a identidade da catequese e buscou-se um mergulho às suas fontes, na igreja primitiva.

Por meio de um movimento catequético querigmático passou-se do catecismo para a catequese, da tradicional instrução religiosa para a ação catequética, mais respeitosa da densidade existencial da Palavra de Deus e da resposta do catequizando ao apelo da fé. Considerando as verdades ensinadas no catecismo, que, por muito tempo, eram decoradas com intuito de apenas saber, o depósito da fé presente nos manuais passa a ser transmitido de forma a atingir a vida do crente, desde o batismo.

O impulso iniciado com o movimento foi levado ao concílio vaticano II que discutiu e produziu importantes documentos para a caminhada da Igreja e, de fato, antecipou o que seria

⁵ Cf. Francisco, Papa, 1936- Sobre o céu e a terra / Jorge Bergoglio, Abraham Skorka; tradução Sandra Martha dolinsky. — 1a ed. — São Paulo: Paralela, 2013.

dito em 2007 na conferência de Aparecida “abandonar as ultrapassadas estruturas, que já não favoreçam a transmissão da fé” e um forte apelo à “conversão pastoral e à renovação missionária”(CELAM, 2007,pp.365-372) A referida profundidade do concílio pode ser vista nos seus 16 documentos. Como encontramos apontado por Lima:

Basta citar a profunda reforma litúrgica (*Sacrosanctum Concilium*), a mudança na concepção de si mesma como Igreja (*Lumen Gentium*) e de seu papel e missão no mundo de hoje (*Gaudium et Spes*), sua visão renovada da Revelação (Dei Verbum) e de ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*), a revisão e renovação do direito canônico (*Christus Dominus*), fruto do próprio Concílio, ou mesmo a forma de proceder da dinâmica do próprio Concílio: aí os bispos tornaram-se responsáveis pelo conjunto da Igreja, e não só de suas dioceses, e passaram a deliberar colegialmente, com toda a liberdade, em comunhão com o papa, sem, entretanto, se sentirem subordinados aos dicastérios romanos.(LIMA, 2016, p. 70 - 71)

Todas as mudanças influíram de uma forma ou outra na realidade da pregação e da catequese, pois elas “sempre ocupam o primeiro lugar” entre os meios de anunciar a doutrina cristã (VATICANO II, 2015, p.411); todavia, a realidade da catequese não foi tratada em um documento particular no Concílio. Na dinâmica dos documentos gestados e gerados no Vaticano II, a catequese estará presente de forma direta e indireta, e o desejado aprofundamento será posto em dia em um dinamismo pós Vaticano II.

O contributo trazido pelo Concílio Vaticano II não repousa tanto nos documentos conciliares, mas em todo o conjunto eclesial tocado pela renovação pretendida, desde a sua convocação em 1959, a partir de grande embasamento bíblico, teológico e pastoral.

Lançando um olhar sobre o Decreto *Christus Dominus*, vemos que ele traz um método de propor a Doutrina Cristã sempre com base no múnus episcopal de ensinar. Lê-se no Decreto: “zelem os bispos, para que os catequistas sejam perfeitamente preparados para a sua missão, conheçam cabalmente a doutrina da Igreja e aprendam na teoria e na prática as leis da psicologia e as disciplinas pedagógicas” (VATICANO II, 2015 p. 412). Há, ainda, no Decreto a prescrição da elaboração de um diretório de instrução catequética do povo cristão (VATICANO II, 2015 p. 435) O referido Diretório Catequético Geral veio à luz na Páscoa de 1971.

Em *Christus Dominus* lançam-se as bases para se criar um diretório e, ainda, que tão grande tesouro da Igreja seja cuidado com esmero. O que ocorre é que a catequese é interligada a todo o organismo eclesial como são as veias ao corpo humano, levando e mantendo a vida pulsante. Ora, na Igreja a catequese não só se aprende, mas ela é celebrada com alegria na liturgia. Dessa forma, a Declaração *Gravissimum Educationis* busca um vínculo entre a catequese e a Sagrada Liturgia:

No cumprimento de sua tarefa educativa, a Igreja se interessa com todos os meios aptos, sobretudo com aqueles que lhe pertencem; o primeiro dos quais é a instrução catequética que ilumina e fortalece a fé, alimenta a vida segundo o

espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério de Cristo e impele à ação apostólica. A Igreja aprecia muito e procura penetrar e elevar com o seu espírito também os restantes meios, para cultivar as almas e formar os homens, como são os meios de comunicação social, as múltiplas organizações culturais e desportivas, os agrupamentos juvenis e, sobretudo, as escolas (VATICANO II, 2015 p. 487)

Da mesma maneira que *Ad Gentes* e *Christus Dominus*, o Diretório Geral para a Catequese em sua segunda e atual edição coloca a catequese dentro de um amplo quadro, como nos primeiros séculos do cristianismo, na iniciação cristã, ou seja, no catecumenato. A publicação do Catecismo da Igreja católica também trouxe grande impulso, fruto do pontificado de João Paulo II.

O concílio também ordena que haja a restauração do catecumenato, e tal realidade é posta no seio da reforma litúrgica. Em seu capítulo III, a Constituição *Sacrossantum Concilium* reza:

Restoure-se o catecumenato dos adultos, com vários graus, a praticar segundo o critério do Ordinário do lugar, de modo que se possa dar a conveniente instrução a que se destina o catecumenato e santificar este tempo por meio de ritos sagrados que se há de celebrar em ocasiões sucessivas (VATICANO II, 2015 p. 285)

Esse tempo propício de instrução e catequese que o concílio propõe encontra-se enriquecido no *Decreto Ad Gentes* que ressalta, nos números 14 e 17, que se faça uma digna preparação e que os catequistas sejam formados segundo a doutrina da Igreja. E é grande o olhar que a Igreja tem pelo catecumenato, pois dentro de seu processo catequético, a vida Cristã encontra o seu *humus* e lugar para exercer sua missão mistagógica e iniciação cristã.

Já na Constituição *Dei Verbum*, aponta-se que a exposição da Palavra de Deus transmitida pelo catequista não são apenas ideias ou verdades, mas é a própria pessoa de Deus que é transmitida, e todos somos convidados a viver e transmitir essa verdade, como encontra-se em seu epílogo, principalmente em seu número 25. A pedagogia da catequese deve ser a mesma pedagogia de Deus, ou seja, a fé se transmite por fatos, acontecimentos e no olhar para aquele que veio em nome da Trindade.

Um grande trabalho: uma catequese com rosto de Jesus Judeu.

Viu-se que a história do século XX foi marcada por diversos acontecimentos, não sendo exagerado o epíteto “o século dos extremos: o breve século XX”⁶ Dois acontecimentos no referido século tiveram uma forte influência no modo como o Judaísmo era visto. O primeiro fato e já aqui mencionado foi a catástrofe perpetrada pelos nazistas: Shoah. O segundo evento

⁶ A referida obra é de autoria do historiador britânico Eric Hobsbawn (1917 – 2012) onde a premissa principal é que os acontecimentos de um século, aconteceram em apenas 77 anos no século XX sendo que a maioria dos acontecimentos foi embasado em terror e catástrofes.

embora decorrido do primeiro é visto como um ocorrido positivo e aconteceu em 1947, que passou à história como conferência de Seelisberg. As duas ocorrências na história, sem sombra de dúvida, tiveram um grande impacto sobre o concílio Vaticano II, já na ante porta de sua convocação em 1959, quando o historiador judeu Jules Isaac⁷ em uma audiência com o Papa João XXIII pede que se passe do ensino do desprezo para o ensino do apreço.

Como a história bem nos apontou, e a tecnologia já bem avançada, àquela época, o concílio ficou registrado não só nos anais, mas em gravações radiofônicas, televisivas e fotográficas; assim, pudemos perceber a força impactante que o *aggiornamento* conciliar trouxe para a Igreja no mundo. No interior das relações entre judeus e cristãos, a Declaração *Nostra Aetate* criou uma onda, passando do desprezo à estima, dentro e fora da Igreja, fazendo-a arrancar a venda, que a impedia de olhar para suas raízes e perceber que, nas suas fontes eclesiais, o Judaísmo é um componente essencial.

Todos os campos onde toca a Igreja sofreram impulsos. Assim, a porta de entrada para os membros também precisava ser reformulada, tendo em vista aquilo que a Igreja é em realidade, de onde saiu e para onde ela caminha. O pó milenar do preconceito, do tradicionalismo, fundamentalismo, da autossuficiência e auto referencialidade já havia sido espanados, pelo menos por cima, nas quatro seções e dezesseis documentos que estavam prontos para execução, mas ainda há muito preconceito e resistência escondidos.

Era hora de pôr em prática. Em primeiro pensar que já desde as bases da catequese deveria se apresentar Jesus como nascido do povo eleito, e que desse povo se prende “o vínculo pelo qual o Novo Testamento está ligado à estirpe de Abraão” (VATICANO II, 2015 p.622) Essa ligação, como já dito, obriga à Igreja a olhar que sua origem se prende a um povo. Se se presta bem atenção, toda a Igreja nascente era judaica. De Jesus à sua Mãe. Dos apóstolos e vários discípulos. Há, portanto, como disse João Paulo II, uma relação “intrínseca” entre o Judaísmo e o Cristianismo.

Em termos concretos, o Concílio com seus documentos propõe que seja posta uma

⁷ Jules Isaac foi um historiador e ativista francês nascido em 1877 e falecido em 1963. Ele é conhecido por seu trabalho em relação ao antissemitismo e por seu papel na reconciliação entre judeus e cristãos. Nascido uma família judaica e dedicou grande parte de sua vida ao estudo da história judaica e ao combate ao antissemitismo. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele e sua família foram vítimas do Holocausto, com sua esposa e filha sendo deportadas e mortas pelos nazistas. Após a guerra, Isaac se dedicou a promover a compreensão e a reconciliação entre judeus e cristãos. Ele acreditava que o antissemitismo era resultado de séculos de ensinamentos e interpretações errôneas do Novo Testamento, que retratavam os judeus como responsáveis pela morte de Jesus Cristo. Em 1947, Isaac participou da Conferência de Seelisberg, na Suíça, onde foram formulados os Dez Pontos de Seelisberg, que buscavam combater o antissemitismo e promover a tolerância religiosa. Isaac foi um dos principais defensores desses pontos, que se tornou uma referência importante na luta contra a discriminação religiosa. Além disso, Isaac escreveu vários livros sobre o tema do antissemitismo e da história judaica, incluindo "L'Enseignement du Mépris" (O Ensino do Desprezo), no qual ele analisou as raízes históricas do antissemitismo cristão. Jules Isaac deixou um legado importante, tanto como historiador quanto como ativista. Seu trabalho contribuiu para a conscientização sobre o antissemitismo e para a promoção do diálogo e da reconciliação entre judeus e cristãos. Sua luta contra o preconceito e a discriminação continua sendo relevante até os dias de hoje.

séria formação para todos que transmitem ensinamentos no interior da Igreja. Uma vez que aconteça uma séria formação, contemplando o concílio com toda sua riqueza, passar-se-á ao nível de elaboração de materiais próprios para se apresentar o verdadeiro rosto de Jesus.

Com base nas diretrizes dadas pelo concílio, propôs-se que a Igreja comece a trabalhar, e em muitos lugares iniciam-se avanços. No documento de Puebla, já se fazem menções acerca do judaísmo, fomentando um mútuo conhecimento, que só pode ser ministrado pela catequese, formações e estudos. A Igreja do Brasil, em 1983, se dirige à Comissão Nacional do Diálogo Católico-Judaico e pede que se elaborem diretrizes para o relacionamento com os judeus, referenciando aspectos importantes a serem observados, tal como se lê no número 7, em que exorta a todas as Igrejas locais que, na catequese e na liturgia, evitem juízos desfavoráveis em relação a nossos irmãos judeus. A conferência de Santo Domingo, de 1992, pede que se olhe com carinho para os nossos irmãos judeus. De fato, o catecismo em diversos números suplica para que se olhem os judeus com um olhar diferente e recorda-nos ser justo e necessário colocar em prática esse diálogo e assumir atitudes de fraternidade.

O que se há de fazer é buscar recuperar a imagem de Jesus a partir de seu ser judeu. Uma vez que se cumpra tal prerrogativa, talvez, a distância fique menor. Isso, como já dito em outros momentos desse artigo deve ser feito pela catequese. Contudo, para se ter uma boa catequese eclesial, é necessário, primeiramente, que aqueles que estão à frente das paróquias, dos seminários, centros catequéticos e universidades sejam bem preparados. E o primeiro passo é conhecer os documentos fundamentais. O último documento lançado pela Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo, cujo título “porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis”, conforme encontramos na carta de Paulo aos Romanos 11, 29, coloca ao exame da Igreja as reflexões, que podem ser feitas 50 anos depois, e que seguem válidas para nosso exame hoje. A especificidade do documento se encontra na valorização do diálogo entre judeus e cristãos. A referida valorização se encontra nas raízes judaicas da Igreja, no fato de Jesus ser judeu e de toda a tradição que a Igreja bebe do referido povo, simbolizada na bela imagem do ramo enxertado, que recebe da boa oliveira sua seiva. Isso coloca o Judaísmo numa situação especial em relação ao diálogo inter-religioso, no diálogo entre irmãos, que buscam olhar um para o outro. Nem sempre houve tal consciência e na história a teoria da substituição contribuiu com uma teologia negativa. Segundo essa teoria, Israel havia sido substituído pela Igreja. Consequentemente, perdera suas promessas. Entretanto, Israel segue como filho predileto de Deus, e cabe ao Eterno os insondáveis desígnios.

Quando falamos de desígnios, põem-se um problema também pertinente à salvação, e como tal fato se dará, tendo em vista a irrevogabilidade dos dons dados por Deus. Se o povo de Deus que é Israel segue eleito, então, há neles uma via de salvação na Torah, palavra

dada por Deus. E se em Jesus fomos enxertados e recebemos essa eleição nele também somos salvos, pois ele é a Palavra encarnada. O documento apresenta em seu número 24 um avanço considerável, apontando sobre o judeu, que observa a Torah, tem a vida plena e toma parte na comunhão com Deus; já os cristãos se voltam para o Cristo como fonte de vida nova. O referido ponto, inclusive, se fundamenta em um pronunciamento do Papa Francisco que afirmou:

As Confissões cristãs encontram a sua unidade no Cristo; o judaísmo encontra sua unidade na Torah. Os cristãos acreditam que Jesus Cristo é a Palavra de Deus feita carne no mundo; para os judeus. A Palavra de Deus está presente principalmente na Torah. As duas tradições de fé têm como fundamento o único Deus, o Deus da Aliança, que se revela aos homens através da sua Palavra. Na busca de uma atitude justa em relação a Deus, os cristãos dirigem-se a Cristo como nascente de vida nova; os judeus, ao ensinamento contido na Torah. (COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS PARA O JUDAÍSMO, 2015, p 25)

O passo que o documento principiou a dar, ao falar de duas vias que conduzem à salvação, imediatamente, existe um retrocesso no número posterior em que se afirma que há uma via única de salvação, e que é dirigida a todo homem. Onde se encontrariam judeus e cristãos na única via que se abre em Cristo? Uma possível resposta é que a palavra Torah pode abrir-se ao evento Cristo, a partir do termo *dabar*, cujo significado é “seja a palavra que o evento”, sugerindo, assim, tal abertura. A discussão é complicada e vale ser levada adiante, pois a imagem do Jesus Judeu só se firmará, quando se coloca os olhos no documento *Nostra Aetate* e fazer uma revisão profunda de termos teológicos, aprofundar-se nos documentos já publicados e houver uma melhor preparação pastoral.

Todas as ferramentas estão postas e, para além de tudo isso, há na Igreja um carisma específico que, a partir da centralidade da palavra de Deus, medita e mergulha em ambas as tradições judaica e cristã, trazendo toda a riqueza que daí se pode tirar. Tal carisma, dado à Igreja e carregado pela Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion, oferta grande riqueza pela formação, catequese e cursos em que é apresentado o rico universo das tradições judaicas e suas relações com a tradição cristã. A referida Congregação desenvolve um imenso trabalho na área da educação e do diálogo constante. O Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ), situado em São Paulo, semestralmente oferece cursos e meios de formação, para se entender melhor o entrelaçamento da tradição judaica e cristã, além de diversas publicações. Os livros publicados pelo CCDEJ em parceria com a editora *Fons Sapientiae* nos trazem diversas obras com a referida temática. Um dos livros importantíssimos para poder se avançar em um diálogo que dê frutos nos é *Jubileu de Ouro do diálogo católico-judaico: primeiros frutos e novos desafios*. No referido livro, percorrem-se os principais momentos dessa histórica relação, começado com a carta magna do diálogo católico judaico, isto é, a Declaração *Nostra Aetate*, até os últimos documentos.

Considerações finais

A conclusão ao qual se pode chegar é que há uma urgente necessidade de que as Igrejas locais, sempre em comunhão com a Escritura, Tradição e o Magistério da Igreja busquem na comunidade eclesial aqueles que estão aptos a ministrar formações, cursos, para auxiliarem na preparação de materiais catequéticos que possam apresentar Jesus em seu contexto real de judeu do século primeiro, imbuído de todo o contexto no qual viveu e toda a riqueza daí decorrente. Nesse sentido, chega-se a uma melhor compreensão da mensagem de Jesus, apoiada pela realidade de seu tempo, que recupera e favorece princípios como igualdade, fraternidade, baseada na escuta atenta da Palavra de Deus, que nos orienta a amar a Deus e ao próximo. Dessa forma, não se encontram motivos, que possam sustentar algum tipo de preconceito ou ódio racial. Por isso, é tarefa urgente da catequese uma nova visão acerca do Judaísmo, a religião de Jesus, rompendo com toda forma de antissemitismo e antijudaísmo.

REFERÊNCIAS

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA - Edição Típica Vaticana. 9ª Edição. São Paulo:

Loyola, 2000.

CEDRA. **Diálogo da Igreja com o Judaísmo**. Documentação Básica. 4 ed. São Paulo: Casa da Reconciliação, 2000.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 2. Ed. São Paulo: Paulus/Paulinas; Brasília: Edições CNBB, 2007.

COMISSÃO para as relações com o Judaísmo. “Porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis” (cf. Rm 11,29) Reflexões sobre questões teológicas atinentes às relações católicas judaicas por ocasião do 50º aniversário da Nostra Aetate (n.4). Brasília: Edições CNBB, 2016.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos e declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

FONSECA, Gisa (org.). **Os Doze pontos de Berlim**: A História da Transformação de um Relacionamento. São Leopoldo: Oikos, 2011.

GRÜME, Bernhard. Ainda não realizada Nostra Aetate e suas perspectivas para uma visão cristã do cristianismo. In: **Revista Telecomunicações v.43, n.1**, 2013.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000

KASPER, Walter. **Jesus o Cristo**. São Paulo: Sigueme, 1978.

LIMA, Luiz Alves de. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias**: A caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2016.

O'COLLINS, Gerald. **Cristologia**: Uno studio biblico, storico e sistematico su Gesù Cristo. Brescia: Queriniana, 1997.

PAULO VI. **Discurso al Señor Salman Shazar**, Presidente de la República de Israel Meggiddo, domingo 5 de enero de 1964 https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640105_peuple-alliance.html. Acesso em: 15 de junho de 2023.

REMAUD, Michel. **Chrétiens et Juifs entre le passé et l'avenir**. Bruxelas : Lessius, 2000.

RIBEIRO, Donizete Luiz & RAMOS, Marivan Soares (Orgs.), **O jubileu de ouro de Nostra Aetate**. Primeiros frutos e novos desafios. São Paulo: Edições Fons Sapientiaë, (coleção judaísmo e cristianismo) 2016.

GRUPOS JUDAICOS NA ORIGEM DO CRISTIANISMO: FARISEUS, SADUCEUS E ESSÊNIOS

Manoel Ferreira de Miranda Neto, Padre Religioso da Congregação Nossa Senhora de Sion, Possui mestrado em Teologia Dogmática com concentração em Bíblia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Graduado em Filosofia - Faculdades Associadas Ipiranga e em teologia - Institut Catholique de Paris. É membro do Conselho Científico da Revista Científica Cadernos de Sion e membro do Conselho Editorial e Consultivo da Coleção de Livros Judaísmo e Cristianismo.*

Silvano Alves dos Santos, Padre religioso do Instituto Missionário São José. Bacharel em Filosofia pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e Teologia pela Faculdade Denhoniana (Instituto do Sagrado Coração de Jesus). cursou Cultura Judaico-Cristã, História e Teologia, Sagradas Escrituras como alma da Teologia Judaico Cristã no Centro Cristão de Estudos Judaicos. Atualmente trabalha na Paróquia Nossa Senhora da Livração, assessor do setor juventude da região Santana.**

RESUMO

Este artigo de caráter científico tem como objetivo fazer uma apresentação bíblica e literária que contemple o papel dos Grupos Judaicos na origem do Cristianismo: Fariseus, Saduceus e Essênios. Nesta abordagem, veremos o papel e a importância da ação e atuação dos Fariseus e Saduceus com suas crenças, costumes e influência que esses tiveram tanto na vida do povo, quanto na história de Israel. Se de um lado temos o grupo dos Fariseus, totalmente preocupado em viver a consagração e religião e o cumprimento da Torá, visto como homens separados e ligados à vivência da santidade. Por outro lado, teremos os Saduceus, visto como classe sacerdotal dominante que visam a todo momento o status e o poder, tornando uma estrutura social e restrita advogando-os como classe predominantemente reformistas ao dos fariseus. Em paralelo a estes grupos, temos os Essênios, visto pelos historiadores como os piedosos que refutam mais tarde, o posicionamento de ambos os grupos (Fariseus e Saduceus) e vão para o deserto viverem isolados. Organizam-se e vivem em comunidade monástica, colocando em prática suas crenças e costumes dentro de um parâmetro que valorize seu carisma e estilo de vida. Essa realidade, influenciará também o cristianismo primitivo, assemelhando de forma peculiar, a forma de viver, atuar e se organizarem como comunidade que visa à vida comum de quem tem o livre propósito de viver a sua vocação de forma estritamente específica, como descreve os estudos da Comunidade de Qunrâm, totalmente despojada sem nenhum interesse de ter mérito humano, mas sim, o divino.

Palavras-chave: Sagradas Escrituras. Fariseus. Saduceus. Essênios. Cristianismo.

ABSTRACT

This scientific article aims to make a biblical and literary presentation which contemplates the role of the Jewish Groups in the origin of Christianity: Pharisees, Sadducees, and Essenes. In this approach, we will see the role and the importance of the action and performance of the Pharisees and Sadducees with their beliefs and customs and the influence that both had in the life of the people and in the history of Israel. If on one side there are the Pharisees, totally concerned in living the consecration and religion and the fulfilment of the Torah, seen as men separated and linked to the experience of holiness, on the other hand, we have the Sadducees, seen as the dominant priestly class who seek status and power status at all times, making a social and restricted structure advocating them as the dominant class. predominantly reformist to the Pharisees. In parallel to these groups, there are the Essenes, who has been seen by historians as the pious who refute later on, the position of both groups (Pharisees and Sadducees) and go to the desert to live isolated, organise themselves and create a monastic community, putting into practice their beliefs and customs within a parameter that values their charisma

* E-mail: manaelmiranda@hotmail.com

** E-mail: silvanospalves@gmail.com

and lifestyle. This reality will also influence primitive Christianity, resembling in a peculiar way, to the way of living, acting and organizing themselves as a community, which aims at the common life of those who have the free purpose of living out their vocation in a strictly specific way, as described in the studies of the Community of Qunrâm, totally stripped without any interest of having human merit, but the divine's.

Keywords: Holy Scriptures. Christianity. Pharisees. Sadducees. Essenes.

Considerações Iniciais

Mergulhar nas Sagradas Escrituras é sempre desafiador e ao mesmo tempo fascinante diante da descoberta e do percurso que precisa ser trilhado nos âmbitos cultural, político, econômico, social ou espiritual. Com o intuito de conhecer a origem de um grupo ou de um povo específico este viés de estudo, com foco multifacetado, faz-se necessário para legitimar a essência da pesquisa de caráter bibliográfico que todo pesquisador deseja abordar. Com o objetivo de verificar o que está por trás das narrativas literárias e bíblicas que enfatizam de forma contundente a contribuição dos grupos judaicos Fariseus, Saduceus e Essênios, na origem do cristianismo, faremos uso dessa perspectiva heterogênea.

Ao iniciar este artigo de caráter científico, quer-se apresentar as razões e motivações que levam a tratar deste tema. No Centro Cristão de Estudos Judaicos, entre tantos temas bíblicos abordados, especificamente na disciplina Contexto Judaico da Literatura Neotestamentária, conceitos a respeito da vida, origem, contexto político, econômico, social e religioso de alguns povos têm grande expressividade, já que apresenta esses grupos que tiveram representatividade não só na vida, mas também na história do povo de Israel.

Desta forma, recorda-se a todo tempo um povo, ou um grupo que não apenas passou e ficou despercebido na história, pelo contrário, colaboraram de maneira ampla e específica, externando seu carisma e estilo de vida, dando um contributo especial na história de Israel e deixando um legado visível na vida de um povo já solidificado com sua tradição bíblica e histórica.

Sob esta ótica, se faz necessário um mergulho neste universo, justamente para recordar que “um povo sem memória, é um povo sem história”. A história dá a oportunidade não só de julgar os acontecimentos e fatos, mas de conhecer com clareza esses grupos que foram destaques para Israel e para todos que desejam um aprofundamento em dinâmicas múltiplas buscando sua origem e visando à sua contribuição, seja na forma direta ou indireta dentro de Israel.

É pensando neste caminho, que se recorre ao aporte teórico constituído pelos comentadores Burrows(1956), Shubert (1979), Louse (2004), Stegemann; Stegemann (2004), Tamousauskas (2020), Haddad (2022) e Ramos (2022), por possuírem uma forte linha de estudos dos historiadores Flávio Josefo, Fílon de Alexandria e Plínio, facilitadores na pesquisa, traçada dentro de uma ótica diferenciada e não deturpada diante de algumas informações infundadas que veem à tona a respeito destes grupos judaicos no tempo de Jesus. A proposta

não é confundir, mas apresentar o quão importante foi nessa época, a origem desses grupos com suas crenças e culturas que encantavam não somente com seu carisma, mas também com seu estilo de vida. Estilo este, diferente do povo de Israel que já trazia em seu histórico uma tradição plena e solidificada, tanto na tradição oral, quanto na escrita – eixo central que revela a sua magnitude – marca que transborda a identidade própria de um povo designado, eleito por Deus. Essa realidade é que a tradição judaica faz questão de afirmar não só a Israel, mas ao mundo hodierno que de certa forma, beneficiaram-se com esse patrimônio comum. Embora hoje permaneçam divergências específicas, assim como no passado, há também a luta para um caminho conjunto, unindo propósitos e valores irrevogáveis a um povo e a uma nação.

Grupos judaicos na origem do cristianismo: Fariseu, Saduceus e Essênios

a) Fariseus

Estudar os fatos e acontecimentos na Sagradas Escrituras, sempre dá a possibilidade de diagnosticar não só a narrativa bíblica e literária, de uma interpretação hermenêutica que o autor quer comunicar, mas também faz-se situar e pensar no contexto espiritual, que vai além do histórico, social, político e econômico de um povo. Identificado como “eleitos” e escolhidos por Deus, suas crenças e costumes mostram a realidade específica em que estão localizados.

Todavia, para compreendê-los, faz-se necessário ter uma ótica profunda, específica e crítica que vise olhar não só sua origem, mas toda sua trajetória histórica. Estudar os grupos judaicos na origem do cristianismo: Fariseus, Saduceus e Essênios não é uma tarefa fácil, é na verdade, um dado didático literário difícil que requer um embasamento teórico da raiz da cultura judaica, já que esses estão dentro deste contexto específico, ligando inteiramente a religião e a tradição.

Nas Sagradas Escrituras, encontra-se alguns textos bíblicos que possibilitam apresentar e diagnosticar quem são, e o que fazem dentro de uma estrutura social, política e espiritual, como é o caso dos Fariseus e Saduceus. Nos textos dos evangelhos (Segundo Testamento), aludem diversas vezes à narrativa bíblica que legitima a ação e interação dos fariseus e saduceus na história de Israel, descrevendo-os todos os pormenores daqueles que eram de um lado popular com o povo (fariseus) e do lado, da classe aristocrata sacerdotal predominantemente dominante, a iniciar pelos saduceus (cf. Mt 9,9-13-17; Mc 2,13-17; Lc 5, 27-32; 18,9-14). Esta apresentação de uma estrutura de linguagem bíblica remonta o que se deseja pesquisar, tanto em relação a história dos Fariseus, quanto dos Saduceus. Veja-se algumas passagens bíblicas relevantes: Os saduceus admitiam que apenas a lei, os cinco livros de Moisés, impunham obrigações válidas aos judeus. Os fariseus aceitavam também a tradição oral dos anciãos (Cf. Mt 15,2; Mc 7,5); João Batista chamou os Saduceus de raça de víboras (Cf. Mt 3,7-10; Lc 3,7-9). Nos evangelhos, os fariseus vigiam Jesus muito de perto

para encontrar uma falta nele (Cf. Jo 4,1); tentam armar-lhe laços para apanhá-lo numa resposta errada (Cf. Mt 22, 15; Mc 12,13; Lc 20, 20ss) e propõem questões acerca da interpretação da lei (Cf. Mt 22,34) e sobre argumentos da fé judaica: a vinda do reino (Cf. Lc 17,20), o Messias (Cf. Mt 22,41). Eles investigam a missão de João Batista (Cf. Jo 1,24), escandalizam com a conduta de Jesus: sua ligação com publicanos e pecadores (Cf. Mt 9, 9-13; Mc 2,13-17; Lc 5, 27-32; 7,36; 15,2), sua negligência na observância de sábado (Cf. Mt 12,2ss; Lc 6,2ss), suas curas no sábado (Cf. Lc 14, 1-3), sua negligência para abluções rituais (Cf. Mt 15,1ss), objetam a reivindicação do poder de Jesus para perdoar pecados (Cf. Lc 5,17ss), atribuem os exorcismos de Jesus a uma ligação com Belzebu (Cf. Mt 12,24), protestam quando Jesus é saudado triunfalmente por seus discípulos (Cf. Lc 19, 39), João enfatiza a sua hostilidade (Cf. 8,13; 12,19.42) e sua incredulidade (Cf. 7,45-48; 9,13-16). Conspiram contra a vida de Jesus (Cf. Mt 12,14; Mc 3,6), apenas João coloca-os no grupo do aprisionamento (Cf. 8,3). Em Mt 27, 62, a hostilidade deles para com Jesus se estende até o túmulo. Lucas chama-os de avarentos e que frustram o plano de Deus (Cf. 16,14;7,30).

Com essa apresentação dos textos bíblicos, é possível a partir de agora reportar a origem desses dois grupos judaicos: Fariseus e Saduceus, que despontam na literatura bíblica especificamente nos Evangelhos ao contar diversos episódios da vida de Jesus em que Ele tem contato direto com os membros de diferentes grupos que existiam na sociedade judaica do século I na terra de Israel como consequência de diversas interpretações sobre as fontes e o modo de viver a religião de Israel. Essa particularidade, pode ser observada, no decorrer deste artigo, a começar pelo grupo dos Fariseus. E quem são esses homens e qual é a sua origem?

A origem do nome Fariseu conforme Mackenzie (1984) e Ramos (2019), está no latim pharisaeus, que por sua vez deriva do grego antigo φαρισαῖος, assentado no hebraico פרושים prushim - separar. Esta palavra vem da raiz parash - Mishiná que basicamente quer dizer "separar", "afastar". Assim, o nome prushim ou perushim é normalmente interpretado, da forma que cita Haddad (2022, p. 57) como "aqueles que se separaram" dos demais da população comum para se consagrar ao estudo da Torá e das suas tradições. Seu modo de vida, é conhecido na observância rígida, não apenas da Lei escrita, mas da tradição oral. Para eles, essa Lei oral, que segundo diziam havia sido preservada pelos homens importantes da sinagoga, (tradição atribuída até Esdras), e antes dele pelos profetas, anciãos, Josué e, finalmente, remontando até Moisés, precisava ser observada com rigor, e assim faziam, honrando-a até mais do que a Lei escrita.

De imediato, a impressão que se tem é que há até um certo excesso no que se refere à sua observância às Leis, mas o que se pode ver, é o cuidado e o zelo que estes tinham e por isso, a doutrina, era o ápice da vida religiosa, pois estes consideravam a soberania de Deus

nos decretos divinos, tendo-o como princípio a responsabilidade moral do homem, a imortalidade da alma, a existência dos espíritos e a ressurreição do corpo. Para exemplificar essa temática em relação à ressurreição, esse tema aparece na literatura bíblica do Primeiro Testamento, em Is 26,19 e Dn 12,2 até o Segundo Testamento apresentando uma fundamentação bíblica que está em Mc 2,1-3,6; Mt 23, 1-36.

Um fator importante, é que eles também, criam na doutrina da retribuição e aplicam de forma pontual os bônus e ônus de cada eleito, em que castigos e recompensas estavam reservados para a vida futura de acordo com a vida presente, ou seja, haveria castigo para os maus e a recompensa para os bons. Para compreender essa complexidade a este respeito da 'doutrina da contribuição', justificando a recompensa dos bons e maus, faz-se necessário entender o sentido real da palavra "ressurreição", que aliás, tal nomenclatura ocupa um lugar especial no livro dos Macabeus.

Como se vê, para ter evidência deste fato a este respeito explícito da palavra 'ressurreição, é preciso recorrer de forma imediata a narrativa bíblica-literária em 2Mc 7, 22-40 que descreve a história dos sete irmãos mártires, que pela fidelidade à tradição todos no interrogatório ceifaram vossas vidas argumentando-os: "Nós morremos por suas leis" (Cf. 2Mc 7,9). Isso mostra que, em nenhum momento há o arrependimento em viver e testemunhar a observância da lei, pelo contrário, mostra plena convicção de quem deposita a sua vida nas mãos do Senhor, deixando explícito que por consequência de um ato nobre, Ele (Senhor) ressuscitará para uma vida eterna.

Lenhardt (2020, p. 64-65), ratifica essa questão e mostra que a "ressurreição não é uma recompensa, é uma consequência de abandono a Deus, de um engajamento na vida com Deus, na fé e na esperança". O melhor caminho a ser trilhado, não resta dúvida, era a observância das leis e dos mandamentos. Um bom judeu praticante, sabe a eficácia dessa observância. Esses não eram homens desinformados, tinham consciência dos seus direitos e deveres e com isso, deveriam agir, fosse por temor ou por amor a Deus.

Como se observa, essa aplicação da doutrina da retribuição era um caminho eficaz à tradição judaica farisaica de manter a ordem e a disciplina e seguir à risca a observância dos mandamentos. Já que em sua concepção, o fato de Deus ter concedido a Torá escrita, deuses também a Torá oral (transmissão de geração em geração) estas se complementam e não se opunham, pois constituem a mesma realidade como um ato único da Revelação como elucida Ramos (2022, p. 03).

Com todas as exigências cabíveis, estes homens piedosos, não eram apenas um grupo farisaico composto na sua grande maioria, por elites, e sim por cidadãos comuns, como por exemplo: artesãos, carpinteiros, comerciantes e entre outros, abordados por Ramos; Matos (2019, p. 79), que tinham o dever moral seguir dentro da sua própria tradição a observância

correta da Torá.

O mais belo de se ver, é o esforço, a dedicação e o olhar vigilante que os fariseus tinham com a tradição oral e escrita recebida de Deus, e isso fazia deles não os melhores, mas zelosos, pois não era uma ‘simples’ lei a ser aplicada, ou um rito a ser executado, é muito mais do que imaginávamos, era na verdade, a vida de um estilo e um carisma de um grupo que optou em se dedicar ao máximo ao culto divino, mantendo total dedicação aos serviços prestados ao povo e cultivando uma relação harmoniosa com a comunidade, já que estes homens populares, eram acessíveis à população.

Além disso, eles também enfatizam ao máximo a importância do dízimo e a observância das leis sabáticas. Eles eram tão rígidos com relação a guarda do sábado que alguns afirmavam que se uma pessoa estivesse com a garganta irritada num sábado, ela poderia engolir vinagre, mas não fazer gargarejo, pois isto caracterizaria como um tipo de trabalho. Essas características mostram como era o dia a dia dos fariseus, tendo uma personalidade, ou seja, uma identidade própria que o classificavam como ‘aqueles que foram separados’ à santidade, cultivando a lei da pureza ritual e praticando o culto, segundo os preceitos dos mais antigos.

A prática ao culto religioso, é na verdade, o ápice – eixo central do grupo farisaico, mostrando a todo Israel, que sua incansável busca no estudo da Torá, seja ela oral e escrita, chamado de midrash, é na verdade uma busca amorosa do Senhor com uma única finalidade segundo Ramos (2019, p. 81): colocar em prática seus ensinamentos, aplicando-o no seu dia a dia. Deste modo, se a intenção era a prática dos ensinamentos, levando o povo a um nível de aprofundamento espiritual elevado pelo estudo da Torá, certamente, esse grupo farisaico jamais teria a intenção pela conquista de expansões territoriais, mas sim de manter a tradição com maestria, colocando-a na vida e no coração do povo o que é primordial: “Deus como o centro de tudo” e que estes na sua função como membros guardiões da Torá, dedicariam intensamente por esta nobre causa: estudar, ler, interpretar e aplicar no cotidiano da vida.

Se por um lado, havia os fariseus tão empenhados nesta missão, por outro lado, havia uma realidade totalmente oposta na vida dos saduceus. Estes, provindos de uma classe aristocrata sacerdotal, divergindo em vários pontos no que se refere à tradição dos fariseus, deixavam em evidência sua rivalidade, já que estes possuíam uma preocupação exclusiva: conquistar privilégios, status e poder.

Provavelmente, essa postura corrobora o conflito ou rivalidade de vez, de uma forma evidente, a partir do momento em que ambos, agem de acordo com os seus próprios interesses. A essa questão Ramos (2022), vê justamente a gravidade do conflito, quando os saduceus substituem o bem-estar religioso, e vão em busca de conquistas de sede territoriais, visando à obsessão do poder, status e domínio. A discordância dos fariseus, neste caso

particular, torna-se plausível, justamente por perceber que não é a soberania política o eixo central, mas o exercício do culto religioso ligado estritamente à tradição e à religião, como elucidada o autor:

O grupo dos fariseus acreditava que as práticas religiosas eram incomparavelmente mais importantes do que a sede de conquistas territoriais, ou mesmo, do que a busca da soberania política. Segundo eles, era preciso promover o bem-estar religioso o qual estava sendo substituído pela a busca de poder. Provavelmente essa postura adotada pelos fariseus, de reprovação ao grupo de saduceus, tenha sido o responsável pelo início de uma interna rivalidade entre o grupo de fariseu e os responsáveis do Templo, os saduceus. (RAMOS, 2022, p. 01)

Dado esta constatação, da rivalidade entre um grupo e outro, pode-se constatar que os fariseus eram persistentes em seu propósito. Sua atuação e interação no ofício religioso era uma forma de manter viva a tradição que esses piedosos herdaram por excelência e para não colocar em risco este tesouro espiritual, esforçavam-se, tentando não cair no desagravo do pecado pela não observância e o cuidado correto à Lei que permeavam toda suas vidas. Esses homens eram convictos de sua eleição, 'separação' e deste modo, não se envolviam no ascetismo, já que julgavam ser importante o ensino à população das Escrituras e das tradições dos pais.

Quanto à origem mais provável dos perushim é que tenham surgido do grupo religioso judaico chamado hassidim (os piedosos), que apoiaram a revolta dos Macabeus (168-142 a.C.)¹ contra Antíoco IV Epifânio, rei do Império Selêucida, que incentivou a eliminação de toda cultura não-grega através da assimilação forçada e da proibição de qualquer fé particular. Uma parte da aristocracia da época e dos círculos dos sacerdotes apoiaram as intenções de Antíoco, mas o povo em geral, abaixo da liderança de Yehudah Makkabi (Judas Macabeu) e sua família, revoltou-se.

Os judeus conseguiram vencer os exércitos helênicos e estabelecer um reino judaico independente na região entre 142-63 a.C., quando então foram dominados pelos romanos. Durante este período de 142-63 a.C., a família dos Macabeus estabeleceu-se no poder e iniciou uma nova dinastia real e sacerdotal, dominando tanto o poder secular como o religioso. Isto provocou uma série de crises e divisões dentro da sociedade israelita da época, visto que pelas suas origens os Macabeus (também conhecidos pelo nome de família como Asmoneus)

¹ Macabeus, é expressão que pode ser traduzida por 'martelos', foram os integrantes de um exército rebelde judeu que assumiu o controle de partes de Israel - na época um Estado pertencente ao Império Selêucida. Segundo os estudiosos, os Macabeus fundaram a dinastia dos Hasmoneus, que governou de 164 a 63 a.C. É belo, quando faz a pesquisa a este respeito porque nota-se que estes vistos como rebeldes, foram que reimpuseram a religião judaica, expandiram as fronteiras de Israel e reduziram no país a influência da cultura helenística. O mentor deste movimento mais era conhecido como Judas Macabeu, assim apelidado devido à sua força e determinação. Os Macabeus durante anos lideraram o movimento que levou à independência da Judeia, e que reconsagrou o Templo de Jerusalém, que havia sido profanado pelos gregos. Após a independência, os hasmoneus deram origem à linhagem real que governou Israel até sua subjugação pelo domínio romano em 37 a.C.

não eram da linhagem de Davi, não podendo assim ocupar o trono de Israel, e também não eram da linhagem sacerdotal arãoica.

Foi nesta época que alguns grupos apareceram dentro da sociedade judaica, começando a estabelecer um certo tipo de divisão de posturas, normalmente com relação à política, à religião e com a vida em geral. Tais atitudes sempre estavam relacionadas com a maneira de pensar e de se encaixar na sociedade da época.

Conforme Dias (2020, p. 69), dentre esses grupos destacam-se os Saduceus. E quem são? Qual era a sua atuação e sua influência no território de Israel?

b) Saduceus

Tudo indica que a origem do seu nome vem dos Seduquim, (palavra tsadik, que quer dizer justiça). Para Louse (2004, p. 66), o significado do nome da seita vem de Zadoc (Tsadoc), sumo sacerdote da época dos reinados de Davi e Salomão. Na verdade, esse grupo surge em 135 a.C, como um grupo constituído, sendo descendentes dos hassidim. Vieram da tribo de Levi, tornando-se elitizado da alta linhagem da aristocracia sacerdotal, contendo visibilidade, participação e interação no Sinédrio.

Com a destruição do Templo (70 d.C) esse grupo desaparece justamente pelo simples fato de não terem como exercer suas obrigações tanto religiosa, quanto política, já que era um grupo fascinado pela detenção do status e do poder, conhecido por muitos em Israel como classe dominante, homens cultos, ricos de alto padrão social. Sua ocupação estava muito mais ligada à política, colocando o Estado acima da religião, tendo uma concepção diferente do grupo dos fariseus.

Desta forma, o grupo dos Saduceus surgiu como um movimento contrário aos fariseus em uma linhagem sacerdotal provinda da aristocracia que monopolizava a riqueza, estavam convictos que para o bem do povo estes necessitavam atuar, como elucida Maiosonneuve (2019, p. 26), de uma forma favorável ao poder político local, já que além de pertencer a uma posição conservadora frente a predominantemente reformista dos fariseus, eram para Stegemann; Stegemann (2004, p. 184-185) uma classe dominante e representante de uma forma concreta da elite, com uma organização própria de grupo, somente pelo fato de referir-se a indivíduos membros de família de classe superior do alto sacerdócio com um estrutura mais restrita (p. 181).

Como vimos, os saduceus era um grupo conservador, cujo membros ocupavam altos cargos sacerdotais e faziam parte de famílias influentes de Jerusalém. Interpretavam a Lei ao pé da letra e reconheciam apenas o Pentateuco como Escritura com autoridade suprema. Para eles, a Lei escrita por Moisés era superior aos escritos dos profetas e as demais obras. Seu respaldo não era a oralidade, mas somente o que estava escrito no

Pentateuco. O maior embate que se constata entre os saduceus e fariseus é que além de negar a tradição oral, eles não acreditavam na ressurreição. Diferentemente dos fariseus, rejeitavam terminantemente as tradições orais. E qual a importância da tradição oral? Sua importância remete ao fato de ser usado para denotar as leis e estatutos que, além do Pentateuco, Deus deu oralmente a Moisés outras leis e máximas, bem como explicações verbais da lei escrita, ordenando-lhe que não registrasse esses ensinamentos, mas que os entregasse ao povo de boca em boca, ou seja uma transmissão que perpassassem de geração em geração.

Sob essa perspectiva da transmissão da Torá oral e escrita, Ramos; Matos (2019, p. 78) descrevem que esta foi transmitida em duas fontes: escrita e oral em uma linguagem hebraica em que se diz ser Torot o plural de Torá. É assim que uma antiga tradição, chamada de tratado dos pais, ensina sobre a transmissão dessas duas tradições.

Deste modo, pode-se dizer que o eixo central da doutrina dos saduceus era marcado por uma ênfase humanista. Isto, obviamente, afetava sua visão acerca do próprio Deus e suas obras. Eles negavam a providência divina, e rejeitavam qualquer ensino acerca dos decretos de Deus. Os saduceus acreditavam que Deus nunca interferia na história de modo a afetar a vida dos homens.

Sob essa ótica, os saduceus também acreditavam que o homem tinha total livre arbítrio, e que tudo o que acontecia, bem ou mal, era resultante do próprio curso da ação e autodeterminação humana. Ao contrário dos fariseus, os saduceus negavam a imortalidade da alma, não acreditavam em anjos ou demônios, nem na ressurreição dos mortos, em recompensa ou castigo, nem no juízo final e nem na vinda de um Messias.

Para contextualizar a história deste grupo específico, faz-se necessário descrever estes elementos contundentes da visão dos saduceus. O historiador Ramos (2022, p. 01), ilumina esta abordagem, salientando que esse grupo além de adotarem uma filosofia grega, sendo a favor do helenismo, eram a favor de João Hircano (135-104a.C). E quem é esta figura tão ilustre presente na vida dos saduceus? É aquele que subiu ao trono com a finalidade de unificar as duas instituições para a tradição judaica (Templo e sinagoga), mas não foi adiante este projeto inicial das duas instituições, devido à postura e o conflito dos grupos (fariseus e saduceus) que não buscaram em nenhum momento a unificação, e sim seus próprios interesses.

O objetivo de João Hircano era obter avanços pela unificação dos poderes tanto político, quanto religioso, ou seja, unificar a figura do rei e do sacerdote (RAMOS, p. 02). O que a história tem a nos dizer é que não foi a unidade o motor móvel, mas a rivalidade que ambos os grupos que se tornou prioridade, abortando de vez o projeto inicial de João Hircano e buscando seus próprios caminhos conhecidos que a história faz questão de narrar como um

marco histórico e trágico.

Feito este preâmbulo, situado na história, não era segredo para o povo de Israel que sua forte rivalidade era nítida e que os saduceus faziam questão de manter com os fariseus, justificada de forma visível pela posição religiosa e política que ocupavam e pelo apreço do poder e do status que detinham na época conforme esclarece Stegemann:

Sua rivalidade com os fariseus por influência política, como descrita por Josefo, e a divergência com fariseus na consideração de questões religiosas indicam que os saduceus devem ser vistos, como um grupo antifarisaico. A sua desviância constitui, portanto, (...) uma decorrência de sua reação aos fariseus e à influência destes sobre as classes dominantes. (STEGEMANN, 2004, p. 184)

Embora esse grupo vivesse a sua desviância aos demais grupos, causando resistência, visto como classe dominante, ou superior do alto sacerdócio, os saduceus eram um movimento que cuidava do Templo e do culto divino, mesmo com toda as suas particularidades, sua atuação era ativa, principalmente nas finanças do Templo, uma das maiores fontes de poder na terra de Israel. Sem contar, que os saduceus eram adeptos da classe dominante helenizada como cita Hoornaert (1991, p. 35-36). Com um nível de pessoa culta elevada, falavam grego, e seguiam a cultura de Alexandria, Antioquia e Roma. Pode ser que com todo esse histórico, o seu desafeto ou rixa em relação aos fariseus era justamente pela influência que estes (saduceus) tinham sobre as classes dominantes e convívio direto com as elites.

Na verdade, os saduceus, além de serem um partido político-religioso de pessoas elitizadas e altamente situadas, também mantinham uma ação conciliadora no século I com referência aos romanos e objetivavam “evitar conflitos que geravam violência entre o ocupante e as massas populares” Mainville (2002, p. 51). Entretanto, envolvidos com a grande revolta em 66 d.C, desapareceram da história com o Templo no ano 70 d.C: “Depois de 70, o estabelecimento de uma ordem judaica, sem Estado e sem Templo, à base de princípios e de regras de vida elaboradas há muito tempo pelos fariseus, consagrou seu desaparecimento” Mainville (2002, p.51-52). Em contrapartida, neste período há neste grupo judaico da origem do cristianismo, também os Essênios. Quem são e o que sabemos a respeito desses homens? O que historiadores têm a revelar a respeito deste grupo monástico?

c) Essênios

A nomenclatura “Essênio” vem do aramaico ch’asajja e do hebraico hassidim, que significa “os piedosos”. Um dos historiadores, Filon de Alexandria, designava esse piedosos como curadores de almas Ramos (2022, p. 03). Segundo, Schubert, o fundador da comunidade essênia de Qumrã, foi um sacerdote, conhecido pelos membros como “Mestre de Justiça” e era considerado pelos seus adeptos como o profeta do fim dos tempos Schubert

(1979, p.145-146). Estes, formavam um movimento judaico independentes, cujos membros viviam retirados Louse (2004, p. 77-80), em lugares conhecidos nos dias de hoje como monastério, seguindo uma regra de vida específica e acreditando de forma particular no seu “Ser Supremo”. Descontentes, com a forma como os fariseus e saduceus vivam e atuavam no templo, visto mais como ação humana e não divina. Os essênios repudiavam a forma de culto praticada no templo de Jerusalém porque consideravam degradante e por isso, acreditavam, diante da realidade que viviam, que o melhor a ser feito era se retirar para o deserto para praticar a oração e a penitência. Consideravam-se se um movimento como o verdadeiro Israel que continuou fiel à Torá e aos profetas Hoornaert (1991, p. 41-43).

Seu modo de vida, segundo Ramos (2022), era de um grupo determinado, que por opção de pertencer como ‘verdadeiro povo de Deus’, resolveram viver em comunidade monástica totalmente isolada, seguindo seus princípios e estilo de vida, e sua instalação foi de uma vez por todas em Qumran. Esta decisão de seguirem este estilo próprio, revela como viveram e se organizaram em comunidade:

Viviam em comunidade isoladas, em busca de santidade, sem contato com externo para não se tornar impuros, eram celibatários, casavam-se somente para dar continuidade ao grupo, não aceitavam o divórcio. Praticavam rituais de purificação, com banhos. A comida era Kascher, preparada pelo sacerdote, tendo refeições comunitária. Tinham uma hierarquia religiosa. Havia o Mestre de Justiça, o sacerdote e o levita. Viviam de trabalhos manuais e do mel e tâmaras. O intendente era o responsável das questões administrativas e econômicas. Assíduos ao estudo da Lei e faziam transcrições. São as primeiras comunidades a se estabelecerem em Qumran. Em Qumran encontraram pergaminhos e papiros contendo os textos Bíblicos (exceto o Lv, Ester), Textos apócrifos - Lv dos Jubileus e Lv Enoc. (RAMOS, 2022, p. 03)

Todavia, o que se vê no seu modo de ser e de agir, mostra uma postura que o movimento já vivenciava com os membros e que agora é demonstrado aos demais candidatos, de forma visível, em relação à prática de outros movimentos. Propunham a partir de então, viver na sua eficácia a santidade. Esta peculiaridade era o percurso que almejavam para romper de vez e livrar-se da contaminação de quem tinha, a seu ver, pervertido a pureza da religião. Seu propósito, com isto, era restaurar e resgatar a santidade do povo eleito a partir do âmbito da sua própria comunidade, renunciando ao contato com o restante da sociedade – inclusive e principalmente com o templo e com o culto oficial de Jerusalém. A comunidade dos essênios se considerava um templo imaterial, substituindo provisoriamente o templo físico de Jerusalém até que ele fosse purificado dos cultos indignos que, segundo os essênios, eram lá realizados.

Sob essa temática, é belo de ver o estilo e a cultura que se foi construindo ao longo do tempo na vida deste movimento judeu independente – classificado como “os essênios” (grupo de ascetas). Essa notoriedade é legitimada nos assim chamados Manuscritos do Mar Morto, um conjunto de documentos em papiro e pergaminho encontrados na região de Qumran, onde

a comunidade dos essênios tinha se estabelecido. E não só isso, retirados para o deserto, os documentos encontrados mostram o método que essa comunidade interpretava as Escrituras de forma própria.

Segundo Leandro (2008), esse grupo utilizava uma linguagem própria, uma espécie de código ou um dialeto a respeito do teor às instruções da natureza desse movimento, em conformidade com a regra e conduta da comunidade, já que tinham como meta, estabelecer uma comunidade pura, tornando-os conhecidos como verdadeiro povo de Israel. É por isso, que no seu manual de disciplina apresentava uma linguagem específica, pois tinha como finalidade:

Tentar explicar a natureza de uma seita, através de sua regra de conduta da comunidade, poderá fornecer-nos pistas sobre o seu modo de pensar e agir, contudo não deixa de ser uma parcela de história maior. Os documentos encontrados, mostram por exemplo, que esta comunidade interpretava as Escrituras de uma forma própria; utilizava uma linguagem de cariz simbólico, recorrendo-se das alegorias, metáforas e usando epítetos particulares para se referirem a si próprios ou aos outros (exemplo: os Kittim como referência aos Romanos); recorria também a um estilo literário de cariz escatológico com preocupações moralizantes, em que abundam as metáforas e os epítetos de conteúdo antagónico (Filhos da Luz versus Filhos das Trevas) que podem apontar para uma determinada predestinação. Todos esses elementos são relevantes quando queremos comentar acerca das suas regras em comunidade, até porque o Manual não parece ser um código homogêneo. Os escribas da seita reuniram nesse manual, não só as regras de iniciação à seita, punições por infrações, estrutura hierárquica da comunidade e rituais como também, surge de permeio, um texto sobre a dualidade da natureza humana e hinos de ação de graças. (LEANDRO, 2008, p. 01)

Tudo que se refere à organização, bem como as regras da comunidade, encontram-se no Documento de Damasco e no Manual de Disciplina, pois esses dois documentos têm muitos elementos em comum, muito embora as diferenças que os separam bastam para demonstrar que não provêm exatamente do mesmo grupo. Sem dúvida, representam ramos distintos de um mesmo movimento ou etapas diferentes da sua história, se não uma coisa e outra, simultaneamente. Segundo Burrows (1956), este manual da comunidade qumrânica seguia normas de vida que guardava com toda rigidez que estavam expressas nos documentos, de modo especial a regra da Comunidade.

É importante constatar, que provavelmente as regras da comunidade teriam sido transmitidas oralmente durante alguma parcela de tempo, não tendo surgido a necessidade de as transcrever – ou por não se verificarem grandes infrações ao estipulado, ou pelo fato de a comunidade ter começado por ser muito pequena. Quase sempre a necessidade de legislar provém da prevaricação à regra estabelecida. O que parece não deixar espaço para dúvidas – nomeadamente a nível de estudo arqueológico – é que a comunidade seria bem anterior à redação dos códigos. Sob esta ótica, M. Burrows afirma: “...a seita se encontrava já organizada na altura em que foi redigido o Manual de Disciplina (...) as regras da comunidade,

tais como se encontram reunidas neste documento, demonstram já que uma tradição importante se desenvolvera” (BURROWS, 1956, p. 241).

Com essa organização, os essênios eram tão zelosos em seus afazeres e levavam a rigor tudo que faziam, tanto que a entrada dos candidatos na comunidade aparentemente estaria aberta a qualquer indivíduo oriundo de Israel que aderisse à Lei de Moisés, (mesmo sendo prosélito) não obstante uma avaliação e exame a sua aptidão para a disciplina.

A estrutura dessa comunidade era tão precisa que quando o candidato era aprovado pela assembleia, logo após a cerimônia de admissão estava sujeito a um juramento solene e obrigatório, na presença de todos, comprometendo-se a seguir todos os preceitos e revelações e a separar-se dos caminhos perversos e iníquos. Caso, o candidato caísse na tentação de quebrar a ordem interna, pela desobediência às regras da comunidade, este era duramente punido. As penalidades iam desde 10 dias de punição – com simples exclusão de rituais da vida comum – até a expulsão definitiva da comunidade.

Isso demonstra, a ordem, o zelo para com as regras da comunidade, visto que os crimes mais graves eram a transgressão de qualquer ponto da Lei mosaica, o uso do nome de Deus, a calúnia contra a comunidade e a obstinação continuada de alguém no erro, mesmo após muitos anos de vida comunitária.

Depois da cerimônia, o indivíduo não se tornava membro de imediato. Tinha um período de noviciado de dois anos em que era avaliado duas vezes (anualmente); não podia tomar refeições em conjunto com a comunidade; deveria observar uma estrita disciplina e respeito pelos outros membros – nomeadamente os que lhe eram hierarquicamente superiores. Só ao fim dos dois anos de noviciado seria admitido na comunidade – se fosse avaliado nesse sentido.

É bom ressaltar que essa questão da admissão na vida dos essênios neste processo não era tão fácil como alguns imaginavam. O que se pode constatar é que não era só o despojamento de sua riqueza, mas um escrutínio rigoroso a cada candidato que almejassem realizar um período de experiência na comunidade. É quase que dizer aos candidatos que teriam que viver a partir de então somente com o que produzissem na comunidade dos essênios. Na análise de Flávio Josefo, essa regra era muito bem organizada, relatando que existia uma lei interna que estabelecia que todos que desejassem ingressar na comunidade deveriam doar todas as suas propriedades como patrimônio comum da sociedade. No relato de Fílon de Alexandria informa: “Um número muito grande de pessoas corria para lá, proveniente e inocência, e acontece que se uma pessoa for culpada dos mais leves delitos, embora procure obter sua admissão oferecendo uma fortuna tão grande como nunca se viu, ela já estava excluída por decreto divino” (TAMOSKAS, 2020, p. 05).

Uma vez que o candidato aceito na comunidade, passava por um período de testes de

um ano durante o qual deveria se adaptar às regras e costumes da sociedade. Depois desse período o candidato participava de um batismo cerimonial para então ser testado por mais dois anos, aos quais poderiam se ajuntar à mesa comum das refeições e participar da mesa comunal. Antes da refeição o candidato realizava publicamente um juramento que incluía uma série de obrigações, que Flávio Josefo apresenta na seguinte ordem:

- Temer a Deus.
- Exercer a justiça para todos os homens.
- Não causar dano a qualquer pessoa voluntariamente ou mando de outrem.
- Detestar o mal e estar ao lado dos corretos.
- Manter sempre uma fé inviolável em todos os homens, especialmente no que tem autoridade.
- Não ter orgulho do seu poder, nem sobressair sobre seus subordinados ao atingir cargo de liderança.
- Amar sempre a verdade, se esforçar para corrigir todos os mentirosos.
- Manter as mãos limpas do roubo.
- Manter a mente limpa do ganho que não seja santo.
- Não ocultar coisa alguma da irmandade.
- Não revelar os segredos a quem é de fora, ainda que corra risco de morte.
- Não transmitir a doutrina diferente que recebeu.
- Preservar os escritos da sociedade e o nome dos anjos (TAMOSASKAS, 2020, p. 06).

Com esse juramento, o candidato passava a ser vinculado à irmandade. Isso, deixa evidente, o quanto a comunidade dos essênios era rigorosa na sua seleção referente aos candidatos que desejavam fazer parte desta irmandade com seu carisma e estilo de vida. Essa dedicação e interação não eram em vão, afinal a regra de vida, buscava potencializar em seus candidatos um propósito único e exclusivo, que é pertencerem, a uma comunidade da nova aliança, permanecendo ao projeto inicial que é ser fiel a Deus e caminhando ao seu encontro de todo o coração, fazendo o que é bom e certo conforme a lei dada por Deus por intermédio de Moisés, seus servos e profetas, idealizando uma comunidade por excelência, como uma nova e eterna aliança estabelecida ao ‘Ser Supremo’ – Deus.

Essa riqueza imensurável que os historiadores descrevem do movimento, logo foi sendo avistada por outro grupo; os Romanos que ao longo do tempo foi gradativamente perseguida, sendo rotulada como ‘comunidade dos profetas do apocalipse’. Essa é totalmente destruída na primeira Guerra Judaica no ano 68 d.C., pelo exército romano quando ocorreu a extermínio definitiva de Qumran. Com isso, o que se vê é que a Comunidade de Qumram ao ser descoberta no Mar Morto, trouxe ao mundo e ao cristianismo um contributo surreal por meio de seus escritos, pois os registros influenciaram outros grupos que desejavam viver uma vida em comunidade, despojado de uma vida comunal, dedicado ao silêncio, à oração, ao trabalho e ao estudo, vivendo de uma forma muito similar às dos essênios. Esses pontos trouxeram à

tona a vida religiosa, o que já era vivenciado e testemunhado na Comunidade de Qumran.

É tão verdade, que não é só no estilo que influencia, mas na intransigência, que preparam ao juramento aqueles (as) que almejam ser sinal de pertença, dentro de uma regra de vida que os identifica como 'tal', como consagrado a um carisma específico.

Alguns historiadores da antiguidade como Flávio Josefo, Plínio e Fílon de Alexandria tiveram o privilégio de acompanhar de perto esses escritos, detalhando as doutrinas dos essênios Schubert (1979, p. 65) e mostrando a todos não só o que possuíam dentro de um estabelecimento monástico, mas ratificando o fascínio detalhado de como este grupo agia e atuava em seu cotidiano, colocando assim, em sua prática a sua regra que permeavam sua conduta e o seu próprio estilo de vida.

Considerações finais

A história de um povo e uma nação, sempre dará possibilidade de mergulhar nos acontecimentos e fatos, visando contemplar o seu contexto histórico, político, social e espiritual. O leitor que visa a um embasamento histórico confiável, precisa encontrar em seus estudos uma comunicação direta e segura, pois comunicar é uma arte bela e fascinante que se faz presente na vida e na história da humanidade, desde os seus primórdios até os tempos atuais. Isso é a comunicação, um instrumento utilizado para revelar, desvendar situações, fatos e acontecimentos. Por meio desta arte, a humanidade sempre expressou suas necessidades, costumes, crenças, sonhos e idealizações. Todo o seu modo de vida é especial e tem uma história que pode ser individual ou coletiva.

As representações artísticas nos oferecem elementos que facilitam a compreensão da história do povo em cada período. Na descoberta arqueológica específica de um povo, ou um grupo em determinado local e região, os arqueólogos historiadores buscam veracidade dos fatos em suas informações. Neste caso, como reporta-se aos estudos literários a respeito de grupos judaicos na origem do cristianismo, constatamos que esses em sua peculiaridade contribuíram de forma direta e indireta na história de Israel. Para alcançar essa visão, instrumentos adequados de percurso bíblico e literário foram revisitados.

Ao percorrer este itinerário: Grupos Judaicos na origem do Cristianismo: Fariseu, Saduceus e Essênios, afirma-se que o objeto de pesquisa de caráter científico utilizado neste trabalho tem embasamento teórico, metodológico e científico, na busca de uma apreciação que despertasse uma reflexão em torno da ação, atuação e origem desses grupos que de forma direta e indireta contribuíram na história de Israel dentro de um parâmetro que os distinguisse de acordo com a sua forma de conduta, externando assim em seu contexto histórico, cultural, social e religioso seu carisma e estilo de vida.

Essa veracidade tornou-se possível graças ao objeto de estudos bíblicos e literários averiguados. Constata-se, que a presença atuante dos Fariseus, conhecidos como guardiões

da tradição, consagrados à religião, que faziam cumprir a Torá. Estes homens eram piedosos e tinham fortes influências sobre a classe popular - homens comuns nas orientações e condutas - levando a rigor uma vida simples e cultivando uma relação harmoniosa com a comunidade. Já, os Saduceus que pertenciam à casta superior do alto sacerdócio dentro de uma posição social mais restrita, procuravam sempre deter o poder e o status e deixavam em evidência sua rivalidade com os fariseus, além de preservarem somente a Torá escrita – os livros Pentateucos. Os essênios, por excelência, eram diferentes dos Fariseus e Saduceus, vistos como homens piedosos e santos, e por não concordarem com o comportamento de ambos seja na luta, no poder e descendência do sacerdote, retiraram-se para viver isolados, em comunidade monástica.

Os essênios tinham por natureza em seu processo formativo conectar sempre com o divino sendo reconhecido como “verdadeiro Israel” e por isso, seu modo e sua conduta mostra ao mundo que sua comunicação aos demais grupos não era para refutar, mas sim, ratificar o quanto esta comunidade, congregação ou assembleia, conforme salienta Shubert (1979), buscavam assiduamente às concepções sacerdotais cultuais. Com isso, entende-se o cuidado e o zelo em viver seu estilo (p. 63).

Este estilo, após sua descoberta, teve uma influência real no cristianismo primitivo, pois contribuiu para aprimoramento das novas comunidades que foram surgindo, buscando semelhança não só no isolamento, silêncio, vida comum, celibatária, oração, estudo e trabalho, mas acima de tudo, um encontro pessoal com o Transcendente: Deus, esforçando cada candidato eleito a exercitar suas virtudes diante d’Aquele que o chamou, elegeu e escolheu não só a uma vida piedosa, mas separada e santa.

Portanto, o legado e o contributo que estes grupos judaicos deixaram como marco histórico com suas crenças e costumes, em suas respectivas peculiaridades, não deixa dúvidas o quanto esses povos influenciaram não só o Estado de Israel, com sua identidade, magnitude, organização, mas também a nação e o mundo. O percurso destes grupos mostra que a conduta cotidiana é um caminho motivacional e perspicaz aos demais povos, que ao longo do tempo, vão se encontrando em seus propósitos, ideais, seu lugar na sociedade e no mundo em sua essência, com seu carisma e estilo próprio de vida, como esses que buscamos conhecer de forma sensata, os grupos: Fariseus, Saduceus e Essênios.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulinas, 1985.

BURROWS, M. **Os Documentos do Mar Morto**, ed., Porto, 1956.

HADDAD, P. **Como Jesus lia a Torá: sair do mal-entendido entre Jesus e os fariseus**. 1. ed., São Paulo: CCDEJ/ Fon Sapientiae, 2022.

HOORNAERT, E. **O Movimento de Jesus**. São Paulo: FTD, 1991.

LEANDRO, A. **Manual de Disciplina dos essênios.** Disponível:

<https://www.rosacruz.pt/revistarosacruz/>.

LENHARDT, P. **À escuta de Israel, na Igreja:** “Porque de Sion sai a Torá e de Jerusalém a Palavra do Senhor” (Isaías 2,3). Tomo I, São Paulo: CCDEJ/ Fon Sapientiae, 2020.

LOUSE, E. **Contexto e ambiente do novo testamento.** São Paulo: Paulinas, 2004.

MAISONNEUVE, D. **Judaísmo simplesmente:** “A salvação vem dos Judeus” (João 4,22). 1.ed., São Paulo: CCDEJ/ Fon Sapientiae, 2019.

MAINVILLE, Odete (org.). **Escritos e ambiente do novo testamento.** Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002

MATOS, M, M, RAMOS, S, M. **Jesus, o Mestre entre os Sábios.** 1.ed., São Paulo: CCDEJ/ Fon Sapientiae, 2022.

MACKENZIE, L, J. **Dicionário Bíblico.** 1.ed., São Paulo: Paulus, 1984.

SCHUBERT, k. **Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária.** São Paulo: Paulinas, 1979.

STEGEMANN E.; STEGEMANN W. **História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo.** São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

TAMOUSAUSKAS, T. **O que realmente sabemos sobre os essênios.** Disponível: <https://mortesubita.net/alta-magia/o-que-realmente-sabemos-sobre-os-essenios/>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ess%C3%AAnios>.

RESENHA

LANCELLOTTI, Júlio. **Amor à Maneira de Deus. São Paulo: Planeta, 2021**

Luís Henrique Rodrigues de Lima. **Possui bacharelado em Filosofia pela UNIFAI, graduando em Teologia pela PUC-SP, seminarista do Seminário da Arquidiocese de São Paulo.***

Amor à maneira de Deus é um livro singular, pois reúne relatos bíblicos com os testemunhos reais vivenciados por Júlio Lancelotti, sacerdote da Arquidiocese de São Paulo, grande defensor dos direitos humanos, pároco na paróquia São Miguel Arcanjo na Mooca, coordenador da pastoral do povo de rua da Arquidiocese de São Paulo. Padre Júlio Lancelotti é hoje uma referência nos direitos humanos, exerce uma função extremamente importante, que é o cuidado com os pobres e marginalizados, excluídos e descartados de nossa sociedade,

O livro escrito por Padre Júlio Lancelotti está organizado em cinco capítulos, sem contar uma introdução, que nos motiva a pensar a lógica do Amor de Deus e a sua predileção pelos marginalizados da sociedade. O teor bíblico e teológico, registrado nesse “tratado” de amor, é um incentivo para colocarmos em prática a gratuidade, a generosidade a benevolência e muitos outros gestos, propostos por Jesus de Nazaré, que simplificam de maneira concreta o amor para com os nossos irmãos, independente de raça, religião, cor e gênero. A misericórdia é algo que está intrinsecamente ligado a Deus, evidenciado no Evangelho de São Lucas, pois Jesus é o espelho do Pai, e o Pai é misericórdia. Deus não faz distinção de pessoas.

No primeiro capítulo, Lancelotti recorda que estava rodeado por crianças soropositivo e uma delas lhe perguntou: “Pai, de quem você gosta mais?” O padre, então, de forma espontânea pede para que as crianças mostrem os dedos das mãos, dando início a um diálogo simples mas, com extrema profundidade, questionando se os dedos são iguais aos outros. Rapidamente, as crianças respondem que não e que cada dedo é diferente. Novamente, o padre questiona: mesmo assim vocês não podem ficar sem nenhum dedo? Sem pensar, as crianças dizem que não podem ficar sem os dedos, pois todos são importantes. Portanto, podemos auferir uma meditação da qual não há limites nem escolhidos para receber o amor de Deus, porque todos para Ele são dignos de seu amor.

O segundo capítulo relata de modo especial o trecho do Evangelho de Mateus, capítulo 25,21 “estive com fome e me deste de comer, estive com sede e me deste de beber”. Aqui, Lancelotti descreve o tempo em que cursava Teologia e, ao elaborar sua Monografia de Conclusão de Curso, objetivou compreender a visão que as crianças moradoras de cortiços da cidade de São Paulo tinham de Deus. E quando Lancelotti obteve as respostas de sua

* E-mail: luishenriqueiv@hotmail.com

pesquisa percebeu que as crianças tinham a ideia de um Deus que cuidava, alimentava e defendia. Entretanto, sabemos que é totalmente o contrário, porque Jesus disse que estaria nas pessoas que passam necessidades.

O mundo normalmente prega um Deus hiperpoderoso, que está sempre fazendo milagres, e que gosta de se aparecer. Deus não adere a lógica do mundo, isso foi esclarecido com a morte de Cristo na Cruz, “Humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte” (Filipenses 2,8). Estamos fadados a ouvir que só temos aquilo que merecemos; entretanto, o amor de Deus não segue essa perspectiva, Ele ama conforme a necessidade e não segundo o merecimento. Muitos se intitulam religiosos, mas se esquecem de viver sob a ótica de Jesus, que era próximo dos pecadores, das prostitutas, das viúvas, dos órfãos de todos aqueles que estavam a margem. Cabe a nós, hoje, refletir e nos perguntar, sou um religioso ou um apóstolo de Jesus? Certamente, esse livro trará a sua resposta.

Por incrível que pareça, a obra *Amor à Maneira de Deus* aborda uma questão pouco comentada, no terceiro capítulo, o “amor aos poderosos”. Nesse capítulo, Lancelotti convoca-nos a amar os tiranos e as pessoas que nos perseguem, não significando, contudo, que concordemos com o opressor mas, alertando-nos que é somente pela fraternidade que mudaremos as estruturas. A dialética de Deus não é combater o ódio com o ódio, mas com o amor.

No quarto capítulo, há uma palavra-chave que é o altruísmo, palavra oposta de egoísmo. E como viver em uma cidade supostamente cinza e sem cor que é São Paulo, onde cada um vive em seu próprio mundo sem se importar com os demais, principalmente os que estão morando nas ruas. Como sentir Jesus nessa cidade imensa? Quantas vezes passamos diante dos nossos irmãos com desdém, ou simplesmente ignoramos sua existência. Esquecemos que cada ser é único e que cada pessoa tem sonhos, expectativas, preferências, amores, família, ou seja, uma história. Seguir Jesus é saber ouvir e amar, não havendo barreiras para o desconhecido. Quem é seguidor de Jesus jamais pode ser adepto da insensibilidade. Falta-nos, hoje, uma teologia do olhar, que nos possibilite perceber e visualizar o outro e não somente a nós mesmos.

Para concluir, rememoramos uma das mais tocantes histórias do padre Júlio Lancelotti, narrada no quinto capítulo, quando é questionado por Daniel, um juvenzinho, portador do vírus HIV, que estava na Casa Vida. Narra a história que, certo dia, Daniel, pediu ao padre que o levasse a uma Igreja. Ao adentrar à Igreja, a criança observa a imagem do Sagrado Coração de Jesus, e pergunta-lhe: Padre, por que o coração Dele é para fora? O padre, então, responde: é porque ele ama muito. Quando a gente ama muito, o coração fica para fora. O menino então, indagou: e dói? E o padre lhe respondeu: Sim, Daniel. Amar dói.

E como dói amar. A maior demonstração que temos disso é a Paixão de Jesus Cristo,

morto por amar os oprimidos, os descartados da sociedade. Amar, além de incomodar os poderosos, faz-nos sofrer, pois iremos sofrer com os sofredores, carregar junto as suas dores. Por isso, aos olhos do mundo Jesus fracassou, pois amou e venceu a morte. A vida sempre será mais forte do que a morte, porque o amor sempre vence. Por isso, amemo-nos uns aos outros; a diferença está em cada um de nós.

Modalidade híbrida

Curso de Pós-graduação Lato Sensu

Os cursos são certificados pela Faculdade São Bento, reconhecida pelo MEC.

Rede wi-fi para alunos

Sistema de gestão integrado de conteúdos e biblioteca.

Todos os ambientes com acessibilidade

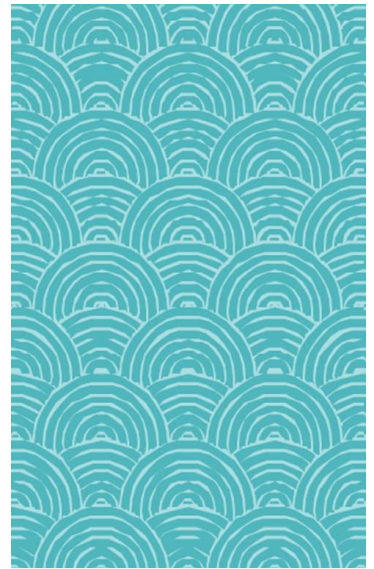


Os menores **PREÇOS** em Pós-graduação e com **CERTIFICADO** pelo MEC

www.ccdej.org.br

Agora com cursos de Pós-graduação Lato Sensu

- ▶ Cultura Judaico-Cristã, história e teologia
- ▶ Sagradas Escrituras como a alma da teologia judaico-cristã
- ▶ Ciências Religiosas



CCDEJ®

Modalidade híbrida

Cursos de extensão com Certificado

O Centro Cristão de Estudos Judaicos Certifica o curso através da parceria com a Faculdade São Bento.

Rede wi-fi para alunos

Sistema de gestão integrado de conteúdos e biblioteca.

Todos os ambientes com acessibilidade



Os melhores **Cursos de EXTENSÃO** com **CERTIFICADO**

www.ccdej.org.br

Cursos de EXTENSÃO

- ▶ Teologia
- ▶ Mariologia
- ▶ Introdução à Bíblia
- ▶ Leitura Judaica das Escrituras
- ▶ Aprofundamento em Cultura Judaico-Cristã
- ▶ Hebraico Bíblico
- ▶ Desvelando o livro do Apocalipse
- ▶ Homilética
- ▶ Programa Bíblico Português/Espanhol em Jerusalém, Israel



Sion
Publicações

